

Marcio Garrit Pereira

As massas em algoritmo e seus líderes

Tese de Doutorado

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Psicologia Clínica pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUC-Rio.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Monah Winograd

Rio de Janeiro
março de 2025



Marcio Garrit Pereira

As massas em algoritmo e seus líderes

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (Psicologia Clínica) da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo.

Profa. Monah Winograd

Orientadora

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Prof. Leif Ericksson Nunes Grünewald

Universidade do Estado do Pará - UEPA

Profa. Veronique Donard

Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP

Prof. Pedro Sobrino Laureano

Universidade Federal Fluminense - UFF

Prof. Hudson Augusto Rodrigues Bonomo

Universidade Santa Úrsula - USU

Rio de Janeiro, 12 de março de 2025.

Todos os direitos reservados. A reprodução, total ou parcial do trabalho, é proibida sem a autorização da universidade, da autora e do orientador.

Marcio Garrit Pereira

Graduou-se em Filosofia pela Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul) em 2017. Em 2020, concluiu o Mestrado em Psicologia pela Universidade Veiga de Almeida (UVA/RJ), com uma pesquisa focada em Freud e o mal-estar, explorando as relações com o laço social. Durante o desenvolvimento da pesquisa, participou do Laboratório de Pesquisas Avançadas em Psicanálise e Subjetividades (LAPSU) da PUC-Rio. Publicou dois artigos complementares ao estudo: “Malditas antenas HAARP: reflexões sobre o fanatismo”, na revista *Tempo Psicanalítico* (2023) e “Sublimação: um possível contorno ao mal-estar contemporâneo”, na revista *Saber Acadêmico* (2022). É psicanalista e membro da Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle (SPID/RJ), onde desenvolve atividades ligadas à pesquisa e à transmissão da psicanálise.

Ficha Catalográfica

Pereira, Marcio Garrit

As massas em algoritmo e seus líderes / Marcio Garrit Pereira; orientadora: Monah Winograd. Rio de Janeiro PUC, Departamento de Psicologia. – 2025.
197 f. ; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, 2025.
Inclui bibliografia

1. Psicologia – Teses. 2. Algoritmos de IA. 3. Alteração psíquica. 4. Líder digital. 5. Massas digitais. I. Winograd, Monah. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. III. Título.

CDD: 150

AGRADECIMENTOS

Esta tese representa a materialização de anos de estudo, dedicação e questionamentos sobre as massas em algoritmo e seus líderes. Desde o início, minha busca foi impulsionada pelo desejo de compreender mais profundamente como a cibercultura influencia o agrupamento de pessoas e a formação de lideranças. Ao longo dessa jornada, aprendi que o conhecimento não se constrói apenas pelo esforço individual, mas, sobretudo, pelo diálogo, pelo apoio e pelo compartilhamento de ideias.

Aos membros da banca, Hudson Bonomo, Leif Grunewald, Pedro Laureano e Véronique Donard, agradeço pelas valiosas contribuições, críticas e sugestões que enriqueceram esta pesquisa.

A minha orientadora, Monah Winograd, agradeço pelas trocas ao longo do percurso.

Aos amigos que estiveram ao meu lado, dentro e fora da academia, minha mais profunda gratidão.

Aos que compartilharam comigo horas de discussão, revisões intermináveis e momentos de exaustão intelectual, obrigado por tornarem o caminho mais instigante e menos solitário.

Àqueles que, mesmo sem estarem diretamente ligados à minha área, ouviram pacientemente minhas inquietações e me ofereceram suporte incondicional, saibam que suas palavras e gestos fizeram toda a diferença. Cito alguns, em ordem alfabética e não de importância: Carla Penna, Cláudia Moraes, Cynthia Azevedo, Otton Teixeira e Wilma Xavier.

Cada conversa, cada incentivo e cada demonstração de apoio foram essenciais para que eu chegasse até aqui. Esta conquista não é apenas minha, mas também de todos que, de alguma forma, fizeram parte desta trajetória.

Ao CNPq e à PUC-Rio, pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

RESUMO

Pereira, Marcio Garrit; Winograd, Monah. **As massas em algoritmo e seus líderes**. Rio de Janeiro, 2025. 197p. Tese de Doutorado – Departamento de Psicologia Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Este trabalho investiga as transformações promovidas pelas tecnologias digitais nas dinâmicas políticas, sociais e subjetivas contemporâneas, com foco nas massas digitais e na ciberliderança. Com base no referencial teórico da psicanálise freudiana, o estudo analisa como os algoritmos de IA e outros dispositivos digitais reconfiguram os laços sociais e impactam os processos de subjetivação. Por meio de uma abordagem interdisciplinar fundamentada na análise conceitual, propõe-se analisar como a metapsicologia freudiana contribui para a compreensão das configurações digitais da cibercultura, enfatizando a figura do líder, elemento central na dinâmica das massas descrita por Freud. Com efeito, trata-se menos de verificar a validade dos conceitos e mais de aplicá-los às particularidades da atualidade. Primeiro, revisitam-se, detalhadamente, os fundamentos teóricos sobre as massas, para em um segundo momento, analisar o impacto da digitalização, destacando como os algoritmos e as redes sociais digitais moldam as subjetividades, intensificam divisões sociais e manipulam opiniões públicas. Esses dispositivos tecnológicos criam bolhas informacionais e amplificam os mecanismos de controle e alienação. Em seguida, abordam-se as transformações na figura da liderança na era digital, com foco no ciberpopulismo e no surgimento de influenciadores digitais como novas formas de liderança. O bolsonarismo é o caso discutido para ilustrar essas dinâmicas. A pesquisa destaca como o controle exercido pelas tecnologias digitais favorece descargas da pulsão de morte, conceito central na teoria freudiana, e intensifica a fragilização do laço social. Argumenta-se que a psicanálise, como ferramenta ética e crítica, pode oferecer contribuições importantes para analisar os fenômenos digitais e seus impactos na subjetividade e nas relações sociais. Conclui-se que, em tempos de rápidas transformações tecnológicas, é necessário preservar a singularidade do sujeito e repensar os modelos de liderança e pertencimento no contexto digital. Assim, reafirma-se a relevância do diálogo interdisciplinar entre a psicanálise e os estudos tecnológicos, indispensável para abordar as novas formas de subjetivação, controle social e liderança que emergem no contexto digital.

PALAVRAS-CHAVE

Algoritmos de IA; alteração psíquica; líder digital; massas digitais

ABSTRACT

Pereira, Marcio Garrit; Winograd, Monah (Advisor). **Algorithmic masses and their leaders**. Rio de Janeiro, 2025. 197p. Tese de Doutorado – Departamento de Psicologia – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This study investigates the transformations promoted by digital technologies in contemporary political, social, and subjective dynamics, focusing on digital masses and cyberleadership. Based on the theoretical framework of Freudian psychoanalysis, the research analyzes how AI algorithms and other digital devices reconfigure social bonds and impact subjectivation processes. Through an interdisciplinary approach grounded in conceptual analysis, the study proposes to examine how Freudian metapsychology contributes to understanding the digital configurations of cyberculture, emphasizing the figure of the leader, a central element in the mass dynamics described by Freud. In effect, the aim is less to verify the validity of concepts and more to apply them to the particularities of the present moment. First, the theoretical foundations on masses are revisited in detail, to subsequently analyze the impact of digitalization, highlighting how algorithms and digital social networks shape subjectivities, intensify social divisions, and manipulate public opinions. These technological devices create informational bubbles and amplify mechanisms of control and alienation. Subsequently, the transformations in leadership in the digital era are addressed, focusing on cyberpopulism and the emergence of digital influencers as new forms of leadership. Bolsonarism is the case discussed to illustrate these dynamics. The research underscores how the control exercised by digital technologies favors discharges of the death drive, a central concept in Freudian theory, and intensifies the fragmentation of social bonds. It is argued that psychoanalysis, as an ethical and critical tool, can offer important contributions to analyzing digital phenomena and their impacts on subjectivity and social relations. The study concludes that in times of rapid technological transformations, it is necessary to preserve the singularity of the subject and rethink models of leadership and belonging in the digital context. Thus, the relevance of the interdisciplinary dialogue between psychoanalysis and

technological studies is reaffirmed, indispensable for addressing the new forms of subjectivation, social control, and leadership emerging in the digital context.

KEYWORDS

AI algorithms; psychic alteration; digital leaders; digital masses

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. FREUD E AS MASSAS	21
2.1 O povo sempre foi assim...	21
2.2 Freud e as massas	31
2.3 A metapsicologia das massas	33
2.4 Fatores de ligação do Eu às massas	41
2.5 A identificação na massa	58
2.6 Pulsão de morte e fragilização do laço social	65
3. A DIGITALIZAÇÃO DAS MASSAS	77
3.1 Sobre o funcionamento dos algoritmos e a IA	78
3.2 O algoritmo, a IA e a ilusão	89
3.3 Propaganda e manipulação	100
3.4 Hiperpersonalização e as bolhas	105
3.5 A (des)informação digital	114
4. O LÍDER HOJE	123
4.1 As massas digitais	129
4.3 Novos fatores de ligação do Eu às massas digitais	139
4.3 Os líderes <i>influencers</i>	146
4.4 O caso do bolsonarismo	156
4.5 Populismo digital	167
5. CONCLUSÃO	176
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	185

1. INTRODUÇÃO

No momento em que permitirmos que a economia da atenção colonize a política, acabou a sociedade, acabou a possibilidade de polis.¹

Prof. Dr. João Cezar de Castro Rocha

O presente trabalho é o resultado de uma investigação sobre as profundas mudanças promovidas pelas tecnologias digitais nas últimas décadas e seus efeitos nas dinâmicas políticas e sociais e no funcionamento psíquico dos sujeitos no século XXI.

Entre essas mudanças, destacam-se fenômenos como as massas digitais, a inteligência artificial (IA), a algoritmização social e o ciberpopulismo, não apenas revelam novos discursos políticos e sociais, mas também evidenciam situações de concentração de poder em plataformas digitais, criação de bolhas informacionais e manipulação da opinião pública. Esses processos, inerentes à cibercultura, influenciam desde governos até comportamentos individuais, com especial destaque para o papel das massas digitais.

É importante destacar que os conceitos e termos específicos, como Inteligência artificial (IA), algoritmo e ciberpopulismo, serão definidos de forma integrada ao desenvolvimento teórico. Essa estrutura de apresentação visa proporcionar uma compreensão mais contextualizada desses termos e dos temas abordados ao longo da pesquisa, possibilitando uma articulação conceitual mais eficaz.

Nosso objetivo é realizar uma revisão crítica, horizontal e detalhada sobre os avanços mais recentes nos estudos que analisam os impactos da tecnologia digital na cultura, especialmente em fenômenos como a formação de massas digitais e ciberliderança. Além de identificar lacunas e destacar contribuições relevantes, buscamos discutir as tendências atuais. Entretanto, não se trata apenas de diagnosticar os impactos das novas tecnologias, mas também de analisar os

1 Pablo [...], 2024.

mecanismos da subjetividade dos sujeitos que se moldam e respondem aos novos discursos políticos presentes na cultura.

Para entender esses processos contemporâneos, é essencial revisitar os conceitos freudianos sobre as massas, que servem como alicerce para analisar as subjetividades coletivas em transformação. Isso nos levará das formulações originais de Freud sobre as massas às novas configurações digitais no século XXI.

Freud ressaltou a importância de tratar o social e o individual de maneira interligada, afirmando que “a oposição entre psicologia individual e [...] social ou das massas [...] perde muito de sua nitidez se examinada a fundo” (Freud, 1921, p. 137). Ele argumentou que “todas as relações que foram até agora objeto privilegiado da investigação psicanalítica, podem reivindicar ser consideradas fenômenos sociais” (Freud, 1931, p. 137). Nesse percurso, Freud investigou como os processos culturais impactam o sujeito e como fenômenos psíquicos individuais contribuem para a formação e manutenção do tecido social.

Com o desenvolvimento da segunda tópica e do conceito de pulsão de morte, Freud buscou, também, compreender como os processos psíquicos dos sujeitos são reorganizados em contextos de massa. Essa investigação reflete o esforço do autor em articular os laços pulsionais que estruturam tanto o sujeito quanto as massas, evidenciando as tensões e contradições que emergem na vida em sociedade.

Neste trabalho, analisamos como os discursos políticos e sociais, atravessados pela tecnologia digital e pelas redes sociais digitais, podem ser compreendidos à luz da teoria freudiana. Questionamos se essa teoria ainda oferece ferramentas eficazes para compreender os processos de subjetivação no contexto das formações digitais e propomos uma reflexão sobre as adaptações necessárias à metapsicologia freudiana. Nosso objetivo é estabelecer um diálogo interdisciplinar que atualize a metapsicologia freudiana às dinâmicas contemporâneas, para compreender como os fenômenos digitais reconfiguram os processos de subjetivação. Enfatizamos, em especial, a figura do líder como elemento central da dinâmica das massas, destacada por Freud, e que se torna o foco culminante de nossa análise.

Tendo como ponto de partida o texto “Psicologia das massas e análise do Eu” e os questionamentos propostos por Freud em 1921, pretendemos desenvolver uma análise focalizada no século XXI, em especial nos acontecimentos ocorridos no Brasil, particularmente no que se refere aos processos de formação de massa e liderança. Portanto, a fim de esclarecer o objetivo de nossa investigação,

discorremos sobre nossas concepções a respeito do funcionamento do Eu nas massas e do papel da liderança,

No início do texto de 1921, Freud estabelece que a melhor maneira de entender o fenômeno das massas é pensar nos fatores que alteram o funcionamento psíquico do sujeito ao integrar-se em uma massa, especialmente aquelas massas verticalizadas, compostas por sujeitos completamente submetidos a seus ditames. Assim, falar de alteração psíquica implica abordar uma gama de fatores intrapsíquicos e intersubjetivos, na tentativa de compreender por que ocorre tamanho assujeitamento à figura de um líder ou de um ideal.

Freud desenvolveu suas pesquisas sobre massas, podemos dizer, “analógicas” ou físicas, influenciadas pelos movimentos de revolta e guerra de sua época. Hoje, entretanto, emergem agrupamentos em bolhas digitais, moldados por *smartphones*, IA, algoritmos e lideranças como as de influenciadores digitais e populistas. Dos palanques, palcos, praças e revoltas, migramos para as redes sociais como novo cenário de agrupamentos e manifestações, agora mediadas pelo ciberespaço. Essa transformação nos leva a nos interrogar novamente: o arcabouço conceitual de Freud ainda é suficiente para compreender essas mudanças culturais e tecnológicas, ou será necessária sua reformulação?

Essa questão instiga o meio psicanalítico e os interessados no tema a continuar refletindo sobre a psicanálise como uma ferramenta essencial para o entendimento da cultura e para o pensamento contemporâneo.² A psicanálise, reiteramos, não pode ser considerada dissociada de seu olhar atento sobre a cultura, pois é por meio dela que se alcança uma visão mais profunda da subjetividade humana. A pesquisa em psicanálise e cultura busca exatamente esse objetivo, que será explorado a seguir na perspectiva de alguns pensadores relevantes.

Conforme Figueiredo e Minerbo (2006), a pesquisa em psicanálise realiza-se na análise e interpretação dos fenômenos sociais e/ou institucionais que integram o universo simbólico humano, desde que o campo estudado traga reflexões válidas

² Contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro. Todos os tempos são, para quem deles experimenta contemporaneidade, obscuros [...] o contemporâneo é aquele que percebe o escuro do seu tempo como algo que lhe concerne e não cessa de interpellá-lo, algo que, mais do que toda luz, dirige-se direta e singularmente a ele. Contemporâneo é aquele que recebe em pleno rosto o facho de trevas que provém do seu tempo. (Agamben, 2009, p. 27-28)

para essa área. Bursztein (1998) aponta que faz parte da ética psicanalítica interrogar-se sobre o social e o que ele provoca no sujeito. Roussillon (2011) destaca a importância da pesquisa psicanalítica como instrumento para aprimorar a compreensão de sua metapsicologia, resultando em uma investigação que possa questioná-la e verificar o que ainda pode ser considerado funcional ou não, gerando assim a necessidade de pesquisas contínuas dentro do próprio campo da psicanálise. Essa necessidade decorre da própria forma como a psicanálise é afetada, como parte integrante da cultura, pelo que ocorre no social. Isso demonstra que é a partir das transformações no cenário social que a psicanálise se desenvolve. Para Mezan (2020), é precisamente isso que organiza o processo de pesquisa em psicanálise: a análise das transformações socioculturais, sem desconsiderar o contexto histórico correspondente, resultando em um olhar conceitual mais apurado para a melhor compreensão do sujeito individual.

Pretendemos, ao longo deste percurso, responder as questões relacionadas às novas formações no contexto contemporâneo e os modos de adesão que elas suscitaram. É importante ressaltar que nosso método de pesquisa é conceitual, traçando um percurso semelhante ao de Freud em 1921, analisando o psiquismo dos sujeitos, os cenários sociais e a figura da liderança. Assim, buscamos chegar a uma conclusão levantando os seguintes questionamentos: como pensar o funcionamento da subjetividade humana diante do digital em relação às massas digitais e à ciberliderança; o que essas mudanças acarretam para a psicanálise? Esse possível futuro poderia integrar a psicanálise cada vez mais a outras áreas do conhecimento? Nosso objetivo com esses questionamentos finais é, reiteradamente, considerar a prática psicanalítica na contemporaneidade, oferecendo uma ferramenta de reflexão para psicanalistas e interessados no tema para o contínuo entendimento dessas questões dentro do laço social.

Inspirados por Winograd (2020), discutimos como o mundo tecnológico exerce um poder considerável e constante de tentativa de controle sobre as ações humanas. Esse “controle digitalizado” se expressa na cultura por meio de ferramentas de segregação, como as redes sociais digitais, as quais amplificam a divisão social, ao criarem subgrupos, e intensificam a marginalização do outro em razão do poder de reverberação do mundo digital, fomentando cada vez mais ódio. Um cenário como esse favorece uma vasta descarga da pulsão de morte, conceito freudiano central que indica a energia que possivelmente nos levaria à fragilização

do laço social. Desse modo, torna-se evidente a urgência de analisar e compreender os mecanismos tecnológicos utilizados para manipular o Eu e seus ideais no mundo digital. Consequentemente, é também necessário entender o tipo de líder(ança) que o mundo algoritmizado é capaz de produzir.

Para a investigação dessas questões, seguiremos o seguinte percurso: no Capítulo 2, intitulado “Freud e as Massas”, consideramos um estudo detalhado e minucioso sobre as razões que levaram ao desenvolvimento da obra sobre as massas e sua metapsicologia. Tomaremos Freud (1921) como referência central para a análise dessas formações e de seus mecanismos psíquicos. Consideramos que o início dessa pesquisa exige um aprofundamento conceitual abrangente, que servirá como base para as articulações com as pesquisas relacionadas ao contemporâneo nos capítulos subsequentes.

Investigaremos inicialmente o conceito de servidão voluntária, a dependência em relação aos tiranos e uma breve análise sobre como o desamparo e o abandono operam como incitadores dessa servidão. Para isso, recorreremos aos pensamentos do filósofo francês Étienne de La Boétie quando jovem, em sua obra clássica *Discurso da servidão voluntária* do século XVI, e aprofundaremos esses conceitos com base nas pesquisas da filósofa brasileira Marilena Chaui. Considerando que se trata de um manifesto expressivo sobre a questão das massas e a servidão que elas promovem (Chaui, 2014), decidimos começar por essas reflexões antes de chegar à parte central de nossa pesquisa.

Para dialogar com essas propostas e em alinhamento com o pensamento de Freud (1921), analisaremos o experimento realizado em 1931 pelo artista Flávio de Carvalho, experimento este, profundamente influenciado por suas leituras das obras de Freud. O artista põe à prova as ideias de Freud (1913; 1921) ao confrontar uma multidão de religiosos e observar suas reações. Continuando no aprofundamento da ideia, julgamos importante dialogar com outras áreas do saber e, para isso, insistimos na articulação com algumas obras dos seguintes pensadores: o químico de nacionalidade britânica, que posteriormente se destacou nas áreas de literatura e crítica da linguagem, ganhando o Prêmio Nobel de Literatura, Elias Canetti (1960), com sua compreensão da massa como uma força de espetáculo violento; o filósofo alemão Peter Sloterdijk (2002), com o conceito de ajuntamento e comunicação digital; e o filósofo francês e pesquisador em psicanálise, Dany-Robert Dufour (2013), que analisa, em sua obra *A cidade perversa – liberalismo e pornografia*, a

transformação do comportamento da cidade de um modo neurótico para um perverso, que busca um líder, “qualquer louco”, para coordená-la. Esses são alguns dos autores que nos ajudarão a entender o porquê das massas e seu funcionamento, pois consideramos suas teorias fundamentais para complementar e estender as propostas de Freud sobre o tema, assim como para alargar os objetivos desta pesquisa.

Feitas essas articulações, consideramos importante realizar uma análise histórica a partir do fim do século XIX, que considerava a massa um fenômeno digno de estudo. Para tal, recorreremos às obras de duas pesquisadoras da psicanálise: Elisabeth Roudinesco com seu extenso estudo biográfico e histórico amplamente reconhecido, e Carla Penna, que há décadas se debruça sobre o tema, com publicações relevantes no cenário tanto nacional quanto internacional. Todo esse percurso nos levará, por fim, a Freud (1921) e sua metapsicologia do Eu nas massas. Concluiremos com o desenvolvimento dos conceitos que explicam a ligação do Eu na massa, identificação e pulsão, pois são fundamentais para compreender o laço social e os objetivos desta pesquisa.

No que se refere ao conceito de identificação, faremos uma explanação com base principalmente em Freud, complementando brevemente com as ideias de Lacan e seu conceito de traço unário, propondo-nos a entender como se origina a identificação e como se desenvolve na massa. Já em relação ao conceito de pulsão, nosso foco será a pulsão de morte e seu potencial para a fragilização do laço social, o que nos leva à necessidade de conceituar massa, grupo e multidão, bem como de analisar o impacto que as massas verticalizadas exercem sobre a cultura. Apresentaremos esses conceitos e articularemos com o contexto geral dos temas discutidos.

No Capítulo 3, intitulado “Digitalização das Massas”, nosso foco recai sobre o impacto da digitalização nas massas. Exploramos como as interações digitais moldam os processos de identificação e idealização, ao mesmo tempo que reconfiguram os modos de pertencimento e de exercício do poder. As ferramentas tecnológicas, em especial os algoritmos de inteligência artificial, são analisadas como dispositivos que ampliam as possibilidades de controle e manipulação no ambiente digital. Investigamos o papel das tecnologias digitais e algoritmos na formação de massas contemporâneas e como esses dispositivos moldam subjetividades, criam bolhas informacionais e intensificam a manipulação da

opinião pública. Nesse contexto, discutimos o impacto das redes sociais e da inteligência artificial na configuração de novos modos de alienação e controle. Nosso objetivo é compreender o funcionamento psíquico do sujeito na contemporaneidade diretamente associado aos algoritmos, às hiperpersonalizações em “bolhas”, à propaganda manipuladora e ao potencial da (des)informação no mundo digital.

No desenvolvimento do terceiro capítulo, continuaremos dialogando com as teorias freudianas, como narcisismo, formações ilusórias, negação, identificação, ideal do Eu, Supereu e cultura. Essas teorias, no entanto, serão articuladas com as ideias de pensadores de diversas áreas, cujas obras escritas no século XXI julgamos relevantes para aprofundar nossa proposta central. Alguns desses autores, entre outras obras referenciadas, incluem: sobre a conceituação algorítmica e o mundo digital, o sociólogo Richard Miskolci, a matemática do MIT Cathy O’Neil, o fundador do Wikileaks, programador de computadores e jornalista, Julian Assange, o historiador Yuval Noah Harari, entre outros. Em relação à inteligência artificial, destacamos as reflexões de Dora Kaufman, professora da PUC-SP e especialista no assunto. Quanto à manipulação pela mídia, articularemos os ideários de Edward Bernays, sobrinho de Freud e pioneiro no campo das manipulações por propaganda, com os pensamentos dos internacionalmente respeitados filósofos Noam Chomsky e Byung-Chul Han, entre outros. Essa pluralidade de pensadores a que recorreremos, reiteramos, para articular com as ideias de Freud é, em nossa visão, uma atitude necessária, considerando o quão recente e relevante esse tema se mostra na sociedade de forma global.

No Capítulo 4, intitulado “O Líder Hoje”, dedicaremos nossa análise a investigar o conceito de liderança no contexto atual, explorando não apenas a figura do líder tradicional, mas também as novas formas de liderança, como a dos influenciadores digitais (*influencers*). Concluiremos nossa pesquisa discutindo o que consideramos a forma de liderança mais marcante do século XXI até o momento: o ciberpopulismo. Para chegar a essas definições, seguiremos o seguinte percurso: inicialmente, analisaremos como se forma uma massa digital, baseando-nos em novas propostas conceituais que relativizam a força e presença do líder tradicional freudiano. Além disso, realizaremos uma análise detalhada do fator que consideramos ser de maior representatividade nas mudanças sociais contemporâneas: as redes sociais digitais. Finalizaremos o capítulo com uma

análise da figura do líder populista ou ciberpopulista, utilizando o bolsonarismo como exemplo, além de um maior aprofundamento sobre o conceito de populismo digital.

Os conceitos freudianos serão articulados com o pensamento de teóricos tanto da psicanálise quanto de outras áreas de conhecimento, conforme explicado a seguir. Para abordar os conceitos de identificação e perversão social, recorreremos às pesquisas dos psicanalistas Caterina Koltai, Contardo Calligaris e William Maron, entre outros. Na análise das massas digitais, um conceito relativamente novo, articularemos as ideias de Freud com as contribuições da cientista da computação Renée Di Resta, do jornalista Max Fisher, dos psicanalistas ingleses Jacob Johanssen e Steffen Kruger, além do brasileiro Christian Dunker. Por fim, para refletir sobre o pensamento freudiano em relação à figura do líder digital, utilizaremos as ideias do psicanalista argentino Néstor Braunstein.

Para a análise das redes sociais digitais, destacaremos o pensamento do psicanalista Aaron Balick (2014), que as articula ao conceito de falso *self* de Winnicott, e o trabalho detalhado de Sherry Turkle (2011), que introduz a expressão “promiscuidade tecnológica” para descrever a relação dos sujeitos com essas plataformas. A respeito da liderança digital e do populismo, lançaremos mão das obras do Prof. Dr. João Cezar de Castro Rocha e suas análises detalhadas sobre extrema-direita e populismo. Sobre esse assunto, articulamos os pensamentos de dois autores de referência: Cas Mudde (2017) e Leticia Cesarino (2022). Outros pensadores também serão utilizados, mas destacamos esses como centrais para o desenvolvimento dos tópicos sobre massas digitais, redes sociais digitais e o líder hoje, ponto de chegada desta pesquisa.

Por fim, na conclusão, destacamos que a psicanálise continua a oferecer uma contribuição vital ao propiciar uma leitura crítica das transformações culturais e sociais contemporâneas, que permite revelar como os mecanismos inconscientes estruturam as massas e as lideranças no cenário digital iluminando o modo como a tecnologia manipula desejos e identificações. Fenômenos como o ciberpopulismo e alienação digital, intensificados pela lógica algorítmica, tornam evidente a necessidade da reflexão psicanalítica sobre esses processos. No entanto, mais do que apenas descrevê-los, a psicanálise se apresenta como um campo ético e crítico, indispensável para questionar e resistir às forças que ameaçam a singularidade do sujeito e a integridade dos laços sociais.

Em tempos de rápidas e profundas transformações, reafirma-se o papel crucial da psicanálise na tarefa de pensar o Eu. Diante do impacto das tecnologias digitais e da reconfiguração das dinâmicas de poder e identificação, a psicanálise procura defender caminhos que preservem a autonomia psíquica e o espaço de reflexão do sujeito. Em um mundo cada vez mais atravessado pelos algoritmos de IA, essa contribuição se torna ainda mais relevante, sinalizando a necessidade de preservar o humano no centro das relações sociais e culturais.

2

FREUD E AS MASSAS

2.1

O povo sempre foi assim...³

Desde os primórdios da organização social, percebemos que os agrupamentos humanos têm buscado por uma liderança e a propensão à servidão. O modo como as massas operam são temas recorrentes na história. Isso nos leva a questionar: o que faz os sujeitos se agruparem? Qual o papel do líder nesse processo? Quais as consequências desses agrupamentos? Os motivos são atemporais ou mudam conforme a época e cultura? Essas e outras questões vêm se tornando objeto de observação e pesquisa de muitos pensadores ao longo da história, isto é, entender a função e o peso das ações da massa no laço social. E tais inquietações e questões também provocaram em Freud uma grande ânsia de pesquisa.

Julgamos importante, como ponto de partida, discorrermos, por meio da psicanálise e áreas correlatas, sobre como alguns pensadores se ocuparam desse assunto. Em seguida, nos deteremos em por que e como o pensamento de Freud, principalmente, foi estruturado a esse respeito. Acreditamos ser importante esse caminho não só para responder às questões acima, mas também para conseguirmos desenvolver o objeto de nossa pesquisa, que é o funcionamento da subjetividade humana perante o digital em relação às massas digitais e à ciberliderança.

Muito antes de Freud almejar iniciar suas análises sobre a psicologia das massas, um grande pensador das questões da humanidade, Étienne de La Boétie, no século XVI, já se via impelido ao pensamento sobre a servidão a um tirano. No entanto, seu texto de 1548 foi considerado com a expressão “servidão voluntária” um oxímoro. Essa reflexão histórica abre caminho para entender como a psicanálise freudiana, séculos depois, problematizou de forma mais profunda os mecanismos intrapsíquicos que sustentam a servidão e a identificação com o líder. As reflexões

³ La Boétie (2018, p. 23).

de La Boétie no século XVI antecipam questões que Freud e outros pensadores explorariam séculos depois, mostrando que os processos de servidão e liderança permanecem constantes, ainda que adaptados a novos contextos. A seguir, exploramos como Freud ressignificou essas ideias no contexto das massas.

Lida rapidamente, essa expressão – servidão voluntária – causa estranhamento, visto que tais palavras não deveriam estar juntas. Fica nítida, então, a questão a ser desenvolvida, pois se trata de renunciar à própria liberdade voluntariamente. Freud também vai questionar, tempos depois, a sedução da servidão, ou, poderíamos adaptar, “identificação e idealização”. A razão pela qual obedecemos, nos submetemos à tirania e complexificamos a isonomia, gerando um verdadeiro paradoxo do laço social, levou o jovem Étienne, com apenas 18 anos, a escrever seu *Discurso sobre a servidão voluntária*, ou Contra Um.

Percebe-se que o movimento de sedução à servidão, para La Boétie (2018), é algo que tem uma relação direta com a liberdade do sujeito, pois, para ele, quanto mais livre o sujeito, mais predisposto a escravizar-se. Sendo assim, a liberdade torna-se angustiante, e o sujeito atribui outro significado a essa palavra; ele acredita que se sentirá mais livre tendo a quem e a quem obedecer. Vivendo sob regras, nutriria a ilusão de liberdade, condição necessária para que se assujeite facilmente aos tiranos. Para La Boétie (2018), é o sujeito que permite escravizar-se e aceitar seu mal, uma vez que ter nascido e sido criado em servidão já o predispõem a assujeitar-se. Além do mais, o apoio à tirania não se dá por amor ao tirano, mas por cumplicidade, ou seja, o sujeito se tiraniza porque carrega um desejo de também tiranizar. O pensador chega a comparar esse movimento – o de renunciar à própria liberdade – à condição alimária da existência.

Vimos, assim, que a liberdade pode ser demasiado problemática, principalmente se transpusermos essa questão para a psicanálise, visto que Freud descreveu o desenvolvimento da subjetividade humana sem essa opção. Antes de estendermos a questão da liberdade no pensamento de Freud, é importante evidenciar que La Boétie, em nossa leitura, expressa uma revolta e um cansaço com suas afirmações a respeito da humanidade. Isso fica claro justamente pelo fato de não se preocupar em desenvolver de forma mais detalhada os motivos pelos quais a liberdade é impossível para a suportabilidade humana.

La Boétie argumenta que o ser humano muitas vezes renuncia à própria liberdade voluntariamente, buscando a segurança em um sistema que o subjuga.

Essa ideia conecta-se à psicanálise ao abordar a identificação e a idealização como mecanismos de adesão à tirania.

Ao afirmar que o Ego não é senhor em sua própria morada e sim um pobre diabo submetido à tirania do Id, Supereu e a cultura, Freud (1932) deixa claro a impossibilidade de pensar a existência com autonomia, isto é, o sujeito está desde sempre amarrado a um movimento trágico da vida. Ao longo de sua obra, Freud rompe com o cartesianismo e cria uma teoria que classifica o sujeito como um sujeito da incerteza, do equívoco e do não saber que se sabe, ou seja, do inconsciente. O sujeito da psicanálise é aquele regido por um desconhecido: o inconsciente. Aqui nos deparamos com o impossível do pulsional, marcando a vida humana com constantes e irrealizáveis exigências no laço social. Sendo assim, o impossível da liberdade, dado desde sempre, pode ser pensado a partir do que Freud convencionou chamar de *Hilflosigkeit*, ou seja, desamparo.

Segundo Passos, Neves e Menezes (2018), entende-se por desamparo a impossibilidade de viver sem o outro, impossibilidade essa que é marcada, desde o início da existência, quando o bebê experimenta os augúrios de depender totalmente dos cuidados do Outro.⁴ Portanto, todo sujeito é submetido, na vida, a um processo de gestão de seu desamparo. Cabe destacar que a marca deixada por um estado de desamparo permanece na vida adulta como protótipo traumático e gerador de angústia. O desamparo e suas marcas continuam a ser vividos como uma necessidade de satisfação, originária do nascimento da criança, que sai da proteção intrauterina para um mundo externo sem garantias e com muitos perigos, marcada pela dependência extrema do Outro. Essa dinâmica, segundo Freud, estende-se à vida adulta, quando o sujeito busca em líderes ou instituições a ilusão de proteção

A vida do sujeito será determinada, desde então, a dar sentido a isso que se assinala como desamparo e, a partir daí, será estruturada toda a sua dinâmica libidinal, se ligando a objetos no laço social. Dito de outra forma, quanto menos o sujeito conseguir pluralizar seus investimentos objetais no laço social, mais ficará

4 Nesta pesquisa, utilizamos Outro, com O maiúsculo, em referência ao conceito lacaniano, cuja definição segue: “Termo utilizado por Jacques Lacan para designar um lugar simbólico — o significante, a lei, a linguagem, o inconsciente, ou, ainda, Deus — que determina o sujeito, ora de maneira externa a ele, ora de maneira intrassubjetiva em sua relação com o desejo. Pode ser simplesmente escrito com maiúscula, opondo-se então a um outro com letra minúscula, definido como outro imaginário ou lugar da alteridade especular. Mas pode também receber a grafia grande Outro ou grande A, opondo-se então quer ao pequeno outro, quer ao pequeno a, definido como objeto (pequeno) a”. (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 572)

dependente dos outros e/ou do Outro. Ele precisará de um ser superior, representação inconsciente de uma proteção suprema para se sentir amado, pois a ameaça de abandono se tornou uma constante, levando-o à condição primordial de desamparo e impotência.

Esses sujeitos marcados pelo desamparo, segundo Betts (2013), são os idealizadores dessa proteção. Eles se encontram também na cultura, inseridos em manifestações de massas violentas, pois tentam administrar seus desamparos de forma extrema, forçando, a todo custo, o preenchimento de um vazio impossível de ser preenchido. Uma forma de medo de aniquilamento pela liberdade, e aqui lembramos do impossível que essa forma de medo traz para La Boétie.

Costa (2023) levanta uma questão pertinente sobre a servidão dos sujeitos, trazendo-a para o contemporâneo ao refletir sobre os fatores que levam uma parcela significativa da sociedade a aderir aos extremismos de direita. O extremismo, segundo o autor, representa a autorização para explorar o lado sombrio de nossa vida, um “sinal verde” para o gozo, já que, “se o chefe faz e permite que se faça, nada mais é proibido” (Costa, 2023, p. 41). Esse tirano se põe acima da lei e, em muitos casos, além do princípio do pudor, criando um ambiente em que o gozo coletivo se torna predominante. A adesão ao extremismo e à tirania – um líder autoritário – pode ocorrer por diferentes motivações: sobrevivência, “ganhos” narcísicos ou privilégios culturais. Essa fidelidade ideológica reflete uma aposta na segurança, muitas vezes ilusória e baseada na idealização de um poder absoluto.

Sendo o tirano, o líder da massa, escolhido por esses sujeitos pela ilusão de preenchimento do desamparo existencial, essas promessas são abastecidas pelas artimanhas religiosas e do próprio Estado. Com isso, o povo continua submetido a ele. É importante salientar que, mesmo que o tirano seja entronado pela força, sua conservação no poder continua atendendo ao oximoro da servidão voluntária. Percebe-se que as massas se mantêm pela força do costume, ou, conforme Chauvi (2014, p. 128-129):

Os humanos, inicialmente forçados ou inicialmente iludidos, se acostumam a servir e criam seus filhos alimentando-os no leite da servidão [...] A servidão é voluntária porque há desejo de servir, há desejo de servir porque há desejo de poder e há desejo de poder porque a tirania habita cada um de nós e institui uma sociedade tirânica. Haver tirano significa que há sociedade tirânica. É ela e somente ela que dá o poder ao tirano e o conserva ali onde o colocou para malfazer.

Vimos com La Boétie e Freud dois termos complexos em relação ao funcionamento do laço social que são: o “desejo de servir” e a “sociedade tirânica”. Por isso, consideramos importante descrever um experimento realizado, no Brasil, por um renomado artista brasileiro da época chamado Flávio de Carvalho (1889-1973). O artista se dedicava ao estudo das massas, a partir dos textos de Freud, especialmente *Psicologia das massas e análise do Eu* (1921), apesar de, durante o registro do experimento de 1931, citar largamente *Totem e tabu* (1913). Esses estudos foram publicados como: experimento 2, experimento 3, experimento 4 e teatro da experiência. Conforme Azulgaray (2022), não há registros de um experimento 1, talvez pela forma livre com que o artista realizava seus experimentos ou pela dificuldade de localização de algum registro da época. Em nossa pesquisa, vamos nos ater ao experimento 2, que tem como foco as massas.

Flávio de Carvalho, inspirado nos estudos de Freud, teve a ideia de realizar o experimento diante de uma procissão de Corpus Christi, no centro de São Paulo, onde vivia na época. Sendo assim, entrou na contramão do cortejo com a cabeça coberta por um boné. Tal feito, que decidimos expor pelas próprias palavras do artista, a nosso ver, teve por finalidade evidenciar a diferença na massa e com isso medir a existência de sua agressividade ao fazê-la perceber que algo foge do estabelecido. Vamos a ela:

Os protestos aumentavam. A multidão me comprimia: o ambiente estava pesado e hostil. Segui o meu caminho como pude, apertado e cutucado, já agressivamente [...] Na parte central um grupo de jovens me ameaçava com os pulsos. Olhei para traz. A procissão estava parada. Todos pareciam esperar alguma coisa. Alguém grita timidamente: “tira o chapéu”. Endureci o corpo e olhei em redor por cima do mar de cabeças. Todos se agitavam; pareciam que falavam muito e o volume de som aumentava sempre, mas as palavras não eram dirigidas a mim. Olhei para frente para calcular a saída, quando alguém grita “tira o chapéu”; seguem-se outros “tira o chapéu”. A saída estava difícil – uma barreira de gente se interessava pela minha sorte; atrás de mim havia grande movimento. Viro-me e vejo uma porção de jovens em atitudes ameaçadoras. Alguém me empurra e uma porção de mãos me agarra; sacudo-me violentamente, desprendendo-me das garras. A emoção do momento se apoderava de mim cada vez mais, quando por detrás me arrancam o chapéu da cabeça [...] Pareciam querer avançar, mas estavam indecisos, gesticulavam muito [...] O panorama era realmente curioso; um alto potencial de ódio pairava sobre uma massa, exigindo uma saída [...] O meu apelo ao raciocínio tinha fracassado por completo. A massa tinha reagido pela emotividade ancestral, e não pelo raciocínio. A minha demonstração numérica só conseguiu humilhar, me colocar numa posição mais alta que a anterior [...] Olhei para as caras da minha frente, todas homicidas, vindicativas, revoltadas, todas na expectativa. Não podia sequer me mexer. Se desse um passo seria agarrado e estraçalhado [...] A multidão berrava “lincha” e um sem número de pulsos esticados, “mata, mata”. (Carvalho, 1931, p. 14-25)

Pelas palavras do artista, percebemos o quanto é fácil demonstrar o mecanismo alienante que atinge os participantes de uma massa, nesse caso,

religiosa. Carvalho (1931) chega a afirmar que o cortejo havia sido dominado pela integração totêmica de um chefe invisível e, com isso, ao perceber um obstáculo à realização de seu gozo narcísico, tratou de transformá-lo em um grande inimigo que precisava ser destruído.

Segundo Canetti (2019), nas massas, todos são iguais, e não se considera a possibilidade de diversidade, independentemente de quem nos “estreite”, será alguém igual a nós. Em seu experimento, Carvalho (1931) mostra o quanto isso deve ser levado a sério. Esse experimento nos leva à necessidade de entender os mecanismos de funcionamento do Eu na massa, o que se coloca sobre os sujeitos quando se agrupam, influenciados por um ideal comum.

Freud, em 1921, utilizou a expressão “alteração psíquica” para evidenciar a transformação dos sujeitos na massa a ponto de agirem de forma excessiva, bárbara e desarrazoada. Sendo assim, é preciso pensar no funcionamento das massas a partir de sua necessidade de viver uma ilusão e erro (Enriquez, 1990), fazendo parecer que o laço social é terra do esquecimento da razão, além de proporcionar uma servidão voluntária nunca questionada. O mal-estar gerado no laço social a partir dessa relação problemática com as massas acaba por construir patologias psíquicas, evidenciando um grau de delírio de onipotência que, constantemente, provocará desequilíbrios na dinâmica social. “Quanto mais unidas às pessoas se encontravam em função do espetáculo, quanto mais fechada à forma do teatro que exteriormente as mantém coesas, tanto mais violenta a desagregação.” (Canetti, 2019, p. 34) Com a digitalização da vida, percebemos que tal cenário ainda se mantém, porém, com mais complexidades. Esse tema será mais bem desenvolvido no Capítulo 3.

Partindo da ideia de um lado obscuro nas massas, Sloterdijk (2002) se utiliza de uma expressão muito curiosa para qualificar uma formação de massa: “De repente fica tudo preto de gente!” Sustenta que é justamente esse ajuntamento que sustenta a massa que gera a desinibição desmedida. Seguindo o aprofundamento do pensamento de Canetti, Sloterdijk (2002) pontua uma mudança na forma de ajuntamento na contemporaneidade, pois agora ele não é mais físico, mas se expressa por dispositivos de comunicação digital de massa fazendo-os fluir livremente, sem a necessidade de reuniões físicas. Ou seja, é-se massa sem estar presente fisicamente nela, sem que se veja quem participa dela. Geram-se, assim, uma ausência de experiências corporais e uma presença excessiva por meios simbólicos de comunicação, que evidenciam seus símbolos, discursos e programas.

Começamos a entender que o funcionamento do Eu nos processos de comunicação digital ocorre de forma mais volumosa, fluida e sem um limite preestabelecido, por isso excede, como já dito, a ponto de ser massa sem se saber massa, e sem se reunir como tal. Essa forma de ser massa marca um movimento contemporâneo de massas sem consciência política e de evidentes microanarquias em que pequenos grupos podem se sobrepor a organizações hierárquicas maiores. A esse respeito, nos aprofundaremos melhor a partir do Capítulo 3 desta pesquisa, no qual discorreremos sobre a digitalização das massas e, na sequência, Capítulo 4, o papel do líder hoje.

O modo midiático acelera o processo de adoração e idealização da liderança, modificando fácil e rapidamente a percepção do objeto amado e admirado, fazendo emergir a superestimação e a narcotização de seus membros. O líder, a partir desse processo de midiaticização, aparece como alguém subordinado à massa e não um contratante dela. Sua essência se confunde com a de seus seguidores; ele é um líder cujas vilania, rudeza e vulgaridade são aceitas por todos, pois ele tem “as infâmias sonhadoras dos mais variados grupos [...] Irmão Hitler estendia a mão para todos que queriam realizar fatalidades em seu próprio favor” (Sloterdijk, 2002, p. 31). Percebe-se a identificação com a maldade do líder para que o narcisismo da massa aflore e a mentalidade fascista sustente o colorido do que antes era um pretume formado pelo medo. Talvez esteja aí o lado obscuro ao qual Sloterdijk se apegou para aprofundar.

E como podemos articular o laço social, em Freud, meio a tudo isso? Note-se que não há um texto específico na obra freudiana abordando conceitual e diretamente o laço social. Isso se percebe em todo o seu pensamento a respeito da cultura. Consideramos a necessidade de discorrer sobre isso para o melhor entendimento da formação de massa e do surgimento do líder, além de ser um suporte para o desenvolvimento e aprofundamento dos conceitos de identificação e pulsão, obrigatórios para uma análise mais clara do que se entende por *kultur* em psicanálise.

Conforme Herzog (2002), Freud desenvolve conceitos que podemos entender como uma forma de definir laço social, por exemplo, alteridade, identificação, Édipo e castração, mostrando assim as constantes dificuldades provenientes do laço social, e a descrença do próprio pai da psicanálise em relação ao futuro, ficando o desafio para a sociedade pensar outras formas de laço social, por outras vias, que

não seja a da identificação com o Outro absoluto. Mezan (2021) afirma que as experiências de vida do sujeito na cultura – ideia mais grandiosa de Freud segundo ele – é centrada na equação entre desejo e defesa em relação ao sujeito e o Outro demonstrada na singularidade de cada um, *vide* as históricas e a moralidade.

A partir dessa relação do sujeito com o Outro, podemos afirmar que há um laço social, justamente porque não há um laço natural, nos permitindo, portanto, um breve desvio para articular com Lacan. Isso se evidencia pela entrada do sujeito na linguagem, produzindo relações singularizadas conforme as modalidades de gozo de cada um. Em seu célebre seminário de 1969-1970, *O avesso da psicanálise*, Lacan vai pensar o laço social como estruturado pela linguagem, e conseqüentemente, produtor de discursos que possibilitam o vínculo entre os sujeitos. Para Malcher e Freire (2016), a linguagem deixa pressuposta a perda de gozo pelo ganho de significantes. Com isso, percebe-se que o laço social, para se ampliar e permanecer, vai exigir a renúncia do gozo, porém, é permeado por ele. Essa forma de entender o funcionamento do laço social fortalece o paradoxo de que é pela autoridade simbólica que o Outro se constitui e é por essa autoridade, da qual não se escapa, que os limites pulsionais serão exigidos, levando o sujeito a uma problemática constante de satisfação diante da lei.

Retornando a Freud, a dinâmica do laço social se mostra de várias formas e isso fica explícito em seus textos. Por exemplo, no texto de 1908, “Moral sexual cultural e doença nervosa moderna”, Freud cita a repressão sexual como a geradora de neurastenias e complicadora da vida humana, demonstrando desde sempre a necessidade de represamento das pulsões para a vida em cultura. Em 1915, em seu texto “Considerações contemporâneas sobre a guerra e a morte”, demonstra uma visão bem densa do ser humano, afirmando que a cultura se estrutura sobre a hipocrisia e descarta qualquer possibilidade de progresso humano. Não sabemos dizer se ele estava cansado pelas perdas da guerra ou se já despontavam ali suas ideias sobre a pulsão de morte e de destruição.

Em 1927, em seu texto “O Futuro de uma Ilusão”, vemos o pai da psicanálise mudar de ideia em relação ao texto de 1915. Nesse novo escrito, ele acredita no progresso contínuo da ciência e aponta para uma possível saída de organização do social. Contudo, insiste em afirmar a necessidade radical dos seres humanos de não renunciar às ilusões. Esse pensamento se confirma em 1930, em *Mal-estar na Civilização*, ao afirmar que não há uma saída para o laço social. Ou seja, o mal-

estar é radical, e a pulsão de morte – agora também citada como pulsão de destruição – ganha um protagonismo evidente nas relações sociais e contra elas. Sem seguir rigidamente uma cronologia, deixamos seu texto de 1913, *Totem e Tabu*, para o fim deste breve resumo. É nele que Freud estabelece as bases de sustentação da civilização. Parece-nos que o objetivo central dessa aposta teórica é mantido em toda a sua obra: a defesa de um sentimento responsável por manter o laço social. A seguir, aprofundaremos essa ideia.

[...] não há como dar uma resposta única à questão [...] e o máximo que podemos dizer para finalizá-lo é que Freud, em 1913, ao escrever *Totem e Tabu*, não estava à procura de um equivalente sociológico ou histórico do complexo de Édipo. O que interessava era afirmar que as sociedades humanas eram fruto da articulação mítica do assassinato do pai da horda por seus filhos, assim como da proibição do incesto daí decorrente e do estabelecimento de um laço social pela culpa, unindo *post mortem* o pai e a lei. (Koltai, 2010, p. 99)

Percebe-se, assim, que as cidades são estruturadas pelo laço social, são o lugar de formação dos sujeitos, aos quais falta o instinto e, por isso, há um pulsional que necessita ser represado para que ela, a cidade, não se descontrole e se transforme em uma cidade perversa, termo cunhado por Dufour (2013), onde o “funcionamento pulsional será então privilegiado, em detrimento do funcionamento simbólico” (Dufour, 2013, p. 280). Tal estrutura só se faria possível a partir da crença, segundo a psicanálise, de que um conjunto bastante numeroso de neuróticos protagonizasse tal macrofuncionamento. Mesmo que a cultura produza outras estruturas, como a psicótica e a perversa, caberia aos neuróticos a missão de estruturar uma sociedade, chamada, conforme Dufour (2013), de cidade clássica ou cidade neurótica. Nesta, existe um senhor, o tirano, que deve ser obedecido, a lei ou o líder, e por cuja vida (a do tirano) devemos agradecer.

Acreditamos que esse cenário transposto para o mundo digital, foco desta pesquisa a partir do Capítulo 3, fica complexificado, pois nos passa a impressão de não limites ou ausência de leis. Ao contrário da cidade clássica, é um ambiente que instiga o funcionamento perverso e psicótico, justamente em razão dessa impressão de “terra sem lei”. A missão anteriormente atribuída aos neuróticos na cidade clássica se perde ou se dilui na megalópole da internet, ou, podemos sugerir que agora estaríamos falando de um “não local” e sem bordas estabelecidas. Esse cenário também nos instiga a nos aprofundar no entendimento do funcionamento do Eu na massa e as novas formas de ciberliderança.

É nesse momento que entra a necessidade de relativizar a liberdade, fazendo com que os sujeitos fiquem predispostos à alienação⁵ do Outro, seja pelas massas políticas, agora digitais, seja pela criação de algum deus e tudo o que esses significantes carregam para cada grupo.⁶ Percebe-se, então, que a cidade neurótica é rondada pelo desamparo que incitará seu grupamento de neuróticos a tomar como senhor o “primeiro louco que aparecer” e, caso não haja alguém predisposto a tal, a cidade o inventará, pois “os seres humanos nunca se eximiram dessa função fabuladora que lhes cai tão bem” (Dufour, 2013, p. 235). Essa função é uma aposta freudiana do mito do pai da horda, que é centrada na perda do gozo absoluto, intencionada antes da morte do pai, e proibida depois dela, proibição essa resultante de um acordo entre os irmãos responsáveis pelo parricídio.

Cria-se, então, o real do obstáculo, metáfora que aponta para a impossibilidade de se ter tudo. Faz-se urgente uma perda inicial para que o laço social seja possível. “Pode-se dizer que esse é o mito da gênese histórica do desejo” (Soler, 2016, p. 18). Desejo que insistirá em um objeto de completude, impossível de ser atingido, mas incessantemente prometido pelo conteúdo excessivamente exposto na internet, com as falsas promessas promovidas com constância e método, e continuamente procurado a partir das marcas que o Outro primordial, funções materna e paterna, da existência do sujeito deixou em seu psiquismo. Pensa-se, a partir daí, por que e como se fundamentam os enlouquecimentos dos sujeitos na massa em relação aos objetos escolhidos para adorar, ou, talvez, se (re)alienar. Seria toda servidão de fato voluntária?

5 Usaremos esse termo de acordo com a definição de Lacan (1964) em seu seminário XI, “Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise”. Neste, Lacan afirma que a alienação é a impossibilidade de o sujeito se constituir fora do campo do Outro. “A alienação consiste nesse vél que [...] condena o sujeito a só aparecer nessa divisão que venho, me parece, de articular suficientemente ao dizer que se ele aparece de um lado como sentido, produzido pelo significante, do outro ele aparece como afânise.” (LACAN, 1964, p. 199) Ou seja, o sujeito encontra-se dividido entre o ser e o sentido (linguagem), e só surge a partir de uma identificação não totalitária com esse Outro. Na alienação, o Outro é completo, infinito e portador de todos os significantes, já na separação, ou não identificação totalitária, introduz-se um Outro faltante, e com isso o sujeito pode vivenciar seu vazio constitutivo. De outra forma, se aliena ao Outro para não vivenciar a falta constitutiva da existência.

6 A distinção e as correlações entre o sentido de alienação (fundante) e o sentido político na concepção do sujeito na massa serão mais bem desenvolvidos na análise constante do item 1.3 em diante.

2.2

Freud e as massas

Freud não iniciou suas pesquisas sobre as massas por mera curiosidade. Diversas questões o intrigavam a tal ponto que se tornou urgente a criação de uma metapsicologia sobre o funcionamento do Eu nas massas. Acreditamos que a melhor maneira de aprofundar a compreensão desse percurso, ainda que possa parecer uma digressão, é começar pelos acontecimentos sociais e políticos da época, com o objetivo de elucidar a questão das massas.

Segundo Roudinesco (1989) e Penna (2021), a Paris do fim do século XIX estava repleta de acontecimentos e revoltas populares, o medo gerado pela massa, do partido comunista, das históricas de Salpêtrière, da Revolução Industrial, da ascensão do capitalismo, do crescimento desordenado das cidades e da anarquia como movimento político fazia nascer uma psicologia das massas a fim de que fosse possível se defender delas, ou seja, das pessoas que se uniam para compartilhar ideais. Esses movimentos iniciados no século XIX deságuam no século XX trazendo novas configurações coletivas, a qual se denomina sociedade de massas. Assim, surgem teorias para dar conta do movimento avassalador dessas multidões. A principal delas é a do polímata francês Gustave Le Bon. Influenciado pela medicina da época, Le Bon importa de Salpêtrière e Nancy os conceitos de imitação, sugestão, hipnose e contágio para desenvolver sua teoria, cuja principal intenção era propor um manual político, para ser usado pelos poderes contra o movimento das massas, e um protetor contra o medo que despertavam naqueles.

Conforme Penna (2014), era urgente retirar os governantes de uma posição de dominados em relação à irracionalidade dessas massas. Para tanto, era necessário que elas se tornassem objeto de pesquisa política, e tem-se como consequência a psicologia das massas. Percebe-se, assim, que a obra de Le Bon (Penna, 2014; Roudinesco, 1989) é uma demonstração da essência política da França do século XIX. Logo, não é de espantar que sua obra se pôs, até então, como um dos maiores sucessos de venda da história.⁷ Sua publicação (Roudinesco, 1989) ocorreu em

7 Segundo reportagem do jornal *O Globo* de novembro de 2020, a procura pelo livro de Gustave Le Bon durante a pandemia aumentou 242%. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/busca-por-livros-de-psicanalise-cresce-durante-pandemia-com-leitores-avidos-por-reflexoes-sobre-mal-estar-da-civilizacao-atual-24745150> Acesso em: jul. 2022.

1895; em 1963, já estava na 45ª edição, sobrevivendo a críticas de outros pensadores como Gabriel Tarde, filósofo francês do século XIX, também usado por Freud em seu livro de 1921, a respeito da imitação e sugestão nas massas. Le Bon era um sucesso, a ponto de Mussolini, de quem Le Bon era fã, ajudar na divulgação e defesa da obra, e de Hitler tê-la usado como inspiração para escrever *Mein Kampf*.

A essa altura surge um questionamento: por que Freud faz da obra de Le Bon um inquestionável e importante direcionador de sua própria obra? Cabe salientar que o pai da psicanálise se separa, visivelmente, dos objetivos de Le Bon, porém o uso robusto de seus conceitos nos soa óbvio, partindo-se do princípio de que Le Bon não era mais um, mas talvez o único que tenha conseguido marcar de forma relevante o meio político com sua proposta higienista das massas.

Foi no contexto da grande reformulação teórica do pós-guerra que Freud se apoiou no livro de Le Bon para redigir um texto intitulado *Psicologia das massas e análise do Ego* [...] Freud “corrigiu” a psicologia das massas com a ajuda da segunda tópica e de acordo com seu novo dualismo pulsional. (Roudinesco, 1989, p. 218-219)

Freud não tinha aspirações político-partidárias, pelo menos não diretamente. É perceptível seu cuidado em não atrelar a psicanálise aos movimentos da época e, em paralelo, sua preocupação em se posicionar sem se comprometer. Percebe-se essa conduta, por exemplo, em assuntos como judaísmo, religião e filosofia, em seus textos: “Moral sexual ‘cultural’ e doença nervosa moderna” (1908), “Psicologia das massas e análise do eu” (1921) e “Mal-estar na cultura” (1930), que mostram o quão políticos são. Temos um Freud preocupado com as questões políticas da época, articulando conceitos da psicanálise para tentar dar conta do psiquismo atrelado ao social. Para Gay (2012), a política ocupava um lugar de destaque no pensamento de Freud, porém, ele a usava para demonstrar a aplicação universal da psicanálise.

Em se tratando da obra de 1921, o afastamento de Freud e Le Bon se dá na definição de inconsciente. Além disso, nesse texto, Freud marca a impossibilidade de analisar o individual fora do coletivo e, sendo assim, uma psicologia das massas à margem do Eu não faria sentido. Percebe-se a introdução do conceito de identificação, considerado por muitos, incluindo Lacan, a melhor contribuição de Freud na obra, e a pulsão de morte, que, apesar de não citada diretamente, nos possibilita claramente sua aplicação no que tange às massas violentas e alienadas. Vemos que Freud opta por se aprofundar no conceito de pulsão de morte em 1930,

abordando principalmente o narcisismo das pequenas diferenças. Em 1921, mesmo próximo da construção do conceito de pulsão de morte, Freud prefere privilegiar a força agregadora de Eros nas formações grupais, as questões narcísicas e as ilusões. Talvez, se ele fosse escrever esse texto após a Segunda Guerra Mundial, seu foco teria sido o contrário.

Ainda sobre o afastamento de Freud (1921) em relação a Le Bon, Costa (2023) levanta pontos importantes sobre o ineditismo da obra. Para o psicanalista brasileiro, o texto freudiano é centrado em dois eixos distintos, os efeitos do narcisismo sobre o recalque e uma nova gênese da teoria da cultura, algo que deve ser pensado de forma conciliada com as questões do autoritarismo, subjetividade humana e os fenômenos político-ideológicos. Além dos eixos citados, três teses se desenvolvem na proposta de 1921, a aproximação do pensamento hobbesiano com o parricídio, as raízes das questões religiosas que geram a fusão com a divindade, objetivando a ocupação na fantasia de onipotência e, por último, a atenuação da certeza da morte e do sofrimento emocional, assuntos a que se dedicará mais profundamente em 1930.

Apesar do título do trabalho de Freud ser quase igual ao de Le Bon, ao acrescentar “Análise do Eu”, ele deixa claro suas intenções, ou seja, uma análise da dimensão metapsicológica da alteração do Eu do sujeito nas massas, fato que iremos investigar com foco na digitalização desses processos no século XXI, juntamente com a importância do líder nesse processo. Consideramos esse trabalho de Freud um guia para a descoberta de uma nova etapa do desenvolvimento do ego e da libido, o ideal do ego e o funcionamento da identificação, na contemporaneidade.

2.3

A metapsicologia das massas

Antes de iniciarmos o percurso do desenvolvimento da metapsicologia das massas em Freud, faz-se necessário pontuar a problemática que o termo “massa” traz em relação à tradução e conceituação. Usaremos, o estudo de Penna (2014) para explicar tal problemática, citando na íntegra uma das passagens de sua obra. Salientamos que adotaremos o termo “massa”, para melhor fluidez de leitura e redução de dúvidas, no decorrer deste trabalho.

A edição brasileira das *Obras Psicológicas* completas de Sigmund Freud apresenta em *Psicologia de grupo e análise do ego* a palavra *grupo* como equivalente à palavra alemã *Masse*, que é mais abrangente. Para Peter Gay, essa é uma tradução infeliz. O título da obra em alemão é *Massenpsychologie und Ich-Analyse* e, portanto, a palavra *grupo* escolhida pela *Standard Edition* para *Masse* foi inadequada [...] Entretanto, vale ressaltar que Freud utilizou a palavra *Masse* para se referir e traduzir tanto o *group* de McDougall quanto a *foule* de Le Bon [...] o que provavelmente inspirou a tradução brasileira a empregar o termo *grupo* tanto para a massa quanto para o grupo organizado. Por outro lado, Roudinesco e Plon [...] afirmam que James Strachey, ao traduzir o termo alemão *Massen* por *group* em lugar de *mass*, optou por uma tradução que envolvia uma concepção reducionista do social, característica da psicologia social norte-americana. As traduções francesas também não foram mais precisas, já que Freud escolhera o termo *Massen* em vez da palavra *Menge* para traduzir o termo francês *foule*, empregado por Le Bon em sua obra, privilegiando a conotação política que o primeiro termo em alemão carregava. No entanto, os tradutores franceses, preocupados em manter a ligação com a obra de Le Bon, optaram pela palavra *foule* para traduzir *Massen*. Somente nas últimas versões francesas é possível observar o retorno à opção freudiana pela palavra *massa*. (Penna, 2014, p. 182)

Freud (1921) vai investigar, a partir da influência de algumas publicações, quais seriam os mecanismos de ligação do sujeito à dinâmica excessiva que as massas exigem, lançando mão de obras referenciais sobre o assunto, tomando, assim, como principais influenciadores: William McDougall, Wilfred Trotter, Gustave Le Bon e Gabriel Tarde. Suas obras expõem conceitos que apresentaremos de forma resumida, no intuito de uma oferecer uma breve introdução e posterior aprofundamento. Importante entender as influências de Freud para a estruturação de sua principal obra sobre as massas. É mediante essa imersão que o psicanalista de Viena definiu os caminhos para explicar os grupos com e sem líder, seu cunho subjetivo e de problemáticas sociais. A apresentação dos conceitos mais fundamentais de cada autor nos fornece uma base para uma análise comparativa desses fenômenos na contemporaneidade.

Iniciaremos com William McDougall, que separa a psicologia dos grupos da psicologia social, classificando a primeira como parte integrante da segunda, que terá como fim a explicação das influências do grupo no desenvolvimento do indivíduo. Já para Wilfred Trotter, a única diferença entre sociologia e psicologia é que a primeira estaria ligada à vida cotidiana e social e, desse modo, deveria ser chamada de psicologia social, e considera o campo social e individual como continuados. Para ele, não é possível visualizar o homem como solitário, pois é um animal social, e assim defenderá o conceito de instinto de rebanho, que liga a vida mental social com a individual. Com isso, é importante pensar em um instinto que se modifica quando os indivíduos se misturam com outros em um movimento gregário, cuja significação seria biológica. “O gregarismo seria uma espécie de

qualidade fundamental no homem que teria repercussões em sua estrutura mental.” (Mello Neto, 2000, p. 147)

Gustave Le Bon, também relativo influenciador da obra de Freud sobre as massas, defende de forma veemente as manifestações de massas como um organismo único. Le Bon acreditava que as massas são um novo ser, por isso se tornam diferentes de seus próprios integrantes que, ao se unirem, perdem sua autonomia e tornam os grupamentos uma unidade maior, formando uma “alma coletiva”, transitória e com características claras. Já Gabriel Tarde, não menos importante pelo fato de ser pouco citado por Freud, defende que o elemento fundamental de todas as relações sociais é a imitação, colocando os acontecimentos sociais em um eterno fluxo de combinações, adaptações e exclusões. Dito de outro modo, McDougall e Le Bon não permitem a redução da psicologia social à individual. Trotter se recusa a aceitar uma psicologia individual e defende uma empiria oriunda de uma psicologia prática, que busca entender se toda psicologia é ou não social. E com Tarde⁸ vimos que o social se explica a partir de uma psicologia individual ou grupal.

A partir de agora, empreende-se uma análise maior da obra de 1921 de Freud, a fim de compreendermos como o pai da psicanálise embasa seu pensamento sobre a formação das massas. Sendo assim, iniciaremos pela obra *Psicologia das multidões*, de Le Bon, publicada originalmente em 1895. Vimos que seu objetivo era buscar dentro do campo dos fenômenos, entendidos como social, o esclarecimento psíquico de um sujeito que individualmente se mostraria compreensível, porém, nas massas se manifesta de modo completamente diferente. Freud, com isso, se coloca diante de três questionamentos. Para ele, é função de uma psicologia das massas responder: “O que então é uma massa? De onde ela tira capacidade de influenciar tão decisivamente a vida psíquica do indivíduo? E em

8 Freud cita de forma muito breve o pensamento de Tarde, sendo assim, decidimos estender um pouco mais sobre sua teoria e importância para a obra de 1921, de Freud. “Entretanto, foi por meio da imitação que sua obra se aproximou da psicanálise nascente. Nesse sentido, a imitação seria fundamental para a compreensão do fenômeno das multidões e é possível constatar que a maneira como o autor a concebeu se assemelha ao conceito de identificação postulado por Freud (1921). A semelhança entre os conceitos de imitação em Tarde e identificação em Freud [...] pode ser remetida à identificação apresentada por Freud (1921) como ‘a mais remota expressão de um laço emocional’, ou seja, como origem do laço social por excelência. De fato, Freud conhecia as ideias de Tarde, chegando a citá-lo em *Psicologia de grupo e análise do ego* (1921), contudo, foi categórico ao afirmar que o que o autor denominava de *imitação*, ele chamava de *sugestão* (p. 113). Entretanto, após uma investigação mais apurada da obra tardeana, é possível afirmar que os dois conceitos não são equivalentes como Freud supunha”. (PENNA, 2014, p. 87-90)

que consiste a alteração psíquica que ela impõe ao indivíduo?” (Freud, 1921, p. 140). É nessa última questão que ele vai se deter. É na reação alterada do sujeito ou o funcionamento do Eu na massa que Freud vai iniciar sua busca por entendimento. Cabe um adendo neste momento. Assim como Freud, vamos nos debruçar o máximo possível sobre a última questão, porém, nosso percurso nos levará do Eu no mundo digital a seu envolvimento com o líder hoje, considerado a essência da massa pelo próprio Freud (1921).

Para Freud, Le Bon não responde sobre o que realmente “liga” uns aos outros na massa e traz muito pouca novidade sobre o assunto. Além disso, segundo Freud, o entendimento de Le Bon em relação ao inconsciente é diferente do da psicanálise ao defender as características de alma da raça – o inconsciente individual herdaria tal característica – e a não adoção do conceito de recalado. Além disso, pontua uma certa ambiguidade das ideias na obra, pois, ao mesmo tempo que aponta para um trabalho depreciador da alma das massas, Le Bon também “estava disposto a admitir que a moralidade das massas [...] pode ser superior à dos indivíduos que a compõem” (Freud, 1921, p. 153). Sendo assim, o psicanalista conclui que as ideias de Le Bon, e de outros antes dele, se concentram nas “massas de caráter transitório” e não nas outras manifestações de formação de massas que se mostram mais estáveis e predispostas a criações importantes para a cultura.

Os dados de Sighele, Le Bon e outros se referem a massas de caráter transitório, as quais, por um interesse passageiro, formam rapidamente aglomerados de indivíduos diversos. É inegável que as características das massas revolucionárias, especialmente a da grande Revolução Francesa, influenciaram as suas descrições. As afirmações contrárias provêm da apreciação daquelas massas ou associações estáveis nas quais os seres humanos passam a vida, que se encarnam nas instituições da sociedade. As massas da primeira espécie são, por assim dizer, sobrepostas as últimas, assim como as ondas curtas, mas altas, o são para as extensas ondulações do mar. (Freud, 1921, p. 154)

Já as concordâncias são pontuadas por Freud como algo já descoberto pela psicanálise e sem um relevante acréscimo conceitual. Ele está se referindo ao fato de que Le Bon defende que o sujeito, independentemente de seu grau de similaridade com os demais, ao se agregar na massa, se torna uma alma coletiva e se percebe dotado de poderes, facilitando, portanto, o surgimento de atos de onipotência. Esse funcionamento seria o agente facilitador e provocador da essência agressiva do sujeito. Freud entende essa afirmação como algo correlato a sua teoria pulsional, visto que a pulsão sem a devida retenção proporcionará a consequente

emersão do mal proveniente desse não represamento. É importante salientar que, para Freud, o sentimento e ato de civilidade estão atrelados ao medo social. Isso será discutido mais detalhadamente adiante, pois teremos um espaço destinado ao laço social.

Le Bon ainda pontua o “contágio” e a “sugestionabilidade impetuosa” como fatores imprescindíveis para que se dê essa reação alterada no Eu na massa. Para ele, o contágio seria o responsável por deixar o sujeito em estado hipnótico e capacitado a renunciar a si e se curvar ao desejo do líder. Já a sugestionabilidade impetuosa se aproveitaria desse sujeito hipnotizado para a incitação de ideias e comportamentos sugeridos, com o fim de tornar a massa irresistível.

Para Freud, esses conceitos não são bem explicados na obra de Le Bon e decide interpretá-los como sendo o contágio o efeito de uns sobre os outros na massa e a sugestão, a influência hipnótica, porém, não a mesma apontada por Le Bon. Essa explicação carece de mais informações sobre o hipnotizador e as fontes às quais os sujeitos hipnotizados são remetidos. Esses mecanismos contribuem para elevar o grau de influência que a massa exerce sobre o sujeito, a ponto de rebaixá-lo intelectualmente assim que integrado à massa.

Seguindo na análise sobre a obra de Le Bon, Freud faz uma correlação dos ímpetos destrutivos das massas ao mecanismo do sonhar, pois, ao descrever seus sentimentos como “simples e exagerados”, pontua seu funcionamento como extremista, sem medida, da mesma forma que o sonho comumente se manifesta. Se levarmos em consideração que Freud (1939), no *Compêndio da psicanálise*, define o sonhar como um ato delirante, possivelmente está descrevendo as massas como um grupamento delirante, que, ao funcionar sem a lógica da vigília consciente, teria como função a satisfação desmedida dos desejos, uma primazia do inconsciente sobre o consciente. Importante notar que as ideias de contenção, medo, etc. fazem contraponto não a qualquer satisfação dos impulsos, mas principalmente àquelas que são desmedidas, onipotentes, o que não se confunde com os impulsos em si, embora dependa deles.

O sonho é, portanto, uma psicose, com todos os disparates, formações delirantes e confusões sensoriais que lhe são próprios. É, porém, uma psicose de curta duração, inofensiva, à qual se atribui uma função utilitária, introduzida com o consentimento da pessoa e levada a cabo por um ato de sua vontade. (Freud, 1939, p. 85)

Percebemos que tal conciliação é possível, pois Freud cita, sem demonstrar discordância, o pensamento de Le Bon a respeito do funcionamento das massas, as quais se colocam como onipotentes, intolerantes, com sentimentos exagerados, sem participação racional e, principalmente, “guiada[s] quase que exclusivamente pelo inconsciente” (Le Bon *apud* Freud, 1921, p. 146). Freud também observa que Le Bon iguala o funcionamento da massa ao do inconsciente individual,⁹ ao afirmar que, na massa, até os pensamentos mais divergentes podem coexistir, ideia já defendida por Freud sobre a teoria do inconsciente. Em relação aos extremos citados por Le Bon a respeito do funcionamento das massas, vale pontuar a seguinte afirmação: “Uma vez enunciada uma suspeita, esta se transforma para ela, de imediato, em certeza irrefutável; um germen de antipatia torna-se ódio selvagem” (Le Bon *apud* Freud, 1921, p. 147). Tal mecanismo de influência não precisa ser lógico, mas sim repetitivo e exagerado.

Trazendo para o contemporâneo, consideramos traçar um paralelo com as *fake news* (boatos ou notícias falsas), tão utilizadas atualmente para insuflar as massas, principalmente as digitais. Segundo Freud (1921, p. 149), “a massa está submetida ao poder realmente mágico das palavras, que podem provocar na alma da massa as mais terríveis tormentas e também apaziguá-la”. Esse efeito é demonstrado no encontro das *fake news* com as massas digitais, pois estas também aceitam sem questionar, propagam e vão ao ato tomando decisões e avolumando o caos. Isso nos leva à observação de Le Bon de que as massas exigem ilusões, *fake news*, e não renunciam a elas. Teremos a oportunidade de desenvolver melhor esse tema ao analisarmos as massas digitalizadas e o contemporâneo a partir do Capítulo 3. Porém, é importante notar que o poder atribuído às palavras ainda é o mesmo quando se trata da massa. Com isso, consideramos não excluir a obra de Freud no entendimento dessas questões, assinalando apenas a necessidade de atualização do cenário em que elas aparecem hoje.

Cabe destacar o papel e a definição do líder, que é o fio condutor de nossa pesquisa. Em Le Bon, citado por Freud (1921), pontos inquietantes são levantados, mas pouco desenvolvidos ou explicados. Segundo Freud, as massas clamam por um

9 Entendemos aqui que o uso do termo inconsciente por Le Bon é no sentido descritivo e também de recalque, ou seja, a massa representa uma alteração do estado de consciência dos indivíduos que perdem sua individualidade, uma espécie de hipnose coletiva com ações até irracionais. Como se a massa agisse para a “construção” de uma mente coletiva em estado de possessão.

líder violento que as domine e reprima, pois é preciso temê-lo, e resistem a qualquer tipo de progresso. Esse movimento é antagônico à função do laço social e transgride os ideais da cultura. A busca por um líder inicia-se assim que um grupo, ainda que pequeno, se forma, configurando um movimento “instintivo” de busca por autoridade suprema. Freud observa: “A massa é um rebanho obediente, que nunca saberia viver sem um senhor” (Freud, 1921, p. 150), sendo facilmente submetida a qualquer um que se proponha a coordená-la.

A expressão “qualquer um” ganha contornos mais específicos quando Freud descreve esse líder como alguém fascinado por uma crença, dotado de imponente vontade, fanático por si mesmo e portador de um poder misterioso e irresistível, denominado “prestígio”. No entanto, Freud não aprofunda a explicação sobre o “prestígio”, restringindo-se a associá-lo à capacidade de gerar fascinação hipnótica e obediência por meio de uma espécie de “magia magnética”. Esse nível de abstração deixa um hiato na obra de Freud, que não aborda de forma detalhada os mecanismos psíquicos subjacentes a esse fenômeno.

Ainda sobre o conceito de prestígio, qualidade obrigatória a quem se colocar como líder perante a massa, Freud, define prestígio como um poder de dominação que um sujeito ou uma obra pode exercer sobre a sociedade. Para adquirir prestígio, o sujeito deve ser recebido de forma artificial, ou seja, por reputação, riqueza ou tradição, ou, pela via pessoal, mais rara, pois se trataria de uma capacidade magnética perante os liderados. Tal prestígio, para assim se classificar, deve paralisar os sujeitos a ponto de retirar sua capacidade crítica diante dele, ou seja, para haver prestígio, deve haver uma fascinação hipnótica. Percebe-se que o termo hipnótico visa marcar a regressão da vivência infantil primitiva diante de objetos iniciais. A massa como algo regredido, independentemente do conceito que se utiliza para explicá-la, não cessa de se afirmar. Essa classificação se mostrará mais evidente no Capítulo 3, e as características de líderes e lideranças, no contemporâneo, serão mais bem elaboradas no Capítulo 4.

Freud não deixa de evidenciar que o maior aproveitamento intelectual do sujeito se dá na solidão, mesmo a alma da massa conseguindo gerar aproveitamentos intelectuais geniais. A partir daí, Freud se depara com as contradições conceituais de Le Bon e classifica seu estudo como dirigido a massas ditas de caráter transitório. Essas massas são formadas rapidamente, por interesses passageiros e com indivíduos diversos, tendo como inspiração a Revolução

Francesa. Fazendo um acréscimo mais atual, teremos esse movimento, muito comum nas redes sociais, discutido em detalhes no Capítulo 4.

A partir desse ponto, e interessado em analisar as distintas formas das massas, Freud lança mão do psicólogo britânico William McDougall e sua obra *A mente grupal*, de 1920. Para McDougall, a massa não tem organização ou a pouca que poderia ter nem mereceria ser nomeada. De fato, trata-se de uma multidão. Porém, uma reunião de sujeitos não se dá gratuitamente, logo, o psicólogo britânico afirma que, para uma multidão acontecer, algo em comum precisa ser compartilhado entre seus membros, além de certa capacidade de influência mútua. Quanto mais presentes forem esses elementos, mais evidentes serão as manifestações da “alma das multidões”.

Segundo essas ideias, uma reunião de sujeitos depende exclusivamente do volume de afeto compartilhado entre eles. McDougall defende que os seres humanos em massa são extremamente mais afetuosos que fora dela e, desse modo, se entregam irrestritamente a suas paixões na massa, a ponto de “desaparecer [...] e perder o sentimento de sua delimitação individual”¹⁰ (Freud, 1921, p. 155). Essa intensificação de afetos virá a fortalecer o conceito de “contágio” de sentimentos já citado por Freud em sua análise da obra de Le Bon. Quanto mais os sujeitos se tornam acolhidos, ou seja, se percebem recebendo afetos, mais são despertados a direcionar afetos aos outros e, assim, toda capacidade crítica se extingue e sua libido desliza para essa movimentação na multidão. A isso se atribui o nome de indução recíproca.

Freud analisa esse movimento como originador de uma compulsão que tem a disposição de se desenvolver em massa. Essa compulsão decorre do fato de a massa produzir poder imaginariamente ilimitado e, ao mesmo tempo, se impor na sociedade de tal modo que uma eventual oposição a ela seria perigosa. Esse poder autoritário da massa exige o cessamento da consciência moral dos sujeitos e os obriga a ceder ao ganho de prazer e à suspensão de suas censuras e inibições. Por isso, na massa, o indivíduo tem atitudes que individualmente reprovava; na massa, ocorre um rebaixamento da inteligência do sujeito, em razão da intensificação na troca dos afetos, criando um ambiente desfavorável para a racionalização da vida e

10 Conforme citado no texto de Freud, a esse fenômeno se atribui o nome de princípio de indução direta da emoção por meio da resposta simpática primitiva.

das ações em geral, além da própria intimidação que a massa sugere. Temos assim uma definição, nada simpática, das massas na obra de McDougall, pela pena de Freud:

Ela se comporta, portanto, mais como uma criança malcriada ou como um selvagem passional e desassistido numa situação que lhe é estranha; nos casos mais graves, sua conduta é mais a de um bando de animais selvagens do que a de seres humanos. (Freud, 1921, p. 157)

McDougall (*apud* Freud, 1921), entretanto, defende também a existência de massas organizadas e com melhor conduta. A organização dessas massas depende de certas condições para que elas não se comportem como um bando de animais selvagens, como definidas por Freud. As condições necessárias são divididas em cinco, segundo McDougall, e sendo assim distribuídas: (i) As massas devem ter propósitos formalizados de continuidade. (ii) As funções são bem representadas em sua organização, a ponto de os sujeitos desenvolverem uma relação afetiva com o todo. (iii) As massas devem rivalizar com massas semelhantes a ela. (iv) Devem ter tradições, costumes e regras específicas entre os membros. (v) Há uma estagnação das tarefas que competem a seus participantes. Esse funcionamento preserva a massa do rebaixamento intelectual e a deixa menos, ou nada, selvagem. Freud nota essa proposta de McDougall como uma saída para dotar a massa das características do indivíduo, uma vez perdidas ao participar das massas não organizadas.

Percebe-se que, a partir desse momento, Freud avança para uma perspectiva mais complexa, investigando os laços libidinais que conectam o sujeito à massa e garantem sua coesão. Ao se aprofundar na análise da libido, da identificação e de outros conceitos que serão expostos adiante, Freud apresenta uma contribuição conceitual crucial, que se destaca como um dos pilares fundamentais das relações com as massas.

2.4

Fatores de ligação do Eu às massas

Vê-se que o percurso investigativo de Freud a respeito do sujeito na massa continua, agora focado na libido. Percebemos que Freud (1921) parte do pressuposto, desenvolvido principalmente por Le Bon, McDougall, de que o movimento de massas maximiza afetos, inibe o pensamento intelectual e,

consequentemente, suprime a censura pulsional, cujo movimento de autoconservação não dá conta de suas ações. E que a imitação, conceito de Gabriel Tarde, se mostra a partir do prestígio atribuído ao líder. É esse prestígio que vai fomentar a imitação.

Temos então um movimento cíclico no qual o sujeito se coloca sem ceder, invariavelmente. E assim se coloca pelo próprio movimento de indução afetiva em nós. A capacidade de ser sugestionado é fundamental na vida psíquica humana. E sobre o funcionamento da sugestão, o pai da psicanálise vai lançar mão do conceito de libido e tentar esclarecer o que a literatura de sua época não o ajudou.

Consideramos importante, neste momento, deter-nos no significado de libido para a psicanálise. Ao longo deste item, apresentaremos outros conceitos relevantes que nos auxiliarão na compreensão dos fatores de ligação do Eu às massas.

Laplanche e Pontalis (2016), em sua leitura sobre o conceito de libido, afirmam que Freud a conceitua como energia referente à pulsão sexual para deslocamento e investimento em objetos. Ela pode ser transformada em seus investimentos, no caso da sublimação, e tem várias fontes de origem em razão da diversidade de zonas erógenas.

Nota-se, em relação ao desenvolvimento do conceito de libido, que futuras mudanças se mostrarão bem alinhadas ao longo do desenvolvimento do seu pensamento, basicamente demonstradas em quatro textos futuros: “Introdução ao narcisismo”, de 1914, no qual se pontua o *modus operandi* dos investimentos libidinais primários e secundários; “Além do princípio do prazer”, de 1920, a problemática da pulsão de morte com a libido; “Psicologia das massas e análise do eu”, de 1921, em que se dá um protagonismo da libido na formação das massas; e “Dois verbetes para um dicionário de sexologia”, de 1923, no qual Freud se debruça sobre a gênese conceitual da libido, afirmando que é um termo referente à teoria das pulsões.

Temos então uma energia responsável pela manifestação da vida sexual, pulsional. Os investimentos libidinais podem se manifestar de duas formas, voltando-se para o próprio Eu, libido narcísica ou do Eu, ou voltando-se para um objeto exterior, conceituada como libido objetal. Nesta última, o investimento não inclui o Eu, a pulsão terá como meta algo externo ao sujeito. Vimos assim que a libido, seja do Eu, seja objetal, demonstra a relação de consequência do sujeito com os objetos, e são sexuais.

A interpretação mais coerente que podemos propor do pensamento freudiano nesse ponto é a seguinte: a libido, enquanto energia pulsional, tem sua fonte nas diversas zonas erógenas; o ego, como pessoa total, vai armazenar essa energia libidinal de que é o primeiro objeto; mas o “reservatório” comporta-se em seguida, perante os objetos exteriores, como uma fonte, pois é dele que emanam todos os investimentos. (Laplanche; Pontalis, 2016, p. 269)

Freud não aceitava o monismo em relação à libido, o que faz com que ele venha a desenvolver outra explicação a respeito do funcionamento pulsional de morte em sua segunda tópica. Segundo Roudinesco e Plon (1998), é em *Além do princípio do prazer* (Freud, 1920) que se organiza outro dualismo pulsional; as pulsões de vida estão vinculadas a Eros, são sexuais e de coesão ao que vive, e a pulsão de morte é uma energia independente sem vinculação libidinal. Não é de se estranhar o papel da libido na formação de qualquer movimento de massas e sua relação com a pulsão de morte, pois, seguindo o pensamento freudiano, as massas, com seu alto investimento libidinal, orbitariam a conservação, ao passo que a pulsão de morte, para validar o dualismo psíquico, objetaria a destruição de tudo o que viesse a invalidar a conservação almejada na massa. Temos assim um paradoxo, tão comum no pensamento de Freud. Percebemos que o conceito de libido acabou por impor a Freud o desafio de validar as formas de investimentos objetivos. Conforme vemos em Fulgencio (2002), a libido se transformou em uma especulação teórica, de valor heurístico, pois Freud precisava explicar melhor o funcionamento pulsional, sem lançar mão do monismo. Isso fica evidente quando Freud praticamente unifica pulsão de vida e libido em suas funções e as conceitua como mitos, sem referente empírico e que, se necessário, podem ser substituídos. Como Freud não discorre de forma detalhada sobre o papel da pulsão de morte no texto de 1921, trataremos dessa pulsão e suas interferências no laço social à parte, mais ao fim deste capítulo.

Retornando à psicologia das massas, Freud define a libido como algo que provém dos afetos. Em suas próprias palavras, libido é “uma energia [...] quantitativa, [...] não mensurável, dessas pulsões que têm a ver com tudo aquilo que podemos abranger na ordem do amor” (Freud, 1921, p. 162). Amor, segundo Freud, definido como meta de união sexual, amor-próprio, parental, filial, de amizade e pelos humanos em geral, incluindo a devoção a objetos e ideias. Freud justifica tal defesa a partir de:

[...] a investigação psicanalítica nos ensinou que todos esses anseios são a expressão das mesmas moções pulsionais que, entre os sexos, impelem à união sexual; em outras circunstâncias são na verdade afastadas dessa meta sexual ou detidas de alcançá-la, conservando sempre, no entanto, o suficiente de sua essência originária, para manter sua identidade reconhecível (sacrifício de si, anseio por aproximação). (Freud, 1921, p. 162-163)

Não à toa, Freud se utiliza do conceito de libido para defender o que une os sujeitos na massa. A afirmação de que são as relações amorosas o que constitui a alma humana evidencia bem isso. Nota-se que a massa se mantém coesa pela força de Eros, e a necessidade de os sujeitos se deixarem sugestionar pelos outros se dá pelo ímpeto, pela superioridade da força do amor, como dito pelo próprio Freud, “por amor a eles”. A massa é uma questão de libido, isto é, uma questão de amor. E é baseado nesse *modus operandi*, nesse direcionamento libidinal que Freud vai estudar duas grandes massas, nas quais há esse grande dispêndio: igreja e exército. Tais formações são classificadas como artificiais e, por isso, altamente organizadas e duradouras, recebem coerção externa para sua própria preservação e, também, prevenir qualquer alteração que venham a proporcionar sua desintegração.

Vimos em Freud que, tanto na Igreja católica quanto no Exército, há a presença de um superior e a ilusão de que esse superior ama a todos por igual. Qualquer chance de dúvida sobre essa ilusão estabelecida geraria a desintegração da massa. A questão do amor, do investimento libidinal, retorna marcando uma revivescência do amor do pai. Cristo cumpre esse papel na Igreja, e o general, no Exército.

E mesmo que os sujeitos se liguem libidinalmente aos líderes, cada massa com sua estrutura, há também um ligamento entre seus membros. E essa essência, as ligações libidinais, responsável pelo ligamento entre os sujeitos e seus líderes, mostra-se presente quando há a possibilidade de desintegração da massa, fazendo com que ela responda pela via do pânico, fato gerado por um possível relaxamento da estrutura libidinal. Isso é mais comum nos exércitos, em que o líder não mais responderia como fonte geradora de amor e proteção.

O sujeito, sentindo-se sozinho, enfrentaria isso como um medo neurótico, como um abandono causador de sua própria desintegração. A falta de investimento libidinal – a cessação das ligações afetivas, o que sutura os sujeitos entre si – é a maior responsável pelo fenômeno do pânico, conceito de McDougall que apontaria

para anulação da alma da massa. A relação dos liderados com o líder tem esse poder. Basta que a confiança se mostre enfraquecida, e a massa tende a desaparecer.

Freud marca que a falta de confiança, para além do general, também se dá na massa religiosa, porém, de forma diferenciada. Esta não tem esse medo já apontado pelos liderados dos generais, porém precisam de um lugar para a descarga dos impulsos hostis a todos que se colocam contra o amor do Cristo. Fato esse, apontado por Freud, existente desde o reinado do próprio Cristo.

Por mais paradoxal que seja, mesmo que a religião seja defensora do amor, ela precisa ser hostil contra aqueles que não a seguem. Seu lado intolerante e violento é fator necessário para sua não desintegração. Percebem-se aí dois fatores de necessária evidenciação: a coesão das massas – para se mostrar e se manter forte – precisa de igual descarga hostil para quem não pertence a ela; e a consequente equação de que quanto mais libido investida na massa, mais intolerância dispensada a quem não pertence a ela.

Na análise freudiana sobre a morfologia das massas, o critério necessário para que a massa se estabeleça não é a simples união de pessoas, mas sim os vínculos libidinais, já citados, desenvolvidos entre os sujeitos e seu líder. E é a partir desses investimentos libidinais que conduziremos nossa investigação sobre a origem e desintegração das massas, além da análise de sua estrutura, com ou sem líder ou ideal. Entender como as massas funcionam nos daria subsídios para saber lidar com elas. Tal processo investigativo se mostra interessante e necessário, porém, Freud retoma o foco de sua investigação afirmando que, apesar de tudo, “seremos primeiro cativados por uma reflexão que nos promete trazer a prova, pelo caminho mais curto, de que são as ligações de libido que caracterizam uma massa”. (Freud, 1921, p. 173)

Entender como os sujeitos se relacionam, no fim das contas, continua a ser o grande enigma. Foi para Freud e ainda o é na contemporaneidade. O que move os sujeitos em relação a suas formas de investimento objetal sempre foi, e parece que sempre será, o objetivo para se tentar entender a psique humana. Freud, apesar de todo o seu esforço para se desvincular da filosofia, no texto de 1921, ele contraria o que dizia sobre a possibilidade de ter entrado em contato com obras clássicas do pensamento filosófico, lançando mão de Schopenhauer e sua parábola dos porcos-

espinhos.¹¹ Essa parábola revela o paradoxo da necessidade e da impossibilidade de convívio entre os sujeitos. Similar, ao que parece, ao até então defendido por Freud, como a própria teoria de sustentação das massas.

Isso nos remete à definição do modo como as relações se estruturam, conforme defendido pela psicanálise, pois em toda relação afetiva se tem amor e ódio, que o *modus operandi* do recalçamento ajuda a mascarar. Ambivalência de sentimentos é algo natural e estrutural a todo ser humano. O problema dessa dinâmica, para Freud, é que a prontidão para odiar se coloca mais evidente, a ponto de o pai da psicanálise afirmar, em nota de rodapé, essa prontidão ligada à dinâmica pulsional de morte. Em razão do volume de detalhes, exemplos e explicações que Freud expõe em seu texto de 1921 sobre as ambivalências nas relações, consideramos necessário replicá-las integralmente.

Isso fica mais explícito a cada vez que um sócio briga com seu colega, que um subordinado resmunga contra seu superior. O mesmo acontece ainda quando seres humanos se reúnem em unidades maiores. Toda vez que duas famílias se ligam através de um casamento, cada uma delas se considera melhor e mais distinta que a outra. De duas cidades vizinhas, cada uma se torna a concorrente invejosa da outra; cada pequeno cantão olha do alto para o outro com desprezo. Tribos estreitamente aparentadas repelem-se mutuamente, o alemão do sul não suporta o alemão do norte, o inglês diz todo o mal possível sobre o escocês, o espanhol despreza o português. Que no caso de diferenças maiores se produza uma aversão difícil de superar – a do gaulês pelo alemão, a do ariano pelo semita, a do branco pelo homem de cor – isso já não nos surpreende. Quando a hostilidade se dirige contra pessoas normalmente queridas, chamamos isso de ambivalência de sentimentos e explicamo-nos esse caso de uma maneira seguramente muito racional, pelas múltiplas ocasiões para conflitos de interesse, que justamente se produzem em relações tão íntimas. Nas aversões e repulsas que emergem explicitamente contra estranhos tão próximos, podemos reconhecer a expressão de um amor por si próprio, de um narcisismo que anseia por sua autoafirmação e que se comporta como se a ocorrência de uma irregularidade em formações individuais trouxesse consigo uma crítica a elas e uma convocação a reconfigurá-las. (Freud, 1921, p. 174-175)

Percebe-se que a intolerância, a predisposição a odiar, é algo inerente as relações individuais, e que na massa acaba por cessar entre seus membros e líder, porém, agora destinada ao outro, ao de fora dela. O ódio das diferenças se apaga

11 “Num dia frio de inverno, uma comunidade de porcos-espinhos amontoou-se muito perto uns dos outros, para se proteger do congelamento através do calor recíproco. Entretanto, logo sentiram os espinhos uns dos outros, o que então novamente os afastou. Mas assim que a necessidade de aquecimento novamente os aproximou, repetiu-se aquele segundo mal, de forma que eles foram jogados para lá e para cá entre os dois sofrimentos, até descobrirem uma distância intermediária, que lhes permitiu aguentar melhor a situação.” (Freud, 1921, nota de rodapé, p. 174)

nas massas enquanto ela durar. O narcisismo individual se modifica pela força da ligação libidinal, o amor pelo outro torna o amor por si secundário. O ser humano precisa de outro para o desenvolvimento de sua existência, e tal dependência se mostra desde muito cedo, e de forma compulsória. Seria óbvio concluir, então, que o movimento libidinal irá se apoiar no investimento das maiores satisfações da vida humana e, desse modo, escolher os objetos propícios para isso.

O amor é fonte e fator cultural, pois marca a virada do egoísmo para o coletivo. Isso dado, Freud se vê diante da difícil missão de elucidar como e porque as pessoas se ligam, principalmente, nas massas. Tal necessidade de investigação se dá pelo fato de se notar que as ligações na massa se apresentam de outra ordem, pois limitam o próprio amor narcísico dentro delas e não fora. A relação pulsional de amor e sua meta objetual sexual direta não devem ser colocadas em questão na massa, pois não é disso que se trata nela. Percebe-se um desvio das metas sexuais, que, segundo Freud, traz certo prejuízo ao Eu. Dessa forma, lança-se mão do conceito de identificação.

De fato, aprendemos com a Psicanálise que existem outros mecanismos de ligação afetiva, as assim chamadas identificações, processos insuficientemente conhecidos, difíceis de representar, cuja investigação irá agora nos manter afastados por um bom tempo do tema da psicologia das massas. (Freud, 1921, p. 177)

Sabe-se que o conceito de identificação, como sua ligação direta com a pulsão, é algo pouco explorado e tardiamente desenvolvido em sua obra. Dessa forma, julgamos necessário seu desenvolvimento em itens específicos mais adiante neste capítulo, trazendo não só o desenvolvimento de seu pensamento pelo próprio Freud, como por Lacan. Pois como dito pelo próprio pai da psicanálise em 1921, esse conceito está longe de ser esgotado e precisa ser muito mais estudado e aprofundado.

Apesar de as fortes ligações afetivas – de caráter hipnótico e regressivo, por causarem um rebaixamento narcísico nos indivíduos – explicarem, até então, o funcionamento violento e submisso das massas, Freud percebe a necessidade de aprofundar sua investigação. Ele volta sua atenção para outro aspecto: a influência sugestiva dos sujeitos entre si, além da relação com o líder.

A sociedade, para Freud, é fraca e covarde, dependente das posições de massa, e isso se revela nos preconceitos e na opinião pública em geral. Para tentar

entender tal fenômeno, Freud, conforme apontado ao longo do texto de 1921, lança mão de alguns conceitos do médico e estudioso Wilfred Trotter, do século XIX, da psicologia social, em especial de seu livro *Instintos gregários na paz e na guerra*, de 1916.

Para o médico inglês, o sujeito tem um instinto gregário, também encontrado em outros seres vivos, de se reunir de forma cada vez maior e mais complexa. Isso se dá pela impossibilidade de viver sozinho e o medo infantil já é uma amostra do instinto gregário. Fala-se de um movimento primitivo, instintual e de sobrevivência. É visível que Freud lança mão das ideias de Trotter apenas como uma forma de marcar a incompletude e as diferenciações em relação aos conceitos psicanalíticos, visto que Trotter se posiciona exclusivamente sobre a formação de massas temporárias, assim como Le Bon, e exclui o protagonismo do líder, o que para Freud é inadmissível, vai contra todo o seu pensamento. “A essência da massa não seria compreensível se negligenciássemos o líder” (Freud, 1921, p. 195). A partir daí, Freud se inclina à possibilidade de entender o que seria uma pulsão gregária, e inicia suas análises contestando Trotter ao estabelecer a relação com o medo como prova de algo gregário e ontogênico na vida humana.

Esse medo, segundo Freud, é só uma expressão de insatisfação infantil diante da impossibilidade de lidar com a dependência emocional. E o cessamento do medo não pode ser ligado à aproximação de outras pessoas, pois é justamente pelo contato com outras pessoas que o medo nasce.

Como sabemos, o desenvolvimento da angústia é a reação do Eu ao perigo e o sinal para o início da fuga. É natural, pois, que entendamos que, na angústia neurótica, o Eu empreende semelhante tentativa de fuga diante da demanda de sua libido e que trata esse perigo interior como se fosse exterior. Assim se cumpriria nossa expectativa de que, onde se manifesta a angústia, também há algo que angustia. (Freud, 1917, p. 435)

Retornando à análise da teoria de Trotter por Freud, vemos uma afirmação curiosa: para o pai da psicanálise, na infância, além de a criança não demonstrar, em nenhum momento, qualquer vestígio de instinto gregário, ela só vai se colocar em posição de grupo por inveja e pela possibilidade de perda de seu lugar no seio familiar, isto é, perda de amor. Portanto, aderimos a um grupo e nos identificamos com ele porque nos vemos compelidos pela hipótese de sermos excluídos e de “perder o amor”, ou seja, por formação reativa e não instintual. É desse “produto psíquico” que surgirão os valores coletivos e as noções de certo e errado (adequar-

se às normas do grupo para não ser excluído), assim como sentimentos que possibilitarão a continuidade da convivência em grupo, como justiça social. Desse modo, amar os mesmos objetos primordiais, ainda que isso provoque ciúme e rivalidade, gera identificação, e é por essa via que nos agrupamos.

Somos solidários na dor, mas não na vitória do outro – o sujeito é ressentido. Daí percebe-se um olhar cirúrgico, porém duro, de Freud em relação ao funcionamento do laço social. Nota-se, então, que o sujeito tem de fato uma imensa dificuldade em conviver em sociedade. O espírito comunitário e o senso de justiça social nada mais são que produtos de uma inveja originária mascarada de consideração pelo outro.

Para Freud, destinar um olhar para o outro é deixar de olhar para si, deixar o outro se destacar é renunciar ao próprio destaque e ao lugar originário de protagonista do amor do Outro. Ao citar uma passagem da história bíblica de Salomão, Freud se posiciona: “Se o filho de uma das mulheres morreu, a filha da outra não pode viver. É nesse desejo que reconhecemos aquela que carrega o peso da perda” (Freud, 1921, p. 198). Reforça-se o conceito: a identificação emerge de um sentimento anteriormente hostil e da consequente exigência uma paridade. E essa paridade é exigida a partir de um traço comum – sentimentos primários, como inveja, egoísmo, medo, ódio, despertados pela identificação –, assim como nas massas, sejam elas primitivas, sejam artificiais.

Com base na análise da teoria de Trotter, Freud a resume de forma incontornável afirmando que ela deve ser corrigida, visto que o ser humano não seria um animal de rebanho, mas sim de horda, ou seja, um ser individual conduzido por um chefe. Poderíamos afirmar, com base nessas reflexões, que esse ser individual não passa de um sujeito ressentido, invejoso e egoísta? Seriam esses os afetos que o fariam aderir de forma hipócrita à massa?

Neste ponto, torna-se necessário discorrer sobre o ressentimento, articulando com a análise de Freud sobre Trotter. Precisamos primeiro definir ressentimento e trazer esse conceito para a discussão à luz da psicanálise e de seu uso no laço social. Para isso, abriremos um parêntesis para um acréscimo conceitual de consideração contemporânea, antes de retomar a argumentação freudiana. Exporemos o ponto de vista de duas importantes autoras sobre esse conceito, a psicanalista Maria Rita Kehl e a cientista política Wendy Brown, associando pensamentos de dentro e fora

da psicanálise e analisando, no âmbito individual e social, as consequências do ressentimento como possibilidade geradora de massa.

Para Brown (2019), na esfera política, a extrema-direita está tomando o poder no mundo todo. Seu *modus operandi* se complexificou a tal ponto que há dificuldade até de nominá-lo. Verifica-se o avanço do neoliberalismo conservador transmitindo uma imagem de um passado mítico, em que todos eram felizes e conheciam seus devidos lugares. O cenário atual mostra líderes populistas, figuras importantes em nossa pesquisa, adotando cada vez mais bordões ressentidos, carregados de racismo e outros ódios. O crescimento desse movimento, infelizmente com grande adesão da população, acaba por autorizar um Estado antidemocrático, que finge não ver sua diversidade social. A política se torna intransigente, e o conceito de liberdade, uma ameaça. Em vez de pensarmos a política como um campo que se preocupa com resguardar e trabalhar o conceito de democracia, vemos os defensores dos ideais neoliberais redirecionando a política para ideais antidemocráticos, restringindo direitos em razão de suas aspirações de privatização de todas as atividades governamentais.

Dessa forma entendemos que esse movimento cria instituições despolitizadas, que se baseiam em negócios. Não se importa com o sujeito e, sim, com a disciplina do mercado, do lucro. Governos aplicam uma redução progressiva do controle econômico e social e, em paralelo, o mercado aumenta o controle das vidas humanas, cabendo-lhe redistribuir direitos a quem lhe interessar. Tal conjuntura é defendida por bordões ressentidos como “o governo é o problema”. O papel desses bordões é atrair pessoas ressentidas e, obviamente, seduzidas por tais ideias. Cria-se um entusiasmo pelo mercado, que é apresentado com atributos “divinos”: onipresença, onipotência, onisciência e por uma política centrada em Deus, pátria e família.

Vimos, então, que Brown (2019) conjuga ressentimento e niilismo,¹² defendendo que o niilismo não marca o fim dos valores, mas a desvalorização dos valores então elevados. Com isso, percebemos que essa afirmação é real ao analisar, por exemplo, os atuais adeptos da extrema-direita no Brasil quando ignoram os delitos de seus candidatos, evidenciando assim que o niilismo torna a moral

12 Não faz parte desta pesquisa a definição do conceito de niilismo, apenas sublinhar o pensamento da autora a esse respeito.

contratual depreciada de significado de consciência e verdade. Onde mais poderíamos atestar isso, senão pelo fato de evangélicos não se importarem com líderes que agem contra os princípios do cristianismo? Vimos o líder aqui assumindo o lugar do próprio Cristo, referendando o significado de niilismo como autorizador de vontade de potência.

Configura-se um sistema moral estruturado com base na raiva e no sofrimento. Nessas circunstâncias, surge um sujeito ressentido, repreendendo um mundo o qual se sente incapaz de mudar, utilizando-se desse sistema moral cujo centro é o rancor, negação e vingança. O populismo se alimenta desse sujeito ressentido que se vê ameaçado de não deter mais o protagonismo histórico de que crê fazer parte. Acirram-se os efeitos econômicos, como o aumento da desigualdade social, o enfraquecimento dos sistemas públicos e o aumento da dependência do capital internacional, e o discurso neoliberal ajuda a marcar ainda mais as diferenças. Ou seja, o ressentimento se evidencia como ressentimento de classe, levando o sujeito a odiar a democracia que garantiria a igualdade de todos como princípio. Temos com Brown (2019) uma aproximação com o pensamento de Freud (1921), quando este define o sujeito da massa dotado de inveja, ressentimento e hipocrisia.

Já para Kehl (2014), o ressentimento é um mecanismo de defesa do ego que trabalha em conjunto com o narcisismo, em que a falta, em sua dimensão imaginária, é vista apenas como um grande dano. Com isso, o sujeito responsabiliza fortemente um outro por tudo aquilo que o faz sofrer. Como o sujeito ressentido é incapaz de perdoar, vive eternamente na posição de vítima de um mal sempre causado por outro. Ao contrário do recalçamento, o ressentimento não propõe resposta para a ofensa ou mal que lhe foi infringido e, com isso, o Ego se torna o receptáculo dos impulsos agressivos, transformados em passividade e impossibilidade de esquecimento, respondendo, assim, do lugar de um vingativo e sem se reconhecer como tal.

Paradoxalmente, porém, essa vingança nunca chegará, e essa posição ressentida, de vítima, se tornará o lugar da existência do sujeito na vida. O ressentido precisa de um outro – por exemplo, um líder – para estabelecer uma condição de dependência que é de cunho infantil. Um Outro poderoso, que o proteja e o reconheça. Assim, ele não sai da dependência infantil estabelecida com esse líder e, tal como em La Boétie (2018), opta pela proteção em detrimento da

liberdade. Ou seja, esse sujeito ressentido institui um protetor que é a representação das “figuras que, na infância, tinham poder efetivo para proteger, premiar e punir a criança [...] que determina que o ressentido se represente não como faltante, mas como prejudicado” (Kehl, 2014, p. 18). A partir dessa condição, consideremos refletir sobre o ressentimento e o que ele gera no âmbito social.

Na esfera social, o ressentimento não nasce das lutas por direitos. Ele se propaga a partir da servidão voluntária, conceito já trabalhado anteriormente com La Boétie (2018), e não das derrotas nas buscas por uma vida melhor. Para o ressentimento se sobressair, os membros de um grupo precisam perceber a falta das promessas de igualdade, e que tal falta seja acatada como privação. O sujeito acredita na igualdade entre opressor e oprimido, até que a falta causa seu ressentimento.

Kehl (2014) vai mais longe ao afirmar que a crença na igualdade deve ser vista por esses sujeitos como da esfera de um presente valioso vindo dos poderosos, e nunca como uma conquista popular, uma luta. O ressentimento político, portanto, emerge dessa articulação problemática entre a luta pela democracia e a espera passiva por dádivas vindas dos detentores do poder.

Esse movimento passivo faz com que o sujeito se identifique com a derrota e, com isso, se põe eternamente na posição de vítima e culpa o outro por seu fracasso. Essa vítima ressentida dirige acusações a este outro com o intuito de se manter em um lugar de sujeito prejudicado e inocente. É esse o ganho do ressentimento social, isto é, não se responsabilizar pelas situações que o oprimem, ceder à luta, por fim, não se haver com o próprio desejo.

É importante marcar que o ressentimento social não se afigura como um “mar de quietudes”, muito pelo contrário. O ressentido social se firma como uma vítima barulhenta na sociedade e reivindica o castigo daquele que nomeou como culpado. Ele almeja uma vingança e não uma reparação. “Uma vingança sempre adiada, que ele prefere gozar na fantasia a executar.” (Kehl, 2014, p. 24) Dito de outra forma, o ressentimento social denuncia os sujeitos que se mostram submissos a um Outro, renunciam a seu desejo por isso e, não obstante, retornam constantemente ao lugar de cobrar por esse desejo não realizado. Não porque se arrependeram, mas sim porque precisam acusar. Vimos uma aproximação desse ato com a queixa melancólica, cujos desmembramentos discutiremos mais adiante.

O ressentimento é vivido como uma forma de não entrar em contato com o próprio desejo e pela dificuldade de lidar com mudanças que ameacem seu lugar de privilégio. Por isso, o sujeito ressentido vive o desejo do seu líder. A renúncia de si, da falta de aproveitamento do que se viveu, abre um gozo na submissão ao Outro e, com isso, a repetição de acusar quem se apresenta como responsável por sua vida.

A hipocrisia das relações sociais, nesse momento, é exposta radicalmente e nos faz pensar que a massa pode, também, ser um ponto de união de ressentidos que não conseguem superar a servidão voluntária e nomeiam insistentemente novos líderes, políticos ou religiosos, como porta-vozes de sua passividade. No fundo, esse movimento reafirma o funcionamento da dependência infantil da sociedade com seus governantes.

A passividade da posição ressentida não permite que as pessoas se percebam como agentes do jogo de forças que determina suas vidas. O ressentimento é o terreno dos afetos reativos, da vingança imaginária e adiada, da memória que só serve à manutenção de uma queixa repetitiva e estéril. (Kehl, 2014, p. 340)

Percebemos então que é somente após a inserção na massa e sua consequente alienação do Eu que o sujeito se apresenta como fortalecido e resolvido diante de seus ímpetos pulsionais, antes represados. A massa é um eterno reviver do mito científico¹³ de Freud. Vê-se o primitivo conservado em todos nós. “A psicologia das massas é a mais antiga psicologia dos seres humanos.” (Freud, 1921, p. 200)

Para que a psicologia das massas se torne uma psicologia individual, o pai precisa ser divinizado, e isso só se torna possível a partir do ciúme sexual ou o amor homossexual objetual, fatores que proporcionariam a liberdade de assassinar e posteriormente divinizar o pai. Freud atribui o funcionamento das massas ao primitivo e originário.

Com isso, ele se utiliza da hipnose e da sugestão para fortalecer os conceitos que tentam explicar as fortes conexões na massa. A sugestão para Freud é algo que inconscientemente se conserva do estado hipnótico e que marca, a partir disso, os fundamentos pré-históricos da vida social humana. Ao hipnotizador, atribui-se a função de retirar do sujeito a capacidade de observar a vida e, automaticamente,

13 Embora se posicione como cientista, Freud não descarta os limites da ciência, sobretudo ao utilizar a ficção e o mito para refletir sobre fenômenos psíquicos que escapam à comprovação empírica, como no mito do pai primevo em sua obra *Totem e tabu* – um recurso teórico para explicar o Complexo de Édipo e a formação da cultura.

levá-lo à revivescência arcaica. Desse lugar, emerge no sujeito uma representação de sua personalidade primitiva, a qual ele revive de forma passivo-masquista.

Temos assim, uma explicação, deveras curiosa e inteligente, a respeito da forte ligação do sujeito com seu líder na massa. Revive-se o pai primitivo e é essa figura que a massa procura de forma sedenta. Tomar o pai primevo como Eu ideal, ter o Eu dominado por ele, no final, ser submisso. A respeito disso, faz-se importante expormos a crítica desse pensamento Freudiano, desenvolvida na obra de Ribeiro.

O recurso ao pai demiúrgico é, do nosso ponto de vista, apenas mais um produto oriundo do recalçamento da identificação feminina primária na obra de Freud [...] O pai primevo, tal como foi idealizado por Freud, nos parece a imagem em negativo tanto da *Hilflosigkeit* originária da criança e da passividade pulsional que a ela se liga quanto de sua feminilidade originária. Munido da ferramenta filogenética, Freud pretende liquidar definitivamente o enigma da massa [...] Em resumo, na medida em que o pai primevo é o ideal do grupo, que dirige o Eu na posição de ideal do Eu, fica garantida a integridade e força do Eu dos membros, ao mesmo tempo que a incrível força que os liga ao líder da massa. O objeto, cuja idealização filogeneticamente garantida independe do investimento libidinal, vem no lugar do ideal do eu e não do eu, como já havia anunciado Freud. Um ideal do Eu dominador, que vem responder a sede de submissão das massas, encontrasse a uma enorme distância do ideal de perfeição narcísica, que, em “Para introduzir o narcisismo”, era, essencialmente, o que caracterizava essa instância ideal. Resta-lhe apenas a dimensão crítica e punitiva, cuja acentuação está diretamente ligada à necessidade de adaptá-lo à função exclusivamente interditora e punitiva que, aos olhos de Freud, era a função do pai primevo [...] o ideal do Eu crítico só existe em função do contra investimento do ideal do Eu narcísico, e este, por sua vez, só se constitui como tal a partir desse contra investimento que o coloca, *a posteriori*, na posição de recalcado. (Ribeiro, 2000, p. 72-73)

A partir dessas conceituações sobre o *modus operandi* de ligação do sujeito com a massa e os demais fatores que envolvem essa dinâmica, Freud continua a se aprofundar no processo de ligação. Essa definição, pelo conjunto de análises desenvolvidas na obra conjunta de Freud, não seria de grande dificuldade, não fosse o fato de que cada pessoa integra muitas outras massas, ligadas de várias formas pela identificação e Ideal do Eu em vários grupamentos e massas. Como já dito, troca-se o seu Ideal do Eu pelo da massa.

Com isso, percebe-se que a massa se liga de forma também dupla, ou seja, por identificação ou pondo o objeto no lugar do Ideal do Eu. Conforme Freud nesse texto de 1921, a função do Ideal do Eu é conter as restrições às quais o Eu deve obedecer. Esse ato de retroceder temporariamente seria uma forma de tornar o Eu, ou lhe dar a sensação de ser, mais pleno consigo mesmo.

A partir daí, notamos duas possibilidades de operação no aparelho psíquico quanto ao objetivo de satisfação: (i) a partir do retrocesso temporário; e (ii) no encontro conciliatório do Eu com as exigências do Ideal do Eu. É bom lembrar que este também é um gerador de culpa e de sensação de inferioridade quando não obedecido, sem o mecanismo do retrocesso temporário, pois aí se presentifica apenas a tensão.

A preocupação de Freud em articular a psicologia das massas com a psicologia individual está em marcar a posição do sujeito em relação ao pai. Utilizando seu mito científico – uma especulação teórica que, segundo ele mesmo, busca dar conta da cultura –, Freud afirma que, após o parricídio, o filho mais novo se torna o sucessor do pai. Esse filho, protegido do ciúme paterno pela mãe, ao ocupar o lugar do pai morto, cria um herói, a quem idealiza e, simultaneamente, atribui à mulher o papel de sedutora e instigadora do parricídio. Essa narrativa apresenta uma extensão teórica do Complexo de Édipo, que, enquanto conceito aplicado ao mundo individual, se concilia com uma proposta universal, tendo como ponto central o pai morto elevado à posição de herói.

Esse herói não é outro, no fundo, senão ele mesmo [...] com base na mesma relação nostálgica com o pai primevo, identificar-se com o herói. A mentira do mito heroico culmina na divinização do herói. Talvez o herói divinizado tenha sido anterior ao deus pai, o precursor do retorno do pai primevo enquanto divindade. A série de deuses seria então cronologicamente a seguinte: deusa-mãe – herói – deus-pai. Mas foi só com a elevação do pai primevo, jamais esquecido, que a divindade recebeu os traços que nela ainda hoje reconhecemos. (Freud, 1921, p. 217)

O pai é um assunto central na teorização de Freud e dos pós-freudianos. Não podemos deixar de citar o trabalho de Lacan a respeito da problematização do pai e, obviamente, sua grande relevância a partir de sua leitura de Freud. No seminário V, de 1957, Lacan, ao falar sobre as formações do inconsciente, utiliza um conceito, criado por ele, chamado Nome do Pai. Tal conceito se refere à inscrição da lei que vai delimitar a falta, e com isso, capacitar o sujeito a socializar o seu desejo, saindo da alienação materna.

Lacan trata o pai na esfera simbólica, significante. Temos então o significante pai substituindo o significante mãe. Tal substituição só se dará se o pai for estabelecido pela mãe como dono da lei, à qual ela também deve submeter-se. A partir disso, temos um terceiro que tecerá uma distinção consequente da impossibilidade de completude.

Lacan aposta que é a partir disso que teremos um sujeito operante da metáfora paterna, que visa capacitar o sujeito à produção de normas sociais para suportar a falta e demais atravessamentos provenientes da própria lógica edípica. Conforme Silva e Altoé (2018), é a partir disso que o sujeito estará capacitado a ser o responsável por sua própria condição de sujeito e não meramente subordinar-se à lei, pois o Nome do Pai deveria tornar possível que os sujeitos operem a partir dele. Ou seja, consentindo o Nome do Pai para sua operação, porém, através de um funcionamento inconsciente desse ato, pois se fala de estrutura e não de julgamento.

Assim como em Freud, vimos a grande importância que Lacan, em sua teoria, atribui ao pai. O pai se transformará em um significante mestre, responsável pela amarração simbólica e o ordenamento dos discursos. A essência do pai é “uma questão de fé, nunca se pode saber quem é o pai. O nome do pai é o eixo em torno do qual gira o campo do sujeito porque se mantêm como simbólico”. (Silva; Altoé, 2018, p. 337)

A metáfora paterna proposta por Lacan teria como objetivo capacitar o sujeito a lidar com o insuportável da falta e, também, marcar a diferença entre os campos neurótico e psicótico. Nota-se, também, que, ao contrário de Freud, Lacan retira da exclusividade da família a questão do pai e o entrelaça com o laço social em geral.

Lacan (1957) se questiona sobre o que é um pai e, apesar da extensão de sua obra, tal questionamento não é objetivamente respondido. Veem-se várias formas de contorno a respeito desse significante, nos levando a pensar o pai como algo a ser sustentado na proposta psicanalítica.

Outro assunto se impõe no centro do mito científico da psicanálise – o destino das pulsões sexuais, ou seja, a necessidade de sua inibição. Não à toa, Freud marca o quanto é necessário que nas massas, qualquer uma, as metas sexuais sejam inibidas. Na teoria sexual de Freud, a vida sexual infantil permanece no adulto de forma recalcada e, apesar disso, algo dessas pulsões inibidas continua a manter alguma coisa da meta originária.

Desse modo, Freud vai afirmar que esse desvio pode ser considerado um princípio sublimatório das pulsões sexuais, pois, somente através desse recurso, elas conseguem criar ligações duradouras. Apesar de recalcadas, ainda mantêm algo da meta original que se mistura a outras pulsões inibidas e com isso se transformam em outra coisa, cria-se outra meta.

Aqui, mais uma vez, vemos Freud se esforçando para conciliar um de seus conceitos ao funcionamento libidinal em relação às massas e afirma novamente que “todas as ligações em que a massa se assenta são do tipo das pulsões de meta inibida”. (Freud, 1921, p. 220-221). Se não houvesse essa inibição, teríamos o ciúme em relação ao objeto, e a criação da massa se tornaria impossível.

Sendo assim, Freud vai realizar mais uma articulação com seu mito científico, afirmando que a exogamia, após o parricídio, obrigou o investimento em mulheres desconhecidas e não as amadas desde sempre. Eis aí uma tentativa do pai da psicanálise de fazer uma separação do sexual com o amor terno, lançando mão de uma possibilidade de conservação de uma relação primitiva, já bem explicada na hipótese edípica.

Nas grandes massas artificiais [...] não há lugar para a mulher como objeto sexual [...] a diferença sexual não desempenha nenhum papel. Quase não há sentido em perguntar se a libido que sustenta as massas é de natureza homossexual ou heterossexual, pois ela não é diferenciada pelos sexos e desconsidera completamente, em especial, as metas da organização genital da libido. (Freud, 1921, p. 222)

Chegando ao fim provisório de sua obra, Freud é claro quanto à organização genital em relação à massa e às inibições das metas sexuais nela. Ele afirma, entretanto, logo adiante, que o amor homossexual não inibido seria mais conciliatório com o funcionamento da massa e que tal hipótese deveria ser mais bem aprofundada. Tal afirmação é passível de muitas problematizações, pois atrela a massa a um paralelo com o conceito de neurose. O conceito de neurose se dá, na obra freudiana, a partir das metas sexuais do sujeito recalcadas, ou mal recalcadas, obrigando-o a instituir um substituto sintomático.

Com isso, estabelece uma relação desagregadora do sujeito com as massas, ou seja, sendo a massa um lugar que possibilita tais satisfações, o sujeito tem a ideia de que, agregado a ela, suas neuroses irão desaparecer. Há uma ilusão de proteção do sujeito quanto a suas neuroses. No entanto, essa ilusão de proteção apenas reforça a dependência do sujeito em relação ao coletivo. É nesse contexto que a identificação emerge como um elemento central para compreender tanto as conexões entre os sujeitos na massa quanto sua relação com o social, como segue.

2.5

A identificação na massa

Depreendemos que um dos fatores determinantes da impossibilidade de existência de uma autonomia do sujeito é a própria existência do inconsciente. Sabe-se que há uma dependência, segundo a psicanálise, do sujeito a um Outro como fator constituidor. Ouve-se, assim, em uma análise, o não dito permeado pelo social, por um discurso que atravessa o sujeito vindo do coletivo.

Freud, com seu trabalho sobre a cultura, deixa claro para seus leitores que os sujeitos operam na esfera pulsional e social. Para Enriquez (1990), pulsão e identificação se fundamentam uma na outra, pois o sujeito é dividido entre o reconhecimento de seu desejo e o desejo de seu reconhecimento, cabendo às pulsões a tarefa de satisfazer esses desejos que só serão reconhecidos como tais a partir do momento que se voltam para o outro.

Dessa forma, caberá sempre ao outro nos confirmar e nos reconhecer na ordem simbólica social. A pulsão se expressa através de um desejo reconhecido, e o sujeito se vê identificado quando é aceito pelo outro. Sendo assim, a pulsão é o fundamento da vida individual e social, tornando-se premente o entendimento das pulsões e identificações para a compreensão dessa realidade, visto que os sintomas são marcas do social, criados a partir das repressões ordenadas do meio em que o sujeito vive. “Podemos entrever que o estudo sistemático, sempre retomado, do psiquismo individual, somente tangencia os limites do psiquismo coletivo.” (Enriquez, 1990, p. 23)

Para Laplanche e Pontalis, a identificação pode ser entendida como um “processo psicológico pelo qual um sujeito assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente” (Laplanche; Pontalis, 2016, p. 226). Esses autores também defendem que esse conceito toma um valor central no aparelho psíquico, pois há uma ligação direta deste com a forma como o ser humano se constitui subjetivamente. Dessa forma, é urgente um maior aprofundamento conceitual de pulsão, identificação e seu funcionamento na massa.

Após as conclusões sobre a importância da libido na massa, no item anterior, e a partir de suas problematizações, Freud se utiliza do conceito de identificação para explicar a forma como se dá as ligações entre os sujeitos. Para Penna (2021), é a partir de Freud que podemos pensar as massas articuladas aos conceitos de

inconsciente, ideal de Eu, introjeção, narcisismo e identificação, além da importância de análise sobre as consequências do desamparo, ilusão, regressão e projeção no laço social.

Dessa forma, inicia-se uma formulação teórica, tendo no desejo do reconhecimento seu foco central, ou seja, a identificação. Freud (1921) a classifica como a mais antiga manifestação de ligação afetiva com outra pessoa, uma ligação percebida desde antes do complexo de Édipo.

Isso se exemplifica, ao percebermos o interesse do menino pelo pai, de ser como ele e ter o que ele tem em todos os aspectos. Nesse momento, toma-se o pai como ideal, em uma conduta, segundo Freud, masculina por excelência. Tal conduta o auxiliará na dissolução de seu complexo.

Em paralelo, ou até mesmo antes do movimento de identificação ao pai acontecer, percebe-se no menino um investimento na mãe, claramente sexual, e o pai é tomado como modelo. Daí nasce o Complexo de Édipo defendido por Freud, classificado como normal. Tal complexo se evidencia no psiquismo da criança a partir de um conflito, pois a criança entende que o pai está em seu caminho no que se refere a seu investimento sexual pela mãe, sendo assim, o pai a partir de agora assume uma posição de inimigo, e essa sensação de inimizade se torna idêntica ao desejo de substituí-lo.

“A identificação é justamente ambivalente desde o início; ela pode tornar-se expressão tanto da ternura quanto do desejo de eliminação.” (Freud, 1912, p. 178) A esse movimento é entendido como originário da fase oral, pois nesse momento o objeto se relaciona libidinalmente de forma dual, ou seja, cobiçado e canibalizado, devorando apenas o que tenho apreço.

Para além do que Freud convencionou chamar de Édipo normal, há a possibilidade de uma inversão nesse mecanismo, ou seja, que o pai seja tomado como objeto das pulsões sexuais diretas e seu processo de identificação com ele é anunciado antes da própria ligação de objeto. Esse mecanismo também pode ser pensado para a menina. Nesse caso, percebemos uma diferenciação entre SER (identificação com pai) e TER (investimento objetal sexual) o pai.

Percebe-se que Freud fixa a identificação ao pai, ideia que será combatida por outros pensadores. Tal fixação não é bem explicada por Freud quando afirma que ser como o pai é um tipo de escolha anterior ao investimento objetal. Em suas próprias palavras: “É bem mais difícil dar a essa distinção uma representação

claramente metapsicológica” (Freud, 1921, p. 179). E a partir daí, priorizar o objetivo da identificação como um movimento de configuração do Eu à semelhança de um Outro como “modelo”.

É possível então definir a empatia como uma forma de compreensão do semelhante que nos permite reconhecer, na sua diferença, algo nosso que preferiríamos não saber, algo, por exemplo, recalcado. A hipótese do inconsciente – sobretudo um inconsciente ativo não só na patologia – exclui a compreensão simplesmente transativista, instaurando uma dialética na qual o que pressinto no outro me interpreta. Por isso, aliás, o chiste constitui certo tipo, ou mesmo modelo, de interpretação, pois nos proporciona, por empatia, um acesso ao que recalamos. (Calligaris, 2022, p. 54)

Ao tomar o movimento identificatório como uma reconfiguração do Eu baseado no outro, Freud inicia uma série de exemplos e possibilidades provenientes das relações. A filha que contrai o mesmo sintoma físico da mãe, uma tosse, e assim temos Dora¹⁴ como exemplo de uma identificação proveniente do Complexo de Édipo, vontade de substituir a mãe e manifestar seu amor ao pai. Tal substituição é feita, entretanto, pela via do sintoma gerador de culpa.

A identificação surge no lugar da escolha de objeto e essa escolha regride para a identificação. Percebe-se uma forma de ligação afetiva primitiva que se mostra pela via da formação de sintoma, em que o Eu toma para si características do objeto. Esse movimento é parcial, limitado, e toma emprestado um traço da pessoa-objeto escolhida inconscientemente.

Além do já exposto, Freud pontua uma outra forma, segundo ele, muito frequente quando a identificação não considera a relação de objeto com a pessoa copiada. Ele lança mão do conceito de infecção psíquica, ou seja, a identificação se dá pelo fato de o sujeito querer se colocar no mesmo lugar do outro, pela culpa. Para Freud, não há solidariedade nesse caso, e a identificação é sintomática. Cria-se um lugar onde os dois Eus coincidem e, desse modo, mantêm esse lugar recalcado.

Vê-se que nas massas se presentificam a mesma forma de ligação recíproca que nasce de um elemento afetivamente comum, e esse elemento comum também, reside na forma como se liga ao líder.

14 Caso atendido por Freud em outubro de 1900 e publicado sob o título “Fragmentos da análise de um caso de histeria”, em 1905.

O que aprendemos a partir dessas três fontes podemos resumir do seguinte modo: em primeiro lugar, que a identificação é a forma mais originária de ligação afetiva com um objeto; em segundo, que por via regressiva, ela se torna o substituto de uma ligação libidinal de objeto, mediante a introjeção, por assim dizer, do objeto no Eu; e terceiro, que ela pode surgir a cada vez que é percebido um novo elemento em comum com uma pessoa que não é objeto das pulsões sexuais. Quanto mais importante for esse elemento em comum, tanto mais bem-sucedida deverá ser essa identificação parcial e, assim, corresponder ao início de uma nova ligação. (Freud, 1921, p. 181)

Faz-se necessário, para Freud, tentar compreender o conceito de amor, já que é para a libido que dirige toda a sua atenção no que tange à formação das massas. Freud define o amor como o investimento das pulsões sexuais, como meta de satisfação direta e que retorna, mesmo nos momentos de não desejo, para reviver o momento anterior, e esse reviver se mantém ativo e constante pela certeza do retorno dessa necessidade, a de ser amado. Isso se mostra, de fato, segundo Freud, desde o início da vida, em que, até os cinco anos, a criança já tem investido nos pais seu amor, primeiro objeto de amor, e, com esse investimento, as pulsões sexuais.

Ao passar pela castração, o recalque obriga a renúncia da maioria desses investimentos incestuosos e a criança permanece ligada aos pais, por meio de uma satisfação pulsional inibida quanto às metas iniciais. O sexual recalcado deverá se tornar terno, afetuoso, porém, no inconsciente, todo desejo sexual permanece. É na adolescência – fase genital – que desejos sexuais mais intensos se presentificam, e o sujeito vai se inclinar a satisfações objetais falseadas, encanta-se por objetos que são supervalorizados sexualmente, pouco ou nada criticados, e o comportamento do sujeito em relação ao que ama e ao que não ama se torna visivelmente diferente. A isso Freud dá o nome de idealização.

Percebe-se que o objeto, em alguns casos, se torna uma extensão do próprio Eu do sujeito, e mais libido é investida nele. Em certas situações, o objeto é elevado à posição de Ideal de Eu, embora permaneça inalcançável. Esse investimento se dá pelo desejo do sujeito de projetar no objeto perfeições falseadas, fruto de uma supervalorização sexual. Esse mecanismo pode ser perigoso, pois coloca o sujeito refém de seus ímpetos imediatistas, tornando-o pouco exigente enquanto o objeto ganha proporções cada vez maiores, até dominar completamente o amor do sujeito. Nessa dinâmica, sua libido é totalmente dirigida para o objeto. Segundo Freud (1921, p. 188), “o objeto consumiu o Eu”. As consequências são nocivas: o sujeito passa a agir de maneira autodestrutiva, resultado de uma restrição narcísica severa.

A insatisfação gera esse tipo de busca no sujeito. Uma vida repleta de irrealizações leva o sujeito a supervalorizar os objetos. O Eu se entrega totalmente ao objeto tendo como base o falseamento do objeto e ocasionando um desencontro com o Ideal do Eu:

Silencia-se a crítica exercida por essa instância; tudo o que o objeto faz e exige é correto e inatacável. A consciência moral não encontra aplicação para tudo que ocorre em favor do objeto; na cegueira amorosa nos tornamos criminosos sem remorso. A situação inteira se deixa resumir, sem resíduos, em uma fórmula: o objeto colocou-se no lugar do Ideal do Eu. (Freud, 1921, p. 188)

No caso da identificação, o Eu se torna abundante em relação ao objeto, introjetando-o e restabelecendo-o no próprio Eu depois de tê-lo perdido, fazendo com que o Eu se modifique a partir dessa introjeção. No enamoramento ocorre o contrário: o Eu se exaure diante do objeto, se abandonando nele. Diferentemente da identificação, trata-se de um objeto conservado e superinvestido, que leva o Eu a sofrer as consequências.

Nesse esquema teórico, Freud está propondo uma dinâmica econômica em relação ao investimento libidinal distinguindo entre o objeto colocado no Eu e aquele colocado no Ideal do Eu. Essa dinâmica é semelhante ao investimento do sujeito no líder da massa, ou seja, no hipnotizador, uma figura que também atua como uma espécie de Ideal do Eu. Importante frisar, entretanto, que a hipnose, segundo Freud, não é o único fator formador da massa, sendo caracterizada por ele como um meio-termo, sobretudo pela ausência de impulsos sexuais explícitos.

Ao diferenciar as duas correntes do ideal internalizado, a relação com o líder pode corresponder tanto ao Ideal do Eu – ligado às regras e à adaptação à realidade externa – quanto ao Eu Ideal, que promete onipotência. Nesse contexto, os anseios inibidos em relação à meta são os que estruturam as ligações duradouras entre os sujeitos. Esse movimento é marcado pela falta que os constitui e, para que a satisfação permaneça – ainda que nunca plena –, eles precisam ser inibidos em relação à meta.

Mas, após essas discussões, estamos plenamente preparados para indicar a fórmula da constituição libidinal de uma massa. Ao menos de uma massa como essa que consideramos até aqui, portanto, possui um líder e que não foi por excesso de “organização” que ela pôde adquirir secundariamente as propriedades de um indivíduo. Uma massa primária como essa é uma quantidade de indivíduos que colocaram um e o mesmo objeto no lugar de seu Ideal do Eu e, em consequência disso, identificaram-se uns com os outros em seu Eu. (Freud, 1921, p. 192)

Na psicanálise, as interrogações levantadas pelo conceito de identificação também foram a causa de uma rica produção teórica de pós-freudianos, sobretudo Lacan. Explicar os processos de identificação e as formas como nos relacionamos foi um dos objetos de seu Seminário IX, *A identificação*, ministrado na década de 1960. Nele, Lacan articula um sujeito como efeito de enunciação e experiência de fala, defendendo a ideia de que há uma diferença considerável entre o que é falado e o que é comunicado já que é da enunciação que o sujeito emerge como tal. Em outras palavras, a realidade se mostrará a partir do ponto de intersecção entre o sujeito e a realidade e de modo momentâneo.

Surge assim a necessidade premente de compreender as relações de alienação e separação do sujeito e seu Outro como emissor dos processos de significação. Dito de outro modo, para haver sujeito, é necessário que haja um lugar funcional que permita a enunciação.

Conforme Perez (2018), o sujeito só se reconhece quando se estranha, e a dinâmica que causa a alienação, o distanciamento ou a separação está presente na identificação. Para Lacan (2003), a identificação é um processo que mostra como o sujeito, desde a experiência de fala, consegue chegar ao reconhecimento dos objetos e à percepção de realidade e ação. Em Freud, defendemos a identificação com o líder, isto é, uma relação substituta do pai, ao passo que, em Lacan, defendemos a identificação com o significante paterno em relação a um traço unário.

É importante diferenciar que um traço não é um significante. O significante é aquilo que não tem sentido, que vai se significar dentro de uma cadeia de significantes. Já o traço é o suporte para o significante se significar, gerando as possibilidades de diferença.

Vimos, assim, que o laço social se relaciona com a falta que o significante no campo do Outro se dá, gerando um resto. Resto esse que é necessário para uma contínua produção do sujeito na cultura. Conforme bem exemplificado por Maron (2016, p. 102):

Fazemos uma analogia desse traço unário como uma fenda, um vazio, uma hiância onde é possível acolher a possibilidade do significante do pai. Como uma pegada na praia, na qual institui a possibilidade de colocar um pé ou outro pé neste vazio. É a pura diferença entre um pé e outro que possibilita a cadeia significante. Não é a pegada em si, é o que a pegada não é. É o vazio da pegada [...] é o suporte que produz a possibilidade da identificação e, potencialmente, o aparecimento do sujeito como efeito.

Percebe-se o resto como aquilo que sobra de um processo identificatório, e entendemos o contrário disso como incorporação, canibalismo ou até o fanatismo. Conforme Maron (2018), Lacan articula três classes de identificação, são elas: (i) identificação com o pai simbólico por incorporação do Outro gerando demanda de amor; (ii) egressão ao traço unário, ou inaugural, tornando possível a entrada do sujeito na linguagem e sua constituição. É nesse momento que vemos o traço como suporte ao significante como pura diferença. Entendemos que é pelo significante que um líder também surge como efeito; e (iii) a identificação imaginária ou histórica é que gera o funcionamento do desejo em relação ao desejo do Outro, o desejo como faltoso insatisfeito. Conclui-se que a identificação com o líder, em Lacan, ocorre na articulação dessas três classes, em que a falta é compartilhada no coletivo.

Há duas formas de se pensar a identificação coletiva com o líder. A primeira deve estar relacionada com a economia dos restos, que se articula ao objeto a, causando desejo. E a segunda elimina o resto, causando o fanatismo, muito comum nos regimes totalitários.

A economia do resto não coincide com o objeto a, mas é uma de suas formas [...] para se chegar ao fanatismo, precisa-se de certas circunstâncias que não são universais: que o líder mesmo se identifique com o UM sem restos, e que a massa aceite esta identificação que, por ser total, nem sequer é identificação, é incorporação [...] O resto é o que possibilita as relações de identificação de grupo e de massa [...] dessa divisão é o objeto a como um significante [...] O amor sem restos é incorporação, é canibalismo, e relações de liderança sem resto instituem o fanatismo. (Maron, 2018, p. 117-118)

Vimos assim que, para Lacan (2003), dependerá de como os sujeitos se relacionarão com o traço do líder, e isso será marcado no destino pulsional por formas perversas ou sublimatórias. Tanto em Freud como em Lacan, temos o pai como a figura que faz emergir o líder, como seu substituto. As vias são diferentes, porém, chegam ao mesmo lugar, o que nos abastece de mais substâncias para pensarmos a estruturação das massas e sua relação com a cultura. Além disso, cabe indagar: as formações contemporâneas das massas, pela via digital, ainda podem ser pensadas da mesma forma?

2.6

Pulsão de morte e fragilização do laço social

Pode o homem esquecer que é humano?¹⁵

Erich Fromm

Como se daria um laço social com sujeitos que estivessem sob o domínio da pulsão de morte? A pulsão de morte não apenas tensiona os laços sociais, mas, paradoxalmente, os sustenta e também molda. Antes de tratarmos de tentar responder a essa questão, salientamos que enfatizaremos a pulsão de morte e sua operação na cultura, mas abordaremos as pulsões de modo geral. Além disso, faremos uma breve digressão para conceituar massa, grupo e multidão.

Nosso objetivo é evidenciar que, embora existam conceitos diversos para os distintos tipos de agrupamento na sociedade, nesta pesquisa nos interessa analisar como a descarga pulsional se mostra nesses agrupamentos. Como o foco de nossa pesquisa é a massa, julgamos necessário conceituar brevemente grupo e multidão, a fim de marcar as diferenças entre esses termos.

Importante também pontuar que a massa é uma consequência do laço social, visto que ele se caracteriza pela união dos sujeitos sustentados por um discurso. O encontro de pessoas no laço social é vastamente conceituado, desde a forma como esse encontro ocorre até as maneiras mais sutis de se manifestar na cultura.

Como diz Abbagnano (2007), sociologicamente pensamos os grupos como um conjunto de pessoas que se unem por algo em comum. Podemos considerar grupo, massa e coletivo como termos sinônimos, ou diferenciá-los conforme certos aspectos, ou seja, “a diversidade desses modos garante as dimensões de liberdade da própria pesquisa” (Abbagnano, 2007, p. 503). Realçando a metapsicologia desses encontros, ou seja, o funcionamento do Eu agrupado e, conseqüentemente, o trabalho do líder, traremos alguns conceitos de obras que consideramos altamente relevantes.

¹⁵ Fromm (2009, p. 310)

Segundo Johnson (1997), não se deve misturar o conceito de multidão com o de massa, pois o comportamento dos seus participantes difere. Na multidão, criada temporariamente e ao acaso, esses sujeitos influenciam uns aos outros e se comportam como uma plateia, observando um acontecimento. Nas massas, apesar desse compartilhamento de interesses, os sujeitos se influenciam sem necessitar da presença física da multidão. Vemos que Johnson (1997) dá mais substância à massa e, com isso, marca seu funcionamento de forma continuada e com maiores interferências no meio em que está inserida.

Cabe diferenciar outro conceito, mais complexo, também citado como sinônimo de massa, que é grupo. Kaes (2003) vai afirmar que grupo é uma invenção psicanalítica destinada a dar posse às funções metapsíquicas estruturantes da cultura como a castração, identificação e demais repressões necessárias para o bom funcionamento da cultura, e são os efeitos inconscientes provocados no grupo que irão direcionar a forma como este deverá ser estudado.

Aprofundando um pouco mais o conceito, vimos na *Encyclopédie* (1998) que grupo pode ser considerado um número não relativo de pessoas unidas, estabelecendo alguma comunicação com objetivos comuns. Sendo assim, um grupo assume, pelo viés da comunicação, uma função de construção social da realidade, diferentemente de massa, que, segundo a *Encyclopédie* (1998), aparece no século XIX como ralé e outros nomes pejorativos usados para assinalar a diferença entre povo e elite. Porém, ao longo do tempo, ganhou a acepção de multidão ou público. Feitos esses breves esclarecimentos, retomamos a questão pulsional.

Sabemos que o conceito de pulsão de morte surge na segunda tópica, muitos autores afirmam que isso seria reflexo de uma possível depressão que Freud teria sofrido depois da Primeira Guerra Mundial e decorrente do câncer que o acometeu. Outros afirmam que tal raciocínio já vinha sendo esquadrihado desde seu texto póstumo, *Projeto para uma psicologia científica de 1895*,¹⁶ porém já havia um

16 De acordo com Silva (2022, p. 15-16), “‘Projeto para uma psicologia científica’ (1950[1985]/2006), um trabalho tanto precoce quanto tardio, na medida em que é escrito ainda na “pré-história” da psicanálise, mas só é publicado postumamente; e tanto anacrônico, quanto atual, na medida em que é abandonado por Freud, mas também introduz ideias que, conforme veremos, viriam a adquirir bastante relevo para a discussão acerca da pulsão de morte. Entre estas ideias, ora, está a própria *Trieb*. O ‘Projeto’ consiste em uma primeira tentativa de elaboração de um modelo de aparelho psíquico. Caso Freud tivesse decidido publicar o trabalho à época em que o escreveu, é possível que as propostas contidas nele fossem chamadas de “primeira tópica”. Como a publicação foi apenas póstuma, sabemos que o modelo que recebeu tal alcunha foi o ‘esquema pente’ do capítulo VII de

modelo anterior (nos “Estudos sobre a Histeria”), boa parte do qual é reaproveitada e complexificada na primeira tópica apresentada em *A interpretação dos sonhos*.

No Projeto, o modelo é neuronal e, teoricamente, deveria acompanhar o modelo psíquico oriundo da clínica, como declara o próprio Freud, em cartas a Fliess, seu interlocutor nesse escrito não publicado em vida.

Para definir o conceito de pulsão, recorreremos a dois dicionários fundamentais para a teoria psicanalítica: Laplanche e Pontalis (2016) e Roudinesco e Plon (1998). Segundo esses autores, a pulsão, termo introduzido por Freud em 1905, refere-se a uma carga energética que emerge tanto de uma excitação corporal quanto do funcionamento inconsciente. Essa carga obriga o organismo a descarregar a energia acumulada, geralmente por meio de um objeto, evidenciando assim sua existência no cumprimento de sua meta.

A pulsão distingue-se por sua relação com fonte e estímulo. A fonte da pulsão está ligada a fatores tanto internos quanto externos ao organismo, enquanto o estímulo é exclusivamente interno. É importante ressaltar que, ao contrário do estímulo, a pulsão é contínua e não pode ser eliminada, mantendo-se sempre presente e ditatorial. Essa característica requer do organismo estratégias para lidar com suas demandas incessantes.

Freud (1920) nos convoca a pensar uma nova dualidade da vida, uma guerra entre duas forças opostas: ação e inação. Essa nova dualidade, ou proposta ética de pensar o humano defende a ideia de que, de um lado, temos a pulsão de vida com sua força para induzir o sujeito ao investimento em objetos. De outro, temos a pulsão de morte impelindo o sujeito à descarga total, a ausência de estímulo, ou uma perturbadora ideia de paz. É importante frisar que tal ideia já fora dita por Freud (1915) ainda na primeira tópica, ao afirmar que o objetivo da vida é a morte e que toda evolução não passa de aparência.

Conforme Azevedo e Mello Neto (2015), o papel da pulsão de morte é eliminar a estimulação, ou seja, seu objetivo central é a descarga absoluta ou

‘A interpretação dos sonhos’. Mas, apesar de Freud já estar, à época do ‘Projeto’, gestando ideias que seriam desenvolvidas ulteriormente, os modelos de 1895 e 1900 são fundamentalmente diferentes. Em relação ao último, há um alerta explícito: ‘A ideia que nos é apresentada é a de uma localidade psíquica. Deixemos de lado que o aparelho psíquico em questão também nos é conhecido como preparado anatômico e evitemos ceder à tentação de determinar anatomicamente a localidade psíquica’ (Freud, 2019, p. 586). No ‘Projeto’, as coisas são diferentes. Por mais que Freud não se preocupe em delimitar de forma exata as partes do aparelho psíquico que está propondo, o autor nomeia essas partes de acordo com unidades orgânicas, anatômicas, biológicas: os neurônios.”

aniquiladora, e não a tendência para uma transformação. Qualquer esforço que indique uma transformação seria ilusório, uma vez que o objetivo continuaria sendo o mesmo. A aparente transformação não passaria de uma tentativa de encontrar outros caminhos para sua meta final, que é sempre a conservação de estados antigos. Segundo Freud (1920), a pulsão de morte segue caminhos tortuosos e assim nos mostra o cenário dos fenômenos da vida.

É importante evitar uma leitura linear da pulsão de morte, já que isso poderia nos levar à ideia de um funcionamento lógico e unilateral. Freud, em *O ego e o id* (Freud, 1923), esclarece que a pulsão de vida não é mera espectadora da pulsão de morte. Pelo contrário, ambas atuam simultaneamente, e a pulsão de vida trabalha para impedir que a tendência destrutiva da pulsão de morte se desenvolva de maneira isolada.

Uma das formas pelas quais isso ocorre é o desvio da pulsão de morte para fora do organismo. Esse desvio, que pode ser parcial, manifesta-se no laço social sob a forma de atos destrutivos. Salientamos que essa perspectiva é especialmente útil para refletirmos sobre o comportamento destrutivo do sujeito nas massas.

O problema surge quando a pulsão de morte está muito afastada da pulsão de vida, isto é, quando ela opera em sua face desfusional. Ela encontra um território livre para se desenvolver, acarretando o aparecimento de patologias graves, como a junção com o superego que, fortalecido, age contra o próprio sujeito, de forma punitiva.

Freud (1920), como vimos, descreve a pulsão como um impulso que opera de forma conservadora presente em todos os organismos, com uma meta inegociável: o retorno a um estado anterior, uma espécie de restauração ao estado inorgânico. Por esse motivo, a pulsão de morte é silenciosa, do ímpeto criador da pulsão de vida. Evidencia-se assim uma luta entre as duas pulsões.

É importante fazer um adendo: a partir da segunda tópica, Freud demonstra maior preocupação em compreender Tânatos, isto é, a agressividade e o ódio humanos. Essa abordagem evidencia que a pulsão de morte não é apenas uma tendência destrutiva interna, mas também um elemento essencial para entendermos comportamentos agressivos no laço social e nas massas.

Finalmente, talvez as duas principais características de Tânatos nesse momento inicial sejam aquelas que já destacamos indiretamente, ao acompanhar a construção do raciocínio freudiano até chegar à postulação do conceito. Referimo-nos à ideia da pulsão de morte como uma força de desligamento, tomando como base a oposição

entre energia livre e energia ligada e toda a concepção de 1920 a respeito do trauma; e destacamos o retorno ao inorgânico, que Freud nomeia também – tomando emprestado o termo de Barbara Low – como “princípio do Nirvana” (p. 228) [...] O retorno ao inorgânico, por outro lado, nos parece uma dimensão que é, senão rejeitada, decerto pouco desenvolvida nos anos subsequentes. Mas que ganha absoluto protagonismo nesse momento inicial, sobretudo a partir da sua articulação com o princípio do prazer. (Silva, 2022, p. 34)

A profundidade do pensamento de Freud é tal que chegava a desafiar o próprio autor. Em 1920, ele reconhece que seu pensamento é especulativo, deixando o leitor livre para aceitar ou dispensar suas interpretações. Em meio a polêmicas e complexidades, destaca-se o conceito de pulsão de morte que claramente transcende o que chamamos de “ordem”. Isso evidencia que a repetição, na psicanálise, não implica uma mera repetição, mas uma representação que produz o novo.

Segundo Garcia-Roza (2015), a pulsão de morte deve ser entendida como uma vontade de destruição para o começo de algo novo, percorrendo-se novos caminhos. Essa leitura resgata a função criativa da agressividade, certamente, um dos destinos possíveis da pulsão de morte quando suficientemente fusionada com a pulsão de vida. A criação, o crescimento e a transformação, em termos estritamente freudianos, remeteriam sempre à pulsão de vida. A pulsão de morte integrada à pulsão de vida pode ser catalisadora de transformações.

A compulsão à repetição, nessa perspectiva, pode ser vista como uma possibilidade de crescimento. Ela propicia que aspectos congelados do desenvolvimento sejam revistos e superados. Essa leitura também mostra a pulsão de morte como um reflexo de falhas ambientais, reconfigurando-a não apenas como destrutiva, mas também como potencialmente criativa, ao propor novas articulações e reorganizações subjetivas.

O conceito de pulsão, em sua complexidade e caráter inconclusivo, emerge, portanto, como uma construção teórica que, mesmo em sua formulação inicial, aponta para desafios interpretativos. Sua possível autonomia de funcionamento só será delineada por Freud em 1930, dez anos depois, em *O mal-estar na civilização*. Nessa obra, ele a descreve como um impulso de destruição.

Desse modo, a pulsão de morte manifesta-se de forma disjuntiva, antinatural e contrária à perpetuação dos laços estabelecidos por Eros na cultura. Para ele, a pulsão não existe de forma isolada, autônoma ou independente. É preciso observar seus efeitos, que se tornam perceptíveis apenas por meio das representações

psíquicas correlatas. Logo, as pulsões só podem ser diferenciadas e reconhecidas no nível psíquico, sempre em relação a seus efeitos no psiquismo e na cultura.

Se a energia da pulsão de vida é a libido, qual é a energia da pulsão de morte? [...] pulsão de morte e pulsão de vida são autônomas uma em relação a outra [...] A autonomia da pulsão de morte entendida como pulsão de destruição (ou potência de destruição) é perfeitamente consistente com a ideia de que a pulsão, por se situar além da representação, além da ordem, além do princípio do prazer, é pura dispersão, pura potência dispersa. Sob este aspecto, faz jus à afirmação de que ela é a pulsão por excelência. (Garcia-Roza, 2015, p. 142-142)

A partir daí, percebe-se que as pulsões não têm uma ordem ou objeto próprio. O objeto será oferecido pela fantasia e pela compulsória submissão do sujeito à linguagem. A pulsão em si é desprovida de sentido e forma, sendo pura em sua essência.

Green (2022) reforça essa ideia ao destacar que a vida do “homem civilizado” sempre será marcada por interditos, com limitações constantes que tensionam o sujeito, reduzindo sua resistência à frustração. Essa dinâmica também evidencia a relativa passividade do ser humano diante dos atos de maldade.

Essas questões levam Freud a concentrar sua atenção nos perigos da pulsão de morte, especialmente porque não há racionalização suficiente que consiga paralisar a agressividade humana. Diante disso, surge uma pergunta fundamental: como tornar esse desejo de destruição menos perigoso? Freud apostará no sentimento de culpa como um mecanismo civilizatório capaz de conter a pulsão destrutiva.

Mas, e na contemporaneidade, ainda podemos atribuir essa responsabilidade à culpa? O sentimento de culpa ainda tem essa força regulatória? Ou o relacionamento do sujeito moderno com a culpa se tornou menos relevante,¹⁷ deixando de exercer o papel central que desempenhou na época de Freud?

Essas questões abrem caminho para uma reflexão necessária sobre as transformações culturais e subjetivas em relação à culpa e à agressividade nos

17 “Enfim, o projeto civilizatório fundado na interdição de matar, pela regulação da culpa, não mais se sustentaria no discurso freudiano, de forma que as relações entre os registros da vida e da morte seriam também radicalmente subvertidos nesse discurso [...] com a suspensão da universalidade da interdição de matar e sua conjunção com a promoção de matar, nos diferentes tempos da paz e da guerra, caiu por terra a possibilidade de a culpa regular subjetivamente a violência e o desejo de matar do sujeito. Um novo cenário se delineia, de maneira ao mesmo tempo sombria e sangrenta, uma vez que a vida e a morte como potências do ser passaram a se digladiar na cena social de modo permanente e sempre recomeçada.” (Birman, 2024, p. 77-79)

tempos atuais. Se incluirmos em nossa reflexão os fenômenos de massa, é preciso atualizar algumas considerações, incluindo os conceitos de pulsão de morte e culpa nos fenômenos de massa ontem e hoje.

Segundo Rinaldi (2021), a propagação de cenários caóticos na cultura acaba por forjar líderes que personificam o ideal da violência. Discursos de ódio são proferidos liberando o gozo de destruição do outro. Com isso, a face mais disruptiva da pulsão de morte emerge e se aloja como ideal desses sujeitos na massa, uma espécie de autorização “coletiva” cuja culpa, segundo Freud capaz de regular a violência, parece não conseguir refrear os atos destrutivos.

Conforme Figueiredo (1999), as pulsões tanto de morte como de vida exercem um papel na consolidação das massas. Além do funcionamento libidinal, já exposto e defendido por Freud, Figueiredo (1999) observa que há casos em que as metas sexuais não inibidas levam a um excesso de ligação erótica entre os membros da massa. Esse aumento de investimento libidinal exclui o sujeito do mundo externo e fixa sua satisfação dentro da massa, restringindo a satisfação libidinal entre os membros e gerando consequências significativas para a cultura.

A relação identificatória de alta intensidade cria um cenário ilusório de igualdade que funciona como uma forma de proteção das angústias externas ou primitivas. Essa “igualdade alucinada”, no entanto, pode gerar um ambiente que restringe a diversidade e dificulta a relação com o mundo externo, trazendo implicações importantes para os laços sociais e a cultura.

Os membros da massa precisam de uma circulação libidinal que garanta a proteção dos vínculos e sua agregação. Mesmo com as metas eróticas inibidas, o excesso identificatório potencializa o trabalho da pulsão de destruição para fora do grupo, se direcionando sempre que alguém não totalmente igual apareça. O equilíbrio libidinal é também pulsional, ou seja, de difícil regulação.

A respeito dessa regulação, Penna (2021) diz que as massas devem ser compreendidas também como uma problemática narcísica. O sujeito passa por uma transformação em que uma parcela de seu narcisismo é perdida em prol de um narcisismo coletivo. Esse processo envolve uma substituição identificatória, o sujeito internaliza um novo Ideal de Eu que atua como um estruturador da massa. A identificação, nesse contexto, facilita a transição do individual para o coletivo, mas também reforça características subjugadoras e violentas da massa. Esse funcionamento destaca uma problemática de ordem econômica no nível psíquico:

a economia pulsional, que leva toda a complexidade de seu funcionamento para a manutenção e perpetuação da massa.

Notamos, então, nas massas, um trabalho em que Eros convoca Tânatos, situação que promove atos muitos destrutivos. O excesso identificatório elimina as diferenças, e os iguais se fixam uns nos outros. Essa fixação, por sua vez, dá lugar a uma forma de desligamento que prepara o cenário para a manifestação da pulsão de morte. Trata-se de uma pulsão que objetiva o retorno ao narcisismo absoluto.

Nessas massas, em que a ilusão de igualdade absoluta prevalece de forma explícita, regredida e intensamente ligada, não raro se observa o funcionamento psicótico e delirante de seus membros. Esse processo pode ser entendido como uma regressão a um estágio primário da existência, provocado pelo excesso identificatório. Tal excesso gera uma fusão, que elimina qualquer brecha para a manifestação de individualidades.

A pulsão de destruição emerge aí, quando o outro se torna refém da satisfação sádica. O campo pulsional demonstra o impossível da cultura, o mal-estar é marcado como estrutural e incontornável, a pulsão de morte se recusa a silenciar. Ora, como apontado por Freud, ela é uma hipótese inevitável presente na vida em sociedade.

No entanto, defendemos que esses processos regressivos e ilusórios observados nas massas se potencializam no contexto contemporâneo marcado pela digitalização do laço social. Esse novo quadro aumenta a complexidade do funcionamento do Eu em seus modos de agrupamento e intensifica sua relação com a liderança. Eros, representado pela libido, cumpre o papel de unir os elementos dispersos, possibilitando a formação das massas. Tais elementos só se reúnem quando se reconhecem como iguais perante um líder despótico.

Nessa dinâmica, tudo o que é diferente é excluído. É pelo narcisismo das pequenas diferenças, produto dessa dinâmica, que a força segregadora da pulsão de morte encontrará seu alvo. Pois são essas pequenas diferenças que orientarão as pulsões de vida e de morte apontando o que deve ser preservado e o que deve ser destruído.

Entendemos o ódio dos sujeitos como resultante das repressões ordenadas pela cultura. Sendo assim, não acreditamos que dela nascerá alguma efetiva regulação do gozo, visto que, da cultura, se espera apenas a continuidade do mal-estar. Percebe-se que o despertar da consciência, a responsabilização e a instrução

do sujeito diante de suas ações parecem ser as únicas possibilidades que nos restam, sem certezas, para um futuro mais promissor.

Assim como Freud, não apostaremos em uma saída definitiva para o mal-estar, já que a agressividade humana permanece ainda não plenamente compreendida. No século XXI, vivemos uma clara evidência das problemáticas narcísicas: uma “crise” das construções simbólicas que cria um terreno fértil para a descarga contínua da pulsão de morte na cultura.

Se a alteridade é escassa na constituição do sujeito, o outro só se apresentará como validação de si. Tudo que escape a essa validação é visto como ameaça, provocando ódio e destruição. Ora, essa preocupação também não é nova. Entretanto, ao trazer as ideias de Freud para o século XXI, os inimigos da humanidade agora muitas vezes se manifestam por meios completamente novos e distintos, isto é, por meio de algoritmos e suas operações nos meios digitais.

Na obra-prima de Freud de 1930, *O mal-estar da civilização*, o inimigo era identificado, e uma pequena diferença ganhava proporções de ódio. Hoje, o inimigo não precisa nem mesmo existir; basta ser falado, algoritmizado. Estamos vivendo em um terreno social extensamente plantado sobre um delírio digital que impede a construção simbólica que poderia alçar o sujeito a um estatuto mínimo de alteridade.

Entendemos que esse terreno é propício para a pulsão de destruição, fruto da problemática narcísica que sustenta o medo e favorece o desenvolvimento de uma visão de mundo maniqueísta, que nutrirá um ódio irrefreável. Cada vez mais vulnerável, o sujeito se torna ideal para o controle político. E essa vulnerabilidade é alimentada pela manutenção do sentimento de desamparo nas relações humanas, impedindo avanços significativos na constituição de laços sociais mais saudáveis.

As crises proporcionadas pelos ideais neoliberais têm se mostrada grandes fontes geradoras de sentimento de insegurança, disseminadas pelas incertezas digitais, *fake news* e manipulações algorítmicas. Cria-se então uma sociedade sedenta pela ameaça, que, paradoxalmente, oferece sentido e a ilusão de proteção. O século XXI apresenta o mal em todas as relações, ao posicionar o sujeito cada vez mais fechado em si mesmo e em seus ideais, se recusando cada vez mais a compreender o outro.

Observamos uma tendência de redução de alteridade seguida por um aumento da indiferença carregada de ódio. Quanto mais indiferença, menos conseguimos ver

a subjetividade do outro e, a partir daí, só resta o “não sujeito”. O movimento das “bolhas” no mundo digital mostrará como isso se evidencia, alterando consideravelmente o funcionamento do Eu diante das intersubjetividades. Nesse contexto, a conexão com o outro é substituída pela repetição narcísica de si, propiciando o isolamento, a alienação e o ódio.

Acreditamos que a alteridade só é possível em um sujeito que foi constituído com a capacidade de tolerar a frustração oferecida pelo outro, sofrimento necessário para o mínimo de desenvolvimento do laço social. A ausência dessa capacidade gera um laço sustentado por iguais, isto é, uma distopia.

Para ilustrar esse ponto, abrimos um parêntesis para comentar o filme americano “Oppenheimer”, de 2023, dirigido por Christopher Nolan. Essa abordagem reforça o paralelo entre o conceito psicanalítico de alteridade e o impacto das decisões humanas que desafiam os limites éticos e sociais, exemplificados pela trajetória de Oppenheimer. A obra narra a trajetória do físico J. Robert Oppenheimer, um dos grandes responsáveis pela criação da bomba atômica.

Envolvido em um projeto destinado a desenvolver uma arma tão destruidora que pudesse pôr fim à Segunda Guerra Mundial, Oppenheimer, inebriado pelo poder, se desloca de sua posição de físico, reconhecido por seu intelecto brilhante, para assumir o papel de um político militarizado, gestor da criação de um artefato capaz de “queimar a atmosfera e destruir o planeta” – como afirma o personagem Einstein em uma das falas do filme

O projeto é concluído com sucesso e os americanos decidem não só testar, mas também usar a bomba, como já é do conhecimento de todos, no Japão. Duas cenas ilustram de maneira impactante nossas reflexões sobre servidão voluntária e o narcisismo das pequenas diferenças. A primeira – o teste da bomba – retrata a euforia dos militares, ao passo que a segunda – o lançamento da bomba – mostra a celebração dos civis. Em ambas, a alegria por ter em mãos uma arma capaz de destruir tudo, segundo nossa análise, revela o lado bruto da obscuridade humana, que se representa pela irracionalidade e sede de destruição, sentimentos que, acreditamos, estão bem representados na pesquisa:

Em outubro de 1946, quando foram concluídos os julgamentos de Nuremberg, apenas 6% dos alemães admitiam considerá-los “injustos”, mas, quatro anos depois (1950), um em cada três expressava essa visão. De 1945 a 1949, a maioria absoluta

dos alemães acreditava que o “nazismo era uma boa ideia”, mal aplicada. Em novembro de 1946, 37% dos alemães numa pesquisa realizada na zona norte-americana expressaram a opinião de que o “extermínio de judeus poloneses e outros não arianos foi necessário para a segurança dos alemães.” Na mesma pesquisa com data de novembro de 1946, um terço dos alemães concordava que judeus “não deveriam ter os mesmos direitos que indivíduos pertencentes à raça ariana. Em 1952, 37% dizia ser melhor para a Alemanha “não ter judeus em seu território.” Naquele mesmo ano 25% dos alemães tinham uma opinião positiva sobre Hitler. (Judt, 2007, p. 72)

Diante do grave cenário aqui exposto, é imprescindível refletirmos sobre o lugar da psicanálise e do psicanalista. Concordamos com Burzstein (1998), ao afirmar que o psicanalista, orientado pela ética, tem o dever de se interrogar sobre as condições que levaram à decadência do sujeito em âmbito social. Essa função vai além do consultório, pois cabe ao psicanalista analisar os alicerces sobre os quais a civilização se organiza, reconhecendo o mal-estar que, conforme Freud (1930) postulou, é inerente ao vínculo social.

Notamos que, para Costa (2023), questionar-se sobre o mal-estar incontornável é um constante debruçar-se sobre o desamparo social, as experiências de abandono e as questões regressivas dos sujeitos, enraizadas em seus narcisismos primários. Sem o devido entendimento para capacitar o agir do analista diante dessas questões, não será possível reduzir a solidariedade negativa, entendida como uma forma nuclear de manifestação das massas, que promove a unificação pelo desprezo do diferente.

Diante disso, surge uma questão importante: como o mundo digitalizado e algoritmizado poderia contribuir para a psicanálise e para os psicanalistas no enfrentamento dessas questões? Reconhecemos a impossibilidade de uma resposta direta e esquemática, mas acreditamos que o cenário digital, se utilizado com foco no desenvolvimento humano, e não como um instrumento de controle das subjetividades, poderia tornar-se uma ferramenta valiosa. Nesse sentido, o ambiente digital poderia fomentar o desenvolvimento cultural e promover interações mais significativas entre os sujeitos, parte que interessa à psicanálise e a seus analistas.

Apesar do potencial transformador do cenário digital para fomentar o desenvolvimento cultural e ampliar as interações significativas entre os sujeitos, não podemos ignorar que esse mesmo ambiente apresenta complexos mecanismos de manipulação psíquica. Os algoritmos de IA atuam como um novo dispositivo de influência, moldando preferências, discursos e até mesmo vínculos identificatórios. Para a psicanálise, esse fenômeno apresenta o desafio de compreender de que modo

esses processos digitais geram influência. É nesse contexto que se torna urgente investigar o impacto desses processos de manipulação na subjetividade contemporânea, tema que abordaremos no capítulo seguinte.

A DIGITALIZAÇÃO DAS MASSAS

Ao refletirmos sobre o funcionamento das massas no ambiente digital, torna-se imperativo avaliar se essa nova configuração requer uma ampliação ou reinterpretação dos conceitos freudianos sobre o tema, amplamente discutidos no Capítulo 2.

Seguindo o objetivo central da pesquisa, que é o funcionamento da subjetividade humana no mundo digital, em relação as massas digitais e ciberliderança, levantamos por agora as questões: a natureza conservadora, a devoção ao líder, a falta de censura dos integrantes, a diminuição da vontade individual, a submissão a uma autoridade afetiva, o superinvestimento libidinal, as relações de formação de idealização, se presentificam ou se ausentam nas redes?

Em nossas considerações a respeito do mundo digital, abordaremos conceitos fundamentais como inteligência artificial (IA) e algoritmo. Examinaremos o funcionamento dos algoritmos e sua relação com a IA, elementos centrais na análise das massas digitais. Acreditamos que os sistemas de recomendação em plataformas como redes sociais não apenas condicionam o consumo de conteúdo, mas também influenciam a formação de bolhas digitais, restringindo as interações e amplificando influências.

Salientamos que não é possível dissociar os ideais neoliberais que orientam o gerenciamento e crescimento tecnológico. Embora possa parecer especulativo fazer afirmações definitivas sobre a quem e a que interesses esses desenvolvimentos servem, acreditamos que esses dois elementos, neoliberalismo e tecnologia, estão intrinsecamente conectados. Essa relação tem revelado, como um de seus principais efeitos, o esvaziamento das subjetividades. Além disso, investigaremos as distinções entre o digital e o virtual, bem como os efeitos da cibercultura na constituição das subjetividades.

A tecnologia é principalmente influenciada por quem a financia e pelo viés ideológico de seus investidores, o que reforça a necessidade urgente de reflexões. Esse fenômeno introduz variáveis que causam mutações psíquicas que impactam diretamente o funcionamento inconsciente do sujeito. Nossa análise neste capítulo terá como objetivo central explorar essa articulação reflexiva, considerando os impactos psíquicos das transformações tecnológicas.

Recorreremos, sempre que julgarmos necessário, às teorias de Freud para nos ajudar a compreender o cenário digital e sua relação com as lideranças

contemporâneas. Consideramos alguns desvios necessários para o aprofundamento da pesquisa, com o fim de nos levar ao líder contemporâneo, ponto importante deste estudo. Por isso, optamos por não nos deter exclusivamente na literatura clássica psicanalítica, privilegiando as pesquisas realizadas, preferencialmente, no século XXI. Nosso trabalho de pesquisa com a psicanálise exige um esforço teórico interdisciplinar, e é importante evidenciar a dificuldade para encontrar psicanalistas dedicados a investigar essas questões que nos desafiamos a analisar.

É essencial considerar que o foco desta pesquisa é compreender o algoritmo como gerador de ilusão, baseando-nos no conceito de ilusão em Freud como algo indispensável para a sustentação e sobrevivência das massas no contexto digital – uma ilusão que, por sua vez, carrega um potencial regressivo. Será examinada a relevância dos algoritmos e outros elementos do mundo digital no que diz respeito às questões psíquicas que envolvem o sujeito e a sociedade.

Vale destacar que apresentaremos reflexões diversas sobre o tema, considerando que a contribuição de diferentes autores enriquece o debate acerca dos efeitos tecnológicos no Eu e no laço social. Algumas dessas reflexões divergem entre si – algo que ficará evidente também no Capítulo 4. Enquanto certos autores projetam um futuro mais alarmante, outros assumem uma perspectiva menos pessimista. Essa diversidade de opiniões é fundamental, dada a incerteza que permeia as questões tecnológicas e seus impactos no futuro. Ao longo da pesquisa, tais posicionamentos serão explicitados, assim como as perspectivas que adotamos no desenvolvimento deste estudo.

A pesquisa busca: (i) analisar como o ciberespaço captura os sujeitos e o que oferece a eles; e (ii) definir algumas ferramentas de influência e imposição utilizadas no contexto contemporâneo. Esse percurso nos parece necessário para compreender o “Eu digital” e, com isso, posteriormente relacionar esse funcionamento a seu comportamento nas massas e à ciberliderança.

3.1

Sobre o funcionamento dos algoritmos e a IA

Pretendemos aqui explicar como os algoritmos funcionam e qual é sua relação com a IA. Compreender esses mecanismos é fundamental para a organização lógica de toda a pesquisa. Sem nos aprofundarmos muito nos aspectos técnicos, faremos uma análise conceitual a fim de esclarecer o papel desses elementos no contexto de nossa investigação.

Para compreender a massa no contexto digital, é essencial discorrermos sobre a algoritmização dos sujeitos na cibercultura. Essa dinâmica afeta o Eu e facilita a manipulação e o agrupamento de indivíduos que resultam nas chamadas massas digitais. Esse cenário favorece o surgimento de novas lideranças, o ponto final de nossa investigação. Para tanto, definiremos os conceitos de algoritmo, IA e outros correlatos que expliquem seu funcionamento e sua inter-relação. Nosso objetivo é entender como os dados são processados para capturar os sujeitos e direcioná-los a um estado de sujeição no mundo digital.

Conforme observa Sichman (2021), não existe uma definição única para inteligência artificial, a IA; ela pode ser compreendida como um conjunto de técnicas que os sistemas computacionais empregam. Assim, os sistemas empregam a IA para otimizar processos de forma mais eficiente do que os seres humanos, contudo sem a intenção de substituí-los completamente. Para entender essa dinâmica, vale analisar a relação entre IA e algoritmos. Sabemos que qualquer processo computacional é, em essência, algorítmico. Portanto, a IA é um sistema de algoritmos que processa grandes volumes de dados – como os presentes na internet – para identificar padrões e, a partir deles, gerar respostas adaptativas.¹⁸

Dessa maneira, os algoritmos operam como produtores de ilusão, uma vez que capturam dados e, com base nas análises de comportamento dos usuários, oferecem conteúdo personalizado que reforça uma visão de mundo voltada à satisfação dos desejos do sujeito.

Para ilustrar o impacto desse processo no psiquismo dos sujeitos, apresentaremos a seguir dois casos recentes e concretos: o primeiro, relacionado ao consumo exacerbado fomentado por algoritmos em plataformas digitais de compras; o segundo, sobre a manipulação ideológica e a polarização política alimentadas pelas redes sociais digitais. Ambos os exemplos refletem como a hiperpersonalização de informações impacta o Eu, esclarecendo como esse fenômeno se dá.

Em outubro de 2024, uma reportagem exibida no *site* Tecmundo trouxe à tona o caso emblemático do suicídio de um adolescente de 14 anos, motivado por uma obsessão por uma personagem de IA (Kleina, 2024). O incidente gerou

¹⁸ Esclarecemos que essa definição de IA é uma base inicial, embora não capture a complexidade e a amplitude do que a IA pode representar.

intensos debates sobre os limites da interação entre os sistemas de IA e os humanos, bem como os possíveis impactos no psiquismo dos sujeitos envolvidos. A matéria relatou a história de um jovem na Flórida, nos Estados Unidos, que se tornou obcecado pelos *chatbots* de IA oferecidos pela plataforma Character.AI.

Fundada em 2022, essa plataforma disponibiliza um catálogo de *chatbots* que simulam personalidades, desde personagens fictícios de *animes* até figuras mundialmente conhecidas. Esses *chatbots* são ajustados conforme as preferências dos usuários, e, à medida que as interações aumentam, mais informações os algoritmos coletam com o intuito de personalizar a experiência. Isso cria a ilusão de que o usuário está interagindo com uma entidade “viva” e não com um sistema de IA.

No caso descrito, o adolescente interagiu com um *chatbot* da personagem Daenerys Targaryen, da série “Game of Thrones”. Com o passar do tempo, ele parece ter desenvolvido sentimentos profundos por essa personagem. Ele iniciou o uso do serviço em abril de 2023 e, em fevereiro de 2024, cometeu suicídio depois de uma mensagem trocada com o *chatbot*. Segundo a reportagem, a mãe do jovem percebia um crescente distanciamento da realidade e um excessivo apego ao aplicativo. Em resposta a problemas na escola, a mãe tomou o celular do jovem. Ele, contudo, conseguiu recuperá-lo e enviou uma última mensagem ao *chatbot*: “E se eu dissesse que posso voltar para casa agora?”, ao que a personagem respondeu: “... por favor, faça isso, meu doce rei.” Momentos depois, o adolescente tirou a própria vida.

O segundo exemplo é encontrado em uma reportagem publicada pelo G1¹⁹ em outubro de 2021, durante a pandemia de Covid-19. O artigo descreve o caso de uma senhora de 71 anos que, depois de receber incessantes notícias falsas sobre a pandemia, recusou o tratamento médico adequado e acabou falecendo. A filha da idosa relatou que a mãe ignorava todas as orientações médicas, mentia para a família e insistia que se tratava de uma simples gripe. A mulher recusou-se a usar máscara e baseava-se em informações recebidas via WhatsApp, Facebook e canais de YouTube que alegavam que a pandemia não passava de um jogo político. Mesmo

19 Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/coronavirus/noticia/2021/10/21/ela-ignorou-o-medico-mentiu-para-a-familia-e-morreu-sem-acreditar-que-estava-com-covid-so-via-fake-news-diz-filha.ghtml> Acesso em: 3 fev. 2024

com o resultado positivo de Covid-19 confirmando o diagnóstico, a idosa continuava afirmando que se tratava apenas de uma gripe, até ser hospitalizada e vir a falecer.

Esses dois casos exemplificam como o ambiente digital afeta profundamente o Eu. Em ambos, os sujeitos se ancoram em ilusões que lhes oferecem um refúgio diante de suas realidades, ao que parecem, insuportáveis. No primeiro, um jovem projeta suas carências emocionais em uma IA; no segundo, uma senhora se vê consumida por falsas informações que reforçam suas crenças preestabelecidas. Ambos refletem o fenômeno da cibercultura que manipula os sujeitos por meio da hiperpersonalização de suas telas, confinando-os em bolhas digitais. Esse efeito é potencializado pelos algoritmos de IA geradores de ilusão.

O funcionamento técnico desse processo será detalhado a seguir, enquanto sua relação com o conceito de ilusão, conforme discutido por Freud, será abordada na seção seguinte. Esses dois aspectos são fundamentais para sustentarmos nossa articulação com a psicanálise freudiana.

Para compreendermos o funcionamento do universo da IA e dos algoritmos, é essencial abordar outros conceitos que se interrelacionam com esse campo, como *big data*. Segundo Ribeiro (2021), isolados, os dados não têm relevância, sendo indispensável seu processamento para se extrair informações significativas. *Big data* é o termo utilizado para descrever um modelo computacional que permite o processamento e a interpretação, de forma muito rápida, de uma quantidade massiva de dados.

Os métodos de processamento de grandes volumes de dados recorrem a algoritmos específicos, que, por sua vez, alimentam outros algoritmos. Contudo, sem um adequado gerenciamento, podem gerar caos nas redes, o que não raro é observado na ampla disseminação de boatos e falsas notícias.

Vale ressaltar que esse caos decorre diretamente do viés presente na extração e no processamento dos dados, e é impossível construir um viés completamente neutro; sempre haverá uma seleção sobre o que é considerado relevante, com base em interesses que podem ser mercadológicos, ideológicos ou, mais comumente, uma combinação de ambos. Em suma, a manipulação ocorre precisamente por meio desses vieses.

Para Kaufman e Santaella (2021, p. 216), *big data* é o “agigantamento e desmesura crescente dos dados gerados, armazenados e disponibilizados pelos

meios digitais”. Segundo as autoras, vivemos na era de *big data*, caracterizada pela geração massiva e diversificada de dados. Esse cenário vem promovendo mudanças significativas no processamento computacional, que exige inovações constantes nos métodos de tratamento e análise dos dados, levando à transição para modelos mais avançados de IA.

Atualmente, as técnicas de IA que conseguem lidar de forma eficiente com *big data* são as redes neurais de aprendizagem profunda (Deep Learning Neural Networks – DLNN), cujo funcionamento será detalhado mais adiante. Essas redes operam de maneira complexa e assertiva no tratamento de dados, possibilitando, inclusive, previsões de cenários futuros. No entanto, é importante destacar que essas previsões são probabilísticas e estão sempre ancoradas na qualidade no viés dos dados fornecidos, o que pode limitar sua eficácia ou introduzir erros sistêmicos.

Considerando-se a relevância atribuída aos dados no mundo contemporâneo, seria correto afirmar que a sociedade vive um processo de datificação ou revolução dos dados, ou seja, ainda segundo Kaufman e Santaella (2021), tudo se ancora nos dados, que são quantificados, comparados e transformados para gerar informações. Portanto, no século XXI, o dado é a moeda de maior valor, pois, a partir dele possibilita-se a personalização de experiências por meio dos algoritmos de IA. Esses algoritmos são desenvolvidos para criar estratégias de interação que não apenas personalizam, mas também geram dependência dos usuários ao mundo digital, especialmente em aplicativos.

Apesar do impacto já evidente, ainda não há como mensurar o alcance e as mudanças que esses processos provocarão. O que se observa é a influência profunda que a algoritmização exerce sobre o Eu e as relações interpessoais, redirecionando as formas de interação no cenário digital.

Essa observação nos leva a refletir sobre as métricas utilizadas para realizar essas comparações e personalizações. Argumentamos que essas métricas são, na maior parte, forjadas por interesses mercadológicos e ideológicos, direcionando os algoritmos para objetivos específicos que muitas vezes transcendem a neutralidade técnica.

Assim como Sichman (2021), Russell e Norvig (2013) já haviam afirmado que, por ser a IA um campo de relevância para qualquer atividade intelectual, é um desafio elaborar uma conceituação mais abrangente. Sua definição varia conforme os objetivos específicos de sua aplicação, que podem incluir desde a modelagem do

comportamento humano até a criação de soluções voltadas para a melhoria de padrões na sociedade. Mas, segundo Ribeiro (2021), não é possível obter um consenso sobre o conceito de IA, especialmente pelo uso do termo “inteligência”, que está tradicionalmente associado a processos biológicos.

Kaufman (2022) destaca que, na atualidade, a IA não tem capacidade de pensar, mas de realizar previsões baseadas em uma complexa programação fundamentada na probabilidade. Embora alguns sistemas operem sem a necessidade de interferência humana, seria equivocado atribuir à IA a essência do pensamento.

Esses sistemas apenas subsidiam a tomada de decisão dos sujeitos. Não se trata, de fato, de algo “inteligente” nem “artificial”, pois sua existência depende de estruturas físicas que, por sua vez, estão indiretamente vinculadas ao lítio. Em outras palavras, embora a IA propriamente dita não “dependa de lítio” de maneira direta, o desenvolvimento e funcionamento de suas estruturas físicas e dispositivos de suporte estão fortemente atrelados à disponibilidade desse recurso.

A inteligência artificial que atualmente permeia aplicativos, plataformas on-line, sistemas de rastreamento e de reconhecimento facial, diagnósticos médicos, modelos de negócio, redes sociais, plataformas. Portanto, embora a IA em si não “dependa de lítio” diretamente, suas estruturas físicas e dispositivos de suporte são fortemente influenciados pela disponibilidade desse recurso. de busca, otimização de processos, chatbots e mais uma infinidade de tarefas automatizáveis é apenas um modelo estatístico de probabilidade baseado em dados, “anos-luz” distante da complexidade do cérebro humano. (Kaufman, 2022, p. 23-24)

Prosseguindo em nosso processo de entendimento conceitual desse universo, podemos considerar o algoritmo uma espécie de “cérebro” da IA, que a abastece com dados e permite a interação no ambiente digital, a partir de técnicas programadas de IA. Uma IA é formada por um conjunto vasto de algoritmos. Já o computador, ou uma rede deles, funciona como um processador/sequenciador desses procedimentos algorítmicos. Nesse sentido, podemos entender o *hardware* como o “corpo” que dá suporte ao funcionamento, enquanto o software corresponde aos algoritmos e à própria IA.

Mas como definir um algoritmo? Segundo Russell e Norvig (2013), os algoritmos fazem parte de projetos computacionais voltados para buscas em espaços específicos, com diferentes formas de operação, que podem ser sistemáticas ou não. Ribeiro (2021) complementa definindo algoritmos como um raciocínio sequencial e sistemático, com instruções bem definidas para alcançar um objetivo – basicamente, um processo que segue a sequência: *input* – processamento

– *output*. Isso pode representar uma linearidade que, em se tratando dos algoritmos de IA, se transforma. Tais algoritmos têm uma complexidade que permite a tomada de decisões de forma autônoma.

Importante destacar que os algoritmos não são neutros; eles são criados para atender demandas específicas, seja no campo político ou comercial, por exemplo, o que os torna ferramentas fundamentais para a personalização no ambiente digital. Para causar impacto na sociedade, a IA se desenvolve dentro do universo das probabilidades, apontando riscos e oportunidades em colaboração com os seres humanos. Essa dinâmica evidencia o papel dos algoritmos de IA, cujos efeitos são percebidos diariamente na interação dos sujeitos com as redes sociais.

No mundo atual, como vimos, tudo se transforma em dados. Por isso, saber como manejá-los é imprescindível para a continuidade de qualquer tipo de negócio. Chegamos a um ponto em que os algoritmos precisam estar atrelados a modelos de IA para alcançar o melhor desempenho possível em processos decisórios. Torna-se, portanto, urgente o emprego de tecnologias voltadas ao desenvolvimento de outros sistemas de processamento que utilizem técnicas de IA, com o objetivo central de resolver questões de alta complexidade. Porém, isso só se torna viável se os sistemas baseados em IA superarem a lógica algorítmica exclusivamente programável, expandindo-se para o autoaprendizado.

Dessa forma, adentramos um ramo da IA chamado *machine learning* (ML), ou aprendizado de máquina. Trata-se de uma técnica composta por um conjunto específico de algoritmos, capaz de aprender com dados e identificar padrões. Como ramo da IA, ela permite que os sistemas que a utilizam não sigam apenas programações fixas, mas também desenvolvam aprendizado a partir de bases de dados. Esse aprendizado ocorre por meio do reconhecimento de padrões, possibilitando tomadas de decisão com menor intervenção humana. Quanto maior e mais refinado o banco de dados, melhor será o desempenho da ML. No entanto, ela não está imune a distorções, já que depende exclusivamente da qualidade do banco de dados disponível. Dados tendenciosos, por exemplo, podem gerar decisões equivocadas.

Os algoritmos de ML aprendem de três maneiras, conforme descrito por Ribeiro (2021): aprendizado supervisionado, não supervisionado e por reforço. No método supervisionado, os dados passam por uma classificação prévia, e o objetivo é criar um modelo treinado para uma aplicação específica, geralmente voltada à

comercialização. No método não supervisionado, os dados não são classificados, e o algoritmo identifica padrões e agrupa dados semelhantes de forma autônoma. Por fim, no aprendizado por reforço, o algoritmo utiliza um processo de retroalimentação, coletando *feedback* sobre os dados processados e aplicando essas informações para aprimorar continuamente o modelo.

Apesar dos avanços dessa tecnologia, a ML opera de forma linear, o que limita sua eficácia em contextos com muitas variáveis. É nesse ponto que entra em ação a tecnologia de *deep learning* (DL), uma forma de aprendizado profundo de IA que supera algumas das limitações do ML básico. A DL é estruturada para simular redes neurais de maneira semelhante ao funcionamento do cérebro humano, permitindo que algoritmos analisem grandes volumes de dados de maneira altamente complexa e eficaz.

A subárea de aprendizado profundo (DL) aprimora os mecanismos da ML por meio de redes neurais artificiais organizadas em diversas camadas, capazes de processar grandes volumes de dados em níveis múltiplos, refinando continuamente o aprendizado.

Segundo Kaufman (2022), o objetivo central é desenvolver sistemas que aprendam com mínima interferência humana, substituindo a lógica formal de regras e padrões por uma configuração que permite o aprendizado autônomo a partir de dados processados. O termo “profundo” refere-se às múltiplas camadas neurais que simulam o funcionamento do cérebro humano, utilizando funções matemáticas complexas para otimizar a análise e previsibilidade dos algoritmos.

A DL é um sistema baseado em redes neurais artificiais (*deep learning neural network* – DNLL), cuja estrutura complexa se inspira no cérebro humano. Seus algoritmos analisam dados de maneira sofisticada, muitas vezes ultrapassando a capacidade perceptiva humana. Essa técnica é amplamente utilizada para prever cenários e indicar probabilidades, como estimar o surgimento de doenças como o câncer ou o tempo de vida útil de equipamentos em uma fábrica. Contudo, a complexidade desses sistemas torna difícil para os programadores compreenderem integralmente seu funcionamento, conferindo aos algoritmos o *status* de “caixa-preta”. Apesar disso, sua principal aplicação permanece voltada para atender às demandas de consumidores de forma altamente personalizada e eficiente

Estamos na era da personalização, viabilizada pela extração das informações contidas nos dados que geramos em nossas movimentações on-line [...] provém do

modelo chamado de Deep learning (aprendizado profundo), técnica de machine learning (aprendizado de máquina), subárea da inteligência artificial, que consiste em técnicas estatísticas que permitem que as máquinas “aprendam” com os dados e não sejam programadas. (Kaufman, 2022, p. 23-24)

Os algoritmos, ao se alimentarem de dados e utilizarem as técnicas de ML e DL, evoluem para resolver problemas de forma autônoma. Em razão da complexidade da DL, que, como vimos, simula as redes neurais do cérebro humano, os algoritmos operam de forma extremamente rápida e intrincada, tornando seu funcionamento pouco transparente e difícil de ser compreendido. Essa opacidade tem levado muitos especialistas a alertarem sobre os riscos associados ao uso de tais algoritmos.

Surgem, então, questões fundamentais sobre a personalização de conteúdos: de que forma os dados podem ser utilizados para viabilizar essa personalização? Todo esse processo está inserido no âmbito da IA envolvendo o desenvolvimento de algoritmos que descarregam informações em aplicações como os *feeds* das redes sociais. Kaufman (2020), em uma de suas pesquisas, detalha como os algoritmos de IA operam em redes sociais, utilizando o Facebook como exemplo. Pela riqueza de detalhes, optamos por citar o estudo na íntegra:

- a) o algoritmo de classificação do Feed de Notícias, registrado como patente, é o Filtering Content in a Social Networking Service, que é um algoritmo de modelagem preditiva com base no processo deep learning. A classificação é ligeiramente cronológica, mas não rigorosamente;
- b) os algoritmos estabelecem um ranking pela “pontuação de afinidades”, significando semelhanças indicativas de um relacionamento entre o usuário e o objeto de classificação (*post*, outro usuário, dentre outros). Em termos estatísticos, trata-se da probabilidade do objeto ser relevante para o usuário, denominado de *Relevance Score*;
- c) os algoritmos selecionam um subconjunto de objetos de conteúdo em função das pontuações de afinidades auferidas entre o usuário e os objetos de conteúdo. Em seguida, esse subconjunto é filtrado automaticamente com base nos atributos do perfil do usuário (localização, idade, interesses, preferências, emprego, estado civil). Quanto maior o conjunto de informações do usuário captadas/arquivadas pela plataforma, maior a assertividade da filtragem de conteúdo;
- d) a variável “*timing*” é soberana, os objetos mais recentes são privilegiados no processo de filtragem (em geral, o *Feed* de Notícias não publica conteúdo antigo); se um determinado conteúdo não está gerando interações (*likes*, comentários, compartilhamentos), ele vai perdendo a relevância até desaparecer;
- e) os algoritmos priorizam interações ativas, definindo “ações de qualidade” as que requerem mais esforço do usuário (potencial gerador de mais interações, mais dados). Fatores mais valorizados na classificação: comentário, tipo de reação (ícone “amor” vale mais do que o ícone “curtir”), resposta de comentário (diálogo entre os usuários, conversa), compartilhar links pelo Messenger (para um grupo é mais valorizado do que para um único amigo), e engajamento em ações. (Kaufman, 2020, p. 7)

Essas tecnologias, ao dispensarem a necessidade de inteligência humana direta em seu funcionamento, estabelecem uma relação digital com propósitos e métodos ainda obscuros e pouco compreendidos e que promovem uma dependência crescente.

A transição do campo computacional lógico para o personalizado é guiada pelos métodos de IA, inspirados nas redes neurais biológicas. Nessas redes, os “neurônios artificiais” interagem em camadas sobrepostas, geralmente entre dez e trinta, sendo que as últimas camadas têm como função interpretar os dados de forma mais complexa.

Quanto mais precisas forem essas camadas e mais qualificados forem os dados, mais eficiente será o desempenho da IA. Diferentemente da ML, que busca identificar causalidades entre fenômenos, a DL foca na identificação de correlações para gerar *insights*. Esse processo visa à personalização das interações com os usuários.

Segundo Kaufman (2018), o objetivo final da DL é maximizar a inteligência das máquinas, com capacidade de previsão, personalização e um atendimento rápido às necessidades do usuário, além de se antecipar a esses pedidos. Como resultado, cria-se uma relação de dependência e retroalimentação com dados cada vez mais refinados e precisos. As interações acabam por possibilitar a manipulação dos usuários em seus comportamentos e escolhas.

É importante notar que as máquinas inteligentes não reproduzem o funcionamento do cérebro, cuja complexidade ainda é relativamente pouco entendida, inviabilizando qualquer tentativa nessa direção. É mais correto dizer que a construção dessas máquinas é inspirada no cérebro humano. O cérebro é composto de neurônios, que por sua vez são formados por detritos que se conectam por meio de sinapses: cada vez que os detritos dos neurônios se encontram provocam uma sinapse (conexão). Essa configuração é denominada “redes neurais” em que, por analogia, o equivalente aos neurônios no computador são as unidades, ou seja, cada unidade do computador equivale a um neurônio no cérebro humano. Se temos 100 “sinapses” num computador, significa que temos 100 informações chegando e se conectando. As novas unidades, localizadas numa nova camada, recebem as informações, processam e “cospem” o *output* para as unidades de uma nova camada. (Kaufman, 2018, p. 20)

Todo o processo inicia-se com a relevância dos dados e o modo como são tratados. Segundo Santaella e Kaufman (2021, p. 7), “atualmente, a maior parte da curadoria é efetivada pelos algoritmos de IA [...] *Deep Learning*. Um dos efeitos

colaterais [...] formação de bolhas ou câmaras de eco”. Esses efeitos, próprios da cibercultura, são o foco central desta pesquisa.

Com algoritmos de IA cada vez mais sofisticados, especialmente com o uso de DL, observa-se uma hiperpersonalização digital que influencia diretamente o funcionamento do Eu dos sujeitos. Embora recente, esse avanço tecnológico levanta preocupações em virtude de seu potencial de interferência na vida humana e da possibilidade de novas e imprevisíveis consequências. Este estudo busca compreender como esses processos impactam o Eu, contribuem para a formação de massas digitais e favorecem o surgimento do ciberlíder.

O imenso volume de dados gerados continuamente requer o desenvolvimento de técnicas cada vez mais sofisticadas para sua personalização, com curadoria aprimorada pelo avanço das DLNN. Embora representem um notável progresso tecnológico, essas técnicas também evidenciam uma fragilidade crucial: a dependência de dados confiáveis e de alta qualidade, cuja obtenção é complexa e onerosa. O uso de grandes volumes de dados sem credibilidade pode impulsionar a disseminação de informações tendenciosas, levantando dilemas éticos e ampliando as possibilidades de manipulação por meio da desinformação.

Dada a conexão entre os conceitos utilizados nesta investigação e suas funções, priorizaremos o termo “algoritmo de IA”, considerando nosso foco em compreender esses processos tecnológicos em diálogo com a teoria psicanalítica freudiana, especialmente no que se refere ao algoritmo como produtor de ilusões.

À guisa de conclusão deste item, percebemos que os algoritmos, operando por meio de redes neurais profundas (as DLNN), têm como objetivo promover a hiperpersonalização, aprisionando o sujeito em “bolhas digitais” ou “toca do coelho” – conceitos que serão detalhados adiante.

Por meio desses processos, ocorre a algoritmização das massas, o que permite ao ciberlíder, com as ferramentas tecnológicas do mundo digital, amplas possibilidades de manipulação. Esse cenário introduz novas formas de liderança e impacta diretamente os modos de relacionamento intersubjetivo. Em suma, compreender essas dinâmicas é o desafio central que nossa pesquisa pretende abordar.

3.2

O algoritmo, a IA e a ilusão

A fim de enriquecer nossa exposição dos conceitos tecnológicos com a integração da perspectiva psicanalítica, podemos pensar que os mecanismos de *deep learning* e *machine learning*, por exemplo, operam como produtores de uma ilusão de autonomia por parte da máquina, algo que dialoga com o conceito freudiano de ilusão como uma construção psíquica necessária, mas que não corresponde inteiramente à realidade.

A DLNN, por sua vez, pode ser interpretada como uma analogia tecnológica ao inconsciente freudiano: processa informações de forma opaca e inacessível à consciência, mas exerce influência direta e significativa sobre o funcionamento psíquico, mediada pelas interações digitais. Na seção anterior, aprofundamo-nos no funcionamento da IA e suas técnicas para investigar como os algoritmos constroem “narrativas” ou previsões que influenciam o comportamento humano, mesmo sendo resultados de processamento estatístico.

Quando Freud (1921) aborda as massas, uma de suas afirmações mais impactantes é que elas necessitam de ilusões para se sustentarem. No século XXI, essas ilusões ganham novas formas e significados, especialmente no ambiente digital. Neste item, propomos analisar como os algoritmos de IA e a vigilância digital contribuem para a formação de massas, articulando esses fenômenos com uma perspectiva freudiana. Também exploraremos a problemática do sujeito no mundo digital, marcada pelo narcisismo, pela alienação e pela dinâmica de controle promovida pelas plataformas tecnológicas.

Essa necessidade de ilusões é fundamental para o funcionamento das massas, mas, no contexto contemporâneo, nos desafia a compreender os mecanismos que as geram no universo digital. Afinal, como afirma Rocha (2012, p. 270): “Os que vivem sonhando a vida acreditam ser verdadeiro o que é ilusório. Suas ilusões se desfazem sempre em desilusões”. Com base nisso, cabe inicialmente explorar o conceito freudiano de ilusão, para então analisarmos suas implicações no contexto digital.

Ao refletirmos sobre o conceito de ilusão, é importante não associá-lo simplesmente ao que é falso. A ilusão, antes de tudo, deve ser compreendida como um processo de causação psíquica, uma realidade que não está sujeita à contestação

– trata-se da chamada realidade psíquica. Em outras palavras, a ilusão é da ordem do singular do psiquismo. Os processos de formação ilusória podem ser entendidos como fundamentais para a causação do desejo, algo que se manifesta e começa a ser articulado desde o brincar da criança.

O desejo e suas tentativas de satisfação são abordados por Freud em diferentes momentos de sua obra, desde 1914, com o conceito de narcisismo, até 1920, com a introdução da segunda tópica e o conceito de pulsão de morte. Sob qualquer dessas perspectivas, Freud posiciona a satisfação do desejo como uma forma de fuga do desamparo.

Como destaca Garcia (2007), Freud em *Introdução ao narcisismo* já aponta a ilusão como um desejo que busca o retorno a um estado anterior. Desejar, nesse sentido, é uma estratégia psíquica de proteção diante do inevitável do desamparo ou da dependência total do Outro. A ilusão, assim, ocupa uma área intermediária entre dois polos: o narcísico e o pulsional, especialmente aquele vinculado à pulsão de morte.

Essa dinâmica de proteção proporcionada pelo desejo também fomenta a crença no líder, um tema amplamente discutido por Freud (1921) em *Psicologia das massas e análise do Eu*. Podemos pensar o líder como um catalisador dessa tentativa de resistência ao princípio de realidade em prol da preservação do princípio do prazer.

Na massa, a onipotência compartilhada representa um retorno a uma posição narcísica primária, sustentada pela ilusão de que “todos fossem amados de maneira igual por um só, o líder” (FREUD, 1921, p. 198). Esse movimento regressivo manifesta uma resistência ao princípio de realidade e reafirma a onipotência coletiva, característica central das massas.

Em *O futuro de uma ilusão* (1927), Freud define a ilusão como uma defesa contra a transitoriedade da vida, um desejo que não necessita de acordos com a realidade. Religião e política, nesse contexto, aparecem como grandes geradoras de ilusão, ao prometerem a certeza da completude e a verdade absoluta.

Essas promessas sustentam uma onipotência narcísica e uma compensação ilusória das limitações impostas pelo princípio da realidade. Em outras palavras, representam uma forma de negação da castração. Penna (2014) entende essa negação como uma defesa contra o fantasma da cena primária, que leva os sujeitos agrupados a acreditarem que são iguais entre si, poderosos o suficiente para

restaurar o narcisismo primário perdido, e capazes de se identificar projetivamente com um “seio bom”.

A criação de nossas ilusões é fundamentada no que é oferecido pelo Outro da cultura. No contexto digital, os substratos para essa construção são cuidadosamente configurados por algoritmos de IA e conteúdos personalizados, que antecipam e oferecem ilusões “sob medida” para cada sujeito. As plataformas e tecnologias digitais cumprem o papel de fornecer esses elementos de forma pré-configurada, criando um ambiente que reforça as narrativas individuais.

É necessário, portanto, aprofundar a compreensão sobre o que constitui o digital, os fatores que o permeiam e como eles influenciam na criação dessas novas ilusões, cujo objetivo, em última análise, é atribuir significação à vida e, como já mencionado, sustentar a negação da castração.

Sobre a relação do Eu com o mundo digital, Nobre e Moreira (2013) afirmam que ela opera no psiquismo em uma hiância entre o Id e a realidade, sustentando o individualismo narcísico alienante de cada sujeito, o que reforça a crença na realidade psíquica como a única realidade possível.

A internet, por sua vez, deixou de ser percebida como algo imaterial e passou a ser valorada como concreta: no digital, realidade e fantasia abrem caminhos para a existência em múltiplas dimensões. A posição onipresente da fantasia, proporcionada pelo ambiente digital, oferece ao sujeito identidades múltiplas, marcando um espaço quase impossível de ser abandonado, pois é garantidor de prazer.

Esse cenário contemporâneo nos convida a refletir sobre como as trocas sociais continuarão a se desenvolver e quais serão as consequências dessas transformações na formação psíquica dos sujeitos.

Para compreender os fatores envolvidos, é essencial diferenciar os conceitos de digital e virtual. Segundo Miskolci e Balieiro (2018), o digital refere-se ao que prescinde do físico para se basear no numérico, nos dígitos, sendo inerentemente compartilhado e conectado. Segundo Lévy (1996), o termo digital abrange qualquer tipo de informação convertida para o formato binário, 0 e 1 – símbolos que permitem o processamento, armazenamento e transmissão de dados eletronicamente. Essa conversão possibilita o acesso e a manipulação de formatos diversos, como textos, imagens, músicas e vídeos. Portanto, é a base tecnológica

que sustenta e organiza a infraestrutura de sistemas de informação e comunicação, como a internet.

Por sua vez, o virtual diz respeito ao que existe exclusivamente em um ambiente eletrônico. Ele emerge como uma criação ou simulação sustentada pelas tecnologias digitais, mas que, por sua natureza, permanece como uma representação sem substância física. Exemplos de virtualidade incluem jogos de realidade virtual, em que os jogadores interagem em um ambiente completamente simulado.

Portanto, enquanto o digital fornece a estrutura tecnológica para o processamento e a comunicação, o virtual manifesta-se como a experiência imersiva ou simulação criada a partir dessa base. Considerando essa distinção, optamos por utilizar o termo “digital” ao longo desta pesquisa, dada sua centralidade na análise dos fenômenos contemporâneos relacionados ao tema.

Ao contrário do que se pode intuir, o virtual não é contrário do real nem pode ser confundido com o digital. O digital é o armazenamento e o processamento de dados em computadores em forma de códigos que representam letras, números, imagens, sons etc., enquanto o virtual é um atributo potencial da realidade que pode ser apreendido pelo trabalho do pensamento. (Faustino; Lippold, 2023, p. 35)

Retornando ao conceito de digital, O’Neil (2020), o define como um instrumento a serviço dos ideais neoliberais, operando de maneira opaca com o objetivo de nos modelar e nos padronizar. Isso ocorre a partir que qualquer interação no ambiente digital, seja por meio de compras, seja por meio de pesquisa.

Os dados gerados por essas atividades são tabulados e utilizados por empresas sem transparência, tornando-se mais valiosos até que as próprias marcas que os detêm, como é o caso de gigantes como Google, Amazon e Facebook. Embora concebida originalmente como um local de troca, compartilhamento e cooperação, suas maiores atividades são, faz tempo, compra, venda e manipulação.

Segundo Laurent (2017), a internet promove uma transformação radical nas relações sociais, trazendo a ilusão de acesso imediato a tudo e abrindo espaço para a loucura narcisista de cada sujeito, que passa a reinterpretar o mundo à sua maneira. Esse cenário nos leva a examinar como a internet afeta os laços sociais. É importante ressaltar que não é a internet em si que provoca essas mudanças, mas o uso que se faz dela como espaço de dominação.

Para esse autor, embora a internet possa impactar profundamente as relações, ela não as extingue. Entendemos esse impacto como responsável pela composição

de novos modos de relação, visto que não é possível pensar a cultura digital de forma isolada: ela opera em mútua implicação com outros aspectos da sociedade.

Com base no exposto, compreendemos por que a internet é frequentemente vista de forma catastrófica por diversos pensadores, como Assange *et al.* (2013), que a definem como uma ameaça à civilização humana, especialmente em razão do crescimento exponencial da indústria global de vigilância. Segundo os autores, os métodos empregados por essa indústria tornam-se cada vez mais sofisticados e silenciosos, com o potencial de instaurar uma distopia global no futuro. Esse fenômeno, aliás, pode já estar em curso, uma vez que esses mecanismos de vigilância não raro passam despercebidos ou são subestimados. É crucial ressaltar que o problema não se restringe à vigilância em si, mas também à comercialização das informações coletadas, o que alimenta e fortalece essa indústria, tornando-a ainda mais poderosa e influente.

Faustino e Lippold (2023) levantam uma reflexão valiosa sobre o cenário ameaçador das possíveis consequências do digital ao questionar: os algoritmos de IA controlam o homem ou é o homem quem os controla? Os algoritmos não se programam nem se alimentam sozinhos, ou seja, tudo depende de quem detém o controle. Nesse sentido, aponta-se o papel das grandes corporações, cujo objetivo é a extração de mais-valor, evidência máxima das diferenças sociais, ou seja, da continuidade da luta entre capital e trabalho.

Em sua pesquisa sobre os algoritmos e seu potencial destrutivo, O'Neil (2020) salienta que a falta de educação tecnológica torna os sujeitos ainda mais suscetíveis, pois os impede de questionar ou criticar adequadamente as implicações do trabalho de algoritmização. Sem esse letramento, as decisões automáticas são percebidas como inquestionáveis, dificultando a busca por alternativas ou a identificação de possíveis injustiças geradas por esses sistemas.

A partir da afirmação dessa cientista, é importante frisar que esse potencial destrutivo tem amplo alcance e pode tornar os sujeitos verdadeiros predadores da cultura. Eles passam a seguir cega e violentamente os conteúdos que vivenciam na rede, consumindo de forma irrefletida aquilo que é oferecido como alívio para suas frustrações, até um mergulho ideológico nos acontecimentos do momento, gerando consequências perigosas para si e para os outros à sua volta.

Nessa perspectiva, compreendemos que as pessoas deixam de ser vistas como indivíduos e passam a ser tratadas como dados, os quais alimentam os algoritmos

de IA e ditam o ritmo da vida no mundo digital. Observa-se um processo contínuo de retroalimentação, cujo propósito é a manipulação. A ausência de privacidade e liberdade no ambiente digital evidencia uma nova forma de controle, em que as corporações exercem uma crescente influência sobre a subjetividade e a vida cotidiana. Nesse contexto, é impossível pensar o laço social contemporâneo desvinculado do digital.

A interação social, a construção de identidades e as relações de poder passam, inevitavelmente, pelo filtro dos algoritmos de IA, e com isso se potencializam mais e mais para influenciar e manipular comportamentos e decisões. Assim, o meio digital torna-se o principal espaço de articulação do laço social, com implicações profundas para a subjetividade humana.

Conforme apontado por Farahany (2023), há uma crescente disposição dos sujeitos para abrir mão de sua privacidade a fim de permanecerem conectadas ao mundo digital. Esse fenômeno os torna cada vez mais à mercê das corporações e reféns das tecnologias emergentes.

Agora você entende como as empresas estão usando nossos dados para prever nossas preferências e desejos como consumidores. Mas você pode não perceber que eles também estão usando a tecnologia para analisar nossos comportamentos como funcionários, rastreando nossos movimentos e teclas digitadas, e agora até mesmo nossos cérebros. (Farahany, 2023, p. 37)

A rede se alimenta dessa constante troca de palavras e com isso constrói a maneira como pensamos. É mediante esse complexo processo da análise de nossa linguagem que o algoritmo de IA aumenta a capacidade de manipulação. Desde 2015, suas habilidades linguísticas vêm crescendo de forma alarmante ao ponto de dotarem os programas de um “saber” capaz de influenciar comportamentos. Tudo se transforma em um complexo padrão que permite prever, com alta precisão, os próximos passos de indivíduos de determinada região ou credo ou outras características.

O mundo divulga todos os seus atos na rede, e é por meio desses atos divulgados, transformados em informações valiosas e interceptadas em massa, que as grandes corporações ou os interessados nas informações desde que possam pagar consolidam um crescente controle sobre os sujeitos. O uso dessas informações possibilita moldar a realidade e influenciar decisões em escala global, tornando os dados, como vimos anteriormente, a moeda mais valiosa do mundo – o ouro do

século XXI. Assim, o ciberespaço se torna um espaço totalmente vigiado, em que a vida privada se converte em uma espécie de prisão da vida civil.

Esses mecanismos de vigilância da vida revelam uma busca incessante por controle, que se pode ser entendida como uma busca pelo poder. O alcance dessa vigilância, anteriormente seletivo, tornou-se global, englobando agora até mesmo as telecomunicações. A tecnologia, nesse contexto, passa a servir como um instrumento para viabilizar essa vigilância, traçando e influenciando simultaneamente os rumos das relações. Esse cenário traz à tona importantes questões políticas e éticas, como ressaltam Assange *et al.* (2013, p. 53):

A interceptação estratégica implica interceptar todo mundo, independentemente de serem inocentes ou culpados. Precisamos lembrar que essa é a essência do *establishment* que executa esse tipo de vigilância. Sempre haverá uma falta de desejo político de expor a espionagem por parte do Estado. E a tecnologia é inerentemente tão complexa, e a sua utilização, na prática, tão secreta, que não pode haver uma supervisão democrática expressiva.

Nota-se que Google, Facebook e outras plataformas conhecem com mais detalhes as rotinas dos usuários do que muitas vezes eles próprios. Tudo que essas pessoas fazem fica registrado nas plataformas. Estando o modelo de negócios dessas empresas baseado na monetização desses dados, vemos que esse processo extingue a privacidade, ao mesmo tempo que aproxima os usuários daquilo que elas “precisam” ou são direcionadas a saber, comprar e com quem se relacionar.

Nessa perspectiva, conclui-se que o verdadeiro cliente das plataformas digitais são os anunciantes e o governo, não os usuários. O conceito de liberdade²⁰ parece cada vez mais esvaziado e o *modus operandi* da vida, cada vez mais delimitado. Percebe-se que esse cenário. Tomando em consideração a forma como o laço social se estabelece no século XXI, torna-se improvável um retrocesso ou uma redução do digital. A menos que o próprio usuário do ciberespaço se conscientize dos malefícios e prejuízos do uso excessivo e comecem a filtrar o que

20 Sabemos que o conceito de liberdade, no contexto da psicanálise, é amplamente problematizado. Ao abordar o termo “liberdade” nesta pesquisa, não estamos buscando uma ampliação conceitual, mas evidenciar a impossibilidade do desenvolvimento de um pensamento crítico mínimo em relação à vida social. Nesse sentido, o foco recai sobre a manipulação que o digital exerce na vida cotidiana. A crescente dependência dos algoritmos, a vigilância e a influência do consumo acabam por comprometer a autonomia do sujeito, evidenciando que, no cenário contemporâneo, a liberdade se torna uma noção cada vez mais relativa e condicionada. O digital não apenas molda o comportamento, mas também reduz a capacidade de reflexão crítica subjugando o indivíduo a padrões predeterminados, dificultando a construção de uma subjetividade autônoma.

consumir e como utilizar essas ferramentas. Filtrar não eliminaria a vigilância, mas poderia reduzir seu poder e sua influência global. Cabe questionar: as massas querem dispensar as ilusões e abraçar a liberdade? Para Freud, não!

Se adotarmos a perspectiva um tanto alarmante de Harari (2016), a resposta seria também um sonoro não! Para ele, os humanos, ao tentar escapar das adversidades, buscam se igualar aos deuses, e essa busca poderá resultar no desaparecimento do *homo sapiens* assim que a reengenharia de mentes for uma realidade. Além disso, o avanço do desenvolvimento da engenharia genética e da IA trará dilemas éticos, questionando a utilidade do ser humano e até sua obsolescência, assim como o liberalismo e a democracia.

Para esse autor, o desaparecimento do *homo sapiens* não será ficcional ou apocalíptico, mas por meio da fusão gradual dos corpos com a tecnologia, na incessante busca por se tornarem deuses, até que não se dê mais conta de onde começa um (o humano) e termina o outro (a máquina). Será um processo longo e contínuo, que já está em curso na relação praticamente simbiótica entre o aparelho de telefone celular e o ser humano. E tal relação resulta na perda de controle sobre a própria vida.

Kaufman (2021) alerta que os aplicativos que se utilizam das técnicas de IA oferecem uma simbiose entre o humano e a máquina, cujo problema nessa relação só se evidenciaria se a possível superinteligência da IA se concretizasse, pondo em xeque o sistema cognitivo humano. No entanto, essa possibilidade ainda levanta controvérsias, pois o domínio do humano requer o entendimento de todas as suas complexidades. Isso continua sendo uma tarefa inatingível ao longo da história.

De Castro (2020) nos mostra que o ser humano sempre desejou criar uma forma inteligente, e a IA é uma demonstração concreta desse anseio. Considerando a relação de retroalimentação dos algoritmos de IA, acreditamos já se tornarem evidentes os possíveis descompassos que isso poderá causar no funcionamento do Eu e nos processos intersubjetivos.

A respeito desses descompassos nas relações intersubjetivas, O'Neil (2020) afirma que o crescimento não supervisionado das técnicas de IA pode ter o poder de influenciar vidas e até de destruir nações no futuro. Se a vida está na rede, e é a partir dela que estruturamos nossas relações, escolhas e decisões, o mapeamento sobre nós se tornará cada vez mais complexo e completo, conferindo à rede um poder inestimável, cuja base é a suposição de padrões de funcionamento subjetivo

das pessoas. No ambiente digital, nada passa despercebido. Todas as informações lançadas na rede são analisadas e estudadas, gerando um potencial incalculável. Até nossos *posts* são direcionados conforme a escolha do programa em questão.

Por exemplo, nosso *feed* de rede social é exposto em outros *feeds*, tomando como base o que publicamos. O Facebook utiliza análises linguísticas para distribuir nossos *posts* conforme a análise comportamental de nossos seguidores. Ele toma como base a alteração do humor – gerada pelas informações recebidas – maximizando o engajamento e gerando novos *posts*. Vimos que os estados emocionais também são manipulados, e embora não se conheça plenamente a capacidade de alcance de um algoritmo de IA, sabe-se que ele é propriedade privada de quem o opera. O que ele vem gerando e seus possíveis efeitos no futuro são evidentes.

Seria impossível discorrer sobre todo esse processo manipulatório digital sem mencionar uma das maiores plataformas de pesquisa do mundo, o Google. Para Assange (2015), o Google se transformou em um monstro, uma megacorporação com poderes extremos; mais que uma empresa, é uma superpotência global que se abastece de informações sobre a vida das pessoas. Sendo assim, seu poder de influência comportamental é visto pela indústria da vigilância em geral como uma superestrutura de poder que precisa estar alinhada a interesses maiores do que meramente prestar serviços a seus usuários.

Assange (2015, p. 46) afirma que “se o futuro da Internet for o Google, isso deveria preocupar seriamente as pessoas do mundo todo”. Essa afirmação parece se coadunar com o pensamento do historiador Harari, cujas previsões sobre o Google em seu livro *Homo Deus*, compartilhamos na íntegra aqui:

O Google nos aconselhará a que filme ir assistir, aonde ir nas férias, o que estudar na faculdade, que oferta de emprego aceitar, e até mesmo com quem sair e com quem casar. “Ouça, Google”, vou dizer, “João e Paulo estão me paquerando. Gosto dos dois, mas de modos diferentes, e é muito difícil tomar uma decisão. Considerando tudo o que você sabe, o que me aconselha fazer?” O Google responderá: “Bem, conheço você desde o dia em que nasceu. Li todos os seus e-mails, gravei todas as suas conversas telefônicas e conheço seus filmes favoritos, seu DNA e todo o histórico de seu coração. Tenho dados precisos de todos os encontros que você teve e, se quiser, posso mostrar-lhe gráficos, segundo a segundo, de seu batimento cardíaco, de sua pressão sanguínea e de seus níveis de açúcar cada vez que saiu com o João ou com o Paulo. Se necessário, posso até atribuir um valor matemático exato para cada relação sexual que você manteve com cada um deles. E, como é muito natural, eu os conheço tão bem quanto você. Com base nessa informação, em meus algoritmos magníficos e em décadas de valiosas estatísticas que cobrem milhões de

relacionamentos – eu a aconselho a ficar com o João, com 87% de probabilidade de ficar mais satisfeita com ele no longo prazo. (Harari, 2016, p. 295)

Um mundo digital é um mundo que se redefine à sua maneira, onde o desenvolvimento do laço social migra cada vez mais para o digital, conforme vimos com Harari (2016), ou, talvez esse laço, agora digital, não passe de uma ilusão: uma questão de regulação, vigilância e controle da vida social via plataformas *on-line*, mediada pela conectividade e com menos presença física. A cultura de conectividade, ou sociedade de plataforma, organiza-se por afinidades e preferências, abastecendo os algoritmos de IA que muitas vezes ofertam apenas o que o usuário deseja encontrar.

Não há frustrações, quando se promete uma relação horizontalizada e fluida, mas o que se esconde é que as relações digitais são manipuladas por quem controla sua programação. Pelo menos, é este o objetivo: fazer com que você deseje o que eu quero que você deseje. Seria o desejo digital uma ilusão? Aqui entramos no campo de manipulação e psicopolítica, conceitos que serão trabalhados mais à frente com alguns pensadores como Chomsky e Han.

Salientamos que a cultura de conectividade não se desenvolve da mesma maneira nem na mesma velocidade para todas as pessoas, grupos ou países. O nível socioeconômico dita o ritmo da conectividade de sua inserção digital, gerando desigualdades e causando prejuízos, porque o mundo digital se sobrepõe a tudo. Em outras palavras, ou você está conectado ou está impossibilitado de participar plenamente da sociedade. O conceito de social se transforma, deixando de ser algo separado para ser único e integrado ao digital.

A expansão da internet e das plataformas de interação intensificou o acesso ao outro. Constatamos uma constância no uso dos ambientes *on-line* e praticamente a inviabilização do *off-line*. Os novos códigos, muitas vezes desprovidos de ética, capturam os sujeitos com mais eficiência, justamente por facilitar atitudes que, no presencial, eram censuradas ou inviáveis. Cabe ressaltar que o uso excessivo vem ocorrendo em idades cada vez mais tenras e ainda desestruturadas moralmente, por exemplo, expondo os mais jovens a contatos com desconhecidos, o que pode ser perigoso.

Percebemos no cibernético um afrouxamento dos limites na relação com o outro, um cenário que se mostra “sem castração”. As *selfies* são o novo fetiche,

evidenciando a busca por imagens cada vez mais artificiais e pautadas pelos discursos dominantes da moda. Essas imagens oferecem um ideal inacessível, ou inatingível, e justamente por isso reforçam a impossibilidade do comparecimento *off-line*. É preciso exibir-se constantemente e da melhor forma, é preciso “viralizar”, evidenciando-se o preocupante assujeitamento do sujeito aos discursos dos outros sobre quem ser e como ser. A sociedade digital é sem sujeito, ela é composta de assujeitados cada vez mais subjugados pelas expectativas e pelo olhar do outro.

O sujeito só existe no *off-line* se for notado no *on-line*, independentemente dos motivos e necessidades. Não é possível conseguir um emprego, vender seu produto ou serviço, conhecer coisas e pessoas e, até mesmo, desenvolver esta pesquisa se não existir – isto é, estar presente – no *on-line*. Esse eterno *on-line*, essa necessidade de constante conexão, exige uma nova forma comunicacional e a compreensão urgente e contínua dessas mudanças. Outros fatores e novas formas de vida entram em jogo conseqüentemente também.

Para Quinet (2021), a sociedade contemporânea é escópica e vende a ilusão de que todos podem ter tudo o que querem. Essa sociedade é governada por um “deus Internet”, onipotente, que vigia constantemente cada sujeito, gerando o paradoxo de uma liberdade digital. Afinal, se somos vigiados o tempo todo, onde está nossa liberdade?

Esse “deus Internet”, que governa a sociedade escópica descrita por Quinet (2021), evidencia um sistema que não apenas vigia e espiona, mas também conforma desejos e comportamentos, criando a ilusão de liberdade enquanto sustenta dinâmicas de controle. Nesse contexto, emerge a supremacia do discurso neoliberal, que transforma o digital em uma plataforma para consolidar seu domínio, ao mesmo tempo que reconfigura os ideais que estruturam a subjetividade.

Notamos que o discurso neoliberal se torna o principal beneficiário de toda a ordem social, independentemente de quem a sustente. Esse cenário nos obriga pensar o Ideal do Eu no século XXI, o “ideal digital”. Para Freud (1921), o líder ocupa esse lugar de Ideal do Eu, um líder representacional edípico narcísico, em que o sujeito ama e acredita ser amado, uma ilusão sustentada pela identificação. Já na sociedade escópica, Quinet (2021) argumenta que a massa não depende dessa identificação com um líder específico, o Ideal do Eu emerge como causa de desejo,

no um a um. E vem de forma escópica pelo digital. Essa dinâmica poderia ser uma resposta às novas configurações do Outro hoje?

É impossível pensar a formação de massas no século XXI sem considerar a tecnologia como promotora de ilusões. Os estímulos são inúmeros, e as formas de captura dos sujeitos para a formação das massas ocorrem, inevitavelmente, nas plataformas digitais. Refletir sobre o complexo trabalho dos algoritmos de IA como convocadores modernos, que manipulam e mobilizam as massas digitais, apresenta-se como uma extensão contemporânea do questionamento de Freud (1921) sobre o que vincula o Eu à massa.

Para avançar nessa investigação, é imprescindível compreender outros instrumentos, como a propaganda, de captura do sujeito no ciberespaço e analisar como esses mecanismos afetam o inconsciente, promovendo a submissão do sujeito a um líder ou a um ideal.

3.3

Propaganda e manipulação

A memória e a percepção conscientes realizam seus milagres com uma forte dependência do inconsciente.

Leonard Mlodinow²¹

A partir deste ponto, torna-se essencial compreender uma das ferramentas que sustentam a constância do sujeito no ciberespaço: a propaganda. Para isso, lançaremos mão de um campo interdisciplinar tomando o político e social como base para o entendimento intrapsíquico. É necessário discorrer sobre os processos de dominação, que, para Chomsky (2013), são os mecanismos que tornam a mídia uma inimiga da democracia. Para ele, só se pode pensar em democracia quando a população é capaz de participar de forma ativa e informada nas questões que envolvem a vida em sociedade. Caso contrário, o que se configura é um “rebanho

21 Mlodinow (2013, p. 115)

desorientado”,²² que delega a condução de suas vidas a uma classe especializada, tornando-se espectador em vez de participante.

Segundo Chomsky (2013), os processos de dominação utilizados pela mídia validam a percepção da “estupidez” da população, daí a necessidade dos governos para a produção de consenso, ou seja, a criação de coisas que “domestiquem” esse sujeito de horda. A classe política oferece uma percepção da realidade que atende a seus próprios interesses. E é aqui que entra a propaganda como principal ferramenta.

A propaganda se vale da premissa de que as pessoas são guiadas por emoção e impulso, explorando-as por meio do medo, da raiva e do desejo. Este último é canalizado para o consumo. O objetivo final é transformar os sujeitos em espectadores passivos da vida, em uma ilusão de ação. O consumismo é um exemplo. Ele cria a ilusão de satisfação de um desejo.

Dado esse cenário, a produção de consenso atua criando ilusões e simplificações radicais, suficientes para manter os sujeitos da horda sob controle. Assim, a propaganda atende aos interesses desses sujeitos, disseminando informações de uma maneira que eles não conseguem decifrar ou compreender racionalmente.

Esse processo é intencional, e para transmitir essas informações, recorre-se à sobrecarga de informação, ao forte apelo emocional e à ausência de transparência deliberadamente. Nesse contexto, o objetivo final é minar a capacidade de reflexão do que é transmitido, direcionando as mensagens para atender a outros interesses, não ao bem-estar dos sujeitos.

A propaganda, nesses casos, opera de forma totalitária disfarçada de democracia, pois, para manter esse mecanismo, os sujeitos devem permanecer diante das telas – seja da televisão, seja de seus *smartphones* – absorvendo os conteúdos da propaganda que criam valores predeterminados para sua vida. Quanto mais natural esse *modus operandi* parecer, ou seja, quanto menos os sujeitos

22 Neste contexto, é importante destacar um ajuste conceitual. Freud (1921) utiliza o termo “horda” para descrever uma configuração de massa conduzida por um líder. Embora os dois conceitos dialoguem no sentido de descrever formas de condução social, cada um carrega especificidades teóricas. Aqui, optamos por adotar o termo freudiano para preservar a coerência conceitual com a psicanálise, sem, contudo, desconsiderar as contribuições de Chomsky ao contexto político e social.

perceberem que estão imersos na produção de consenso, mais evidente de que essa forma de uso da propaganda está cumprindo seu papel.

Dando prosseguimento ao conceito de propaganda e seu poder de influência psíquica, é imprescindível abordar o trabalho de Edward Louis Bernays, sobrinho de Freud e figura central no desenvolvimento da propaganda moderna. Para isso, lançaremos mão da pesquisa de Salles (2023), que expõe e analisa as estratégias utilizadas por Bernays.

Dessa forma, iluminamos a interseção entre a psicanálise e as técnicas de manipulação de massas. Isso nos permitirá compreender como os conceitos freudianos foram adaptados e aplicados para influenciar comportamentos e opiniões no âmbito social e político.

Bernays é considerado um revolucionário no campo da comunicação e da propaganda voltada para o campo político, especialmente a partir de 1920. Ele desenvolveu métodos de manipulação influenciado por alguns pensadores, incluindo seu tio, Sigmund Freud, com suas ideias de inconsciente e representação; Gustav Le Bon e Wilfred Trotter, e os pensamentos a respeito da psicologia das multidões; e Walter Lippmann, que explorou a relação da psicologia com a mídia.

Há mais de cem anos, Bernays já apostava no desenvolvimento de tecnologias de comunicação instantânea capazes de atingir a massa, ativar o desejo de muitos e facilitar o agrupamento em torno das mensagens transmitidas. Bernays buscava métodos, muitas vezes, não ortodoxos de fazer a propaganda funcionar a qualquer custo. Talvez aqui já tenhamos a semente das redes sociais digitais e suas bolhas.

Embora não fosse psicanalista, Bernays elaborava campanhas de cunho psicológico com o que hoje, iremos denominar de *fake news*. Ele conseguiu, por exemplo, fixar no imaginário popular americano o perigo de uma ameaça comunista. Seu trabalho ficou tão famoso, que seu livro *Propaganda* (1928/2005), cujo primeiro capítulo é dedicado à manipulação, tornou-se referência para Joseph Goebbels, mentor das estratégias genocidas da propaganda nazista.

As ideias de Bernays levaram intelectuais da época a discutir sobre as massas como elementos manipuláveis pelo consumismo e as falsas notícias. Ele acreditava que era possível reduzir a agressividade primária, sintonizando os sujeitos com um governo preocupado em satisfazer às necessidades de sua população. Bernays defendia que, para ser perfeita, uma sociedade deveria ter sua liberdade guiada pelas diretrizes capitalistas.

O mundo atual apresenta uma série de mudanças de paradigma, com diversas democracias sendo abaladas nas suas bases, tal como se esses movimentos fossem planejados por meio de uma estranha *arquitetura do caos*. E nunca é demais lembrar que, coincidentemente, “Organizando o caos” é título de capítulo de livro de Edward Bernays, dedicado à manipulação das psiquês pelas linguagens, visando a uma fabricação de consentimento das massas. Essas mudanças de paradigma se refletem nos campos das relações presenciais e virtuais, tanto em consequência da gravíssima pandemia por que passamos, como pelas urgentes e necessárias revisões sobre o uso que se faz dos dispositivos tecnológicos e dos sistemas com os quais se consegue criar e estabelecer relações, assim como *cancelá-las, excluí-las*. (Salles, 2023, p. 30-31)

Bernays foi um precursor da propaganda manipulatória, demonstrando sua influência tanto no intrapsíquico quanto no intersubjetivo, nas esferas política e social. Defendia o uso de propagandas de massa com potencial inconsciente, pois, ao compreender o funcionamento da mente coletiva, seria possível controlar as massas sem que elas percebessem. Para Bernays, o objetivo era claro: alinhar os sujeitos ao consumismo e aliená-los politicamente.

Para Bernays (1928/2005), tudo se resume a criar métodos de manipulação dos hábitos da sociedade por meio de um mecanismo invisível. Uma vez detentor desse mecanismo, qualquer governo ou organização, como as *big techs*,²³ se tornaria soberano e absoluto em qualquer lugar do mundo.

Apoiado no pensamento dos intelectuais já mencionados, e fortemente influenciado pelas ideias de Freud, Bernays (2005) argumenta que as ações humanas são respostas compensatórias a desejos não satisfeitos, isto é, reprimidos. Assim se tornam sujeitos facilmente manipuláveis, permitindo que a propaganda alcance seu ápice de controle, a ponto de levar os sujeitos a adotarem qualquer crença que lhes seja proposta.

Salientamos que Bernays (1928/2005) criou um conceito de “engenharia do consentimento”, definido como ações de mídia destinadas a aliviar as frustrações diárias dos sujeitos. Esse conceito enfatiza o poder da palavra, atribuindo ao líder um papel central no controle da política e das massas.

A engenharia do consentimento é um método de manipulação que busca alinhar as demandas de determinado público aos interesses do cliente, minimizando os danos e aumentando a possibilidade de resultados duradouros. Para isso, o

23 Grandes empresas de tecnologia que controlam plataformas globais de comunicação, comércio e dados, como Google, Apple, Facebook, Amazon e Microsoft.

engenheiro de consentimento deve identificar de modo preciso como intensificar ou induzir fatores favoráveis ao sucesso de seu projeto. Este sucesso depende de investir em um líder que reflita as ambições de seus seguidores, além de apostar na participação de outros líderes influentes e formadores de opinião que cooperem de forma irrestrita.

Podemos identificar aqui o embrião da ideia do *influencer* e todo seu poder atual. O engenheiro do consentimento, ao apostar na força da palavra, deve comunicar-se com seu público de forma simples e direta, com discursos curtos, como se todos tivessem baixa escolaridade.

As notícias, constantemente criadas, não precisam ser reais, pois desempenham um papel crucial no processo de consentimento. Por isso, a comunicação em massa se torna indispensável, garantindo o alcance do público e cumprindo os propósitos demandados pelo projeto contratado. As ações devem ser pensadas para provocar reações em cadeia, sempre.

Nota-se, portanto, o impacto da mídia e o poder do líder na engenharia do consentimento, que, acreditamos, continua a ser exercida atualmente, alinhada ao “sonho” de seu idealizador, agora ampliado pelo desenvolvimento das massas digitais.

Segundo Han (2022; 2018), a propaganda deve ser vista como um instrumento de controle, uma psicopolítica. Por meio desse instrumento, busca exercer toda forma de dominação interferindo na psique dos sujeitos para influenciá-lo o máximo possível. O mapeamento do comportamento pelos algoritmos de IA retira a capacidade de escolha do sujeito oferecendo objetos de dominação que fazem parecer objetos de liberdade. O exemplo mais evidente é o *smartphone*, considerado o principal objeto para o monitoramento da existência humana.

Verifica-se que, por meio dele, utilizam-se todas as técnicas possíveis para exploração da liberdade com a oferta de objetos que reforçam a dominação. Conjuntos de *big data* agem coletivamente, como se controlassem um “inconsciente coletivo”, um grande espaço social onde habita a falta inerente à existência humana. Trata-se de um controle psicopolítico de futuro, pelo qual as políticas neoliberais se apresentam como protetoras e permissivas, desde que o consumo seja continuamente maximizado.

A propaganda contemporânea, segundo Han (2018), não se baseia na venda de coisas, mas na venda de emoções para, então, vender qualquer coisa. O consumo infinito de emoções eterniza o ato de consumir. Trata-se de uma forma de exploração social pela via do luxo, ou seja, em que a propaganda não atenda à necessidade, mas ao desejo pelo excesso, apresentando o supérfluo como uma necessidade legítima. Isso resulta em uma morte da liberdade promovida pela coação imperceptível do consumidor potencializada pelas técnicas de IA.

Dessa forma, percebemos que a propaganda, tanto em suas origens, com Bernays, quanto em sua manifestação contemporânea analisada por Han, evoluiu para se tornar uma ferramenta cada vez mais sofisticada de controle psicopolítico. Ao explorar os desejos inconscientes e maximizar o apelo emocional, ela não apenas promove o consumo, mas molda subjetividades e valores sociais.

Conforme as tecnologias avançam, especialmente a IA, esse controle atinge novos níveis de sofisticação, reforçando padrões de dominação disfarçados de liberdade, enquanto alimenta incessantemente a lógica do consumo.

3.4

Hiperpersonalização e as bolhas

O *Homo internectus* é sinal de status. Os nativos realizam uma assepsia em relação aos imigrantes por não estarem conectados a este mundo tecnológico.

Jefferson Azevedo²⁴

Depois de analisar o ambiente digital, os algoritmos, a IA e os processos de manipulação midiática e propagandística, bem como suas profundas potenciais influências no psiquismo dos sujeitos, vamos nos voltar agora a como o ciberespaço captura os sujeitos. Segundo Freud (1932), o Eu é moldado pelas demandas do Id, do Supereu e da cultura, mas, no mundo contemporâneo, onde a tecnologia interfere diretamente na vida dos sujeitos desde seu nascimento, convém investigar como as técnicas de IA alteram, por meio de seus algoritmos, esses processos psíquicos de formação e moldagem do Eu.

²⁴ Citado em Azevedo, Souza e Istoe (2012).

Ao aprofundarmos o estudo desses dispositivos e técnicas digitais, podemos refletir sobre a formação de um Eu algoritmizado, cujo funcionamento está intrinsecamente ligado às dinâmicas das massas e à figura de liderança, agora reformulados pelas condições e cenários determinados pela lógica digital. Tal como Freud discutiu em “Psicologia das Massas e Análise do Eu” (1921), a relação do sujeito com o líder e com a massa envolve processos de identificação, idealização e submissão, que hoje são amplificados pela tecnologia, criando um novo campo de investigação psicanalítica no contexto digital.

Desse fenômeno contemporâneo que chamaremos de “algoritmização da vida”, surge a necessidade de compreender o funcionamento do Eu diante dos novos estímulos que recebe desse mundo digitalizado. Um Eu que agora precisa dar conta de um possível “quarto” senhor (os outros são o Id, o Supereu e a cultura): um algoritmo de IA com fins manipulatórios.

Essa perspectiva nos faz refletir sobre a possibilidade de uma quarta ferida narcísica. Sabemos que as feridas narcísicas, segundo nossa leitura, têm como consequência a retirada do sujeito do controle de suas ações e seus pensamentos sobre o ser e estar no laço social.

Partindo de um presente, em que a algoritmização da vida já exerce um poder avassalador, poderíamos afirmar, na esteira de Freud, que além de não sermos senhores de nossa própria morada, ainda somos escravos da produção tecnológica de nossas próprias ilusões? Para refletir sobre essa questão, vamos percorrer uma trilha de conceitos e cenários, cuja base teórica não será exclusivamente psicanalítica.

Discorreremos sobre o conceito de bolhas, termo facilmente articulado aos conceitos de grupo e massa em uma internet hiperpersonalizada. Isso contribui para o surgimento de patologias narcísicas e cenários marcados por novas idealizações e lideranças. O fenômeno das bolhas gera reverberações que posicionam o sujeito de maneira complexa no laço social. Essas reverberações serão discutidas ao longo desta seção, complementando a proposta de entendimento de funcionamento desse Eu algoritmizado.

Ao iniciarmos nossa análise do Eu na atualidade, estabeleceremos um diálogo com Freud e seu texto “A Dissecção da Personalidade Psíquica” (1932). Nela, Freud afirma que o trabalho da psicanálise parte da análise do que é alheio ao Eu, um Eu divisível capaz de atender às funções inerentes ao aparelho psíquico.

Esse processo parte do sintoma e conduz ao inconsciente e, por fim, ao recalque. Entende-se que parte deste Eu é em parte consciência, ao passo que outra parte está atrelada ao Supereu, uma instância judicativa, com certa dependência em relação ao Eu, mas que apresenta tendências severas em relação a ele.

Tal severidade é herdeira primeiramente de um poder externo, parental, que toma o lugar dos pais e continua o processo de ameaças ao Eu. Ele acaba se tornando uma representação de idealização pela qual o Eu se mede. Uma idealização impossível, um olhar primitivo da criança em relação aos pais: o Eu agora tem que lidar com uma parte sua que exerce o autojulgamento, o moralismo e a idealização.

Temos assim um aparelho psíquico distribuído da seguinte maneira: Supereu e consciente em função conjunta, e recalçado e inconsciente com outras funções e não coincidindo com aqueles. Importante destacar, segundo Freud (1932), que todo esse sistema também tem participação inconsciente, ou seja, o sujeito pode nada saber de alguns conteúdos que habitam o Eu e Supereu. Dito de outra forma, há coisas que podem emergir à consciência e outras nunca; a primeira, chamamos de pré-consciente, e a segunda, inconsciente. Portanto, o que emerge e o que se elabora ficam na consciência.

Se então ocorre que a repressão não se torna consciente para o paciente na análise, isto significa que o Super-Eu e o Eu trabalham inconscientemente em situações muito importantes ou, o que seria mais significativo ainda, que partes de ambos, do Eu e do Super-Eu, são inconscientes. Nos dois casos temos de considerar a desagradável percepção de que (Super-)Eu e consciente, de um lado, e reprimido e inconsciente, do outro lado, de maneira nenhuma coincidem. (Freud, 1932, p. 209)

Em suma, o aparelho psíquico tem instâncias diferentes com funções diferentes, Id, Eu e Supereu. As últimas duas já foram explicadas. A primeira, o Id, é descrita por Freud como a parte obscura e inacessível, cujos conteúdos podem ser relevados pelos sonhos e os sintomas.

Fica a cargo do Eu, essa instância mais externa e superficial do aparelho psíquico, a intermediação do sujeito com o mundo, pois é ao mesmo tempo perceptivo-consciente e receptivo às excitações internas, já que parte dele também é Id.

Nota-se o papel utópico que Freud atribui ao Eu. Suas expectativas para a realização dessa tarefa são no mínimo curiosas: um pobre coitado que precisa servir a três senhores muito rígidos e dar um jeito de conciliar todas essas demandas e exigências. “Não surpreende que o Eu fracasse.” (Freud, 1931, p. 220)

Vocês notam, aliás, que estamos em condição de indicar outros atributos para o Eu, além do fato de ser consciente, e reconhecem a possibilidade de que partes do Eu e do Super-Eu sejam inconscientes sem possuírem as mesmas características primitivas e irracionais. Chegamos mais rapidamente a uma caracterização do Eu, na medida em que pode ser diferenciado do Id e do Super-Eu, examinando sua relação com a parte mais externa e superficial do aparelho psíquico, que designamos como sistema Pcp-Cs [perceptivo- consciente]. Esse sistema é voltado para o mundo externo, ele intermedia as percepções deste, e nele surge, durante seu funcionamento, o fenômeno da consciência. [...] Quase não precisa ser justificada a concepção de que o Eu é aquela parte do Id que foi modificada pela vizinhança e a influência do mundo externo, organizada para o acolhimento dos estímulos e a proteção diante deles [...] O Eu, afinal, é apenas uma parte do Id, uma parte modificada, adequadamente, pela vizinhança do ameaçador mundo exterior. (Freud, 1932, p. 21)

Os três senhores tirânicos que governam o Eu – Id, Supereu e a cultura – são muito rígidos, importante frisar isso. Freud (1932, p. 221) enfatiza: “Desse modo, impelido pelo Id, constrangido pelo Super-Eu, rechaçado pela realidade, o Eu luta para levar a cabo sua tarefa econômica de estabelecer a harmonia entre as forças”. Estes que ameaçam o Eu de todas as formas geram angústia pelas falhas constantes para cumprir uma atribuição impossível.

Percebe-se, então, que isso faz com que o sujeito sintomatize constantemente diante das novas ordens que não cessam de aparecer. Pensando a cultura e tudo que dela emerge, torna-se essencial considerar como esse Eu se posiciona diante dos avanços tecnológicos e das demandas que eles impõem.

Refletir sobre a algoritmização da vida e, obviamente, sobre a funcionalidade da IA nos leva a considerá-la, portanto, como um novo participante na formação do aparelho psíquico, assunto que já vimos desenvolvendo desde o início deste capítulo. Propomos, então, analisar a alteração psíquica, tão valorizada por Freud (1908; 1921), sendo influenciada por esse “novo senhor”. Esse fenômeno se dá como uma extensão da cultura, já definida por Freud (1932) como um dos senhores tirânicos.

Em outras palavras, com o surgimento de meios cada vez mais acelerados, chegando ao incessante bombardeio de informações via internet, questionamos: o que temos hoje é um aspecto a mais na cultura ou, pela velocidade e intrusão, temos um “quarto senhor” como defendemos nesta pesquisa? Para aprofundar essa questão, é fundamental examinar os cenários criados pelo mundo contemporâneo e compreender como nos posicionamos diante deles.

Começemos pelo conceito de bolha. Conforme Pariser (2012), para compreendê-lo, precisamos lembrar, como vimos, que os algoritmos são personalizados. Em outras palavras, trata-se dos já mencionados algoritmos de IA, com experiências únicas para cada usuário.

Não existe um “Google único”; estamos na era da personalização, de uma internet para cada um, estratégia já muito usada pelos cinco maiores *sites*, mas não apenas por eles, da internet: Yahoo, Google, Facebook, YouTube e Microsoft Live. Temos assim uma internet ajustada pelas demandas do *falso self* dos sujeitos. Para que as bolhas surjam, depende-se desses sujeitos para sua disseminação.

Entendemos que o objetivo dessa personalização é gerar bolhas que evitariam eventualidades, tornando o cenário estático e reduzindo, aos poucos, a capacidade de reflexão do sujeito. Em outras palavras, esse projeto – por assim dizer, distópico – de hiperpersonalização oferece tudo o que o sujeito quer. Quanto mais personalizada for a experiência do sujeito, mais preso à bolha ele ficará.

Essa hiperpersonalização pode, em contrapartida, estreitar a visão de mundo dos sujeitos, que, por sua vez, pode intensificar, por exemplo, sua capacidade de odiar e de alimentar preconceitos. Nesse caso, as bolhas atuam como promotoras da intolerância às diferenças.

Observamos, ainda, que o cibernético parece atender à hegemonia do *falso self*, oferecendo uma sensação de proteção que, no entanto, tem um custo alto para a cultura. A hiperpersonalização surge como uma espécie de instância conciliadora diante das exigências dos “senhores opressores”, mas, paradoxalmente, retira do Eu a capacidade de realizar sua tarefa fundamental de conciliação entre as demandas internas e externas.

Essa delegação de funções à tecnologia pode causar um desequilíbrio no sujeito, minando sua habilidade de lidar com frustrações e enfrentar as inevitáveis dificuldades da vida. Nesse cenário, a IA assume um papel que aprisiona o sujeito, comprometendo sua autonomia e capacidade de representação no mundo. Trata-se de uma provocação sobre o crescente poder que a IA exerce – e poderá exercer ainda mais – no futuro.

Uma internet hiperpersonalizada configura um processo de regimes de subjetivação instantâneos, gerando uma sociedade hiperfiltrada. Como vimos anteriormente, a hiperpersonalização não é inteiramente focada no sujeito; ela também atende a interesses comerciais e políticos.

Se uma busca não gera cliques suficientes, outros conteúdos são oferecidos, mudando ainda mais o modo de pensar e processar as informações. Esses processos de filtragem serão trabalhados mais adiante na seção sobre as redes sociais digitais.

Quando pensamos na possibilidade de uma internet otimizada gerando impactos diretos no aparelho psíquico, retornamos à reflexão de um “quarto senhor”, ou, como já mencionado, uma “quarta ferida narcísica”. Malabou (2019), defende que a IA será essa quarta ferida narcísica, pois, com ela, nossa inteligência seria capturada, excedida e transcendida.

Com base nas reflexões de Malabou (2019), entendemos que os sujeitos podem se tornar cada vez mais dispensáveis e desenvolvam um outro funcionamento psíquico. Já expusemos esse cenário, defendido também por outros pensadores. O futuro trará a resposta definitiva.

Diante dessas propostas conceituais sobre o futuro do Eu no mundo digital, que especulam o surgimento de um novo sujeito, consideramos imprescindível expandir a discussão e incluir o conceito de “terceiro inconsciente” de Berardi (2024). Como estamos empenhados em entender como as subjetividades possivelmente se reorganizarão nesse processo de algoritmização da vida, vale uma breve extensão do pensamento freudiano tomando o futuro como horizonte da reflexão.

Berardi, em sua mais recente obra intitulada *O terceiro inconsciente*, de 2024, explora a mutação do inconsciente para seu funcionamento no social na atualidade. O filósofo italiano defende que vivemos no contemporâneo uma terceira forma de manifestação inconsciente, completamente diferente das duas iniciais.

A primeira forma, freudiana, expôs o lado obscuro do ser humano contra o progresso cultural, exigindo assim a repressão dos desejos, que gerou de neuroses e consolidou um mal-estar social incontornável. A segunda forma, que se desenvolveu próximo ao fim do século XX com o advento da internet e da globalização, é marcada por uma explosão do inconsciente. A neurose cede lugar à psicose, pois o sofrimento mental agora emerge de um excesso que gera compulsão no desejo, substituindo a negação.

O autor descreve uma psicose explosiva do capitalismo se enraizando no social, ou seja, saímos da repressão para a hiperexpressividade, o que gera uma nova fonte psicopatológica que ele denomina de *neurosfera*. Ele adota esse termo

para descrever o cenário mental e emocional da sociedade contemporânea, em que o pânico é uma constante.

Inspirado por Deleuze e Guattari, Berardi (2024) afirma que essa segunda forma trouxe uma ambiguidade: a utopia da liberação do desejo *vs* a distopia do capitalismo de consumo, em que o prazer é constantemente adiado.

A primeira intuição dessa transformação na paisagem psicocultural pode ser encontrada em *O anti-Édipo*, de Deleuze e Guattari, livro que marcou a virada do estruturalismo para o pensamento criativo-rizomático, mas que conceitualmente abriu a caixa de pandora do desejo, antecipando, portanto, a hiper mobilização neoliberal da energia do desejo dissociado do prazer [...] Deleuze e Guattari rejeitam a ideia de que o inconsciente é uma espécie de depósito contendo as experiências que não queremos ver, recordar, ou trazer à nossa vida consciente. O inconsciente não é um teatro, mas um laboratório; o inconsciente é a força magmática que traz incessantemente à tona novas possibilidades de imaginação e experiência. (Berardi, 2024, p. 10)

Atualmente, o terceiro inconsciente corresponde ao ingresso na não linearidade, do escape mental sem clara direção e até sem evolução. Essa forma se caracteriza por um futuro totalmente aberto, refém de nossa imaginação e à espera de um colapso socioeconômico generalizado.

Em seus estudos, Berardi introduz o conceito de “inconsciente autista” para descrever um estado mental marcado pelo isolamento e pela desconexão emocional, intensificados pelas condições sociais e tecnológicas da contemporaneidade. Esse inconsciente autista emerge como resposta a um excesso de estímulos e à hiperconectividade da era digital, em que os sujeitos tendem a se retrair e perdem a capacidade de manter interações sociais. Essa é a condição do terceiro inconsciente, que se desenvolve em resposta a crises globais como a pandemia de Covid-19 e o colapso do capitalismo.

A proposta de Berardi reflete uma profunda crítica à dinâmica da economia neoliberal e ao impacto das tecnologias de comunicação na psique humana, evidenciando como esses fatores contribuem para o colapso dos laços sociais e para o surgimento de um sujeito fragmentado, desconectado de si mesmo e dos outros.

Com base na defesa do inconsciente como um laboratório, o autor lança a pergunta: “Como o terceiro inconsciente poderá encontrar uma saída de seus próprios pesadelos?” (Berardi, 2024, p. 13) Partilhamos dessa inquietude ao refletir sobre a reorganização do Eu perante os novos desafios impostos pela cibercultura e pelo avanço tecnológico.

Dando sequência à ideia de hiperconectividade, retomamos a relação do sujeito com o digital segundo Pariser (2012). Ele afirma que é comum, na maioria dos sujeitos, filtrar informações e estímulos recebidos. Buscamos comprimir os dados na tentativa de encontrar a ideia fundamental do que estamos recebendo.

Os produtores de notícias conhecem esse processo e configuram de modo alarmante os dados a divulgar. Basta um título e um subtítulo e pronto: já temos especialistas no assunto. Vídeos cada vez mais curtos e imagens cada vez mais diretas e agressivas visam, por meio dessa condensação, evitar que o sujeito tenha contato com o mundo real.

As bolhas, dessa forma, amplificam a confirmação de modo que os sujeitos se ajustam a um mundo fácil e prazeroso. Tudo isso é alimentado por indicadores, resultados dos cliques, que se autoalimentam e autorregulam, reforçando esse processo.

Retomando e reiterando também a ideia de alteração das funções do Eu, percebemos que a hiperpersonalização assume, por fim, a tarefa de limitar nossa visão de mundo, reduzindo a capacidade de buscar soluções para as contingências. As informações que circulam em uma bolha não precisam ser fundamentadas, e o sujeito ali aprisionado consegue enxergar apenas as coisas que o interessam, tornando-se cada vez mais passivo.

Em outras palavras, a hiperconectividade, em vez de ampliar horizontes, acaba por isolar o sujeito e torná-lo mais passivo receptivo a tudo o que recebe da cibercultura. Esse cenário de submissão agrava o assujeitamento cada vez mais profundo nessas bolhas. É nesses espaços que *influencers* e ciberpopulistas conseguem se fixar e cumprir seus objetivos.

Pensar as bolhas digitais hiperpersonalizadas como um fator de influência e imposição é refletir sobre um futuro em que essas ações poderão gerar uma identidade única. Entendemos esse cenário como distópico, apesar da forte influência do digital sobre as subjetividades.

Para que essa distopia se realize, os personalizadores, criadores de bolhas, também conhecidos como “analistas de sentimentos” ou “controladores de racionalidade”, precisam aprofundar seus conhecimentos sobre o funcionamento da psique humana a fim de aprimorar os mecanismos de manipulação.

Todos esses conceitos defendidos por Pariser (2012) – “personalizadores”, “criadores de bolhas”, “analistas de sentimentos” ou “controladores de

racionalidade” – podem ser definidos como o papel dos algoritmos de IA na personalização do conteúdo da internet. No entanto, essa personalização pode restringir o acesso a diferentes perspectivas e reduzir a diversidade informacional, confinando os usuários a um “universo particular de informações” que reforça suas crenças e interesses preexistentes.

Uma vida inteiramente previsível não merece ser vivida. Mas a indução algorítmica pode levar a uma espécie de determinismo informático, no qual os nossos cliques passados decidem inteiramente o nosso futuro. Em outras palavras, se não apagarmos nossos históricos on-line, talvez estejamos fadados a repeti-los. (Pariser, 2012, p. 93)

Percebemos que uma das formas de o inconsciente se revelar é por meio do histórico de uso na rede. A representação do que se busca *on-line* mostrará um fantasma que persiste no psiquismo do sujeito, evidenciando o que ele idealiza, moraliza ou autocensura.

O fascínio pela rede é descrito pelo físico americano Mlodinow (2013) como uma necessidade primitiva de conexão com o outro, algo que já se manifesta desde os seis meses de idade. As ligações sociais são aspectos muito básicos da vida humana; na ausência delas, surgem sofrimento, desamparo e a sensação de não existência.

De modo curioso, Mlodinow observa que o mesmo local do cérebro afetado pela dor física também é ativado pela dor psíquica. Percebemos assim que a rejeição social e a dor física contribuem de maneira semelhante para a patologização do ser humano, ajustando-se e autorregulando-se mutuamente.

Nesse contexto, em vez de promoverem o diálogo e o pensamento crítico, as redes sociais digitais tendem a gerar um confinamento informativo; em vez de ampliar o conhecimento, causam confusão e solidão disfarçadas de interação social.

A formação de bolhas digitais, ao restringir o horizonte informacional dos sujeitos, facilita a manipulação, direcionando as massas para a conformidade e a submissão a figuras de liderança. Torna-se evidente, portanto, como as bolhas digitais desempenham um papel crucial na captura psíquica do sujeito, ao gerar desinformação e fomentar manifestações de ódio. É sobre essas questões que nos deteremos agora.

3.5

A (des)informação digital

Conforme explicado anteriormente, o papel das bolhas é reduzir a capacidade de reflexão e argumentação e aumentar a intensidade de desacordo. Elas nos fazem acreditar que nossa forma de pensar é infalível, impedindo qualquer reflexão sobre uma defesa comum da humanidade – que é aceitar apenas as evidências que favorecem nossas conclusões preferidas. Nossas escolhas se baseiam em como gostaríamos de ser percebidos, criando constantemente um mundo particular e reforçando a dimensão narcísica nesse processo. Acabamos por nos automanipular, gerando nossas próprias *fake news*.

Nesta seção, nos concentraremos no poder que a informação exerce no mundo digital, seu uso como ferramenta de manipulação e suas reverberações no psiquismo e no laço social. Exploraremos como a circulação de dados molda as subjetividades, influenciando diretamente as interações sociais e as relações de poder.

Em entrevista a Tom Chatfield (BBC News), o filósofo americano Daniel Dennett, considerado uma das mentes mais brilhantes do último século, afirma que nossas mentes não conseguem uma sintonia para diferenciar verdadeiro ou falso, pois somos parciais e tribais. São os laços que definem nossa humanidade e as torna vulneráveis. Nas palavras de Dennett:

Se transformarmos essa tecnologia maravilhosa que temos para o conhecimento em uma arma de desinformação, estaremos em profundos problemas [...] porque nós não saberemos o que sabemos, não saberemos em quem confiar e não saberemos se estamos bem ou mal informados. Podemos ficar paranoicos e hiper céticos, ou simplesmente apáticos e paralisados. São dois caminhos muito perigosos. E estão à nossa volta [...] nossa civilização “é mais frágil do que pensávamos” – e, justamente por isso, mais preciosa [...] Este é o grande risco dos grandes modelos de linguagem de IA e das pessoas falsificadas: que eles destruam a confiança que levamos milhares de anos para construir. (Chatfield, 2024)

Adentrando o cenário de desinformação no social, um terreno fértil para as bolhas digitais, nos deparamos com as *fake news* como projeto de alienação que atende a diversos interesses no laço social.

Para Hissa (2022) e Han (2022), esse cenário de desinformação não se combate com mais informação. Não devemos tratá-lo com um ideário iluminista, que “estende a razão como crítica e guia a todos os campos da experiência humana” (Abbagnano, 2007, p. 545), pois estamos lidando com uma espécie de mundo mágico que usa a palavra como um recurso, também, mágico. Para essas pessoas,

não existe qualquer interesse na interpretação dos fatos; o mundo já está dado e precede a palavra.

Importante salientar que esse sujeito já existia antes da era digital, porém, as ferramentas digitais aceleram e evidenciam essa forma de subjetivação contemporânea. “Eu desejo que esta narrativa seja verdadeira, então ela será/é [...] Trata-se de um narcisismo egóico radical” (Hissa, 2022, p. 70). Isso é consequência da era da hiperinformação e da hiperpersonalização, culminando na chegada do que podemos chamar de relativismo radical.

Sobre o relativismo citado, Kissinger (2018) argumenta que o fim do iluminismo deve ser visto como um processo normal da civilização, pois nada é permanente; tudo acaba, e o iluminismo não é uma exceção.

O desenvolvimento do mundo digital, das máquinas e sua relação direta com as transformações na geopolítica demandam, portanto, uma nova conceituação, uma nova filosofia para abarcar essas transformações. Mas, por ser algo inédito, o caminho se faz incerto.

A era do relativismo radical criou formas linguísticas e comportamentais, tendo nas redes sociais digitais um espaço para a expressão de questões primitivas do psiquismo, onde o contrário ou diferente se torna insuportável.

Os algoritmos de IA, gestores do Eu-identitário, buscam padronizar as subjetividades, alimentando o “igual a mim” ou “igual a nós”. Aquele que tenta furar a bolha desperta o primitivo, que se revela pela intolerância à frustração, e o sujeito, com movimentos regredidos, age impulsivamente de forma destrutiva e onipotente.

Como vimos, as bolhas são formas de massas ou grupos que alteram o psiquismo dos sujeitos e os coloca em um lugar onde a lógica e o pensamento crítico não entram. Furar a bolha, eis o desafio.

Desta maneira nos tornamos necessariamente e cada vez mais nós mesmos, recebendo de volta nosso próprio viés de autoconfirmação e admirando exponencialmente nossa própria identidade. Se isso ganha em funcionalidade adaptativa, traz consigo também uma nova patologia: a obrigação de ser cada vez mais você mesmo dentro de seu condomínio digital. Sair dessa bolha não vai ser fácil, porque qualquer movimento feito na direção de furá-la, será imediatamente incorporado ao seu algoritmo e fará parte da nova “super-bolha”. A solução deste problema passa pela consideração de outra teoria do espaço e de seu impacto na subjetividade, não apenas estar dentro ou estar fora, estar na bolha ou fora dela. (Dunker, 2021, p. 16)

Inicialmente, cabe compreender os afetos primitivos dos sujeitos, como são gerados e continuam sendo projetados no outro, no laço social. Isso é percebido na forma como as narrativas são propagadas e aceitas, em seus mitos e fantasias. Essa dimensão delirante carrega, de algum modo, um fecho que representa uma verdade para esses sujeitos.

Percebe-se que toda construção de verdade se baseia em algo já concebido em nós. A realidade, por sua vez, não pode ser entendida por si só; ela é entendida a partir do que os sujeitos conseguem apreender dela: aquilo que se encaixa em suas concepções e referenciais.

Por isso, não será uma contrainformação que irá derrubar todo um “castelo” de verdades e referenciais pessoais. Não estamos mais diante da continuidade da narrativa iluminista. Trata-se da necessidade de pensar além da razão, de investigar o que continua formando e sustentando bolhas e identificar o fecho que dá sentido à ilusão.

O documentário americano “A rede antissocial: dos memes ao caos”, de 2024, dirigido por Arthur Jones e Georgio Angelini, retrata a história do 4chan e de várias outras bolhas de alienação e desinformação, como 2chan, Anonymous, Qanon etc. Fica claro que o que torna as bolhas tão sedutoras não é a razão, mas sim a capacidade de algo ser dito de forma a capturar o sujeito – a força da palavra. Todo o trabalho de disseminação e fanatização é realizado na sequência, conforme ilustra o documentário.

Vimos que, para os usuários desses *chats*, basta uma “(des)informação” que os autorize a se sentir injustiçados para que se agrupem na internet e passem a viver suas fantasias dentro de bolhas, rechaçando a realidade. O pensamento de Freud (1921) continua relevante e esclarecedor nesse contexto. Embora esses grupos não tenham um líder direto, seus participantes permanecem unidos por um ideal comum e alimentados por ilusões – agora, porém, mediadas e estruturadas por algoritmos de IA.

Agora a gente já sabe que se você passar muito tempo em frente da tela, você pode criar uma ilusão em massa de que a realidade parte de onde você está. E você pode criar algo elaborado na sua cabeça, algo delicado e complicado e pode ser uma coisa muito fascinante e pode deixar você obcecado o dia todo nisso e junto com outras pessoas na mesma situação. E isso pode parecer muito real! Mas estamos construindo essas fantasias grotescas e elaboradas de nossa própria infelicidade [...] estamos aprendendo ainda os efeitos dessas ferramentas que a gente usa. A gente não evoluiu

pra ficar on-line o tempo todo. (Partes da narrativa do documentário, “A rede antissocial: dos memes ao caos”, 2024)

Discute-se amplamente a construção de formas de comunicação responsáveis, que não incitem processos destrutivos nem disseminem desinformação. Buscar esse caminho é o objetivo do que se convencionou chamar de “letramento digital”, que se resume na habilidade de utilizar tecnologias digitais para localizar, avaliar, criar e comunicar informações com segurança.

O letramento digital abrange tanto competências cognitivas quanto técnicas, essenciais para uma navegação consciente e crítica no ambiente digital. Esse conceito ultrapassa a mera leitura de conteúdo *on-line*, incluindo a capacidade de adaptar e aplicar os recursos digitais para esses fins.

Parece-me importante, para o estudo do letramento digital nas redes, compreender, por exemplo, como se dá a formação de bolha nas redes sociais, observar até onde ela se estende, quais são seus furos, pesquisar como indivíduos diferentes (econômica e politicamente) se amalgamam como se fossem homogêneos, como suportam a especificidade discursiva do outro, como se igualam nas redes, como se constrói a tolerância por pessoas tão diferentes dentro de uma mesma rede social de afetos virtuais. Entender os mecanismos discursivos que mantêm a tolerância, a empatia, o compartilhamento de narrativas de mundo quase sem resistência revela espaços/objetivos de pesquisa que devem ser descritos, analisados e ensinados. Uma sistematização e didatização de todos esses aspectos pode ser empreendida pela Linguística Aplicada, de modo que ela contribua para a manutenção democrática de uma sociedade civil responsável e responsiva. (Hissa, 2022, p. 88)

Neste ponto, percebemos a necessidade de nos debruçarmos mais sobre os processos que estruturam as formas de comunicação. Esse passo é indispensável para avançarmos na compreensão do funcionamento das bolhas e sua contínua força de influência. Para isso, recorreremos ao trabalho de Byung-Chul Han, *Infocracia*, de 2022. O filósofo analisa o regime de comunicação como um acesso irrestrito ao poder, às reflexões e aos conceitos que articularemos a partir de agora.

No contexto atual, percebe-se que o poder é determinado pela forma como a informação é processada, deixando de ser obtido pela posse dos meios de produção, como antes. A informação se torna a nova moeda do capitalismo: vigilante e totalitário invadindo a vida de todos justamente pelo acesso irrestrito à informação.

O sujeito da bolha é um corpo dócil, que se dociliza à proporção que nutre o sistema com informações para consumo. Isso institui um regime disciplinar de

informação, pois é a comunicação excessivamente explorada que capacita os algoritmos de IA a transformar os sujeitos em “gado de consumo”.

Ao refletir sobre um corpo disciplinado para consumir, identificamos um corpo submetido a um processo cujos governantes se tornam invisíveis e o protagonismo recai sobre os governados. Estes brigam pelos holofotes oferecidos pelas bolhas; quanto mais visibilidade, mais se confirmam sua disciplina e submissão ao ato de consumir. Trata-se de uma prisão disfarçada de poder, mediada pelas redes sociais digitais, em que tudo está aberto e exposto.

Quanto mais o sujeito se sente livre e independente, mais dominado ele está. “A dominação é consumada no momento em que a liberdade e a vigilância se unem.” (Han, 2022, p. 9) Nesse cenário, percebe-se a presença constante de paradoxos, refletindo a própria natureza da sociedade digital, que é da informação, mas também da submissão.

Vimos que o objetivo é manter o sujeito aprisionado em consumir, e sua identidade se funde com esse ato. Dentro das bolhas, surge um sujeito que se transformou no exemplo máximo de poder e idealização, o *influencer*. Ele é um líder de bolhas-massas, e sobre ele nos aprofundaremos mais à frente.

Observamos também que o sujeito dentro da bolha ainda é um pouco o “objeto” em torno do qual a bolha se organiza. Porém, são os *influencers* que instigam ao máximo o consumo, que mobilizam a idealização dos sujeitos e transformam seus canais em verdadeiras “igrejas” da sociedade da informação.

Ainda que esse processo atue no inconsciente dos sujeitos, ele se dá fora da razão, do consciente. As ofertas atingem as questões mais profundas do psiquismo do sujeito, suas fantasias e seus desejos mais complexos. A isso podemos chamar de psicopolítica.

A comunicação é principalmente afetiva, sem racionalidade discursiva, o que permite aos sujeitos reagirem muito rápido a qualquer estímulo que promova excitação. Não há qualquer intuito de racionalização ou letramento digital, o foco é a descarga excitatória diante de qualquer postagem que apela para os afetos.

Para Luz (2022), os seres humanos se transformaram em uma “espécie mortal” com capacidade de produzir o nada, porém, incapaz de perceber, ao que ele denomina de “utopista invertido”. Em outras palavras, trata-se de um sujeito incapaz de imaginar o que está produzindo, pois se encontra preso a idealizações distópicas que o impedem de ver os impactos negativos no cenário social à sua

volta. Isso torna necessário um estímulo intenso para que se obtenha alguma ação de freio.

Esse cenário é facilmente evidenciado no terreno em que as *fake news* operam. Recentemente, vimos como Jair Bolsonaro, no Brasil, e Donald Trump, nos Estados Unidos, souberam explorar esse mecanismo durante seus processos eleitorais. O campo informacional se transforma em um verdadeiro campo de guerra, muito acolhido no terreno da política, em que, segundo Han (2022, p. 21) “já não são os melhores argumentos que prevalecem, mas sim os algoritmos mais inteligentes”.

Esse fenômeno caracteriza o que esse autor chama de infocracia, ou seja, um regime que supervaloriza a informação, possibilitando que ela se espalhe a uma velocidade muito superior ao tempo que é necessário para verificação de sua veracidade. No campo das *fake news*, o conceito de negação freudiana oferece muitas contribuições.

A articulação da teoria freudiana da negação (Freud, 1925) com o fenômeno das *fake news* aumenta a compreensão de como esse mecanismo atua no psiquismo humano. Segundo Freud, a negação é um mecanismo de defesa que permite ao sujeito rejeitar a realidade de um fato ou evento, voltando-se para uma interpretação menos ameaçadora e mais compatível com suas crenças e desejos inconscientes.

No contexto das *fake news*, essa negação manifesta-se quando as pessoas optam por acreditar em informações falsas que reforçam suas crenças preexistentes, em vez de aceitar fatos que possam soar desconfortáveis ou desafiadoras. As *fake news* exploram o inconsciente humano para sustentar narrativas que ecoam nas fantasias e idealizações dos sujeitos.

O mecanismo psicológico de negação é essencial para entender por que as *fake news* podem ser tão persuasivas e difíceis de combater. O sujeito, inconscientemente, busca preservar suas crenças e opiniões, que são parte integrante de sua identidade e coesão interna. Assim, resistir a informações que contradizem essas crenças é um modo de proteger a integridade do Eu e manter a sensação de estabilidade psíquica. Freud nos mostra que a negação não é uma simples rejeição do real, mas um mecanismo que protege o sujeito do sofrimento psíquico.

No caso das *fake news*, a negação funciona como um refúgio diante de uma realidade que pode ser ameaçadora ou disruptiva. Ao aceitar narrativas que, apesar

de falsas, reforçam suas concepções de mundo, o sujeito não apenas se defende contra a ansiedade gerada por fatos incômodos, mas também evita a necessária reflexão crítica. Desse modo, vemos que as *fake news* exploram as fragilidades do psiquismo humano para perpetuar visões de mundo que garantem ao sujeito uma ilusória sensação de controle e segurança.

Ao ampliar essa análise, podemos observar que as *fake news*, ao reforçarem crenças consolidadas, contribuem para a formação de uma identidade rígida, insensível à alteridade e fechada à possibilidade de transformação. Esse fechamento psíquico, promovido pelo mecanismo de negação, explica em grande parte a dificuldade de combater a disseminação de desinformação.

Negar o que se vê é uma problemática que atravessa as paredes da clínica até chegar à cultura (e vice-versa), com inúmeros estragos. Não à toa, [Freud] percebe desde cedo com “suas históricas” a dificuldade que o sujeito tem para admitir e suportar o que vê. O ato de ver requer que demos conta daquilo que somos e do que fizemos conosco. Diante disso, criamos fantasias, defesas, delírios, sintomas e toda forma de negação da realidade que ali se impõe. A partir daqui, temos com Freud um norte para iniciarmos nossa aposta de onde se originam as fantasias negacionistas que tão bem abastecem a mente fanática. (Garrit; Winograd, 2023, p. 547)

Como vimos em Han (2022) as bolhas de informação têm uma característica autista: “só eu posso me ouvir falar”. Em qualquer relação discursiva, é necessário que os participantes consigam ouvir, e ouvir, nesse sentido, implica separar-se momentaneamente de suas próprias identificações. Um Eu incapaz de ouvir pode se sentir ameaçado, apegar-se mais ainda a suas identificações e reagir de maneira extrema, em busca do aniquilamento do outro.

A bolha gera uma crise da escuta. Sobre essa crise de escuta, a psicanalista e psicóloga americana Sherry Turkle (2016), especialista na relação dos sujeitos com as redes sociais digitais, alerta sobre como a relação entre a escuta e a fala vem se desenvolvendo na *web*. Falta, nesse contexto, o desenvolvimento de uma abordagem consciente na relação digital, cuja ausência impede um distanciamento saudável e promove uma constante ansiedade de desconexão. Para ilustrar, Turkle adota a metáfora dos três desejos para explicar melhor essa ansiedade.

Nessa metáfora, o *smartphone* seria um gênio do bem com poderes para sempre nos ouvir, atender aos nossos desejos e de nunca nos deixar sozinhos, gerando uma sensação de recompensa maior: a impossibilidade do tédio. Essa intolerância ao tédio e à solidão inclui a intolerância a estar a sós com os próprios

pensamentos; não se trata de uma falta de atividade, mas de uma incapacidade de estar só, trazendo dor física e emocional.

Essa dificuldade para estar só e lidar consigo mesmo impede a escuta genuína e a conversa fecunda, fomenta um partidarismo, sectarismo, formando sujeitos cada vez mais rígidos. E essa rigidez é alimentada cada vez mais pela ilusão de conexão e amizade desprovidas de autenticidade e profundidade.

Assim como Han (2022), Turckle (2016) aponta a ideia de vigilância da informação pelas empresas que controlam as redes sociais digitais. As informações são utilizadas para atender aos interesses das corporações, problematizando o que se entende por democracia. Afinal, como pensar uma sociedade democrática sem privacidade?

Para Turckle (2016), vivemos na era do momento robótico, não porque os robôs estejam prontos para nós, mas porque precisamos acreditar que dependemos deles. A psicanalista alerta que, se não nos reconciliarmos com o uso consciente da tecnologia, perderemos o sentido de nos relacionar, de estar só e de viver em sociedade de maneira autêntica.

Com base nesse cenário de (des)informação no mundo digital que exploramos até aqui, percebemos que as bolhas informacionais e sua hiperpersonalização transbordam o ambiente *on-line* e já operam no *off-line*, resultando em uma intensa narcisização do social. Esse fenômeno gera uma retroalimentação constante de um regime de subjetivação instantânea, em que a relação com o outro fragiliza progressivamente.

O desaparecimento do outro, resultado da incapacidade de ouvir e dialogar, produz uma relação patológica no processo identificatório. Essa patologia, em muitos casos, tenta se resolver por meio da comunicação de afetos persecutórios, como se nota na proliferação de teorias da conspiração.

Essas teorias funcionam como delimitações simbólicas que protegem o Eu, enquanto promovem a exclusão do outro. Consideramos esse mecanismo uma definição e o *modus operandi* das *fake news*.

Para concluir nossas reflexões até aqui, constatamos que esse processo compromete profundamente o senso de comunidade, um elemento essencial para a sobrevivência de uma sociedade.

O funcionamento das bolhas digitais rompe com o princípio fundamental de qualquer organização social: o ato de escutar o outro. A permanência em uma bolha,

em que apenas informações que reforçam o próprio ponto de vista são consumidas, impede a construção de um laço social sustentáveis que mantenham a cultura.

Nesse sentido, reiteramos que as bolhas não apenas fragmentam a comunicação, mas também intensificam processos de exclusão e segregação. Esse fenômeno aponta para uma crise nas relações intersubjetivas, em que a escuta ativa e o reconhecimento do outro são substituídos pela constante autoafirmação, apresentando-se como desafios contemporâneos.

Essas reflexões, acreditamos, oferecem uma base inicial para compreender o funcionamento do Eu no mundo digital. O diálogo estabelecido com Freud, aliado às contribuições de outros pensadores contemporâneos, nos auxilia a traçar mais esclarecimentos sobre como esse Eu, já analisado, se relaciona com os processos de liderança hoje. Esse será o tema explorado no próximo capítulo, onde culmina nossa pesquisa.

4

O LÍDER HOJE

Neste capítulo, nos concentraremos na figura do líder e no conceito de liderança no contexto algoritmizado, no qual as massas são digitalizadas e surgem novas variáveis que demandam reflexão aprofundada. Questões fundamentais emergem e, ao longo das seções a seguir, buscaremos abordá-las de forma direta.

As massas digitais, como um fenômeno contemporâneo, requerem uma compreensão específica. Articular o pensamento freudiano com essas novas formas de ajuntamento social é não apenas possível, mas também essencial para a análise da subjetividade no cenário atual.

Além disso, discutiremos a conciliação entre os conceitos de líder e/ou liderança e as massas digitais, com uma atenção particular ao papel dos *influencers*. Esses agentes digitais podem ser vistos como uma nova forma de liderança, ou talvez como arautos ou apóstolos de um líder central, forjados pelos algoritmos de IA, que organizam e direcionam as dinâmicas de poder e influência no ambiente digital.

Depois de desenvolvermos esses temas, nos debruçaremos sobre o conceito de ciberpopulismo e como ele contribui para explicar o funcionamento da subjetividade humana no contexto digital, em relação às massas digitais e à ciberliderança. Para aprofundar essa discussão, utilizaremos o bolsonarismo no Brasil como um estudo de caso para explorar essas questões e chegar, finalmente, à compreensão do papel do líder na contemporaneidade.

Como o ponto central deste capítulo é a figura do líder, julgamos necessário desenvolver a partir da obra de Freud os fatores essenciais para um líder emergir. Por isso, entendemos que falar de massas é, ao mesmo tempo, falar de questões relativas à liderança e à relação entre o sujeito e o líder, assunto amplamente tratado no segundo capítulo. No entanto, acreditamos também ser necessária uma análise mais detalhada dos processos narcísicos, já que o amor ao líder está intrinsecamente relacionado a essa problemática.

Freud (1914), em sua teoria sobre o narcisismo, estabelece que, no desenvolvimento inicial da criança, ocorre um investimento libidinal voltado para o próprio Eu, caracterizando o que o autor denomina de narcisismo primário.

Durante essa fase, a libido está completamente voltada para si mesma, fusionando as pulsões do Eu e as pulsões sexuais em direção à autossatisfação. Com o avanço do desenvolvimento psicosexual, especialmente a fase fálica e a formação do complexo de castração, o sujeito começa a internalizar as normas e expectativas culturais por meio do Supereu, o que perturba essa fusão original e reorganiza o aparelho psíquico.

Nesse contexto, é crucial estabelecer uma distinção entre o Eu ideal e o Ideal do Eu. O Eu Ideal surge como uma imagem de perfeição e onipotência que o sujeito experimenta durante o narcisismo infantil. Representa a percepção que a criança tem de si mesma como plena e sem limitações, um estado em que todas as suas necessidades são satisfeitas e não há lugar para frustração.

No entanto, à medida que o Supereu se forma, surge o Ideal do Eu, uma instância reguladora que se baseia nas normas e expectativas internalizadas com base nas figuras parentais e da sociedade. O Ideal do Eu está diretamente ligado ao Supereu, que serve como um critério pelo qual o sujeito avalia e julga seu Eu atual. Diferentemente do Eu Ideal, que é uma reminiscência de um estado infantil, o Ideal do Eu é um conjunto de expectativas e padrões que orienta o comportamento e as aspirações do sujeito, projetando o que ele deve ser para se conformar às normas sociais.

A relação entre essas duas instâncias é dialética: o sujeito é impulsionado pelo Ideal do Eu a se adequar às expectativas sociais e morais, enquanto busca inconscientemente o retorno ao estado de satisfação plena do Eu Ideal. Essa tensão gera um ciclo contínuo de idealização e frustração, pois, embora o sujeito se esforce para alcançar o ideal, ele se depara com a realidade das limitações impostas pelo Supereu e pela própria condição humana.

Dessa forma, o narcisismo se configura como uma luta constante entre a tentativa de retornar à perfeição do Eu Ideal e a necessidade de se adaptar ao Ideal do Eu, que impõe limites e estabelece padrões de comportamento. Esse conflito é fundamental para entender os processos psíquicos e a maneira como o sujeito articula suas experiências infantis com as exigências adultas de conformidade e adaptação social.

Conclui-se que tudo que é idealizado é psiquicamente superinvestido, seja no próprio Eu, seja em um objeto, aumentando as exigências do Eu e potencializando os processos de recalque. A sublimação, portanto, permite que as intensas

exigências do Eu sejam canalizadas para atividades culturalmente valorizadas, como a arte, a ciência ou ações sociais. Essas exigências serão um combustível do Supereu, cujas funções já foram explicadas anteriormente. O investimento no Eu, cabe afirmar, é o complemento libidinal da autopreservação, satisfações autoeróticas que posteriormente são direcionadas ao externo, mas sempre mantendo as características narcísicas.

Com base nas dinâmicas narcísicas discutidas e avançando no aprofundamento das relações intersubjetivas, Koltai (2000) apresenta uma análise muito pertinente a respeito de articulações e compreensões do funcionamento do sujeito no âmbito social. Segundo a psicanalista, ninguém escapa dos atravessamentos daquilo que, a princípio, lhe é estrangeiro, pois esse encontro remete o sujeito à cena inconsciente de sua própria constituição. Nesse sentido, compreende-se que é a experiência do sujeito como estrangeiro que possibilita a demarcação do Eu em relação ao outro.

É somente quando o sujeito se torna consciente de sua divisão interna e de sua singularidade que ele se encontra em condições de reconhecer o estrangeiro que o habita, seja em uma dimensão individual, seja social ou política. O estrangeiro, ou o não familiar, deve ser analisado considerando as implicações sociopolíticas e as consequências decorrentes dessa análise.

O indivíduo manifesta as primeiras reações de medo e recuo perante o rosto do desconhecido, não-familiar, por volta do oitavo mês de vida. Essas reações não são inatas, advindo apenas após o reconhecimento da própria imagem no espelho; são posteriores, portanto, à constituição do narcisismo secundário. Quando encontra um discurso que o objective, esse medo pode transformar-se em racismo manifesto [...] podemos dizer que se, num primeiro momento, apenas estamos diante de reações de recuo perante o rosto desconhecido, num momento mais tardio da socialização surgirá um “nós” que situará o estrangeiro, para a criança maior e que já fala, numa categoria significativa que até então estava à procura de um nome. A criança vai aos poucos nomeando e reconhecendo o que é familiar – que separa do resto do mundo – e aquilo que lhe é desconhecido e que não pode nomear. (Koltai, 2000, p. 23-24)

Entende-se, com isso, que o estrangeiro – não familiar – surge como figura ideal para que sejam fixadas no objeto não identificado manifestações hostis como xenofobia, racismo e quaisquer execrações. Tudo isso só será possível se a criança encontrar um discurso que as sustente. Sem a linguagem para apontar, definir lugares simbólicos e autorizar o ato, provavelmente não haverá o objeto, que há tempos tem sido utilizado comumente para esses fins.

Em contrapartida, na ausência desse discurso, notamos o sujeito narcísico que opera exclusivamente segundo as regras do jogo social que são convenientes. O Eu Ideal deixa de ser sustentado e estruturado pelo Ideal do Eu. Temos uma lei diferenciada gerenciando o sujeito, a do Supereu materno, a que não interdita o gozo. Há uma necessidade crescente, dessa forma, de nos interrogarmos sobre a força dos aspectos sociais e políticos como marcadores desses significantes na vida das pessoas.

Nesse sentido, as articulações entre os aspectos sociais e políticos e os significantes que marcam a subjetividade também encontram expressão na perversão, como analisa Calligaris (1986). A partir das relações sociais, ele identifica que a perversão ocorre no e pelo laço social, abrindo caminho para compreender os mecanismos que sustentam as dinâmicas de segurança, gozo e participação grupal.

Conforme sua pesquisa, o neurótico precisa de um pai suposto para fundar a defesa, o que se reflete em nosso sentimento de insegurança nas cidades. Nesse momento, o discurso político, principalmente, entra em ação ao manejar as noções de segurança e insegurança. Com isso, nomeia imaginariamente o lugar do pai, única resposta possível para o neurótico.

Segundo Calligaris (1986), o neurótico, sempre sonhando ser perverso, mostra-se disposto a aceitar quase tudo para aceder a essa estrutura, incluindo o abandono de sua singularidade para perseguir o gozo do Outro. Esse processo se dá por meio um artefato que é caracterizado por uma montagem perversa na cultura. Fazer o Outro gozar é o resultado dessa montagem perversa em funcionamento, e isso se manifesta sempre que um sujeito age com base em sua participação em um grupamento.

O exemplo mais emblemático são os generais nazistas, que alegavam estar apenas cumprindo ordens, pois queriam ser funcionários exemplares. O sujeito acredita e transmite para os demais não participantes da montagem que isso não era um gozo, era apenas um exemplar participante de uma montagem. Calligaris (1986, p. 10) afirma que “o gozo era de ser tomado numa montagem, na qual, cada um é, ao mesmo tempo instrumento e saber”. Percebe-se que a perversão, exposta dessa forma, é algo do campo do social, ou seja, abarcando tudo que concerne ao cotidiano e, desse modo, se distancia da ideia de um desvio sexual.

Os neuróticos são facilmente atraídos e seduzidos a participar de uma montagem perversa. Eles acreditam nos benefícios disso, pois a posição neurótica é extremamente desconfortável. Nessa posição, o saber e o instrumento pertencem somente ao Outro, tornando a vida muito mais difícil. As montagens perversas, nesse sentido, surgem para regular esse insuportável da neurose.

Para Calligaris (1986), mesmo que o sujeito não estivesse preso à estrutura perversa, o laço social seria impossível sem essas montagens perversas. E o que torna essas montagens sedutoras? O discurso. Esse mesmo discurso, estruturado a partir de ideais compartilhados, atua também na relação dos sujeitos com os líderes que eles escolhem seguir.

Posso dar um exemplo banal, banal, diria eu, porque pertence a fenômenos da vida amorosa banal. Uma posição, diria assim, de complacência histérica, como esta palavra do amor tão corriqueira que uma mulher diz para seu homem: “Faça de mim o que você quiser.” Basta o homem acreditar nisso (e ela deve tê-lo encorajado) para que possam funcionar numa montagem perversa. Habitualmente isso não dura muito tempo; apenas o tempo de um jogo sexual, porque a estrutura histérica, se é somente da mulher, vai fazer com que, se o homem acreditar nisso demais, ela diga-lhe: “Você está pirado”, ou seja, vai mostrar-lhe sua castração, e tudo para por aí, como também pode não parar. Bastam dois neuróticos para que seja possível a montagem perversa. (Calligaris, 1986, p. 13)

Não à toa, Gomes (2024) e Longo (2019) afirmam que o entendimento das idealizações abre caminho para o esclarecimento do funcionamento do sujeito em sua entrega ao líder direto, personificado ou representado por uma ideia geral, como o ideal de um tipo de família, de classe ou de nação. Isso explica por que uma parcela da população acaba, às vezes, por escolher líderes totalitários.

Esses líderes alimentam a ilusão de proteção irrestrita, atendendo às necessidades infantis de amparo e amor incondicional. Vimos aqui o produto do funcionamento narcísico, libidinal e idealizatório, conceitos necessários para entendermos o líder, inclusive, nos dias de hoje.

Ao pensarmos o século XXI e os efeitos dos avanços tecnológicos, muitos já tratados no capítulo anterior, refletiremos sobre as variáveis necessárias para a existência de um líder ou liderança. O líder é percebido na cultura geral como algo positivo, mesmo que seu poder tenha consequências devastadoras. A liderança é almejada por muitos.

Conforme afirma Maron (2016), é comum encontrar literaturas e discursos que ensinam como ser um líder ou conquistar uma liderança, algo massificado há

muito tempo em várias culturas. Porém, para a psicanálise, não basta querer para ser um líder. Maron (2016, p. 20) declara que “é um fenômeno que exige uma estrutura coletiva [...] para este ser identificado como representante [...] essa estrutura é anterior ao líder”. Gerir equipes não é ser líder, pelo menos não do modo como consideramos aqui.

Julgamos necessário recorrer a Laclau (2013), que defende a existência de um discurso populista anterior ao político, originado nas relações sociais e responsável por criar um espaço simbólico para o sujeito ocupar. À medida que aumentam as demandas sociais não atendidas, cresce a necessidade de encontrar alguém que ofereça soluções. Assim, os sujeitos se agrupam por identificação, gerando um movimento populista que culmina na figura de um líder: aquele que se apresenta como capaz de suprir a falta originária, que se configura como uma ilusão infantil idealizada.

Esse líder ocupará o espaço discursivo construído pelo populismo, operando com a lógica do “nós contra eles”, em que ele, o líder, se posiciona como o representante capaz de resolver o conflito. O populismo, portanto, articula essa identificação coletiva, oferecendo um ponto de convergência para as demandas fragmentadas e transformando o líder em uma figura central, que promete restaurar a harmonia e atender às expectativas idealizadas.

O líder aqui é um representante das demandas não satisfeitas e que as traduz ao social e ao sistema vigente, ele torna-se o nome, o símbolo e intervém sobre o representado em seu interesse e decisões. Neste caso, esta análise dependerá do dispositivo, do modo de gozo do líder para que a descarga pulsional que circula pela coletividade seja repressiva – pela perversão do líder –, ou sublimatória – gerando então novas subjetividades. (Maron, 2016, p. 121)

Emerge então a necessidade de um líder que funcione como repetição do grupo. Alguém que é o que ninguém mais é: uma potência que convoca identificações formadas nos coletivos demandantes, aqueles que se uniram por identificação.

Esses agrupamentos precisam de um líder cujo carisma possa atender às demandas do grupo e, por meio desse carisma, reativar a experiência originária infantil, ou seja, o líder surge como um efeito da economia narcísica.

4.1

As massas digitais

Nosso foco recai sobre as massas digitais com líder na cibercultura, por isso, a pesquisa culmina no que denominamos líder ciberpopulista – o líder hoje. Entretanto, o advento da digitalização das massas suscita novas interrogações sobre a relação da massa com o líder, bem como sobre o surgimento de outras formas de liderança. Acreditamos que essa problemática demanda uma urgente interlocução com o pensamento freudiano, além de complementar e enriquecer esta pesquisa.

O fenômeno das massas digitais não raro levanta questionamentos, ou mesmo afirmações, de que essas massas operam sem a presença de um líder. Contudo, entendemos que a formação de massas no mundo digital não ocorre sem algum tipo de liderança. Em alguns casos, o líder está presente de forma explícita, como no caso do bolsonarismo, abordado com maior profundidade mais adiante. Em outros casos, porém, o líder assume uma forma não humanizada, cujas manobras revelam um trabalho de manipulação realizado pelos algoritmos de IA.²⁵

Programados inicialmente por pessoas cujos valores e ideais ficam implícitos, esses algoritmos moldam a figura de uma espécie de liderança oculta. Essa liderança pode ser percebida quando se analisa, por exemplo, a exibição dirigida de conteúdos específicos para determinados usuários em seus *feeds*. Retornaremos ao tema para aprofundar a articulação entre os mecanismos digitais e a formação das massas.

O caso emblemático,²⁶ nesse sentido, foi o escândalo envolvendo a Cambridge Analytica²⁷ e a manipulação de dados. Em 2018, a empresa foi acusada de coletar informações pessoais de milhões de usuários do Facebook sem o devido consentimento. Utilizando um aplicativo de teste de personalidade, a Cambridge Analytica conseguiu acessar não apenas dados dos usuários que instalaram o aplicativo, mas também de seus amigos, resultando na coleta de informações de cerca de 87 milhões de perfis.

25 Como já explicado (ver seção 2.1), continuaremos a usar este termo, “algoritmos de IA”, para evitar a repetição conceitual de como os algoritmos e a IA se interrelacionam e com isso geram todo tipo de manipulação e interferência no Eu e no social.

26 Mesmo sendo nosso foco o Brasil e o bolsonarismo, acreditamos ser imprescindível citar passagens como essa, pois são relevantes internacionalmente.

27 Disponível em: <https://www.bbc.com/news/technology-43465968> Acesso em: 2 nov. 2024.

Esses dados foram utilizados para criar perfis psicológicos detalhados, permitindo à empresa segmentar anúncios políticos de forma altamente direcionada, especialmente durante campanhas eleitorais, como a de Donald Trump e a do referendo do Brexit, ambas em 2016. O caso levantou sérias questões sobre privacidade, consentimento e ética do uso de dados em campanhas políticas. Como consequência, o Facebook enfrentou intensa crítica e escrutínio regulatório, resultando em multas e mudanças nas políticas de privacidade da plataforma.

Esse escândalo evidenciou o potencial das tecnologias digitais e dos algoritmos de IA para manipular opiniões e comportamentos, gerando um debate global sobre a regulamentação das redes sociais e a proteção de dados pessoais. Subsequentes investigações por autoridades foram conduzidas em vários países, e o fundador do Facebook, Mark Zuckerberg, foi convocado para depor no Congresso dos Estados Unidos.

Logo, esse líder que emerge pela ação dos algoritmos de IA promove um ideal de manipulação com base nos conteúdos propositalmente oferecidos aos usuários em seus *feeds*. A liderança, dessa forma, torna-se, em última instância, um produto digital. É importante destacar que esse processo, reiteramos, ocorre mesmo quando o líder está “humanizado”, como no bolsonarismo e no trumpismo, em que a liderança é claramente personificada, mas ainda assim amplificada e configurada pelos algoritmos de IA.

Essa dinâmica revela uma nova forma de liderança no contexto digital, em que a manipulação tecnológica atua como um meio para reforçar e disseminar ideais políticos e sociais, criando uma relação direta entre o líder e as massas, mediada por dispositivos tecnológicos. Em outras palavras, há um sujeito, um governo ou uma instituição coordenando outros sujeitos responsáveis pelos *inputs* nos dados que servirão como base para a programação dos algoritmos de IA, cujo objetivo é manipular o ajuntamento de pessoas para fins específicos.

Embora o *modus operandi* dessas ações possa não refletir a estrutura tradicional de uma massa física, o ajuntamento de indivíduos no mundo digital não ocorre por acaso. Há uma intenção deliberada subjacente a essa manipulação, conduzida por agentes que controlam essa formação digital de massas por motivos diversos, conforme vimos no capítulo anterior.

Neste ponto, parece-nos relevante um breve retorno a Freud para recuperar o entendimento da massa e do líder. Vimos que, segundo Freud (1921), a massa pode

ser considerada um ser provisório, impulsivo, de baixo rendimento intelectual e crente na autoridade. É composta de sujeitos interligados, não apenas por fatores conscientes, mas também por motivos inconscientes, em condições que os permitem se libertar, temporariamente, de seus recalques e dar vazão direta a várias de suas moções pulsionais.

Em outras palavras, estamos falando de autômatos, como aponta Winograd (2024). Esse ser provisório que precisa de um líder, uma ideia ou um ideal que possa dominá-lo e a quem ele possa temer. O líder, ou o ideal que ele representa, é indispensável, pois, segundo Freud (1921, p. 195) “a essência da massa não seria compreensível se negligenciássemos o líder”. Se essas ligações não acontecerem, não estaremos diante de uma massa, mas de uma multidão, que eventualmente poderá transformar-se em massa posteriormente.

O estudo das massas também ocupou o pensamento de teóricos pós-freudianos. Por exemplo, Lacan (1961) utilizará o conceito de identificação, que culminará no líder, para desenvolver o traço unário, como vimos no Capítulo 2. Outros teóricos, embora não possamos aprofundar nesta pesquisa, contribuem para refletirmos sobre a massa de diferentes perspectivas. Ferenczi,²⁸ por exemplo, associa a identificação com o agressor representado no social, e Reich (2001) analisa a relação da massa com o sexual reprimido. Todas essas propostas teóricas foram desenvolvidas ao longo do século passado, em um período em que a tecnologia era apenas uma promessa.

Nosso objetivo a partir de agora é destacar, com base em obras de autores contemporâneos, os fatores tecnológicos relacionados à formação e ao desenvolvimento de massas digitais. O cenário digital nos leva a afirmar que a digitalização apresenta novas configurações de liderança e de seguidores, assim estabelecendo a massa digital como ilusão.

Segundo Arão (2021), as massas digitais existem graças a sujeitos que ele denomina “feiticeiros da tecnologia”. São pessoas que operam as redes sociais

28 No artigo intitulado “Ferenczi como pensador político”, a psicanalista Jô Gondar (2012) articula o conceito de desmentido ao sujeito traumatizado pela violência social, pelo não reconhecido como singularidade no laço social, trazendo consequências de identificação desse sujeito a seu agressor, no caso, o líder ideológico. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952012000200011 Acesso em: 5 nov. 2024.

digitais para influenciar grupos com fins político-ideológicos, apontando o poderio bélico das redes para influenciar, agrupar e modificar o estado de coisas por meio da agenda política oferecida.

Pensar as massas digitais implica refletir sobre sua formação pela rede e seus aplicativos da moda, pelo trabalho complexo dos algoritmos de IA e, conseqüentemente, nos convoca a analisar como essas massas se articulam no contexto do *big data*. Conforme já foi tratado na seção 2.1, a *deep learning* (DL) é estruturada para simular redes neurais inspiradas no cérebro humano, permitindo o processamento de grandes volumes de dados, algo essencial no universo do *big data*, de forma altamente complexa e eficaz.

Com o uso de redes neurais profundas (DNLL), esses modelos computacionais são organizados em múltiplas camadas de processamento, que analisam e reorganizam os dados em diferentes níveis. Essa abordagem aprimora tanto o aprendizado quanto a precisão dos algoritmos, tornando-os capazes de prever cenários e calcular probabilidades de forma acurada, aplicável a contextos que lidam com vastas quantidades de informação.

Assim, algoritmos de IA baseados nas DNLL estão cada vez mais precisos em antecipar resultados e atender às demandas dos usuários. Trata-se da hiperpersonalização extensamente discutida no capítulo anterior e que consideramos um elemento central na geração de massas digitais.

O uso político dessa ferramenta pode ser considerado uma arma revolucionária para influenciar agrupamentos no século XXI. Embora a IA não tenha atingido ainda um nível avançado de inteligência autônoma, seu uso para esses fins vem apresentando resultados relevantes. Em outras palavras, as massas digitais surgem de cenários assim, em que a relação do sujeito com as informações – que são abundantes e incessantes – não são racionais.

A preocupação com a coerência não permanece, já que o processo envolve regressão²⁹ e desamparo envolvido – conforme descrito por Freud (1921) ao tratar das ilusões. Entretanto, agora essas ilusões contam com um cenário mais poderoso,

29 “[...] um retorno a formas anteriores do desenvolvimento do pensamento, das relações de objeto e da estruturação do comportamento [...] o conceito de regressão é sobretudo um conceito descritivo, como o próprio Freud notou. [...] A regressão poderia ser interpretada como uma reposição em jogo do que foi “inscrito”. (Laplanche; Pontalis, 2016, p. 464-467)

com a força de influência das redes e com a manipulação de algoritmos de IA. Deduzimos, portanto, que as redes sociais digitais, nesse contexto, se configuram como as grandes geradoras das massas digitais, que continuam a se valer de afetos como o medo e o ódio – sentimentos amplamente conhecidos e explorados ao longo da história da humanidade – para se propagar.

A ferramenta digital seria, portanto, a única diferença em relação aos escritos freudianos sobre esse tema. Essa naturalmente opera em outro ritmo e com outras variáveis interferindo de maneira distinta a relação do Eu perante a liderança.

Outro caso emblemático, semelhante ao da Cambridge Analytica, foi o da empresa canadense AggregateIQ.³⁰ Conforme relatado no *site* The Register, este caso está diretamente ligado ao escândalo da Cambridge Analytica e ao referendo do Brexit, em que a empresa foi acusada de utilizar indevidamente dados pessoais de eleitores. Durante a campanha do Brexit, a empresa foi contratada por grupos como o Vote Leave e BeLeave para desenvolver campanhas digitais.

A AggregateIQ utilizou algoritmos de IA para segmentar eleitores com base em dados comportamentais coletados por meio de redes sociais digitais, especialmente o Facebook. Contudo, foi acusada de violar as leis de proteção de dados, pois processou informações pessoais sem o conhecimento e consentimento dos usuários. A empresa recebeu um aviso de violação das regras pela Information Commissioner's Office (ICO) do Reino Unido, que alegou que os dados foram manipulados para fins de publicidade política de maneira incompatível com os propósitos originais de sua coleta.

A utilização desses recursos tecnológicos facilitou a formação de bolhas informacionais, nas quais que os eleitores eram expostos somente a conteúdos que reforçavam suas crenças preexistentes, influenciando assim o resultado do referendo. Mais uma vez, observa-se um processo de manipulação possibilitado por algoritmos de IA baseados em redes neurais (DLNN).

Em ambos os exemplos, observamos a formação de uma massa digital guiada por alguma liderança, seja representada por um sujeito, seja por um grupo, de maneira velada e utilizando mecanismos tecnológicos que agrupam seguidores em torno de informações fabricadas. Esse processo faz parecer que a massa atua de

30 Disponível em: https://www.theregister.com/2018/09/24/uk_gdpr_notice_appeal/ Acesso em: 4 fev. 2024.

forma espontânea e sem direção, quando, de fato, há um líder oculto, simbolizando um ideal, que recorre intensamente às tecnologias de IA, especialmente aos subcampos de aprendizagem profunda (*deep learning*).

Esse novo *modus operandi* inaugura um cenário obscuro e de difícil previsão, uma vez que sua evolução dependerá do desenvolvimento desses mecanismos de hiperpersonalização, sobretudo, da ética que norteará seu uso. Esse fenômeno representa o que denominamos “algoritmização das massas”.

A fim de manter a organização conceitual, é imprescindível assinalar diferença entre inteligência e produtividade. Conforme afirmou o renomado neurocientista Miguel Nicolelis, em uma entrevista em 8 de julho de 2023, “a IA não é inteligência e sim marketing para explorar o trabalho humano [...] quero ver o ChatGPT sobreviver a um jogo do Palmeiras” (Nicolelis, 2023). Ele sustenta que a inteligência humana é produto de uma evolução de milhões de anos e que, por isso, não pode ser reduzida a um código binário.

Segundo o cientista, o que a IA consegue realizar está mais associado a uma resposta rápida à lógica dos mercados, à necessidade de lucro e à maximização da produção. Essa eficácia não equivale a uma inteligência. A afirmação de Nicolelis provoca muitas reflexões. Por exemplo, o termo “inteligência artificial” pode ser enganoso. Muitas vezes, ele é usado para atribuir qualidades humanas, ou quase “mágicas”, a sistemas que, no fundo, operam de maneira altamente sofisticada, mas estritamente dentro de regras matemáticas e estatísticas. Embora seu poder de influenciar e mudar o destino das coisas seja inquestionável, ela não deve ser confundida com um organismo em processo de evolução e com inteligência. Na verdade, o que chamamos de IA é a capacidade de processar dados em larga escala, identificar padrões e apresentar respostas com rapidez, isto é, alta produtividade.

Essa capacidade, entretanto, não implica consciência, espontaneidade de criação ou evolução biológica. Na inteligência humana, destaca-se a capacidade de questionar e, por vezes, de desobedecer. Neste ponto, precisamos brevemente conceituar a inteligência para a psicanálise.

Segundo Sordi (2005), podemos considerar que, para Freud – que não abordou diretamente esse conceito – a inteligência é uma forma de conhecimento não pré-formado e com capacidade de criar uma realidade a partir algo apresentado ao sujeito, desde que as representações pulsionais sejam inscritas nas experiências com outro sujeito.

É necessário que se constituam as articulações lógicas do processo secundário abertas à significação e a relação que possibilita o conhecimento e que a repressão originária lhes dê um estatuto definitivo mediante a diferenciação entre os sistemas psíquicos. [...] Então, se a inteligência não é uma questão do inconsciente, mas do ego e, fundamentalmente, das leis do pré-consciente, essa inteligência que permite a operatória sobre o mundo é também a que possibilita trabalhar sobre esse objeto do mundo que é o inconsciente. (Sordi, 2005, p. 341)

A inteligência, como aponta Laurent (2017), provém da fala, do sentido que o ser falante atribui a ela. As cadeias significantes operam além do alcance de qualquer algoritmo. Em outras palavras, enquanto pudermos falar, separados dos algoritmos de IA, a fala continuará a ter o poder de nos salvar. Nesse sentido, Turkle (2011) reforça que nenhuma máquina tem a capacidade de compreender a representação inconsciente do que um humano diz; ela pode, no máximo, tentar explicar.

Portanto, mesmo a IA não tendo o que entendemos como inteligência, ela dispõe de mecanismos que a fazem parecer “inteligente” e recursos eficazes de manipulação. Essa eficácia está diretamente relacionada ao funcionamento do psiquismo humano diante do Outro – tema amplamente discutido desde o início desta pesquisa.

Para ilustrar um pouco mais os mecanismos de manipulação no mundo digital, em *Coded Bias*, documentário de 2020 dirigido pela americana Shalini Kantayya, apresenta a metáfora conceitual da “toca de coelho”. Esse termo pretenderia explicar que nem tudo que os algoritmos de IA oferecem corresponde necessariamente ao que o usuário deseja ver. Seus propósitos são os de “hipnotizar” para agrupar.

Por exemplo, ao pesquisar sobre os efeitos da vacina de Covid-19, corre-se o risco de ter seu *feed* bombardeado com assuntos similares para atender a outros propósitos, como informações anticientíficas e conspiratórias. Esse fenômeno evidencia a tendência dos algoritmos de IA para manipular e formar massas ou bolhas digitais.

Renée DiResta, gerente de pesquisa técnica do Stanford Internet Observatory, foi uma das principais pesquisadoras a se aprofundar nesse tema, especialmente durante a pandemia de Covid-19 – um momento que, segundo ela, evidenciou ao máximo a metáfora da “toca de coelho”.

Em entrevista ao Berkman Klein Center em 2020, DiResta (Renée, 2020) afirmou que o excesso de informações atualmente disponíveis na rede expõe uma fragilidade que permite o crescimento dessa “toca de coelho”. O que é priorizado nas pesquisas *on-line* não é necessariamente o mais confiável, mas sim o mais popular.

Em consonância com esse ápice da pandemia, Fisher (2023) reforça que foram as redes sociais digitais, sem o devido controle do conteúdo publicado, que fomentaram o pânico causado pela desinformação. Como destaca Fisher (2023, p. 26), “esse movimento marginal era guiado por uma coisa que nem o CEO da empresa tinha como superar”. A frase, dita por Mark Zuckerberg, foi destacada por Fisher ao ser questionado sobre a passividade do Facebook diante da disseminação de *fake news*.

Johansen e Kruger (2022) introduzem a expressão “casulo de informação”, que descreve o recebimento de informações mediadas pela alimentação algorítmica personalizada – um cenário ideal para a formação de massas digitais. Nesse contexto, podemos pensar o líder como uma figura que se assemelha à “própria IA”, isto é, alguém que oferece exatamente aquilo que os indivíduos desejam ouvir e que se apresenta como capaz de resolver todas as questões para todos. Essa lógica de liderança, fundamentada na satisfação das demandas e na promessa de resolução de conflitos, salienta a conexão entre o funcionamento dos algoritmos de IA e a dinâmica de identificação e submissão das massas.

Acreditamos que o processo de funcionamento dos algoritmos de IA deve ser compreendido como uma forma de projeção do líder de massa e, ao mesmo tempo, como um instrumento que potencializa sua função. A vida contemporânea nos impõe um ritmo extremamente acelerado, que muitas vezes nos priva da reflexão sobre questões mais complexas. Nesse cenário, instrumentos que prometem soluções práticas, mas que operam por meio de manipulação, levam o sujeito a tomar decisões ou defender posições sem plena consciência do que está decidindo ou dos motivos que fundamentam suas escolhas.

Como já mencionado, o uso político-ideológico dessa ferramenta amplifica, de maneira significativa, a formação de massas. Essas massas, entretanto, revelam-se tão ou mais perigosas do que aquelas descritas por Freud em 1921, pois agora contam com “ferramentas extras”, representadas pela tecnologia em si, que excedem os mecanismos tradicionalmente analisados.

Como visto, as ferramentas tecnológicas de controle são potentes e têm alta capacidade de disseminação. Esse cenário fez emergir o que se convencionou chamar de milícias digitais, que também podem ser compreendidas como uma forma de massa digital. Essas milícias operam reduzindo o coletivo a particularidades e são constantemente influenciadas e influenciam o funcionamento da IA, visto que ela analisa tendências sem distinguir entre informações verdadeiras ou falsas.

Se as milícias digitais inundam a rede com informações falsas, a IA, incapaz de diferenciar entre dados verdadeiros e falsos, acaba mobilizando essas informações equivocadas. Além disso, um viés pode ser reforçado pela manipulação intencional dos algoritmos de IA, potencializando ainda mais esse ciclo manipulatório.

Essas ações podem desestabilizar o laço social, já que, por meio de recursos tecnológicos, estimulam os sujeitos de forma individualizada, evidenciando o gozo e gerando uma massa aparentemente sem rosto. Essa massa levanta uma questão inquietante: será que todos os indivíduos que parecem estar presentes realmente existem, ou alguns são apenas robôs?

Independente de suas motivações, na maioria das vezes a participação em redes sociais envolverá responsabilidades, direitos e tomadas de decisões [...] não necessariamente haverá uma organização vertical, pois poderá ser orientada pelos elos formados entre os membros. No entanto, sua organização horizontal não excluirá as relações de poder e dependência nas associações internas e externas mantidas pelas redes sociais. (Danziano *et al.*, 2020, p. 279)

Segundo Dunker (2019), as massas digitais surgem a partir de 2013, inaugurando uma nova forma de identificação do sujeito, conforme discutido desde o capítulo anterior. Um elemento significativo desse cenário digital foi a criação de microgrupos em plataformas como o WhatsApp, formados, por exemplo, por familiares ou colegas de trabalho. Esses microgrupos passaram a reproduzir a forma discursiva típica das grandes massas, pela qual o sujeito, em vez de confrontar suas convicções com a realidade externa, tende a se refugiar em um circuito fechado de validação mútua. Esse processo consolida um ambiente propício à manipulação e à influência ideológica.

Observa-se, assim, a geração de uma regressão necessária ao estado de massas, conforme descrito por Freud (1921), que contribui para o fechamento do

sujeito em relação aos fatos, facilitando sua entrega e adesão a informações falsas e à desinformação.

Na esteira desses pensamentos, Braunstein (2020) introduz o conceito de “neomassas”. As neomassas não são mais formadas diretamente por pessoas, mas por um aglomerado de dados organizados pelos computadores. Os sujeitos são convocados por seus celulares, reúnem-se temporariamente e depois retornam a esses dispositivos, aguardando novas informações geradas pelos algoritmos. Em outras palavras, as neomassas consistem em conglomerados de metadados, moldados por forças superiores até mesmo aos interesses dos próprios “ditadores” – agentes que exercem o controle sobre essas massas, sejam essas forças de origem governamental, sejam vinculadas à iniciativa privada.

No século XXI, as neomassas representam desafios inéditos para a compreensão das massas, o que pensadores renomados do século XX não precisaram enfrentar. O sujeito da massa digital, nesse contexto, torna-se um cliente domesticado, orientado conforme os dados interpretados e disseminados em seus *smartphones*.

Para Braunstein (2020), a neomassa não necessita de um líder humano; sua liderança é exercida por algoritmos de inteligência artificial (IA), concebidos para controlá-las. São massas amorfas e nômades, com objetivos transitórios, não raro voltados a interesses mercadológicos e, muitas vezes, oportunistas. Trata-se de massas projetadas para se desintegrar e serem esquecidas.

Como vimos no início deste capítulo, o líder é representado digitalmente, como um sujeito oculto, trazendo consigo a novidade de um *modus operandi* que se manifesta tanto no desenvolvimento do ajuntamento quanto na posterior diluição da massa.

Conforme discutido, estamos diante de um fenômeno novo e complexo, que requer uma análise ampliada para compreender as massas digitais e suas especificidades. Embora o pensamento de Freud, em 1921, tenha sido fundamental para o estudo das massas tradicionais, as dinâmicas digitais contemporâneas introduzem desafios que nem sempre se alinham diretamente às categorias clássicas. Esses desafios revelam tensões entre a permanência de conceitos freudianos e as mudanças trazidas pela lógica algorítmica e pela interatividade mediada pelas redes.

O desenvolvimento apresentado neste estudo demonstra que, apesar dessas diferenças, o pensamento freudiano continua sendo um referencial teórico poderoso. Sua flexibilidade teórica permite dialogar com o cenário digital, lançando luz sobre os novos modos de formação das massas e suas implicações psíquicas. Essa articulação evidencia tanto os limites quanto as potencialidades do modelo freudiano, reafirmando sua relevância na compreensão dos processos psíquicos e sociais na contemporaneidade.

4.2

Novos fatores de ligação do Eu às massas digitais

O fascínio da imagem atinge seu ápice quando nós somos a própria mensagem.

Mauricio Mota e Suzana Pedrinho³¹

A partir deste ponto, voltaremos nossa atenção para o estudo das redes sociais digitais, explorando suas variáveis e as consequências que elas geram na vida dos sujeitos. É importante diferenciar as redes sociais, como espaços de interação, das redes sociais digitais, que potencializam essas dinâmicas por meio da tecnologia.

Nosso objetivo é compreender como essas plataformas operam para capturar a atenção dos usuários e estabelecer novos padrões de socialização e conexão entre os indivíduos. Analisaremos essas dinâmicas à luz da psicanálise, investigando os processos inconscientes que sustentam a dependência, o desejo de pertencimento e as formas de identificação promovidas nesses ambientes.

Segundo Faustino e Lippold (2023) e Ferreira (2011), redes sociais digitais são grupos não geográficos de pessoas ou empresas, conectados por aplicativos específicos via internet, que compartilham ideias, informações, valores ou interesses em comum, como trocas comerciais e crenças. Por sua ampla adesão, elas geram fluxos sociais que atravessam o mundo físico.

31 Citado em Conciliando Pensar e Fazer com o Youtube, ou “a fábrica de presentes” do livro de BURGESS, Jean; GREEN, Joshua. *YouTube e a revolução digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade*. Tradução: Ricardo Giasseti. São Paulo: Aleph, 2009. p. 9.

Já as redes sociais, em seu conceito mais amplo, referem-se a grupos de pessoas conectadas por diversos motivos, independentemente da internet. Assim, as redes sociais digitais constituem apenas um tipo específico de rede mediada pela internet e não podem ser reduzidas a ela.

Segundo Santos (2013), redes sociais digitais como Facebook e ex-Twitter exigem dos participantes apenas engajamento, sem a necessidade de posicionamento. O engajamento serve como uma ferramenta de potencialização para a disseminação de informações, o destaque de movimentos. Essa fórmula tem se mostrado eficaz, pois as pessoas tendem a se interessar apenas por eventos e informações amplamente massificadas nessas plataformas.

As redes sociais digitais consolidam-se como ferramentas poderosas de difusão de informações, investindo em relações sociais fracas, mas intensas no imaginário. Nelas, os encontros não são aleatórios, pois os algoritmos de IA direcionam interações, eliminando o acaso. Não há nas redes encontros fortuitos. Assim, as pessoas se veem “aprisionadas” em bolhas, apresentando-se por fragmentos – verdadeiros ou não –, pelos quais desejam ser vistas.

Segundo Weinberg (2014), é necessário ter um interesse genuíno pelas pessoas que participam de grupos digitais, pois uma mera curiosidade não seria suficiente para sustentar o desejo de compreender como esses grupos funcionam.

Um exemplo significativo é o YouTube. Segundo Nagumo (2022), o YouTube é uma rede social de influência inquestionável em nível mundial, com mais de 100 milhões de usuários apenas no Brasil, sendo que 70% de seu conteúdo é consumido via celular. Embora a plataforma afirme que sua missão é “dar voz a todos”, sua verdadeira meta é o lucro, obtido pela exposição contínua dos usuários.

Diversas estratégias são implementadas para manter os sujeitos presos à plataforma e consumindo conteúdos pelo maior tempo possível – mesmo que isso inclua a disseminação de conteúdos falsos. Como aponta Nagumo (2022, p. 26): “No fim, o YouTube espelha a complexidade da cultura digital que vivemos hoje, mudou o cenário de consumo comunicacional assim como tem afetado o cenário educacional”.

Analisando o Facebook, seus números são igualmente impactantes. Como aponta Kirkpatrick (2011), as redes sociais digitais não tiveram início com o Facebook, mas já existiam antes dele. Contudo, o Facebook, como herdeiro do que havia sido desenvolvido até então, criou sua própria forma de interação. O conceito

de redes sociais digitais remonta ao surgimento do SixDegrees.com, em 1997, cujo objetivo era compartilhar conexões para facilitar interesses comuns, ampliando, assim, as redes de amigos e conhecidos.

Já o Facebook foi lançado em 4 de fevereiro de 2004 sob acusações de plágio de um trabalho da Harvard Connection. Apesar da denúncia, os negócios continuaram e, em poucas semanas, a plataforma já contava com mais de cinco milhões de usuários.

O sucesso inicial deveu-se à sua simplicidade de uso, descrita como “desacerebrada” pelos próprios funcionários da época, e à possibilidade de os usuários publicarem e alterarem fotos livre e facilmente. Essa abordagem transformou o Facebook na rede social que, em 2008, já detinha o maior tempo de uso no mundo. A meta da empresa era ambiciosa: alcançar a dominação total, consolidando-se como um monopólio global de comunicações, isto é, uma rede social digital padrão.

O objetivo de um monopólio de comunicações globais, consolidando-se como uma rede social digital padrão, tem gerado impactos significativos e mudanças de grande envergadura, que ainda demandam acompanhamento e análise. Embora a integração das pessoas ao mundo digital já seja um fato incontestável, a questão central reside em compreender até que ponto o ciberespaço influencia inconscientemente o psiquismo humano.

Essa relação complexa entre o ciberespaço e o psiquismo pode ser abordada a partir de uma questão fundamental: se há perigo na *web*, por que, então, tantas pessoas a utilizam de forma excessiva?

A partir desse questionamento, o psicólogo americano Aaron Balick (2014) busca explicar essa relação entre o ciberespaço e o psiquismo, que ele mesmo denomina “rastejante”, pela necessidade humana de estabelecer relacionamentos por meio da rede e pela forma como a comunicação se propaga na internet. Ainda que os frutos desses relacionamentos não raro sejam superficiais, eles se manifestam de forma volumosa em razão da necessidade inerente do sujeito humano de se relacionar – não importando tanto como ou o que se gera a partir dessas conexões, mas sim o simples fato de existir alguma relação.

Esse desespero de pertencimento é alimentado pela promessa das redes sociais digitais, que criam uma fusão ilusória do sujeito com o mundo ao oferecer a sensação de pertencer a algo maior. Essa promessa é especialmente potente, pois

nada supera as redes sociais digitais na capacidade de gerar o sentimento de pertencimento, um desejo cultivado desde a infância.

Para Johansen e Kruger (2022), a necessidade urgente de reconhecimento ocupa um lugar central nas dinâmicas sociais. Esse reconhecimento é tão essencial que se manifesta de maneira intensa na vida das pessoas, muitas vezes sem que elas percebam.

Reconhecer o outro e ser reconhecido por ele constitui a base para a construção de laços, cuja ausência compromete a própria possibilidade de existência. O sujeito necessita que suas ações sejam reconhecidas e autorizadas pelo outro, pois é a partir dessa relação que se estabelece sua identidade e pertencimento.

As redes sociais digitais operam de duas maneiras distintas: elas podem funcionar como um espaço de identificação e compartilhamento, em que “sou seu amigo, você me segue, eu te sigo, e compartilhamos ideias similares”; ou como um terreno de antagonismo, em que “dependo dos seus posts para te odiar, e minha função é me apegar a seu perfil para te destruir”. Essa dinâmica remete ao conceito freudiano de “narcisismo das pequenas diferenças”, descrito como “uma satisfação conveniente [...] da tendência à agressão” (FREUD, 1930, p. 367).

Como vimos, o ambiente digital pode gerar impactos ameaçadores para a continuidade do ser. Balick (2014) aponta que, nesse contexto, há um fortalecimento de uma estrutura defensiva baseada no *falso self*,³² que passa a mediar as interações do sujeito no mundo social *on-line*. Entretanto, o *falso self*, longe de ser apenas um complemento negativo a ser descartado, desempenha um papel social eficaz na proteção e continuidade do *verdadeiro self*. Contudo, no

32 Por motivos de esclarecimento conceitual, decidimos reproduzir o entendimento do autor, Balick, sobre o conceito de *falso self*. “A estrutura defensiva reside na forma como o falso Eu preserva uma continuidade do ser: uma continuidade que é ameaçada pelo impacto, virtual ou não. Curiosamente, para Winnicott, o falso Eu é um aspecto do verdadeiro Eu; esta é uma relação interna que é crucial manter em relação à nossa aplicação destes conceitos à forma como um indivíduo negocia o seu mundo social online. Infelizmente, o uso da palavra ‘falso’ frequentemente dá a impressão redutora de um Eu que é uma espécie de ‘complemento’ falso que seria melhor dispensar. Alternativamente, o falso Eu deveria ser visto como uma implantação do ego que é uma resposta criativa a um déficit: o falso Eu surge especificamente para enfrentar este desafio. O falso Eu é o aspecto externo da psique que assume o papel de grande parte do trabalho interpessoal, trabalho como ser gentil, dizer a coisa certa, dar-se bem com as pessoas e fazer o que é esperado. Nessas circunstâncias, o falso Eu assume o papel social para que o verdadeiro Eu possa continuar existindo [...] Embora seja uma máscara, é um tipo particular de máscara que se adapta de alguma forma ao indivíduo, mesmo que distorça o acesso ao Eu real, por isso chamá-la de ‘falsa’ não é totalmente correto: chamá-la de parcial seria seja mais correto.” (Balick, 2014, p. 17)

ambiente digital, ele não raro assume o protagonismo da vida psíquica, mascarando de forma excessiva a existência do sujeito.

Acreditamos que o *falso self* deve ser entendido como parcial em sua relação com o *verdadeiro self*, o que, no entanto, não ocorre nas redes sociais digitais. Nessas plataformas, o *falso self* é fixado como o único existente, sendo confundido com o próprio *eu*. Isso estabelece uma relação perigosa do sujeito consigo mesmo, uma vez que a crença de ser apenas o *falso self* o leva a se relacionar com uma representação distorcida de si, resultando em uma integração patológica, caracterizada por um narcisismo que atrai atenção para si a qualquer custo.

Essa patologia é eficaz em impedir que o sujeito tenha contato com sua essência verdadeira, alimentando um estado de futilidade, apego a irrealidades e uma sensação paranoica crescente. É desse ciclo que as redes sociais digitais se sustentam e garantem a manutenção de sua existência e funcionamento.

Notamos que um funcionamento diferenciado exigiria sujeitos capazes de estabelecer uma relação com o outro em um nível de reconhecimento equilibrado, no qual a sujeição e a violência fossem complexificadas a ponto de não se intensificarem. Além disso, seria necessário eliminar o uso político e outras tentativas ideológicas de controle nas redes. Contudo, enquanto isso não se torna realidade, o reconhecimento permanece como a “moeda de troca” das redes sociais digitais, sustentando sua capacidade de mobilizar massas.

Exemplos disso são as funções de “curtir” no Facebook ou os “corações” no Instagram, que representam demonstrações da complexidade da interação verdadeiro-falso entre sujeitos, buscando como resultado um “eu sou” para um “você é”. Essa mutualidade, fácil e imediata nas redes, é muito mais difícil de alcançar nas relações presenciais, físicas, que dependem de uma dialética mais complexa e desafiadora.

Trata-se, aqui, de um funcionamento ideal no qual o verdadeiro *self* e o falso *self* operem juntos. Conclui-se, assim, que só há relação genuína se houver a integração deles e o trabalho de ambos. No entanto, as redes sociais digitais exigem apenas um deles: o falso *self*.

Ao analisar mais profundamente o comportamento dos sujeitos nas redes sociais digitais, Balick afirmou, em entrevista à BBC em 2017, que essas plataformas retiram dos usuários a noção de constrangimento ao oferecer uma sensação de poder, alimentada por curtidas, aprovação e reconhecimento de seus

posts. Esse movimento revela a objetificação do outro e promove uma falsa onipotência, que causa danos graves no âmbito social, como o *cyberbullying* (assédio e violência pelos meios digitais) e a extinção da privacidade.

Vive-se, assim, uma onda de comportamentos antissociais, impulsionada pela ausência de freios que só seriam possíveis na vida real. Nesse contexto, surge a função do perfil *fake* ou do *falso self* digital, que, além de potencializar os problemas já expostos, desperta o lado mais obscuro dos sujeitos, funcionando como uma “porta aberta” para excessos de agressividade. Trata-se de um cenário propício para a formação de massas digitais, marcadas por polarizações extremas nas quais o viés humano é descartado.

Lanier (2018) afirma que um usuário de rede social digital nada mais é que um rato de laboratório, recebendo petiscos e choques elétricos. Igualmente crítica, Pariser reitera que, nas plataformas, ela “já sabe que você é um cachorro – conhece a sua raça e quer lhe vender um saco de ração *premium*”. (Pariser, 2012, p. 10) Sendo assim, caberá às redes sociais digitais, como o Facebook, desempenhar um papel ativo na mudança comportamental ajustando o que é oferecido e usado por você.

Como o ser humano é influenciável diante das pressões sociais, torna-se primordial a criação de uma defesa, contudo ela será manipulada pela rede também. Os sentimentos são estrategicamente evocados mediante punição e recompensa, analisando qual das duas abordagens facilita mais a fixação do sujeito.

Não adianta mudar a rede social digital, migrar do Facebook para o Instagram, por exemplo. Todas operam sob os mesmos princípios de manipulação. Para Lanier (2018), a única solução seria deletar as redes sociais antes que outras plataformas ainda mais nocivas venham a surgir.

No entanto, observei que desde que a rede social decolou, os babacas estão tendo mais voz no mundo [...] ou há uma *shitstorm* total de imbecis ou todos são supercuidadosos e dotados de uma simpatia artificial. No entanto, os piores babacas recebem a maior parte da atenção e com frequência acabam determinando o tom da plataforma. Mesmo se houver algum recanto onde nem todo mundo é um imbecil o tempo todo, esse oásis parece encurralado, porque os imbecis estão à espreita do lado de fora. (Lanier, 2018, p. 49)

Ao continuar a reflexão sobre o comportamento dos usuários das redes sociais digitais como uma forma de fechamento em si mesmos, Han (2017) oferece uma análise esclarecedora por meio de seu conceito de “transparência”.

Para esse filósofo, a contemporaneidade equipara liberdade de informação à transparência, a ponto de etichizá-la. No entanto, o problema surge quando uma sociedade excessivamente transparente se torna ausente dos mecanismos relacionais e reflexivos característicos de uma “sociedade negativa”.³³

Nesse contexto, o que resta é uma sociedade exclusivamente positiva. Em outras palavras, uma sociedade transparente é uma sociedade rasa, incapaz de resistir aos ditames do capital e subordinada a governos e seus métodos de controle. O sujeito, nesse cenário, está sem destino: não reflete, não nega, apenas obedece ao que todos fazem.

Uma sociedade transparente produz um sujeito sem singularidade, nas palavras de Han (2017, p. 10), “um abismo infernal do igual”. O transparente exige uma comunicação veloz sem dar tempo para a “diferença agir”; o negativo retira o raso do igual. Para o transparente, a velocidade é vista como coação da comunicação com intuito de produção de uma sociedade uniformizada. Ou seja, o ser humano precisa ser nivelado e funcional. Vale salientar que as relações, para serem possíveis, precisam de negatividade.

A existência de uma interessoalidade baseada na transparência inviabiliza qualquer contato real, pois a ausência da intimidade necessária transforma as relações em algo exposto e, muitas vezes, violento. Nesse contexto, a capacidade de refletir, intuir, esquecer e até mesmo abandonar é retirada, gerando uma incapacidade de tolerar. Esse “vazio” positivo, que deveria produzir singularidade, vai se inviabilizando à medida que os iguais se agrupam e se invadem mutuamente, tornando-se cada vez menos tolerantes a qualquer sentimento negativo.

Desse modo, a pós-política se estabelece, e as redes sociais atendem cada vez mais ao desejo desenfreado do “me atenda agora”. Segundo Queiroga, Barone e Costa (2016), as relações digitais favorecem a criação de grupos que produzem e reproduzem identidades. As pessoas se agrupam por postagens e acabam se

33 Conceito vastamente explicado em Han (2015). Nesta obra, o filósofo explica que negativo e positivo são posicionamentos da sociedade. Uma sociedade positiva é aquela em que tudo deve ser igual, causando incapacidade de reflexão e adoecimento. Isso possibilitaria novas formas de violência, pois qualquer pensamento diferente deveria ser extinto. Daí a necessidade da negatividade, ou da sociedade negativa. “O futuro se encurta numa atualidade prolongada. Falta-lhe qualquer negatividade, que permitiria olhar para o outro [...] A crescente positividade do mundo torna-o pobre em estados de exceção.” (p. 29)

fechando em suas identificações, limitando-se a esses espaços restritos e homogêneos.

Segundo Freud (1921), quanto mais fortes forem os elementos em comum entre os indivíduos, mais fortes serão as massas, o que parece marcar também a essência das massas digitais. No entanto, a velocidade característica do ambiente digital é, talvez, o fator que mais as diferencia das massas tradicionais.

Esses grupamentos se organizam de forma extremamente rápida e, com a mesma rapidez, podem se dissipar, muitas vezes levando seus integrantes a “esquecerem” que fizeram parte desses grupamentos.

As redes sociais digitais, como o Facebook, evidenciam como o novo modelo de ideal é disseminado. Ao mesmo tempo que oferecem uma falsa sensação de emancipação, limitam-se a disponibilizar superficialidades e manipulação. Nesse cenário, acreditamos que novas formas de liderança emergem na cultura, sendo o *influencer* uma das mais marcantes.

4.3

Os líderes *influencers*

Não puxem discussão de ideias. Investigue alguma sacanagem do sujeito e destrua-o. Essa é a norma de Lênin: nós não discutimos para provar que o adversário está errado. Discutimos para destruí-lo socialmente, psicologicamente, economicamente.

Olavo de Carvalho³⁴

Conforme discutido, o mundo digital, por meio de seus aplicativos, fez emergir uma nova forma de liderança, que analisaremos a seguir. Trata-se da figura do *influencer*, que exerce um grande poder de influência, mas cuja posição é também altamente perecível. O lugar de ideal que esse indivíduo ocupa é facilmente substituído por outro que esteja “em alta”. Diante disso, surgem questões centrais: como pensar essa idealização e o investimento libidinal na rede? O que, de fato, guia essas escolhas?

34 Citado em Carvalho; Bugalho (2020, p. 73).

É justamente nesse ponto que a obra de Freud se torna essencial para um aprofundamento e extensão conceitual. O *influencer*, que frequentemente expõe sua imagem em plataformas como YouTube ou Instagram, precisa apresentar um modo de vida que desperte desejo em seu público-alvo. Para esse nicho específico, ele se torna um ideal, arrebatando um número significativo de seguidores que o têm como modelo a ser seguido.

Percebemos que, nesse cenário, instituem-se os ideais do neoliberalismo como discurso definitivo de modo de vida, promovendo produtos e regras que propiciam cada vez mais o surgimento de massas influenciáveis digitalmente. Saímos, assim, dos líderes ideológicos de Freud para os vendedores de produtos e regras do capitalismo. Surge então uma questão: seguimos o líder *influencer* digital, ou apenas o que ele está vendendo ou representando no momento?

Se a liderança estiver baseada exclusivamente na “venda atual”, temos um líder cuja posição de poder é extremamente frágil, enquanto a massa se preocupa mais em manter a libido investida nos objetos que ele representa do que na ilusão de amor e completude associada ao líder freudiano. Isso levanta outra reflexão: não seria o consumo uma forma de se sentir ligado ou amado pelo líder *influencer*? Acreditamos que sim.

É importante destacar que nem todas as massas digitais seguem o mesmo *modus operandi*. Algumas utilizam as redes sociais digitais para investir cada vez mais em seu líder, como é o caso do bolsonarismo ou do trumpismo. Contudo, não podemos desprezar a força que as massas digitais atribuem ao *influencer* como liderança, assim como o papel significativo dos algoritmos de IA como ferramenta de manipulação. Pensar o *influencer* como um líder isolado, desconectado de um sistema mais amplo, não nos parece uma abordagem adequada para compreender esse tipo de liderança.

Percebemos que tanto o adolescente com milhões de seguidores no TikTok quanto o “mito” Bolsonaro podem ser vistos como *influencers*, e o *modus operandi* de cada um para capturar sujeitos e formar massas devem ser analisados de forma paralela. Em uma breve análise, ambos se mostram reféns do sistema neoliberal, escravos da produção de ilusões e subordinados à lógica de manipulação empregada pelos algoritmos de IA. Nesse sentido, podemos concluir que o líder atual, em grande parte, é uma forma de *influencer*.

Han (2022) contribui para essa reflexão sobre essas questões ao afirmar que os *influencers* dessas plataformas da moda são internalizadores das técnicas neoliberais de poder. Todos buscam projetar uma forma “autêntica” de se apresentar em seus perfis, oferecendo liberdade por meio do consumo. Essa estratégia provoca cobiça e espelhamento, e, ao conquistar a atenção de seu público-alvo, os *influencers* se tornam figuras quase “salvadoras”, com uma base significativa de seguidores. O consumo dos produtos que promovem transforma-se em uma identidade incontornável, reduzida, contudo, a uma mera mercadoria.

Essa relação, longe de ser racional, caracteriza-se como “midiocrática”, ou seja, submissa à lógica dos meios de comunicação de massa. Como vimos anteriormente no Capítulo 3, com Bernays, o poder de manipulação pela mídia já era percebido há tempos, por meio do que ele chamou de “engenharia do consentimento”.

A midiocracia, nesse contexto, opera como um sistema de transmissão de conteúdo que visa eliminar a racionalidade, promovendo o declínio do julgamento crítico, seja no entretenimento, seja em outras formas de comunicação. O que se transmite, portanto, não é conhecimento, mas o “negócio da distração”, cujo objetivo é manter o público em uma posição imatura e infantilizada, impedindo que a realidade substitua a ficção.

Os seguidores começam a construir suas imagens pelo digital a partir da sedução desenvolvida, consciente e inconscientemente, conforme os parâmetros estabelecidos por esses *influencers*. Esses parâmetros se formam em constante *feedback*, baseados nas respostas recebidos, como *likes* (curtidas) e patrocinadores, e não mais pela comunidade física em que o sujeito está inserido.

É missão de um *influencer* criar um ambiente ideal para que seus conteúdos sejam relativamente aceitos e entendidos como verdadeiros e importantes, gerando uma urgência de imitação. Sendo o sujeito um produto do meio social e predisposto ao agrupamento, podemos pensar que, a partir do êxito da missão do *influencer*, teríamos consequentemente um tipo de líder e uma massa digital.

Trata-se de uma relação contínua, podendo se mostrar excessiva, entre ser e ter. O *influencer*, ou líder, existe para vender e informar, método que evidencia o processo identificatório descrito por Freud (1921). Esse corpo “posto à venda”, à medida que ganha notoriedade entre seus seguidores – sua massa digital particular –, torna-se um veículo de promoção para grandes marcas. Transforma-se, assim,

em um produto do *marketing* que, para se manter lucrativo e relevante, não cessa de criar uma imagem de sedução crescente para sua massa digital e seus seguidores fiéis.

Conforme Karhawi (2017), é ele quem decide o que você pode, deve e como comprar. Brandão e Freire (2017, p. 5) complementam afirmando que os “digital *influencers* são os mestres da difusão de informações de uma cultura popular urbana”. O líder *influencer* não constrói nada para durar, suas relações são líquidas, reféns do mercado. Manter-se como objeto de desejo, pela via do consumo ou da política, não nos parece algo que possa ser sustentado de maneira sólida e perene.

Segundo Zuboff (2020), o imediatismo de consumo – uma faceta de demonstração do poder econômico – se apresenta como uma ferramenta de preenchimento de vazios, em que o *like* rastreável é monetizado por alguma companhia. A pesquisadora utiliza uma metáfora interessante ao afirmar que o mercado acordou um “tubarão” que sempre esteve presente nas profundezas e hoje ele salta sempre para a superfície ao encontro de novas presas, capturadas no digital. Esse “tubarão” é uma variante do capitalismo de informação, que se manifesta como um imediatismo exacerbado, sustentado pela rápida multiplicação do sistema de informação, utilizado como instrumento de domínio por meio do capitalismo de vigilância.

Esse capitalismo de vigilância atua como um recrutador das ofertas do mundo digital, prometendo uma vida plena e eficiente, antecipando necessidades e facilitando o cotidiano. No entanto, esses supostos facilitadores carregam ameaças ocultas, como a extinção da privacidade e a exposição de dados comportamentais, elementos que intensificam a alienação e ampliam os lucros das empresas.

Com isso, o capitalismo de vigilância se consolida como uma forma dominante na contemporaneidade. A queda da individualidade torna-se necessária nesse sistema, pois ameaça a alienação. Uma sociedade alienada é governada por uma espécie de “inteligência coletiva”, que, nesse caso, é dirigida pelos vieses do capitalismo já definidos aqui.

As redes sociais digitais operam como instrumentos para a geração de um sentimento de “manada humana” que funciona como um lar – um espelho social que nos impõe a seus usuários uma constante comparação, alimentada pela pressão do líder *influencer*. Esse sentimento de manada como lar elimina o equilíbrio entre

o Eu e o outro, instaurando, em escala mundial, um novo e sombrio modelo de sociedade.

O Facebook é o caldeirão dessa nova e sombria ciência. Ele visa aperfeiçoar o estímulo incansável da comparação social no qual a empatia natural é manipulada e instrumentalizada para modificar o comportamento para alcançar os fins desejados por outros. Essa colmeia sintética é um pacto diabólico para o jovem. Em termos de pura e eficácia cotidiana – contato, logística, transações, comunicações – afaste-se, e você está perdido. E você apenas anseia pelo sumo da fusão que é prova de vida numa certa idade e estágio – afaste-se, e você está extinto. É um fenômeno recente viver de forma contínua sob o olhar dos outros, ser seguido por centenas ou milhares de olhos, aumentado pelos dispositivos, sensores, holofotes e ondas do Grande Outro, que renderizam, registram, analisam e atuam. O ritmo incessante, a densidade e o volume do olhar enviam um fluxo perpétuo de métrica avaliativa que eleva ou abaixa o valor da moeda social do indivíduo a cada clique. (Zuboff, 2020, p. 551)

O capitalismo de vigilância, como se nota, depende da exploração da vida humana para sobreviver e o faz reduzindo-nos a algoritmos manipuláveis: a mercadoria pronta para consumo dos outros. O *influencer*, como representante desse *modus operandi*, encontra um vasto campo de atuação a explorar, um ofício que pode se estender a qualquer esfera do social, o que o torna ainda mais perigoso do que aparenta. Essa complexidade será analisada a partir de agora.

Torna-se fundamental apresentar alguns estudos e personagens do mundo digital classificados como líderes *influencers*, especialmente aqueles de viés político e extremista, como forma de introduzir a discussão sobre o líder populista e digital, que, a nosso ver, representa a liderança contemporânea. Entre essas figuras, destacamos Olavo de Carvalho, a quem consideramos a expressão máxima do poder que tais líderes podem exercer na cultura. Iniciaremos nossa análise com ele e, ao longo da exposição, ficará evidente por que o consideramos o maior líder *influencer* da história recente do Brasil.

Segundo uma reportagem publicada em janeiro de 2022 no *site* de notícias Terra (Análise, 2022), Olavo de Carvalho foi pioneiro na propagação de *fake news* no Brasil. Por mais de duas décadas, Olavo disseminou incansavelmente notícias falsas e teorias conspiratórias em suas redes sociais digitais. Ele iniciou seu processo de notoriedade na segunda metade dos anos 1990, apresentando-se como filósofo e conservador. Inicialmente, conforme aponta a reportagem, seu público era composto majoritariamente por pessoas com baixo nível de escolaridade e

ressentimento acadêmico – sentimento que Olavo fomentou, apresentando as universidades como “antros de esquerda”.

Embora sua abordagem não trouxesse novidade, sendo em grande parte uma imitação de ultradireitistas americanos, sua influência cresceu consideravelmente, destacando-se sua relação com Steve Bannon. Suas ideias eram marcadas por negacionismo, anticiência, teorias conspiratórias e uma postura que autorizava a violência. Desde 2013, seus livros venderam mais de meio milhão de cópias.

Apesar de seu posicionamento antivacina e da propagação de que a Covid-19 seria fruto de uma conspiração, Olavo morreu dessa doença, segundo grupos do Telegram ligados a ele. No entanto, essa versão não foi confirmada oficialmente pela família, que, até o momento, não se pronunciou sobre a causa de sua morte.

Em entrevista concedida em 2022 a Leandro Prazeres (Olavismo, 2022), repórter da BBC Brasil, Jorge Chaloub, estudioso da nova direita no Brasil, afirmou que o olavismo – movimento originado dos “ensinamentos” de Olavo de Carvalho – sobreviverá à morte de seu criador, embora os impactos ainda sejam incertos.

A influência de Olavo foi significativa no cenário político brasileiro a partir dos anos 2000, especialmente quando ele passou a ser amplamente reconhecido como o “guru do presidente” Jair Bolsonaro. Bolsonaro, ele próprio considerado um líder *influencer*, lamentou a morte de Olavo em suas redes sociais, descrevendo-o como “um gigante na luta pela liberdade e um farol para milhões de brasileiros”.

Olavo não depende de Bolsonaro e o olavismo veio para ficar. Já em algumas ocasiões, quando houve a percepção de que o governo Bolsonaro poderia não chegar ao fim, Olavo tratou de se demarcar do seu pupilo de forma a poder se desresponsabilizar de quaisquer fracassos caso este naufrague. (Carvalho; Bugalho, 2020, p. 91-92)

Na mesma entrevista, Chaloub acredita que um dos fatores que levaram Olavo a alcançar fama internacional e criar um movimento de amplo poder, capaz de influenciar as eleições presidenciais no Brasil, foi sua forma de retórica. Segundo ele, trata-se de uma retórica que combina uma interpretação mística da modernidade com influências de teorias de conservadores pouco conhecidos até então, o que contribuiu para que Olavo se apresentasse como portador de uma verdade não revelada.

Além disso, seu discurso era marcado por um forte teor conspiracionista e uma agressividade amplamente autorizada contra todos os que se opunham a suas

ideias e seu movimento. Essas características ficaram amplamente registradas em suas transmissões por plataformas como Facebook e YouTube.

Segundo a biografia, escrita por sua filha Heloisa de Carvalho e o filósofo Henry Bugalho, Olavo de Carvalho era um *influencer* de linguagem tóxica, nociva, propagador de noções deturpadas do cristianismo e dos valores tradicionais. Um sujeito anti-intelectualista, anticientificista, anticonhecimento e anticristão.

Olavo encontra uma forma de criar uma aura de erudição ao atacar, com ódio extremo, todo conhecimento com o qual não concorda. Ele constrói inimigos imaginários e, com eles, fomenta um clima paranoico em que a esquerda estaria sempre pronta para destruir o país a qualquer momento. Entre seus inimigos imaginários mais conhecidos estão a guerra cultural, o Foro de São Paulo e o comunismo.

Tornou-se famoso por interpretar de maneira enviesada grandes pensadores, utilizando-se dessas distorções para desqualificar e desconstruir suas ideias, enquanto apresentava a “real” interpretação de tudo o que considerava errado. Conhecido como o “pai das *fake news*” no Brasil, Olavo foi consolidando sua imagem como o grande “gênio” da internet, a máxima expressão do poder de um líder *influencer*.

Sem Olavo de Carvalho, Bolsonaro jamais teria sido eleito presidente, afirmam os biógrafos, pois os próprios filhos de Bolsonaro em aparições de TV não cessavam de afirmar que ele, o líder *influencer*, era o pai de todos nós. “O sonho do Olavo, o de foder com tudo, estava assim se cumprindo, e isto certamente impactará o Brasil por décadas.” (Carvalho; Bugalho, 2020, p. 42)

Conforme descrito por Han (2022), o *influencer* é um submisso da midiocracia e dos ideais neoliberais, assim como Olavo o foi. Ele não só “vendia” uma imagem de pai, líder e poderoso, mas também incitava o consumo de suas ficções e a compra infinita de suas “aulas” e livros.

Dando sequência ao universo dos líderes *influencers*, nos deparamos com a extensa pesquisa de Fischer (2023) a respeito do tema, que usa o adjetivo “superpostadores” para designar esses indivíduos. São pessoas viciadas em internet que, por meio das redes sociais digitais, tem o poder de deixar uma comunidade mais extremista, ao insistir na disseminação de boatos. Essa movimentação visa modelar ideologicamente pessoas não politizadas, que buscam se informar em redes sociais digitais rejeitando conteúdos provenientes de fontes midiáticas oficiais.

Segundo Fischer (2023), o superpostador se caracteriza por ser dogmático e intenso em tudo o que faz, tanto no conteúdo quanto na frequência das postagens. Apresenta traços de onipotência perceptíveis, considerando-se um merecedor nato de conquistas e vitórias. É um sujeito que se sente recompensado ao causar sofrimento emocional em quem não concorda com suas postagens.

Talvez aí esteja o ponto de captura que transforma alguém em um superpostador. Eles são os grandes responsáveis por transformar as redes sociais digitais em grandes plataformas marcadas por dogmatismo, narcisismo, autoexaltação e execução de atos cruéis, como as campanhas de difamação, a divulgação de dados pessoais, a radicalização ideológica, entre outros.

Os superpostadores tornam-se referências em seu meio, nas palavras de Fischer (2023, p. 210), “não porque sejam persuasivos, reflexivos ou importantes, mas porque propulsionam o engajamento”. Em outras palavras, quanto mais conteúdo no *feed*, mais influente e revestido de “base moral” o sujeito se torna; o *feed* confere o poder de ditar normas morais sociais.

O *feed*, gerenciado pelos algoritmos de IA que as redes sociais digitais utilizam, atua como um alto-falante, promovendo qualquer pessoa que atenda aos pré-requisitos da plataforma ao estatuto de superpostador.

O conceito de superpostador pode ser considerado uma forma de definição do líder *influencer*, cujos personagens Fischer (2023) analisa individualmente. Em sua pesquisa, Nando Moura, Jair Bolsonaro, Kim Kataguirí, Carlos Jordy, Jordan Peterson, Mamãe Falei e Bernardo Kuster são alguns superpostadores analisados. Antes de prosseguirmos, cabe notar que, no Brasil, alguns desses *influencers* se posicionaram como representantes do líder maior, no caso, Bolsonaro, assumindo o papel de seus “apóstolos”.

Naturalmente, esse cenário pode se repetir em outros segmentos além da política. Esses superpostadores são pessoas de diversos segmentos da sociedade e com o mesmo objetivo: propagar os ideários da extrema-direita e reforçar a paranoia conspiracionista, já presente no movimento semelhante nos Estados Unidos, desde os anos 1990, e atingindo seu ápice nos anos 2000, no Brasil, com Olavo de Carvalho.

Desde o período da atualização do algoritmo do YouTube, em 2016, descobriram eles, canais de direita haviam ganhado público muitíssimo mais rápido do que outros, dominando o conteúdo político do site. As menções positivas a Bolsonaro

dispararam. Assim como as menções a teorias da conspiração que Bolsonaro fazia circular [...] o YouTube tinha uma inclinação acentuadamente pró-Bolsonaro e deu uma guinada à direita durante um período em que os números de Bolsonaro nas pesquisas estavam fracos e estacionados. A plataforma não estava refletindo tendências do mundo real. Estava criando seu próprio mundo. (FISCHER, 2023. p. 296-297)

Os líderes *influencers* não paravam de crescer e seus canais estavam cada vez mais promovendo uma nova visão de sociedade, extrema e violenta, autorizada por esses superpostadores, legitimando violência e ódio.

É o caso do vereador Carlos Jordy, bolsonarista que influenciava crianças em idade escolar a gravar secretamente seus professores, expondo-os como supostos doutrinadores esquerdistas, cujo objetivo era transformar os alunos em homossexuais e esquerdistas.³⁵

Esse cenário viralizou e muitos professores passaram a ser vistos como figuras abjetas que, em vez de ensinar, oprimiam a sociedade (FOX, 2018).³⁶ O linchamento de professores se tornou uma realidade a partir da postagem desse tipo de vídeo e dos comentários de outros líderes *influencers* que reforçavam o discurso.

Esse fenômeno continua a se repetir, mostrando como a moralidade é moldada pelos superpostadores. Jordy é apenas um dos vários líderes *influencers* que se firmam politicamente ou ingressam na política a partir de sua atuação como superpostador no YouTube.

Importante salientar que não apenas Jordy, mas quase todos os líderes *influencers* que ingressam na política o fazem pelo apoio a extrema-direita, fundamentando-se na obra de Olavo de Carvalho. Não à toa, uma vez eleito Presidente da República, Bolsonaro substituiu técnicos do governo “por personalidades das mídias sociais, que usavam seu poder para agir conforme conspirações tresloucadas [...] que saciavam o algoritmo do vale do silício que os fez chegar lá”. (FISCHER, 2023, p. 301) Uma retroalimentação de um ecossistema do ódio originado em grande parte do próprio YouTube. A empresa não confirma sua responsabilidade nessas ações, todavia, vários estudos, segundo Fischer (2023), continuam apontando para o contrário.

35 Para além de Fischer (2023), a reportagem a seguir resume o percurso de superpostador e líder *influencer* do vereador: <https://revistaforum.com.br/politica/2024/1/18/carlos-jordy-quem-bolsonarista-radical-alvo-da-ao-da-pf-por-atos-golpistas-152408.html>

36 Ver também “Brazil’s Classrooms Become a Battleground in a Culture War”. *The Economist*, 1 dez. 2018

Antes de aprofundarmos esse assunto, vale destacar algumas pesquisas que demonstram que muitos desses influenciadores utilizavam perfis *falsos*, conhecidos como *bots*, para dar uma falsa impressão de engajamento e influência em seu trabalho. O uso dos *bots* dá a ilusão de que a massa é mais homogênea e numerosa do que é, pois funcionam como repetidores.

Uma pesquisa realizada em 2018, coordenada pelo sociólogo Dr. Ruediger, da Diretoria de Análise de Políticas Públicas (DAPP) da Fundação Getulio Vargas, a interferência de perfis falsos ameaça o debate público, pois, como são desenvolvidos com tecnologia sofisticada, os perfis *bots* (robôs) agem de forma muito parecida com os humanos e é difícil identificá-los, aumentando a possibilidade de influência (Ruediger, 2018). Alguns desses *bots* são tão bem estruturados que conseguem se passar por influenciadores, criando textos e interagindo com o público de maneira convincente.

No Brasil, durante as eleições para presidente de 2018, suspeita-se que 33% das interações realizadas em grupos pró-Bolsonaro são de perfis falsos. Além disso, segundo a pesquisa da plataforma Bot Sentinel, publicada pelo *site* IstoÉ Dinheiro (Twitter, 2022), 64% das contas que seguem Jair Bolsonaro no ex-Twitter são robôs. Essas informações mostram que as massas digitais não têm o tamanho que aparentam, porém, causaram um estrago à democracia, comprometendo a lisura das eleições e o fluxo de informações confiáveis.

No Brasil, em 2024, a Fundação Heinrich Böll publicou uma pesquisa coordenada pelos professores Cunha, Gherman, Lemos e Santos (2024), cujo objetivo principal era mapear e identificar, nas redes sociais digitais, perfis da extrema-direita no país. A pesquisa acompanhou os perfis extremistas e com maior alcance na mídias digitais em 2022, com foco nos *influencers* cujas redes pessoais eram utilizadas para as seguintes ações: disseminar dúvidas sobre o processo eleitoral brasileiro, deslegitimar as instituições democráticas nacionais, instigar um clima de desconfiança geral no caso da derrota do candidato Jair Bolsonaro, solicitar intervenção federal e defender que os militares tomassem o poder e destituíssem os ministros do Supremo Tribunal Federal. Foram investigados perfis antes e após as eleições para presidente em 2022. Com base nesses levantamentos, vamos reproduzir alguns dos resultados que consideramos imprescindíveis para nossa pesquisa.

Dentre os 10 nomes com maior alcance (ou seja, que tem o maior número de seguidores) em todas as mídias sociais investigadas, evangélicos sejam no total de oito [...] Dentre todos nesta listagem encontramos somente uma mulher: Michelle Bolsonaro [...] Dentre os 10 políticos com maior alcance temos sete autodeclarados evangélicos e uma católica. Dos 10 políticos, duas são mulheres, Michelle Bolsonaro e Carla Zambelli [...] Se entre os atores individuais, os evangélicos estão na frente em qualquer dos grupos acompanhados, entre os veículos de comunicação, os preferidos da extrema direita, ou seja, os que tem maior alcance (mais seguidores) se apresentam como seculares. Seus conteúdos, no entanto, são amplamente partilhados entre influenciadores e políticos de extrema direita religiosos sempre enfatizando a (suposta) ameaça contida e/ou a verdade revelada em um tom de “está vendo? Eu te disse”, o que reforçaria a pertinência de suas atuações públicas. Os links das matérias são partilhados com frases muito curtas. Às vezes um texto com apenas 5 palavras sugestivas. (Cunha; Gherman; Lemos; Santos, 2024, p. 11-15)

A extrema-direita e seus líderes, incluindo influenciadores, têm uma forte vinculação religiosa. Ela utiliza essa conexão como um capital simbólico para fins políticos e mercadológicos.

A partir deste ponto, nos concentraremos no fenômeno do bolsonarismo, buscando compreender como esse tipo de liderança impacta o funcionamento da subjetividade humana, especialmente em relação à formação e dinâmica das massas digitais.

4.4

O caso do bolsonarismo

A dominação social baseia-se mais na admiração que no medo e é adquirida por meio de realizações sociais, então com proezas físicas.
Leonard Mlodinow³⁷

Quem quiser vir aqui fazer *sexo* com uma mulher, fique à vontade.
Bolsonaro³⁸

Segundo Costa (2021), o século XXI é marcado por características antidemocráticas, pelo fortalecimento das desigualdades e pela valorização de experiências solitárias e desprovidas de empatia. É uma era que fomenta egoísmos e excessos, alienando o sujeito em uma busca incessante por um estado sem limites.

³⁷ Mlodinow (2013, p. 175).

³⁸ Extraído de *IG Último Segundo*. Disponível em <https://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2022-03-08/relembre-as-ofensas-e-falas-sexistas-feitas-pela-familia-bolsonaro.html> Acesso em: 4 fev. 2024.

Esse contexto contribui para a formação de um sujeito despolitizado, que passa a enxergar a política como uma ferramenta de marginalização do outro.

O mundo digital emerge como um cenário ideal para o agrupamento de iguais, permitindo tanto a construção de comunidades que compartilham interesses e objetivos comuns quanto a geração de pensamentos totalitários e avessos à diferença. Enquanto algumas dessas atividades digitais favorecem apoio mútuo, aprendizado e conexões, outras, alimentadas por algoritmos que reforçam vieses, intensificam o narcisismo dos indivíduos e criam uma ilusão de homogeneidade.

Quando direcionados pela intolerância, esses sujeitos tendem a buscar a eliminação do diferente, clamando por um “pai” idealizado, posicionado no Ideal do Eu, que lhes autorize a agir em prol da destruição de quem não se submete a seus desejos. Para Lee (2021), esse “pai” é uma projeção coletiva do ego de sujeitos insatisfeitos, que encontram no mundo digital um espaço propício para suas demandas.

O líder contemporâneo, em sua atuação como populista, apresenta-se como um injustiçado que não compactua com os supostos erros da política tradicional. Esse discurso sustenta a destruição de inimigos, muitas vezes caracterizados de forma irracional e provocativa, utilizando termos que desumanizam o outro e alimentam a polarização.

No universo digital, tanto líderes de direita quanto de esquerda conseguem criar a impressão de proximidade e afeto por meio das redes sociais, intensificando o investimento emocional de seus seguidores e promovendo, em muitos casos, sua posterior alienação. Seja no discurso que ataca feministas, movimentos LGBTQIA+ e progressistas, ou em narrativas que demonizam conservadores e religiosos, as dinâmicas populistas exploram a mesma lógica de exclusão e antagonismo.

Nesse contexto, assinalamos uma diferença em relação às massas descritas por Freud: o uso tecnológico digital gera a falsa sensação de proximidade, que se intensifica por meio de um processo comunicacional muito veloz. A fantasia de um líder “muito próximo” potencializa a mimetização de seus seguidores.

Para ser populista, o líder precisa ser verborrágico e justiceiro, isto é, utilizar a saturação de palavras e imagens como ferramenta. As irracionalidades presentes nesse processo manifestam-se, por exemplo, na contradição entre discursos e práticas: líderes que se apresentam como defensores de valores éticos ou religiosos

podem incitar comportamentos violentos ou autoritários, justificando ações que vão contra os princípios que alegam defender.

Além disso, a simplificação de discursos complexos e o apelo à emoção, em detrimento da razão, contribuem para a formação de narrativas polarizadoras e antagônicas que deslegitimam o debate e fomentam a intolerância.

Sobre as irracionalidades, chegamos à pesquisa de Burkle (2023), que aborda o tema da ignorância. O autor afirma que, no passado, a ignorância era frequentemente associada ao acesso limitado à informação, em um cenário marcado pela escassez, em que o conhecimento era controlado por instituições como o Estado ou a Igreja. No entanto, o contexto atual apresenta uma curiosidade: apesar do acesso irrestrito e constante a grandes volumes de informação, a ignorância não foi eliminada. Segundo Burkle, essa sobrecarga de informações não apenas dificulta a filtragem e o discernimento, como também contribui para a difusão da ignorância em um volume proporcional ou até maior ao da informação em si. Assim, a abundância de dados, longe de esclarecer, não raro confunde e obscurece, criando um terreno fértil para o surgimento de narrativas irracionais e desinformação.

Percebe-se que a expansão da informação não pode ser equiparada ao aumento de conhecimentos devidamente checados; são conceitos distintos. A sociedade é constantemente bombardeada por informações falsas, confusas ou incompletas. O próprio governo e grandes corporações frequentemente ocultam dados e informações que consideram inadequados divulgar. Isso contribui para o aumento da ignorância, perpetuando preconceitos, inclusive dentro do meio científico.

Além do controle da informação, o encorajamento à descrença é uma prática antiga. Manter os sujeitos afastados da informação verdadeira, por interesses diversos, dependerá da sustentação de muitas outras mentiras. Atualmente, isso se comprova no fenômeno das *fake news* no universo *on-line*, expressão amplamente popularizada por Donald Trump durante suas campanhas presidenciais nos Estados Unidos, em função de seus tuítes.

Não por acaso, a nossa era é conhecida como a era da pós-verdade – um período em que as populações são mantidas presas à ignorância por meio da disseminação de informações falsas ou pelo silenciamento de verdades. Após essa análise do cenário social, essencial para contextualizar o bolsonarismo,

aprofundaremos agora sua discussão e os motivos que provocam tanto furor nas pessoas.

Percebemos que o ex-presidente da República se transformou em uma persona de tal peso que acabou por se tornar um conceito. Nosso objetivo, agora, é refletir, com base na obra de diversos autores, sobre as diferentes formas de compreender como isso foi possível na história de nossa jovem democracia.

Para Bispo, Scaramussa e Silva (2022), as massas bolsonaristas só puderam existir em virtude do recurso digital. Elas não foram formadas por uma ideologia comum ou por um líder com perfil coerente, mas por informações fabricadas, ou seja, pela propagação de ignorâncias, com conteúdo customizado. Cada pessoa lia e ouvia aquilo que desejava ler e ouvir, em um processo de hiperpersonalização digital que criava uma bolha “intransponível”. Trata-se de um trabalho manipulatório intenso, já explicado, viabilizado pelos processos tecnológicos dos algoritmos de IA.

Por causa disso, os religiosos eram bombardeados com conteúdo moralista, os empresários com ideias de liberalismo econômico, e os preconceituosos com narrativas voltadas à eliminação de minorias. Assim, cada grupo foi construindo um líder à sua medida, criando um Bolsonaro “para chamar de seu”. Esse líder foi produzido pela mesma mídia como um sujeito “não castrado”, sustentador de um semblante onipotente que crescia na mesma proporção que as *fake news*.

Bolsonaro conseguiu formar essa massa heterogênea porque ela é digital e foi customizada pelas ferramentas desse *modus operandi*. Ele sustenta o semblante de não ser um líder tradicional, mas de alguém sem compromisso com a política convencional, conquistando o outro pela descrença e pelo ressentimento em relação à vida. Essa postura estabelece uma identificação narcísica, de igual para igual.

Além disso, Bolsonaro conseguiu se posicionar como um *outsider*, criando um novo ideal. Ao falar o que pensa sem medir as consequências, transmite a impressão de estar acima de tudo e de todos.

Por meio das ferramentas digitais, cada segmento da sociedade recebia mensagens customizadas, carregadas de um tom onipotente e de legitimação da violência. Esse processo evidencia o poder e a agilidade das massas digitais para comunicar e influenciar, determinando discursos e comportamentos de forma direcionada e eficaz.

Conforme Martins (2021), o bolsonarismo pode ser compreendido como uma questão de devoção, a ponto de o autor denominar esse movimento de a “religião do bolsonarismo”. Essa devoção manifesta-se, de forma marcante, no apoio dado a Jair Bolsonaro pelos neopentecostais e católicos, que endossaram tanto seus discursos quanto seus atos. Bolsonaro, então, é elevado à posição de “ungido de Deus”, alguém intocável sob pena de castigo divino. Essa posição privilegiada lhe confere o benefício de invocar ideais cristãos sem necessariamente comprometer-se com eles, algo evidente em suas políticas que contrariam princípios fundamentais do cristianismo. A emblemática frase “E daí?” ilustra esse descompromisso (ver GARCIA; GOMES; VIANA, 2020). Como aponta Martins (2021), preferências fazem parte do jogo democrático, mas devoção não. Nesse contexto, Bolsonaro é colocado acima de todos, até mesmo de Deus.

Ignorar a raiz desse pensamento e, a partir daí, esquadrinhar um combate eficaz à extrema-direita enraizada é atribuir a um grande problema uma solução pífia. Lukács (2020, p. 11) alerta “não existe visão de mundo ‘inocente’. Em nenhum sentido tal visão de mundo existe [...] a tomada de posição a favor ou contra a razão é decisiva”. Esta é a missão que se apresenta: compreender os discursos e assumir um posicionamento, pois utopias e distopias não podem ser disseminadas como metas culturais sem serem criticamente examinadas. Uma visão de mundo que se apresente como plena, confortável e sustentada por qualquer superioridade moral é obra do irracionalismo – e contra isso devemos nos precaver. É aqui que se origina o que muitos denominam comportamento ou pensamento fascista.

Para Tiburi (2020), o fascismo é um termo que designa os mecanismos políticos utilizados para fins autoritários e para o encantamento das massas por meio do ódio. Esse ódio é empregado como uma forma de compensação emocional, validando a existência humana, pois, para muitos, a destrutividade torna-se a única via de compensação contra a frieza, o vazio e a falta de sentido de suas próprias vidas. Nesse contexto, o sujeito tem suas emoções primitivas acionadas, e o grito torna-se a ferramenta primordial contra o inimigo, de modo que “funda assim a coletividade unida pela violência para destruir por destruir” (Tiburi, 2020, p. 32). Compreendemos que o fascismo se apresenta como um gozo derivado da ausência da sensação de estar vivo – uma forma de fazer política que, paradoxalmente, destrói a própria política.

Retomando o desenvolvimento do conceito de bolsonarismo, Bógea (2021) afirma que a idolatria bolsonarista é uma das manifestações mais intensas da história contemporânea mundial. Isso se explica pela estrutura do aparelho psíquico, que opera projetando-se no outro, sustentando a ilusão de onipotência e negando a realidade.

Esses elementos, segundo o autor, são fundamentais para o surgimento do autoritarismo político, que se alimenta do desejo de poder absoluto. Esse poder, porém, é sempre atribuído ao outro, o que faz com que a submissão absoluta emergja como uma forma de sustentar uma ilusão enraizada desde os primeiros estágios da vida.

Percebe-se, então, que o aparelho psíquico, desde o nascimento, se forma a partir da submissão absoluta ao Outro, dando origem ao desejo absoluto de ser desejado e dominado por esse ser mítico e onipotente. Isso gera uma ilusão de completude em que este Outro é capaz de nos livrar de todo mal e ainda nos satisfazer. Parece que o fanatismo deixa suas primeiras marcas justamente a partir desse funcionamento originário.

O desejo de onipotência projetado no Outro nos leva a criar autoridades absolutas a quem devemos nos submeter e adorar, como a igreja, o exército e a política. Bolsonaro conseguiu reunir as três. O “messias ungido”, o “militar exemplar” e o “líder político incorruptível”. Uma pessoa que o enxerga dessa forma, e infelizmente são milhões conforme seus números de voto, o projeta como uma divindade alada cuja palavra é lei.

Sua infalibilidade é absoluta, e o que se opõe deve ser expurgado, morto. Nesse contexto, não importa o que ele diga ou que provas sejam apresentadas contra ele, um bolsonarista o trata como um fundamentalista trata Deus, isentando-o completamente de culpa.

Não se culpa Deus. Nesse sentido, conforme Dutra e Silva (2022), o mal deixa de ser reconhecido como mal, e a percepção de juízo é relativizada ou mesmo anulada. Aquilo que não deveria ser normatizado torna-se norma: o desejo, agora justificado, de extermínio do outro. O que antes estava velado no inconsciente é trazido à superfície, sendo exposto e autorizado no vínculo estabelecido pelo líder influenciador – ou, mais precisamente, pelo mito. Uma nova realidade é criada para dar conta desse processo, alimentada pelo ódio e instigada pela segregação.

O discurso de Bolsonaro se prestou a essa sedução ignorante da possibilidade de destruir e eliminar do cenário político a própria possibilidade da política democrática, que são as diferenças, o diálogo e o dissenso. Seu apelo tocou as massas e sua potencialidade destrutiva [...] Dessa forma, a indiferença associa-se ao gozo inescrupuloso do que tudo pode, desvelando sua potencialidade destrutiva, sendo aliada da força de repulsa pelas diferenças, remetendo-nos às paixões como vetores de composição de campos políticos autofágicos/suicidários. (Dutra; Silva, 2022, p. 101)

O exército de fanáticos que ronda Bolsonaro se identifica com ele porque querem ser como ele, ou porque se veem iguais a ele. Entretanto, com Bolsonaro, tudo que o sujeito é ou deseja ser é extremamente maximizado na sua figura.

Para Bógea (2021), Bolsonaro representa tudo que os brasileiros realmente são. “Como milhões de brasileiros mantêm vivos padrões tão altos de mediocridade, intolerância, preconceito e falta de senso crítico?” (Bógea, 2021, p. 22) Essa visão ratifica que Bolsonaro não está lá apesar de ser o que é; ele está em posição de liderança justamente pelo que é e pelas atrocidades que comete e diz.

A postura ressentida de seus seguidores demonstra isso de forma contundente: não tenho felicidade nem sou o todo-poderoso porque alguém me impede; se pudesse eliminar esse outro que me impede, seria totalmente feliz. Por isso, eles devotam a seu mito seu ideal de vida.

Entendemos que essa forma de se esconder, de negar a vida em sociedade, é uma maneira de evitar o confronto com nossa infinita incapacidade de alcançar a completude, nosso desamparo estrutural e o mal-estar inerente à vida em sociedade. Para muitos, a manutenção do ressentimento é mais fácil, conceito já desenvolvido no Capítulo 2, pois organiza a economia psíquica em torno de odiar aquele que, na fantasia, é considerado responsável por sua infelicidade. Vale salientar que esse modo de proceder na vida se manifesta em diversas formas de relação, seja entre sujeitos, seja entre países e continentes.

O ressentimento de classes é um exemplo. Por meio do que Freud chama de narcisismo das pequenas diferenças, o sujeito se apropria do poder de definir quem pode o quê e em que lugar. Esse processo é um traço antigo da nossa história: mulheres não votam, negros não podem ser livres, pobres não devem andar de avião, cotas são para preguiçosos, direitos humanos são uma palhaçada, entre outros exemplos que reiteram essa lógica de exclusão. Bógea (2021, p. 71-72) frisa:

Há uma parcela das nossas classes médias que se identifica imaginariamente com as elites e julga que por possuir um apartamento relativamente bem situado com um

carro relativamente novo na garagem – ambos financiados em 30 anos – é verdadeiramente rica. A verdade é que mesmo as classes médias mais bem estabelecidas, com seus salários mensais de 5 a 10 mil reais, ainda se encontram matematicamente muito mais próximas dos 900 reais mensais do salário-mínimo do que dos mais de 170 mil mensais dos verdadeiramente ricos.

Percebe-se uma relação imaginária controversa com essas pessoas, pois não conseguem perceber a ascensão de outras sem associá-la à própria queda. Essa relação fica mais evidente na classe média, que apresenta o maior índice de votação em Bolsonaro e é a principal disseminadora de suas demandas ressentidas. Trata-se da afirmação de um passado muito melhor, supostamente destruído pela liberdade concedida a determinados grupos.

Esse passado idealizado é confrontado por um presente em que a culpa pela destruição recai sobre *gays*, professores universitários, TV Globo, comunistas, entre outros. Esse ressentimento com o presente se sustenta apenas na ilusão de poder e é justamente nessa ilusão que Bolsonaro encontra o campo para crescer como o messias restaurar um passado em que “éramos muito felizes” – um messias branco, hétero, conservador, cristão, militar e de classe média alta.

É o modelo ideal do ressentido, um “deus” todo-poderoso que merece amor e devoção cegos, ao mesmo tempo que autoriza o despejo de um ódio avassalador contra tudo e todos que não sejam como “nós”. Voltamos à fantasia de poder absoluto, articulada à ideia de verdade absoluta. Obviamente insustentável, ela se apega cegamente à negação da realidade, criando inimigos imaginários, disseminando *fake news*, apoiando ideias anticientíficas e genocidas, excludentes e destrutivas da própria cultura. Afinal, esses sujeitos não se enxergam no mundo tal como ele é, mas no mundo idealizado do seu “deus”.

Toda essa busca pela onipotência revela a incapacidade do sujeito de buscar sua singularidade. Troca-se uma coisa por outra, uma vez que ambas não podem coexistir. Abandona-se a capacidade de construir algo próprio para se alienar numa idealização do Outro. Não se trata de defender um sujeito sem idealizações ou uma relação com o Outro, mas de afirmar a possibilidade de evitar o assujeitamento. O assujeitado demonstra claramente os perigos que carrega ao se manifestar na cultura, especialmente nas massas verticalizadas, não raro coordenadas pela pulsão de morte. Nessas configurações, muitas vezes, a face bruta e destrutiva é a única a emergir. Isso nos confronta com o paradoxo inerente aos grupos: eles sempre

nascem de idealizações e, em grande parte das vezes, com inimigos confessos. Trabalhar a singularidade, a alteridade e a não submissão é uma tarefa hercúlea e, para muitos, inimaginável.

Defendemos que Bolsonaro pode ser considerado um fascista, o que torna necessário definir melhor o conceito de fascismo. De forma concisa, Bugalho (2022) articula uma resposta afirmando que o termo “fascista” tem sido usado principalmente para rotular a direita em geral, incluindo militaristas, fundamentalistas religiosos e reacionários, como integralistas e neonazistas. Pensa-se o fascismo como um movimento como um movimento que busca resgatar um tempo idealizado e “melhor”, liderado por uma figura máxima e mítica. Esse uso irrestrito esvaziou e empobreceu seu significado, tornando-se confuso aplicá-lo à política. Esse uso plural prejudica a identificação precisa de quem pode ser considerado fascista.

Por sua vez, Silveira e Amaral (2023) definem o fascismo de maneira mais específica, como o regime de Mussolini, caracterizado pelo nacionalismo extremo e por elementos associados, como racismo, ódio ao comunismo, xenofobia e machismo. Mesmo após a Segunda Guerra Mundial, o termo continuou a ser utilizado, embora em suas variações como “neofascismo” ou “protofascismo”, aplicado a movimentos que perpetuam os ideais do nacionalismo extremo.

Bolsonaro, por ser um político associado ao “baixo clero”, e que por décadas se dedicou a ameaçar seus inimigos, recebeu o título de fascista ao ser eleito presidente em 2018. Ele liderou um movimento que se expressou fortemente pelos meios digitais, movimento esse que já existia e estava à espera de um líder, ou seja, alguém “certo” na “hora certa”. Um líder desejado por uma parcela da população brasileira, refém das próprias políticas neoliberais.

Segundo Finchelstein (2017), o fascismo tem como meta o autoritarismo pela via da violência, ou seja, com um líder máximo guiando o povo em direção a um cenário de reconstrução total nacional. No entanto, esse autor diferencia o populismo do fascismo, apontando que o populismo constitui uma ameaça, mas não necessariamente um ato concreto de violência – esta permanece como uma promessa, ao contrário do fascismo, que a estabelece como um objetivo. Assim, Finchelstein identifica o populismo como um herdeiro do fascismo e interpreta Bolsonaro como um populista que buscou se aproximar do fascismo.

Então, Bolsonaro é um fascista? Para mim, ele gostaria de ser um fascista, ele é um fascista *wannabe*, mas ainda não chegou lá. Ele mente como um fascista [...] Como historiador do fascismo, analisando o jeito de Bolsonaro agir e fazer campanhas, ele parece saído de uma cartilha de Goebbels. Ele é como Goebbels, nesse sentido de glorificar a violência – com esse gesto horrível de apontar uma arma, usando a bandeira e a camiseta do Brasil, com a promessa de que a violência é uma fonte de regeneração para o país. Isso é tipicamente fascista. (Bolsonaro, 2020)

Ao analisar as pesquisas de Almasihi (2023), encontramos um mapeamento detalhado do perfil dos eleitores de Bolsonaro. A pesquisa revela dados que justificam sua replicação para fins de nossa análise e reflexão, reproduzidos a seguir:

Eis as categorias principais de bolsonaristas:

- 1) Antipetistas - aqueles que desejam mudança a qualquer custo;
- 2) Lavajatistas;
- 3) Olavistas;
- 4) Religiosos/defensores da moral e dos bons costumes;
- 5) Amedrontados - apavorados pela insegurança pública;
- 6) Economicistas - preocupados com a economia e amantes do

Paulo Guedes;

- 7) Militaristas - entusiastas da ditadura e da intervenção militar;
- 8) Ressentidos;

(Almasihi; 2023, p. 22-23)

Nota-se que uma categoria nos interessa particularmente, a dos ressentidos. Segundo a pesquisadora, esses ressentidos são cidadãos frustrados por não terem alcançado uma melhora em sua condição de vida, e essa frustração é agravada pela percepção ou suposição de que outros grupos sociais conseguiram melhorar. No Brasil, existia um grupo numeroso e silencioso, sofrendo do mesmo mal. Esses ressentidos, em sua maioria alinhados à direita – embora também existam ressentidos na esquerda –, creem na meritocracia e atribuem seus insucessos à corrupção do Partido dos Trabalhadores e aos programas sociais em geral. Para eles, o governo teria gastado todos os recursos sustentando “pobres” e “vagabundos” que preferem viver do Bolsa Família. Incapazes de culpar o sistema meritocrático – o que os levaria a um questionamento interno –, esses sujeitos canalizam seu ódio para esses grupamentos, de forma inicialmente silenciosa.

Todavia, esse ressentimento reprimido encontrou em Bolsonaro a autorização para ser exposto sem medo. Assim, ele foi alçado à posição de líder supremo, quase divinizado por seus apoiadores. Para os ressentidos, Bolsonaro representa a oportunidade de resgatar um sucesso ilusoriamente perdido ou nunca alcançado.

Eles buscam proteção na autorização do líder para se armar e veem no apoio maciço das igrejas um reforço crucial para sua liderança.

Recebi uma mensagem de whatsapp no grupo da Igreja. Veja bem o que a Bíblia diz sobre Jair e Haddad. “Depois dele, levantou-se JAIR, de Galaad, que julgou Israel por 22 anos (Juízes 10.3) “Foi um adversário de Israel durante toda a vida de Salomão. Eis o mal que fez ADAD: tratou Israel como inimigo e reinou sobre Edom” (1 Reis, 11.25) Jair foi escolhido por Deus para julgar e governar sobre Israel. Adad, pelo contrário, foi levantado como um inimigo do povo de Deus. Não pode ser coincidência. É um sinal dos céus para votarmos em Bolsonaro. (Almasihi, 2023, p. 81)

Ainda segundo Almasihi (2023), Olavo de Carvalho desempenhou papel central no apoio ao crescimento e à confiabilidade de Bolsonaro. O líder *influencer*, condecorado “guru do presidente”, nomeou inimigos imaginários e contribuiu para o desenvolvimento de paranoia social, processo sustentado por outros líderes *influencers* da época, como mencionado anteriormente.

Concluímos, por ora, que o líder populista Bolsonaro, conseguiu feitos notáveis na história recente do país, entre eles: consolidar-se como líder *influencer*; navegar de forma precisa no universo do populismo digital; atrair e alinhar um grande número de outros líderes *influencers* e, com isso, praticamente, “dominar” a internet por meio do excesso de informações – ou, como já discutido, pelo crescimento da ignorância. Desse modo, Bolsonaro conseguiu construir a imagem de um líder divino e aproximar-se do fascismo, arrebatando uma área particularmente perigosa: a dos ressentidos, que há muito tempo permaneciam silenciados.

Na tentativa de compreender melhor o desenvolvimento desse movimento no Brasil, Rocha (2023), em seu trabalho minucioso sobre o bolsonarismo e a extrema-direita no país, aponta principais para sua formação: (i) identificação e eliminação do inimigo; (ii) a fantasia da eterna ameaça comunista que supostamente destruiria a democracia e, por isso, deveria ser combatida com a esperança depositada nos militares; e, por último, (iii) o sistema de crenças de Olavo de Carvalho. Esse conjunto de elementos forma o “bolsolavismo”, um sistema de crenças paranoicas que torna a realidade inacessível. E foi justamente essa paranoia coletiva que permitiu a ascensão de Bolsonaro.

O bolsolavismo cria uma guerra cultural, indispensável para sua sobrevivência. As redes sociais digitais e os grupos de WhatsApp tornam-se as

principais armas para confundir e produzir ignorância, enquanto veículos midiáticos extremistas reforçam um cenário de dissonância cognitiva – termo criado por Rocha (2023). Esse mecanismo afasta o sujeito cada vez da realidade, encapsulado em bolhas ideológicas.

Dando continuidade ao objeto de nossa pesquisa e aprofundando a análise sobre a figura do líder na contemporaneidade, passaremos a explorar o conceito de populismo no contexto digital, identificando-o com o bolsonarismo. Esse enfoque permitirá uma compreensão mais ampla da relação entre as massas digitais e a ciberliderança, além de oferecer reflexões sobre como essas dinâmicas influenciam a subjetividade e a organização social no ambiente digital.

4.5

Populismo digital

Como vamos atuar de maneira coerente se estamos habitando universos paralelos? A mentira na política tem como objetivo destruir o mundo comum verdadeiro e substituí-lo por visões fragmentadas [...] No Brasil, Jair Bolsonaro fez da mentira uma marca de sua passagem pelo comando do país.

Bruzzone³⁹

É com este tema que nossa pesquisa culmina, propondo uma definição sobre o que a liderança se tornou na contemporaneidade: uma ciberliderança. Focamos na figura do ciberlíder, definido como um líder influencer populista, que utiliza os recursos oferecidos pelo mundo digital e midiático para influenciar o Eu e convocá-lo para integrar suas massas digitais. Esse fenômeno, como já demonstrado, tem uma capacidade significativamente maior de reunir pessoas e vem demonstrando, de forma contundente, sua força destrutiva na cultura. Diante disso, torna-se urgente explicar esse movimento político que o bolsonarismo soube explorar tão bem. Referimo-nos à necessidade de discorrer sobre o populismo e seu funcionamento na cibercultura. Nosso objetivo, portanto, é concluir a pesquisa analisando como o Eu, influenciado pelos algoritmos de IA, interage com as massas digitais coordenadas pelo ciberlíder.

³⁹ Bruzzone (2021. p. 63).

Para Alves e Purificação (2022), Bolsonaro segue o modelo de campanha presidencial de Donald Trump em 2016 e implanta algo inédito na história das campanhas presidenciais no Brasil: o ciberpopulismo, uma evolução do populismo clássico. No entanto, para Bolsonaro, o movimento eleitoreiro teve início em 2010, com suas atividades no Facebook e no ex-Twitter. Esse período serviu para uma fase preliminar de testes baseados em coleta de informações, com postagens para articulação futura do ciberpopulismo.

Embora seja objeto de estudo há décadas, a faceta tecnológica do populismo é uma inovação do século XXI. Para discuti-lo, recorreremos a autores de referência que auxiliam na compreensão de como e por que esse movimento político vem crescendo, oferecendo uma forma de liderança que, embora tenha raízes antigas, se apresenta como nova em razão das potentes ferramentas digitais que utiliza – muitas delas já abordadas nesta pesquisa.

O governo de Bolsonaro é um caso típico de populismo de direita, principalmente pelo tom constante de ameaças ao Estado Democrático, pela manutenção de um “estado de campanha” ininterrupto com polarização progressiva e pela disseminação de um cenário totalitário por meio das redes sociais digitais.

Esse ambiente reproduz a ilusão de uma certeza de não mediação, em que o cidadão comum não representado passa a ter a sensação de lugar e força de representação, ao mesmo tempo que se mantém a impressão de que “o líder está aqui” de forma permanente. Percebemos que essa é a marca principal do populismo contemporâneo que, no caso de Bolsonaro, apresenta um viés de extrema-direita, e que é apenas no populismo digital que o líder consegue ser elevado a semblante messiânico facilmente, graças às ferramentas digitais que reconfiguram os processos discursivos, criando esse imaginário.

Já para Alencar, Silva e França (2024), o populismo bolsonarista se alimenta da insatisfação da população por meio dos recursos digitais, tendo como base *deepfakes*, *fake news* e manipulação via algoritmos de IA. Esses elementos contribuem para a formação de bolhas hiperpersonalizadas – temas amplamente discutidos no Capítulo 3. Embora o populismo seja um movimento antigo, o ciberpopulismo é novo, mais poderoso e totalmente dependente da tecnologia para existir, mais precisamente das redes sociais digitais e de plataformas como Telegram e WhatsApp para ampliar seu alcance e sua atuação.

Para Mudde e Kaltwasser (2017), o populismo surge no fim do século XIX, na Rússia e nos Estados Unidos, e se relaciona com a difusão da democracia. Atualmente, o populismo afeta o mundo inteiro. Apesar de prevalecer em regimes democráticos, pode ser considerado um fenômeno político heterogêneo, manifestando-se tanto na direita como na esquerda, com atores religiosos, conservadores, progressistas ou não. Quando associado à esquerda, o populismo tende a se articular mais com as ideias do socialismo, ao passo que, na direita, há combinações com o nacionalismo.

O surgimento desse sujeito – o líder *influencer* populista – dependerá das queixas predominantes produzidas e daquilo que o povo e a elite demandam no momento. Esse contexto define o formato de atuação do líder *influencer* populista. Assim, o populismo se estrutura em três pilares fundamentais: povo, elite e vontade geral.

Seguindo essa lógica, Laclau (2013) argumenta que o populismo só se forma sob três condições: a emergência de demandas suficientes para mobilizar o povo; a existência de antagonismos que delimitem a relação entre povo e governo; e um processo eficaz que consiga unificar essas demandas de forma equivalente. Como o autor afirma, “é unicamente esse momento de cristalização que constitui o ‘povo’ do populismo”. (Laclau, 2013, p. 150)

Brito (2023) concorda com a necessidade desse “momento populista” para que o movimento surja e prospere. Ele aponta que é essencial a existência de um movimento marcado pela fragilidade de um grupo ideológico dominante e por uma sensação crescente de perda de confiança nas instituições. Esse contexto alimenta o ressentimento coletivo. Se, nesse meio tempo, surgir alguém capaz de “resolver” essas demandas e de ser aceito tanto por seu discurso como por sua imagem, teremos o líder populista.

O conceito de populismo, no entanto, permanece incerto e de uso generalista na mídia e em vários outros segmentos da sociedade. Essa falta de definição clara gera frustração e confusão no desenvolvimento de reflexões sobre política e seus cenários. Mudde (2017), uma referência mundial no tema, defende que o populismo é um movimento político que exige a presença de uma figura de forte carisma, que mantenha uma ligação direta e extrema com as massas. Contudo, esse cenário não se sustenta a longo prazo, pois nenhum líder consegue manter e agitar as massas

com esse semblante indefinidamente. Assim, o populismo é geralmente um fenômeno de curto ou médio prazo.

Essa fluidez também decorre do emprego, não muito consistente, de conceitos externos ao populismo, subvertendo-o em subtipos. Por exemplo, ele pode se misturar facilmente com o nacionalismo, promovendo distinções morais e éticas entre povo e elite. Essas ampliações de atuação e adaptação de conceitos tornam o populismo complexo tanto para identificação quanto para continuidade, aumentando os desafios de sua compreensão.

O elitismo partilha a distinção básica monista e maniqueísta da sociedade do populismo, entre um “bem” homogêneo e um “mal” homogêneo, mas mantém uma visão oposta sobre as virtudes dos grupos. Dito de forma simples, os elitistas acreditam que “o povo” é perigoso, desonesto e vulgar, e que “a elite” é superior não apenas em termos morais, mas também em termos culturais e intelectuais. Assim, os elitistas querem que a política seja exclusiva ou predominantemente um assunto de elite, em que o povo não tenha palavra a dizer; ou rejeitam totalmente a democracia [...] o pluralismo é o oposto direto da perspectiva dualista tanto do populismo como do elitismo, sustentando em vez disso que a sociedade está dividida numa ampla variedade de grupos sociais parcialmente sobrepostos com ideias e interesses diferentes. Dentro do pluralismo, a diversidade é vista como uma força e não como uma fraqueza. Os pluralistas acreditam que uma sociedade deveria ter muitos centros de poder e que a política, através de compromissos e consenso, deveria refletir os interesses e valores do maior número possível de grupos diferentes. Assim, a ideia principal é que o poder deve ser distribuído por toda a sociedade de forma a evitar grupos específicos – sejam eles homens; comunidades étnicas; quadros económicos, intelectuais, militares ou políticos, etc. – adquirindo a capacidade de impor a sua vontade aos outros. (Mudde; Kaltwasser, 2017, p. 28-29)

Mudde e Kaltwasser (2017) afirmam que a América Latina é a região que mais fomenta o surgimento e a manutenção do populismo, atribuindo esse fenômeno ao alto nível de desigualdade socioeconômica. Esse cenário ajuda a tornar o discurso populista bastante atraente e, em muitos casos, necessário, pois o populismo se apresenta como portador de todas as respostas. Por meio de discursos maniqueístas, ele identifica os “culpados” pela problemática total, autorizando sua destruição e apontando para a solução geral de todos os problemas da nação.

O populismo explora a miséria e a desigualdade. Utilizando um discurso simplório, mas carregado de ideias radicais, não teme tomar decisões difíceis e sem embasamento técnico e é anti-intelectual. Reforça um senso de urgência ao criar crises artificiais ou intensificar as existentes. Isso acaba por gerar um cenário psíquico hipnótico para uma parcela significativa da sociedade.

A fala direta diz o que as pessoas querem ouvir ou dizer: é o sujeito que “fala sem papas na língua”, sem se atentar para o politicamente correto, que confronta as convenções. As ideias simples ou meramente simplistas são facilmente reproduzíveis, e as mentiras deslavadas encontram crédulos quando ratificam o que se quer ouvir. Frases de efeito, insultos, provocações são moeda corrente entre as estrelas da política internacional, de Trump a Salvini, de Maduro a Bolsonaro. O mundo está virando uma república bananeira por causa de um conjunto de bufões fantasiados de políticos – ou o contrário. A figura do líder estapafúrdio é central na construção populista [...] O populismo funciona para decidir os destinos não apenas de democracias jovens da América Latina, mas também daquelas que inventaram a democracia moderna. (Bruzzone, 2021, p. 66-67)

Percebemos, então, que um líder de massa verticalizada, como bem definido por Freud (1921), afirma sua onipotência para seus seguidores gerando uma forma de “culto ao líder”. Esse culto se baseia em uma figura masculina – uma projeção do pai primevo, conforme Freud (1913) – relativamente violenta. No entanto, ao abordar a figura do líder populista hoje, precisamos considerar algumas características adicionais. Diferentemente de movimentos como o fascismo ou o comunismo, que estavam mais alinhados às definições freudianas de luta de classes ou ideologias unificadoras, o populismo é marcado por antagonismos e complexidades que o distinguem.

Além disso, o populista é, geralmente, um homem com imagem forte, com algum carisma, mas nem sempre. Ele apresenta ideologias confusas e até volúveis, frequentemente embasadas em retóricas simplórias e teorias da conspiração. Esses elementos são cruciais para que o líder ocupe sua posição, pois ele precisa se apresentar como um representante do povo que desafia o sistema. Deve convencer que é a voz ausente da população que se sente ignorada, alguém que não pertence à elite corrupta, mas a um mítico povo honesto e trabalhador.

Vale salientar que o populista não precisa ser um político de carreira. Um *outsider* ou um empresário de sucesso também pode desempenhar bem esse papel. De fato, o empresário-populista pode emergir no cenário nacional, pois o populismo não é apenas sobre povo e elite, é sobretudo sobre moralidade, pois “ao contrário dos políticos profissionais, não entraram na política para lucrar financeiramente. Nas sempre pitorescas palavras de Berlusconi: ‘Não preciso assumir o poder para ter poder[...]’”. (Mudde; Kaltwasser, 2017, p. 92) Quando esse discurso moralizador é articulado com ações que reforçam essa imagem, a ascensão do líder populista se efetua. No entanto, esses autores alertam para mais uma complexidade no funcionamento populista, que requer atenção em sua análise:

A maioria das explicações do sucesso populista enfatiza a aparência de um líder carismático, que é capaz de atrair uma parte prontamente disponível do eleitorado que está decepcionada ou se sente ignorada pelos principais partidos políticos. Esta interpretação é problemática por pelo menos duas razões. Primeiro, nem todos os atores populistas bem sucedidos são liderados por um líder carismático. Em segundo lugar, o populismo é um discurso moral e maniqueísta que existe na sociedade independentemente da presença de atores populistas. Quer gostemos ou não, muitos cidadãos interpretam a realidade política através das lentes do populismo. Para explicar o sucesso (e o fracasso) dos atores populistas é preciso ter em conta tanto o lado da procura como o lado da oferta da política populista. Uma das principais vantagens da abordagem ideacional é que ela acomoda o populismo tanto a nível da elite como a nível das massas. (Mudde; Kaltwasser, 2017, p. 118)

Ao aprofundar a conceituação de populismo, julgamos necessário trazer a visão da pesquisadora Lilia Schwarcz (2019). Para ela, o populismo é um movimento autoritário que testa incessantemente a resistência democrática das instituições apontando erros constantes do judiciário e manipulando interpretações de leis para se perpetuar em poder. Não por acaso, o uso do termo “golpe” é frequente na boca do populista. Esse movimento se apoia na certeza de um passado glorioso, no retorno a uma sociedade patriarcal e na supervalorização da hierarquia policial e militar.

O bolsonarismo, por exemplo, nega a ditadura no Brasil e o apoio explícito ao aumento da violência policial, usada não apenas para reprimir adversários políticos, mas também para atacar minorias sexuais ou raciais, além de movimentos sociais. Uma de suas principais “armas” é a fixação na moralização do tecido social, promovida como um valor divino a ser defendido, inclusive, mesmo com força bruta se necessário. Não à toa, presenciamos reações bolsonaristas,⁴⁰ e do próprio Bolsonaro,⁴¹ contra *gays* ou negros, por exemplo, amplamente disseminadas em suas mídias sociais digitais.

Para Brito (2023), o populista é antes de tudo um moralista que representa um movimento, não um partido político. Caracteriza-se por ser anti-intelectual, antissistema, nostálgico e religioso. Não se trata de um ideólogo, mas de um estrategista que opera a conjuntura política por meio de eternas retóricas.

40 Violência incentivada por Bolsonaro. Disponível em: [Feijóo comenta violência incentivada por Bolsonaro \(youtube.com\)](#) Acesso em: 24 maio 2024.

41 Os homossexuais na visão de Bolsonaro. Disponível em: [Os homossexuais na visão de Bolsonaro \(youtube.com\)](#) Acesso em: 24 maio 2024.

“Populismo é uma estratégia orientada para ação comunicacional assente no par povo (ou massa) / anti-algo.” (Brito, 2023, p. 430)

Segundo Cesarino (2022), uma referência no Brasil sobre o tema, temos no bolsonarismo uma outra forma de fazer populismo: o populismo digital. Esse modelo utiliza vastamente plataformas como WhatsApp e Telegram para o compartilhamento excessivo de conteúdos que visem crises, segmentações, antagonismos, ódios, medos e ressentimentos, com uma padronização linguística de produção dos eixos já conhecidos no populismo: líder-povo, amigo-inimigo. Em outras palavras, populismo digital é um “aparato midiático quanto discursivo e uma tática política de construção de hegemonia”. (Cesarino, 2020, p. 95)

No mundo não digital, ou analógico, havia um contágio mimético conspiratório com base em jornais alternativos e panfletos; no populismo digital, o contágio é rapidamente replicado, gerando mimetização por enquadramento cognitivo. As mídias digitais, por meio de suas plataformas, realizam operações de influência psíquica com maior eficácia, pois, como aponta Cesarino (2022, p. 125): “A infraestrutura para a produção de sujeitos influenciáveis já está dada. Os usuários já se encontram, por assim dizer, em ‘estado de multidão’”. O populismo digital depende de agentes digitais, ou seja, é um trabalho dos algoritmos de IA cuja finalidade é mobilizar afetos em uma multidão⁴² digital.

Nesse contexto, o líder populista se apropria progressivamente dos conteúdos gerados, utilizando-os tanto positiva como negativamente para se manter em evidência e no poder. Percebe-se, portanto, que se trata de informações geradas por multidões, favoráveis ou contrárias: todas tornam-se matéria-prima essencial para sua base de atuação – tanto para ataques quanto para apoios. O ponto crucial é se manter à frente e no controle de tudo que seja necessário para sua sobrevivência

42 Cesarino apresenta um conceito particular de multidão: “Já o que entendemos por multidão não é um universal a-histórico: pessoas de várias aldeias indígenas reunidas num grande ritual, por exemplo, não são uma multidão, pois não constituem uma massa de pessoas desconhecidas. Multidões perfazem, antes, a antiestrutura da modernidade liberal. No plano individual, ela passa pelo que Freud chamou de inconsciente: a camada antiestrutural do ego onde se ancoram os processos miméticos. Já no plano coletivo, o comportamento afetivo e mimético foi apenas parcialmente incorporado na democracia liberal, que se consolidou como uma combinação contraditória entre princípios de expressão da soberania popular por um lado, e princípios de liberdade individual e contrapesos institucionais por outro [...] o englobamento da multidão por formas modernas de formação de coletivos é sempre instável e evitado de contradições [...] Hoje, o colapso generalizado de contextos faz com que essas lógicas voltem a contaminar a esfera política, como se viu de modo exemplar na campanha Bolsonaro [...] Hoje, as novas mídias parecem estar propiciando uma ferradura na qual a multidão engloba a opinião pública, orientada por uma lógica de mercado híbrida, ao mesmo tempo de massa e nicho. (Cesarino, 2022, p. 123-124)

política. Em nossa análise, líder populista digital, Bolsonaro representa esse líder influenciador populista digital – ou, como denominamos, um ciberpopulista.

Conforme Bruzzone (2021), a convergência entre populismo e mídias digitais gera o ciberpopulista, um sujeito ou movimento capaz de gerar ilusões por meio de narrativas fortes e simplistas. Nesse contexto, a tecnologia torna-se o veículo essencial, com recursos poderosos que conferem grande força ao ciberpopulista. Ele atua explorando fragmentações na comunicação, fomentando medo e ansiedade, enquanto se apresenta como a única figura capaz de oferecer a “cura” para esses males. Defendemos que essa é uma definição da liderança hoje e do movimento bolsonarista. Percebe-se então que o populismo tem como sua maior arma os processos de comunicação.

Cabe ao líder populista manipular cenários e distorcer a realidade. Em um país onde o populismo prospera, o maior desafio consiste em distinguir o verdadeiro do falso. Quem são os verdadeiros amigos e inimigos do povo? A manipulação, amplificada pelos meios digitais, torna o cenário “distópico” e romper essa bolha, pela via da mídia, se torna um desafio progressivo. Enquanto o populismo exige um inimigo a ser perseguido e aniquilado, o pluralismo propõe o debate com adversários para buscar as melhores soluções para os problemas sociais.

Pluralismo, para Bruzzone (2021), é uma atitude democrática que preza o debate e a resposta sem recorrer ao ataque. Contudo, um dos grandes problemas do pluralismo é a falta de reação quando atacados por populistas que não querem o debate, mas claramente a eliminação de seus adversários. Resumidamente, esse é o eterno dilema da democracia: como e em que momento reagir a ataques populistas? O Brasil não “dormiu” pluralista e acordou “populista”, ele sempre carregou traços populistas. Vivemos em uma sociedade cuja violência é estrutural, expressa de diversas formas. Bolsonaro tornou-se o líder que deu voz e ato aos que muito aguardavam a descarga de suas pulsões de morte.

Ainda segundo Bruzzone (2021), estamos vivendo uma fase de redução do pluralismo democrático e um aumento considerável do ciberpopulismo, cuja figura de Bolsonaro, por exemplo, serve como combustível para o desenvolvimento de projetos antidemocráticos e autoritários. Cesarino (2020) complementa destacando que o ciberpopulista, de forma inédita, consegue potencializar a captação de seguidores porque dispõe de todas as ferramentas de manipulação das mídias sociais. Ele forma bolhas digitais e polarizações cada vez mais fortes, criando um

cenário, já discutido anteriormente, mais sintomaticamente atraente do que o esforço que a luta pluralista precisa travar para existir.

O líder contemporâneo, aqui caracterizado como ciberpopulista, assume a figura de um demagogo que, embora utilize métodos tradicionais de persuasão, o faz de maneira muito mais intensa e complexa, apoiado por um exército de seguidores equipados com ferramentas digitais. Seus métodos de distorção e apagamento da verdade agem diretamente sobre o Eu dos sujeitos, gerando uma forte influência e submissão que, em muitos casos, se tornam impenetráveis. O ciberpopulista só existe enquanto for capaz de manipular seus seguidores por meios digitais.

Dessa forma, concluímos o quarto capítulo de nossa pesquisa refletindo sobre a figura do líder na contemporaneidade, evidenciando um cenário em que a “algoritmização da vida” e, por extensão, das massas digitais, redefine os processos de poder e influência. A análise evidenciou que o ciberpopulista, ao manipular os sujeitos por meios digitais, transforma a subjetividade em um campo de disputa, alterando profundamente os modos de ser e de se relacionar no mundo digital. Percebemos um grande desafio futuro que reside em compreender não apenas os impactos psíquicos e sociais dessa manipulação em massa, mas também as possibilidades de resistência das relações humanas em um contexto tão profundamente mediado por algoritmos de IA.

5

CONCLUSÃO

Eu sei com certeza que, para mim e para meus contemporâneos, o mundo nunca mais será um lugar feliz. É hediondo demais. [...] parece que a humanidade está realmente morta.

Freud em carta a Lou Andreas-Salomé, em novembro de 1914⁴³

A presente pesquisa reafirma a importância do pensamento freudiano como uma ferramenta relevante para entender as dinâmicas contemporâneas das massas no contexto digital. Embora conceitos como ideal de ego, identificação e pulsão tenham sido concebidos em outro momento histórico, eles se mostram surpreendentemente adequados para dialogar com os desafios atuais, especialmente os impostos pela lógica algorítmica e pela hiperpersonalização promovida pelos algoritmos de inteligência artificial.

No entanto, o cenário digital também exige novas articulações teóricas. A manipulação de subjetividades por algoritmos de IA, a criação de bolhas digitais e o impacto das ciberlideranças são fenômenos que reconfiguram a relação entre o sujeito, o Outro e o coletivo. Esses processos, mediados por tecnologias que operam como “líderes ocultos”, desafiam a psicanálise a expandir suas “lentes interpretativas”, incorporando as complexidades do mundo digital sem perder seu foco essencial no inconsciente.

Dessa forma, esta pesquisa evidenciou não apenas a continuidade da pertinência dos conceitos freudianos, mas também a necessidade de reflexões éticas e sociais sobre os efeitos das tecnologias digitais. Para o futuro, o que está em jogo, em conjunto com a manutenção do laço social; é integridade do sujeito diante das forças cada vez mais sofisticadas de manipulação digital. Com isso, consideramos a psicanálise importante para compreender as transformações culturais e sociais do século XXI, oferecendo um olhar crítico sobre o encontro entre subjetividade, tecnologia e poder.

À guisa de conclusão, e com a expectativa de que esta pesquisa possa instigar outras investigações em sua continuidade, iniciamos este estudo dialogando com Freud sobre a inter-relação entre sujeito e cultura. Como afirmou o criador da

43 Pfeiffer (1985, p. 21).

psicanálise, a neurose “sabe fazer malograr o propósito da cultura [...] de modo que a sociedade não irá registrar um ganho” (Freud, 1908, p. 91). O convívio social desperta a necessidade de entender como as pulsões sociais se manifestam, e a psicanálise mantém um interesse significativo em relação ao social.

Mais de um século depois dessas reflexões inaugurais, surgem novas inquietações acerca da relevância e da extensão desses questionamentos no século XXI. Nossa pesquisa percorreu essas inquietações, explorando como o pensamento freudiano continua a ser um norteador valioso para compreender as dinâmicas sociais e culturais contemporâneas, especialmente no cenário marcado pela ascensão das massas digitais e pela liderança ciberpopulista.

Nosso exercício de pesquisa fundamenta-se na crença de que “pensar no futuro é exercitar uma importante função mental, indispensável à sobrevivência do *self* e das espécies” (Bollas, 2015, p. 50). Nesse sentido, esperamos que esta investigação não só tenha contribuído para a compreensão no contemporâneo das massas e lideranças digitais, mas também inspire novos estudos que continuem a explorar e questionar a aplicação da teoria psicanalítica em um mundo em constante transformação.

Freud (1921) deixa claro que o objetivo central da psicanálise em relação ao líder e à massa é compreender o que a massa é capaz de provocar no Eu, a ponto de alterá-lo e fixá-lo no líder ou ideal. Freud, em suas reflexões, revela tanto sua descrença quanto seus temores em relação à humanidade e a seu potencial destrutivo, “O homem é o lobo do homem! Quem é que tem a coragem [...] de contestar essa frase?” (Freud, 1930, p. 363). Para ele, as consequências desse superinvestimento no líder ou no ideal levam à argumentação de que a coesão no laço social só ocorre pela coação da violência e pelas identificações. Sem esses elementos, como afirma Freud (1933), o laço social poderia desmoronar.

Ainda sobre os limites do Eu na massa, Freud não apresenta os fatores que analisou como definitivos ou infalíveis, mas sim como significativos. Afinal, o próprio Freud defende a existência do impulso de odiar e aniquilar presente em todo ser humano. Ao discutir a pulsão de destruição ou agressão, sugere um sujeito que deseja sua própria dissolução ou a recondução de sua existência ao estado inanimado. Como afirma: “O ser vivo preserva [...] sua própria vida destruindo a vida alheia. Mas uma parte da pulsão de morte permanece ativa [...] no ser vivo.” (Freud, 1933, p. 436). Em outras palavras, mesmo quando as pulsões de morte são

direcionadas para o exterior, algo delas permanece internamente, definindo o ser humano como inerentemente mal ou destrutivo. Atrelado a isso, enquanto a cultura oferecer espaços para essa forma de descarga pulsional, é improvável que o ser humano abdique desse “benefício”.

Green (1988), ao analisar a condição humana, levanta uma questão fundamental: por que o mal? Para o autor, a resposta reside em uma denegação na qual o sujeito acredita que todo o mal está no outro. Assim, ao eliminar o outro, acredita extinguir o mal. Essa lógica funciona como uma defesa contra a angústia depressiva que seria causada por reconhecer que o mal também existe dentro de si. Essa incapacidade de suportar a ideia da existência do mal em si mesmo revela uma idealização paranoica e persecutória de si. Isso é facilmente observável no social, seja em posições ideológicas totalitárias, seja nas patologias clínicas. Consideramos que essas reflexões oferecem uma base importante para compreender o surgimento de novos líderes e novas massas no contexto digital. Elas ressaltam a necessidade de continuar investigando como os fenômenos contemporâneos, mediados por tecnologias e algoritmos, desafiam e expandem os entendimentos tradicionais sobre o Eu, a cultura, e as dinâmicas de poder e identificação.

Defendemos, portanto, que a compreensão do *modus operandi* do sujeito se fundamenta na relação entre pulsão e identificação. Isso nos leva a refletir sobre como se configuraria um laço social no qual os sujeitos estivessem sob a intensa influência da pulsão de morte. Essas inquietações encontram ressonância nas obras de Freud (1908, 1913, 1914, 1921, 1933), que analisam, sob diferentes perspectivas, manifestações como repressão sexual, culpa, hipocrisia, violência, devoção ao líder ou a um ideal, e o trabalho exacerbado do Supereu. Esse arcabouço conceitual proposto por Freud nos convida a articular uma perspectiva contemporânea, que é justamente o objetivo central de nossa pesquisa: explorar a relação entre o pensamento freudiano e os fenômenos atuais, com foco nos impactos profundos que o mundo digital exerce sobre o funcionamento do Eu. Ao trazer essas questões para o debate, buscamos demonstrar a relevância da metapsicologia freudiana para a análise das dinâmicas psíquicas e sociais na era digital.

Com esta pesquisa, propusemos investigar especificamente o impacto que o mundo digital exerce sobre o Eu em sua relação com as massas, bem como as formas de liderança que emergem nesse cenário. Refletir sobre as consequências que a subjetividade humana enfrenta diante do processo de influência algorítmica e

da captura pelas massas digitais, tendo como figura central um ciberlíder, nos leva à necessidade urgente de retornar a Freud. Nesse sentido, sugerimos que sua metapsicologia do Eu na massa continua relevante e aplicável à compreensão das dinâmicas contemporâneas. O arcabouço teórico freudiano, com sua análise das relações de identificação, idealização e submissão no contexto das massas, oferece ferramentas valiosas para pensar as novas formas de subjetivação e liderança no ambiente digital. Assim, reforçamos a atualidade de suas teorias para o entendimento dos fenômenos psíquicos e sociais em tempos de cibercultura.

Com a digitalização da sociedade, a exploração da vida humana torna-se mais fácil e acessível, pois as ferramentas de controle tornaram os sujeitos mais manipulável e o futuro muito mais previsível. Esse cenário impõe a necessidade de nos “descolarmos” da exclusividade do percurso freudiano, reinterpretando os conceitos à luz da cultura digital. Nossa investigação buscou, portanto, compreender como a digitalização das massas e os instrumentos tecnológicos alteram o funcionamento do Eu e moldam a figura do novo líder: o ciberlíder. Isso nos levou a um desvio necessário para o entendimento do que é a algoritmização das massas e a ciberliderança.

Esse crescimento do digital não ocorre de forma neutra ou isolada; trata-se de um processo de controle político e econômico, no qual o neoliberalismo e o Estado se beneficiam. Mudanças dessa magnitude impactam profundamente as relações sociais e psíquicas, reconfigurando as formas de subjetivação e promovendo novas formas de controle e manipulação. Pensar sobre uma psicanálise digital significa ocupar-se das transformações que essas inovações tecnológicas impõem ao Eu, a partir das mudanças psíquicas que provocam.

Acompanhar o desenvolvimento da cibercultura e suas consequências representa, para nós, uma tentativa de compreender o poder de influência a que os sujeitos estão submetidos no ciberespaço. Também buscamos entender como o ciberpopulista, em conjunto com outras formas de liderança, utiliza esse poder para manter as massas algoritmizadas no laço social. Importantes pensadores contemporâneos têm se dedicado a investigar essas transformações culturais trazidas pela tecnologia. Decidimos nos concentrar em dois segmentos que julgamos mais alinhados com os interesses psicanalíticos: o poder dos algoritmos de IA como geradores de ilusão e produtores de bolhas que criam grandes massas no mundo digital; e o ciberpopulismo.

Reiteramos que o pensamento freudiano, com sua análise das relações de identificação, idealização e submissão, permanece não apenas relevante, mas indispensável para compreender os fenômenos contemporâneos. Na era digital, a metapsicologia de Freud oferece ferramentas valiosas para desvendar o poder das lideranças e o impacto das novas tecnologias sobre o Eu. Nossa pesquisa reafirma a necessidade de investigar como a interação entre tecnologia, cultura e psique desafia e expande os entendimentos tradicionais sobre os processos sociais e psíquicos, propondo novos caminhos para reflexão.

A partir do cenário digital, tornou-se crucial focar nas questões que envolvem tanto a figura que representa as massas quanto as manipulações digitais que promovem esses agrupamentos. Algumas questões tornam-se essenciais para que possamos, mediante a estruturação dos argumentos descritos, identificar caminhos que nos conduzam ao objetivo central desta pesquisa: como, em um mundo acelerado, com sujeitos desorientados e claramente influenciados, podemos capturar a atenção dessas pessoas para a defesa de ideais? Quais “armas” ainda temos à disposição para enfrentar o poder avassalador das tecnologias digitais?

Williams (2018), afirma que vivemos na era da “economia da atenção”, em que somos bombardeados com informações e temos muito pouco tempo para processá-las. Nesse contexto, o desafio é ser notado. Como, então, ser levado a sério ideologicamente ou simplesmente chamar a atenção em um mundo tão saturado de estímulos? A resposta é relativamente simples: criar conteúdos que gerem ruídos significativos, capturando a atenção limitada do público.

Conforme Brady, Crockett e Van Bavel (2020), tudo gira em torno do nível moral e emocional da linguagem; conteúdos neutros atraem menos atenção, enquanto aqueles moral e emocionalmente carregados ganham destaque. Ainda segundo a pesquisa de Brady, Crockett e Van Bavel (2020), esses conteúdos oferecem às pessoas uma sensação ilusória de controle sobre o mundo e reforçam seu pertencimento a grupos, criando vínculos emocionais que fortalecem as massas.

Isso nos ajuda a entender como os líderes políticos, aqui conceituados como ciberpopulistas, exploram esse fenômeno para disseminar desinformação nas redes sociais digitais, captando seguidores e consolidando mais seu poder. A manipulação da linguagem moralmente carregada, somada ao uso de algoritmos de IA, intensifica a coesão e a eficácia dessas massas digitais.

Para Freud (1921), uma massa existe em razão da ligação inconsciente dos sujeitos entre si; ela é um “ser provisório” que precisa de um líder ou ideal para subsistir, o que confere a este o estatuto de essência. Defendemos que, na era digital, a massa também tem um líder, que frequentemente não é humanizado, mas se manifesta como um produto dos algoritmos de IA. Essas manipulações servem a interesses específicos e a propósitos muitas vezes é obscuro, mas executados com precisão e grande potencial de sucesso.

Mesmo sem a presença física, o digital possibilita a formação de massas, substituindo relações sociais por agrupamentos virtuais que operam com maior agilidade e eficácia em suas funções. A ausência de encontros físicos abre espaço para a proliferação de perfis falsos, ampliando artificialmente a proporção e o impacto da massa, que, no mundo real, teria menos visibilidade e volume. Independentemente dos meios e das plataformas, sem um ideal ou a personificação de algo, não há massa. Expandir o conceito freudiano para o contexto contemporâneo nos leva a pensar em uma massa inteiramente manipulada pelos algoritmos de IA, um fenômeno que torna as dinâmicas sociais ainda mais complexas do que na época de Freud. O digital é opaco e seu poder, imensurável, conferindo ao ciberlíder um alcance e uma influência sem precedentes.

Esses fenômenos refletem uma necessidade interminável de afeto, gerada por uma sociedade solitária e desorientada pela cibercultura. Como apontam Williams (2018) e Brady, Crockett e Van Bavel (2020), o digital requer conteúdos mais chamativos, com discursos carregados de emoção e moralismo, para vencer a escassez provocada pela economia da atenção. Esse cenário oferece as condições ideais para a evolução do líder hoje: o ciberpopulista. Um exemplo claro é o bolsonarismo, fenômeno político que ganhou destaque nas eleições presidenciais de 2018 no Brasil.

A figura de Bolsonaro pode ser explicada à luz do conceito de Sloterdijk (2002), que descreve um tipo de líder com uma postura maldosa e midiaticizada capaz de “narcotizar” seus seguidores. Esses seguidores se aglomeram ao seu redor e se sentem autorizados a cultivar suas próprias mentalidades fascistas e a agir de acordo. Esse tipo de liderança expõe o lado sombrio do ser humano que, conforme Dufour (2013), precisa entronizar o primeiro louco disposto a coordenar sua vida. Nesse cenário, o líder populista é verborrágico, violento e, não raro, uma caricatura de si mesmo. Para manter a atenção e devoção de seu público, recorrem à criação e

disseminação de *fake news* e discursos paranoicos, sustentando-se na defesa de um passado mítico e de uma retórica extremamente preconceituosa.

Desde o *boom* do bolsonarismo em 2018 até os dias atuais, em 2024, fica evidente a necessidade dos sujeitos de continuar buscando esse “louco” que autorize a maldade como forma de fazer política. O ciberpopulista, assim como os *influencers* digitais, utilizam estratégias emocionais e moralistas para manipular as massas, seja com fins políticos, seja para a perpetuação de sua própria relevância. Nesse contexto, o ciberpopulista se distingue por sua habilidade de explorar as ferramentas digitais para amplificar sua influência, criando uma massa digital que o siga cegamente. Ele manipula emoções, joga com o medo e a esperança e utiliza as redes sociais digitais para disseminar suas ideias, muitas vezes baseadas em desinformação e preconceito.

Conforme Cesarino (2020), um ciberpopulista infecta seus seguidores com um *modus operandi* conspiratório pelos meios digitais, mimetizando práticas de enquadramento cognitivo e atuando como um representante humano da força algorítmica. Observamos também que o algoritmo, por sua vez, opera pela lógica identificatória, e o ciberpopulista é um hábil manipulador dessa lógica. Essa lógica gera a ilusão de liberdade no mundo digital, distorce imaginários e intensifica o desespero por pertencimento, fortalecendo as massas digitais em torno do líder.

Portanto, podemos entender que o ciberpopulista, ao explorar a necessidade de reconhecimento e pertencimento em um contexto digital, se apropria das inseguranças e frustrações dos sujeitos, oferecendo-lhes uma sensação ilusória de poder e comunidade. Esse fenômeno de identificação e reconhecimento distorcido dá origem a uma massa digital que, apesar de desorientada, se sente unida por uma causa comum. Paradoxalmente, essa causa muitas vezes não é comum a todos, sendo não raro fundamentada em desinformação, ódio e manipulação emocional. O ciberpopulista é um usuário contumaz dos dispositivos digitais de alienação, representando de forma emblemática fenômeno da algoritmização das massas.

O ciberlíder emerge como a personificação da liderança do século XXI, ativando questões muito primitivas nos sujeitos por meio dos dispositivos digitais, resgatando os textos de Freud que evidenciam a maldade inerente ao ser humano. Podemos entender as massas freudianas a partir dos mecanismos intrapsíquicos dos sujeitos, como a libido, e dos mecanismos intersubjetivos, como a identificação. Já as massas digitais são uma consequência do desamparo humano perante o discurso

neoliberal e o excesso tecnológico, especialmente pelo uso inadequado e exacerbado dos dispositivos criados até então. Portanto, não há necessidade de uma teoria prescindir da outra; pelo contrário, os cenários se complementam. O sujeito, embora refém das transformações sofridas ao longo do último século, continua sendo o sujeito do inconsciente, agora com mais opções para manifestações pulsionais, muitas delas voltadas para a pulsão de morte.

Para finalizar nossas considerações, acreditamos ser fundamental analisar a contribuição da psicanálise diante dessas transformações culturais e tecer reflexões sobre possíveis caminhos para mitigar esse cenário distópico e destrutivo. Freud (1933), em suas reflexões com Einstein, demonstra preocupação com o que pode ser feito para proteger as pessoas da guerra e como evitá-la. Ele posiciona a psicanálise como uma abordagem psicológica relevante para compreender as manifestações de violência e destruição. Nesse sentido, como psicanalistas, entendemos que podemos contribuir para o fortalecimento do laço social, estruturando uma compreensão da psicologia das massas conforme se apresenta na cultura atual.

Essas transformações coletivas, por sua vez, nos permitem entender os atravessamentos individuais observados na clínica, reafirmando a relevância da psicanálise para a sociedade. Vale ressaltar que não é objetivo de Freud, nem da psicanálise em geral, propor formas de eliminação do mal-estar – conceito bem definido por Freud (1930) como inerente à condição humana e marcado pela tendência humana à agressão. Contudo, a psicanálise deve se ocupar de compreender a psicologia das massas e suas complexidades, não apenas para identificar possíveis propensões à barbárie ou à autodestruição, mas também para oferecer reflexões que contribuam para a construção de laços sociais menos suscetíveis à violência e à fragilização.

Defendemos que o foco da psicanálise deve estar sempre voltado para o estímulo ao desenvolvimento cultural e para a análise de cenários que fomentem identificações sustentadas por sentimentos amorosos entre as pessoas. É nesse ponto que gravitam o desejo e a ética da psicanálise: promover a compreensão das forças inconscientes que sustentam o laço social e apoiar a criação de identificações capazes de fortalecer a convivência humana. Ao analista, cabe manter um espírito resiliente e esperançoso, acreditando na capacidade de transformação do ser humano, mesmo diante de cenários distópicos e desafiadores. A contribuição da

psicanálise, portanto, reside em sua capacidade de oferecer uma leitura crítica das transformações culturais e sociais, ajudando a compreender como os mecanismos inconscientes influenciam a formação de massas e lideranças no mundo digital. Por meio dessa compreensão, a psicanálise pode oferecer reflexões sobre violência e manipulação, contribuindo para mitigar o impacto negativo do ciberpopulismo e da alienação digital na sociedade contemporânea. Assim, reafirma-se o papel indispensável da psicanálise como instrumento para pensar a condição humana em tempos de profundas transformações. Este trabalho espera incentivar debates que articulem a psicanálise e tecnologia, buscando um futuro mais reflexivo e ético.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- A REDE ANTISOCIAL: dos memes ao caos. Direção: Arthur Jones; Georgio Angelini. Produção: Netflix. Estados Unidos, 2024. Filme.
- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Tradução: Alfredo Bossi. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Tradução: Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- AGÊNCIA O GLOBO. *Relembre as ofensas e frases sexistas feitas pela família Bolsonaro*. 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/relembre-declaracoes-com-ofensas-as-mulheres-feitas-pelo-presidente-a-familia-bolsonaro-25423642> Acesso em: 4 fev. 2024.
- ALENCAR, Breno Rodrigo de Oliveira; SILVA, Wesley Ribeiro Cantão; FRANÇA, Márcia Sousa. Território e populismo digital: uma visão cibergeográfica a partir do bolsonarismo. *CONEHD – Convergências: estudos em humanidades digitais*, Goiânia, v. 1, n. 4, p. 104-123, 2024.
- ALMASIHI, Cyndi Pietra. *Por que votamos no Jair Bolsonaro: 100 motivos*. São Paulo: Saraiva, 2023.
- ALVES, Emanuella dos Santos; PURIFICAÇÃO, Gleisiane. Populismo e populismo digital. In: *IV Seminário Nacional de Sociologia da UFS*, 24 a 27 out. 2022, Universidade Federal de Sergipe. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/17007/2/PopulismoDigital.pdf>. Acesso em: 15 maio 2024.
- ANÁLISE: Olavo de Carvalho, o pioneiro das modernas fake news no Brasil. *Terra* [online], 25 jan. 2022. Disponível em: https://www.terra.com.br/noticias/brasil/analise-olavo-de-carvalho-o-pioneiro-das-modernas-fake-news-no-brasil,b811426722cf8a0a1a2f82e81d32f07dix9192fn.html#google_vignette%20 Acesso em: 27 abr. 2024.
- ARÃO, Cristian. As redes sociais e a psicologia das massas: a internet como terreno e veículo do ódio e do medo. *Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea*, Brasília, v. 8, n. 3, p. 181-206, 2021. DOI: 10.26512/rfmc.v8i3.34292. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/fmc/article/view/34292>. Acesso em: 12 jan. 2024.
- ASSANGE, Julian. *Quando o Google encontrou o WikiLeaks*. Rio de Janeiro: Boitempo Editorial, 2015.
- ASSANGE, Julian; MÜLLER-MAGUHN, Andy; APPELBAUM, Jacob; ZIMMERMANN, Jérémie *Cypherpunks: liberdade e o futuro da internet*. Rio de Janeiro: Boitempo Editorial, 2013.
- AZEVEDO, Jefferson Cabral; SOUZA, Carlos Henrique Medeiros; ISTOE, Rosalee Santos. A coisificação do “eu” e a personificação da “coisa” na sociedade em rede: do normal ao patológico – dependência psíquica e estruturas de

identidades. *Texto Livre: Linguagem e Tecnologia*, Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. 67-76, abr. 2012. ISSN 1983-3652. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/textolivre/article/view/16610>. Acesso em: 1 fev. 2024.

AZEVEDO, Monia Karine; MELLO NETO, Gustavo Adolfo Ramos. O desenvolvimento do conceito de pulsão de morte na obra de Freud. *Revista Subjetividades*, Fortaleza, v. 15, n. 1, p. 67-75, abr. 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692015000100008&lng=pt&nrm=iso Acesso em: 22 ago. 2023.

BALICK, Aaron. *The psychodynamics of social networking: connected-up instantaneous culture and the self*. UK: Karnac Books, 2014.

BERARDI, Franco. *O terceiro inconsciente: a psicosfera na era viral*. Tradução: Camila de Moura. São Paulo: Autonomia Literária; Glac Edições, 2024.

BETTS, Jaime. Desamparo e vulnerabilidades no laço social – a função do psicanalista. *Revista Desamparo e Vulnerabilidades*. Edição revista n. 45/46 – jul./dez. 2013 – jan./jun. 2014. Disponível em: https://appoa.org.br/uploads/arquivos/revistas/revista_45_46.pdf Acesso em: 8 ago. 2022.

BIRMAN, Joel. *Guerra e política em psicanálise*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2024. *E-book*. Edição do Kindle.

BISPO, Fábio Santos; SCARAMUSSA, Melissa Festa; SILVA, Beatriz Oliveira da. Bolsonarismo e a psicologia das massas 100 anos depois. *Trivium – Estudos Interdisciplinares*, Rio de Janeiro, v. 14, n. spe, p. 113-126, abr. 2022. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-48912022000100011&lng=pt&nrm=iso Acesso em: 15 maio 2024.

BÓGEA, Diogo. *Psicologia do bolsonarismo: por que tantas pessoas se curvam ao mito?* São Paulo: Oficina de Filosofia, 2021.

BOLLAS, Christopher. *Psicanálise na era da desorientação: do retorno do oprimido*. Tradução de Michael Young. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 49, n. 1, p. 1-15, jan./mar., 2015.

BOLSONARO é o populista que mais se aproximou do fascismo na história. Entrevistadora: Rosana Pinheiro-Machado. Entrevistado: Federico Finchelstein. *The Intercept Brasil*, [s.l.], 7 de julho de 2020. Disponível em: <https://theintercept.com/2020/07/07/bolsonaro-populista-fascismo-entrevista-federico-finchelstein/> Acesso em: 3 fev. 2023.

BRADY, W. J.; CROCKETT, M. J.; VAN BAVEL, J. J. The MAD model of moral contagion: the role of motivation, attention, and design in the spread of moralized content online. *Perspectives on Psychological Science*, v. 15, n. 4, p. 978-1010, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1745691620917336>. Acesso em: 8 ago. 2024.

BRANDÃO, Lara Praxedes; FREIRE, Renata Santiago. Digital influencers: olhar o outro para se construir. *Colóquio de Moda*, Fortaleza, v. 13, n. 1, p. 1-15, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://www.coloquiomoda.com.br/anais/Coloquio%20de%20Moda%20->

%202017/PO/po_3/po_3_Digital_Influencers_Olhar.pdf%20 (coloquiomoda.com.br). Acesso em: 1 maio 2024.

BRAUNSTEIN, Néstor. La pandemia y la psicología de las masas [A pandemia e a psicologia das massas]. *Psicoanalítica*, v. 10, julio-diciembre, 2020. Disponível em: <https://psicoanalitica.uv.mx/index.php/Psicoanalitica/article/view/2571>. Acesso em: 4 fev. 2024.

BRITO, Wladimir. *Populismo: o que é e como opera*. Portugal: Universidade do Minho, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.21814/uminho.ed.151.22> Acesso em: 12 out. 2024.

BROWN, Wendy. *Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão a política antidemocrática no Ocidente*. Tradução: Maio A. Marino, Eduardo Altheman C. Santos. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2019.

BRUZZONE, Andrés. *Ciberpopulismo: política e democracia no mundo digital*. São Paulo: Contexto, 2021.

BUGALHO, Henry. *Bolsonaro e o fascismo*. Leituras rápidas. 2022. E-book. Edição do Kindle.

BURKE, Peter. *Ignorância: uma história global*. Tradução: Rodrigo Seabra. São Paulo: Vestígio, 2023.

CALLIGARIS, Contardo. *Perversão – um laço social?* Introdução a uma clínica psicanalítica. Salvador: Cooperativa Cultural Jacques Lacan, 1986.

CANETTI, Elias. *Massa e poder*. Tradução: Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia de Bolso, 2019 [1916].

CARVALHO, Flavio. *Experiência n. 2 realizada sobre uma procissão de Corpus Christi*. Uma possível teoria e uma experiência. 2. ed. São Paulo: Irmãos Ferraz. 1931

CARVALHO, Heloísa de; BUGALHO, Henry. *Meu pai, o guru do presidente: a face ainda oculta de Olavo de Carvalho*. [S.l.]: Editora 247, 2020.

CESARINO, Leticia. Como vencer uma eleição sem sair de casa: a ascensão do populismo digital no Brasil. *Internet & Sociedade*, v. 1, n. 1, p. 91-120, 2020.

CESARINO, Leticia. *O mundo do avesso: verdade e política na era digital*. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

CHATFIELD, Tom. Por que nossa civilização ‘é mais frágil do que pensávamos’. *BBC News Brasil*. 2024. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/crgy7nxy4nlo> Acesso em: 4 maio 2024.

CHAUÍ, Marilena. *Contra a servidão voluntária*. Organização de Homero Santiago. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014. (Escritos de Marilena Chauí, v. 1)

CHOMSKY, N. *Mídia: propaganda política e manipulação*. Tradução: Inês Duque Estrada. São Paulo: Hedra, 2013.

CODED bias. Direção de Shalini Kantayya. Estados Unidos: Netflix, 2020. (1h 25min)

COPILLOT Designer – Rosto humano gerado com IA – 24 de julho de 2024 às 4:08 PM. Disponível em: <https://www.bing.com/images/create/a-human-face/1->

66a15101479146b58b083397f2aaacf6?id=vae5hiNecPyRGOHBhSYIGA%3d%3d&view=detailv2&idpp=genimg&idpclose=1&thId=OIG2.LMXUUAfw_LtWKP4b_yjt&FORM=SYDBIC Acesso em: 25 ago. 2024.

COSTA, Domingos Barroso. Recordar, repetir e... repetir: as massas e os autoritarismos de ontem e de hoje. In: MOREIRA, Jacqueline de Oliveira; SILVA, Ana Carolina Dias da. (org.) *100 anos Psicologia das massas: atualizações e reflexões*. Curitiba: CRV, 2021. p. 101-116

COSTA, Jurandir Freire. *Além do princípio do pudor*. São Paulo: Zagodoni, 2023.

COSTA, Rogério da. As comunidades virtuais. informática na educação: teoria & prática, Porto Alegre, v. 8, n. 2, p. 55-73, jul./dez. 2005.

CUNHA, Christina Vital da; GHERMAN, Michel; LEMOS, Beatriz; SANTOS, Lais (coord.). *Extrema-direita no Brasil: sujeitos e coletivos pela “restauração nacional”*. Rio de Janeiro: Fundação Heirich Böll, 2024. *E-book*

DANZIATO, Leonardo Barreira; ARRUDA, Paulo Henrique de Oliveira; CARVALHO, Rebeca Guedes Jales; LEITE, Thaís Castro. Da psicologia das massas à multidão: uma nova topologia das manifestações sociais. *Revista Affectio Societatis*, Departamento de Psicoanálisis, Universidad de Antioquia Medellín, Colombia, v. 17, n. 33, p. 270-297, julio-diciembre, 2020.

DUFOUR, Dany-Robert. *A cidade perversa: liberalismo e pornografia*. Tradução: Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. Prefácio. In: GOLDBERG, Leonardo; AKIMOTO, Claudio *O sujeito na era digital: ensaios sobre psicanálise, pandemia e história*. São Paulo: Edições 70, 2021.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. Psicologia das massas digitais e análise do sujeito democrático. In: DUNKER, Christian Ingo Lenz. *Democracia em risco? 22 ensaios sobre o Brasil de hoje*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 89-103

DUTRA, Wagner Honorato; SILVA, Bruna Coutinho. Um ubu para chamar de nosso: ensaio sobre o bolsonarismo. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 2022, v. 1 – DOI:10.12957/ep.2022.66481 ISSN 1808-4281 Versão online. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/66481/41777> Acesso em: 3 fev. 2023.

ENCYCLOPÉDIE Philosophique Universelle. v. II Paris: Universitaires de France, 1998.

ENRIQUEZ, Eugene. *Da horda ao estado: psicanálise do vínculo social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

ÉPOCA Negócios on-line. *Conheça o primeiro livro escrito por uma inteligência artificial*, 13 abr. 2019. Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/Tecnologia/noticia/2019/04/conheca-o-primeiro-livro-escrito-por-uma-inteligencia-artificial.html> Acesso em: 27 jul. 2024.

FARAHANY, Nita A. *The battle for your brain: defending the right to think freely in the age of neurotechnology*. Nova York: St. Martin's Press, 2023.

- FAUSTINO, Deivison; LIPPOLD, Walter. *Colonialismo digital: por uma crítica hacker-fanoniana*. Apresentação de Sergio Amadeu. São Paulo: Boitempo, 2023.
- FEIJÓO comenta violência incentivada por Bolsonaro. *TVT*. [S. l.: s. n.], 10 out. 2018. 1 vídeo (4 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0PXsEX16Dbs> Acesso em: 24 maio 2024.
- FERREIRA, G. C. Redes sociais de informação: uma história e um estudo de caso. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v. 16, n. 13, p. 208-231, 2011.
- FIGUEIREDO, L. C. Acerca do que Freud considerou alheio ao seu interesse naquele momento. *Psicanálise e Universidade*, 1999. p. 35-47. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-365388> Acesso em: 1 fev. 2024.
- FIGUEIREDO, Luís Claudio; MINERBO, Marion. *Pesquisa em psicanálise: algumas ideias e um exemplo*. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, v. 39, n. 70, 2006. p. 257-278. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0103-58352006000100017 Acesso em: 1 fev. 2024.
- FINCHELSTEIN, Federico. *From fascism to populism in history*. Oakland, CA: University of California Press, 2017.
- FISHER, Max. *A máquina do caos: como as redes sociais reprogramaram nossa mente e nosso mundo*. Tradução: Érico Assis. São Paulo: Todavia, 2023.
- FOX, Michael. Education is in the crosshairs in Bolsonaro's Brazil. *The Nation*, 12 nov. 2018.
- FREUD, Sigmund. A angústia. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*, v. 13. Conferências introdutórias à psicanálise. Tradução: Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2014 [1917]. p. 422-442
- FREUD, Sigmund. A dissecção da personalidade psíquica. In: FREUD, Sigmund. *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros textos* (1932-1936). Tradução: Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 13-30.
- FREUD, Sigmund. A moral sexual “cultural” e a doença nervosa moderna. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*, v. 11: Psicologia das massas e análise do eu e outros textos. Tradução: Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012 [1908]. p. 65-92.
- FREUD, Sigmund. A questão da análise leiga: diálogos com um interlocutor imparcial. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*, v. 17: Inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos [1926-1929]. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p. 99-186.
- FREUD, Sigmund. A técnica psicanalítica. In: FREUD, Sigmund. *Compêndio de psicanálise e outros escritos inacabados*. Tradução: Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica, 2019 [1939]. p. 85-111
- FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*, v. XIV. História de uma neurose infantil e outros textos (1917-1920). Tradução: Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010 [1920].
- FREUD, Sigmund. Análise da fobia de um garoto de cinco anos. (“O pequeno Hans”). In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*, v. 8: O delírio e os sonhos na

- Gradiva, análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos. Tradução: Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2015 [1909]. p. 86-197
- FREUD, Sigmund. Análise fragmentária de uma histeria. *In: FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria e outros textos.* Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016 [1905]. p. 173-320
- FREUD, Sigmund. Considerações contemporâneas sobre a guerra e a morte. *In: FREUD, Sigmund. Cultura, sociedade, religião: o mal-estar na cultura e outros escritos.* Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2020 [1915]. p. 99-132.
- FREUD, Sigmund. Introdução ao narcisismo. *In: FREUD, Sigmund. Obras completas*, v. 12: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos. Tradução: Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010(1914). p. 9-37.
- FREUD, Sigmund. Luto e melancolia. *In: FREUD, Sigmund. Obras completas*, v. 12: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos. Tradução: Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010 [1917].
- FREUD, Sigmund. Moisés e o monoteísmo: três ensaios. *In: FREUD, Sigmund. Moisés e o monoteísmo, compêndio de psicanálise e outros textos.* Tradução: Paulo Cesar de Souza. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2018 [1939]. p. 10-117.
- FREUD, Sigmund. O futuro de uma ilusão. *In: FREUD, Sigmund. Cultura, sociedade, religião: o mal-estar na cultura e outros escritos.* Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2020 [1927]. p. 233-293
- FREUD, Sigmund. O mal-estar na cultura. *In: FREUD, Sigmund. Cultura, sociedade, religião: o mal-estar na cultura e outros escritos.* Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2020 [1930]. p. 305-405
- FREUD, Sigmund. Por que a guerra? *In: FREUD, Sigmund. Cultura, sociedade, religião: o mal-estar na cultura e outros escritos.* Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica. 2020 [1933]. p. 426-444
- FREUD, Sigmund. Psicanálise e teoria da libido dois verbetes para um dicionário de sexologia. *In: FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos.* Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011 [1923].
- FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e análise do Eu. *In: FREUD, Sigmund. Cultura, sociedade, religião: o mal-estar na cultura e outros escritos.* Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2020 [1921]. p. 137-232
- FREUD, Sigmund. Totem e tabu. *In: FREUD, Sigmund. Obras completas*, v. 11: Psicologia das massas e análise do eu e outros textos. Tradução: Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012 [1913]. p. 7-157.
- FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. *In: FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria e outros textos.* Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia da Letras, 2016 [1905]. p. 20-172

FROMM, Erich. Posfácio. In: ORWELL, George. 1984. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 306-317

FULGENCIO, Leopoldo. A teoria da libido em Freud como uma hipótese especulativa. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, v. 5, n. 1, p. 101-111, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-14982002000100008>. Acesso em: 24 jun. 2022.

GARCIA, Claudia Amorim. O conceito de ilusão em psicanálise: estado ideal ou espaço potencial? *Estudos de Psicologia*, v. 12, n. 2, p. 169-175, 2007.

GARCIA, Gustavo; GOMES, Pedro Henrique; VIANA, Hamanda. ‘E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê?’, diz Bolsonaro [...]. *GI*. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/28/e-dai-lamento-quer-que-eu-faca-o-que-diz-bolsonaro-sobre-mortes-por-coronavirus-no-brasil.ghtml> Acesso em: 18 mar. 2023.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *O mal radical em Freud*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

GARRIT, Marcio; WINOGRAD, Monah. Malditas antenas Haarp: reflexões sobre o fanatismo. *Tempo Psicanalítico*, Rio de Janeiro, v. 55, n. 2, p. 543-564, 2023. Disponível em: <https://www.tempopsicanalitico.com.br/tempopsicanalitico/article/view/795>. Acesso em: 28 set. 2024.

GAY, Peter. *Freud, uma vida para o nosso tempo*. Tradução: Denise Bottmann. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GOMES, Gilberto. *A metapsicologia de Freud*. 2. ed. Rio de Janeiro: edição do autor, 2024. *E-book*.

GONDAR, Jô. Ferenczi como pensador político. *Cadernos de Psicanálise*, Rio de Janeiro, v. 34, n. 27, p. 193-210, dez. 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952012000200011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 2 fev. 2024.

GONZAGA, Tulio. Carlos Jordy: quem é o bolsonarista radical alvo da ação da PF por atos golpistas. *Fórum*, 18 jan. 2024. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/politica/2024/1/18/carlos-jordy-quem-bolsonarista-radical-alvo-da-ao-da-pf-por-atos-golpistas-152408.html> Acesso em: 27 abr. 2024.

GREEN, André. *Por que as pulsões de destruição ou de morte?* Tradução: Vanise Pereira Dresch. São Paulo: Blucher, 2022.

GREEN, André. Por que o mal? (1988) In: GREEN, André. *A loucura privada: psicanálise de casos-limite*. Tradução: Martha Gambini. São Paulo: Escuta, 2017. p. 335-362

HAN, Byung-Chul. *Infocracia: digitalização e a crise da democracia*. Petrópolis: Vozes, 2022.

HAN, Byung-Chul. *No enxame: perspectivas do digital*. Tradução: Lucas Machado. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2018

HAN, Byung-Chul. *Psicopolítica: neoliberalismo e novas técnicas de poder*. Tradução: André Telles. Belo Horizonte: Âyiné, 2018.

- HAN, Byung-Chul. *Sociedade da transparência*. Tradução: Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.
- HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Tradução: Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.
- HARARI, Yuval Noah. *Homo Deus: uma breve história do amanhã*. Tradução: Paulo Geiger. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- HERZOG, Regina. O laço social na contemporaneidade. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. 7, n. 3, p. 40-55, Jul.-Sep. 2004. ISSN 1984-0381. Versão online. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1415-47142004003004>. Acesso em: 13 ago. 2022.
- HISSA, D. L. A. Da manipulação das massas nas redes sociais às ações de combate à desinformação. *Revista Linguagem em Foco*, Fortaleza, v. 14, n. 2, p. 68-89, 2022. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/9587>. Acesso em: 6 fev. 2024.
- JOHANSEN, Jacob; KRUGER, Steffen. *Media and psychoanalysis: a critical introduction*. UK: Karnac Books, 2022.
- JOHNSON, Allan. *Dicionário de sociologia: guia prático da linguagem sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- JUDT, Tony. *Pós-guerra – uma história da Europa desde 1945*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007. p. 72
- KAES, Rene. *As teorias psicanalíticas do grupo*. Portugal: Climepsi, 2003.
- KARHAWI, Issaaf. Influenciadores digitais: conceitos e práticas em discussão. *Anais do Congresso Brasileiro de Pesquisadores e Profissionais em Comunicação Organizacional e de Relações Públicas*, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 1-15, 2017. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/anais/abrapcorp/assets/edicoes/2017/arquivos/15.pdf> Acesso em: 27 abr. 2024.
- KAUFMAN, Dora. *Desmistificando a inteligência artificial*. São Paulo: Autêntica, 2022.
- KAUFMAN, Dora. Inteligência artificial e os desafios éticos: a restrita aplicabilidade dos princípios gerais para nortear o ecossistema de IA. *Revista de Comunicação da FAPCOM*, v. 5, n. 9, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.31657/rcp.v5i9.453> Acesso em: 28 out. 2024.
- KAUFMAN, Dora; SANTAELLA, Lucia. Dossiê: Deep learning: a Inteligência Artificial que domina a vida do século XXI. *Teccogs: Revista Digital de Tecnologias Cognitivas*, TIDD PUC-SP, São Paulo, n. 17, p. 17-30, jan-jun. 2018.
- KAUFMAN, Dora; SANTAELLA, Lucia. O papel dos algoritmos de inteligência artificial nas redes sociais. *Revista Famecos*, v. 27, n. 1, p. 1-10, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2020.1.34074> Acesso em: 28 out. 2024.
- SANTAELLA, Lucia; KAUFMAN, Dora. Os dados estão nos engolindo? *Civitas: Revista de Ciências Sociais*, [S. l.], v. 21, n. 2, p. 214–223, 2021. DOI: 10.15448/1984-7289.2021.2.39640. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/civitas/article/view/39640>. Acesso em: 3 fev. 2024.

KEHL, Maria Rita. *Ressentimento*. 4. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2014.

KIRKPATRICK, David. *O efeito Facebook: Os bastidores da história da empresa que está conectando o mundo*. Tradução: Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011.

KLEINA, Nilton. Morte de adolescente ‘obcecado’ por IA levanta debate sobre IA e saúde mental. *TecMundo*, 25 out. 2024. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/software/294313-morte-adolescente-obcecado-ia-levanta-debate-ia-saude-mental.htm%20> Acesso em: 30 nov. 2024.

KOLTAI, Caterina. O estrangeiro. In: KOLTAI, Caterina (org.) *Política e psicanálise*. São Paulo: Escuta, 2000.

KOLTAI, Caterina. *Totem e tabu*. Rio de Janeiro: Civilização, 2010. (Coleção Para Ler Freud).

LA BOÉTIE, Étienne de. *Discurso da servidão voluntária*. Tradução: Casemiro Linarth. São Paulo: Martins Claret, 2018 [1548].

LACAN, Jacques. A identificação: seminário (1961-1962). Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2003. (O seminário, 9)

LACAN, Jacques. *As formações do inconsciente* (1957-1958). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. (O seminário, 5)

LACAN, Jacques. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964). Rio de Janeiro: Zahar, 1988. (O seminário, 11)

LACLAU, Ernesto. *A razão populista*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

LANIER, Jaron. *Dez argumentos para você deletar agora suas redes sociais*. Tradução: Bruno Casotti. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand Lefebvre. *Vocabulário da Psicanálise*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

LAURENT, Éric. Jouis d’Internet. *La Cause du désir*, [s.l.], n. 97, p. 11-21, 2017. ISSN 2258-8051. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-la-cause-du-desir-2017-3-page-11.htm> Acesso em: 1 fev. 2024.

LEE, Henrique de Oliveira. A psicologia das massas e as técnicas de construção equivalência povo-líder no populismo digital. In: MOREIRA, Jacqueline de Oliveira; SILVA, Ana Carolina Dias da. (org.) *100 anos Psicologia das massas: atualizações e reflexões*. Curitiba: CRV, 2021. p. 165-186

LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?* Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996. [não localizada no texto]

LONGO, Monique Marques. A eleição de líderes totalitários no século XXI: uma leitura freudiana. *Cadernos de Psicanálise*, Rio de Janeiro, v. 41, n. 40, p. 189-201, jun. 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952019000100012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 22 abr. 2024.

LUKÁCS, Georg. *A destruição da razão*. Tradução: Bernard Herman Hess, Rainer Patriota, Ronaldo Vielmi Fortes. São Paulo: Instituto Lukács, 2020

- LUZ, Henrique Leite Brites da. Pensando em proporções planetárias: histórias sobre o fim do mundo e do Globo. Orientadora: Déborah Danowski. 2022. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Filosofia, 2022. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/anais/abrapcorp/assets/edicoes/2017/arquivos/15.pdf> Acesso em: 24 jul. 2024.
- MALABOU, C. *Morphing intelligence: from IQ measurement to artificial brains*. New York: Columbia University Press, 2019.
- MALCHER, Fabio; FREIRE, Ana Beatriz. Laço social, temporalidade e discurso: do Totem e tabu ao discurso capitalista. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, v. 19, n. 1, 2016, p. 69-84. ISSN 1809-4414.5. Versão online. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-14982016000100005> Acesso em: 13 ago. 2022.
- MARON, Willian Mac-Cormick. *Do que é feito um líder? Uma leitura psicanalítica das coletividades e suas identificações*. Curitiba: Juruá, 2016.
- MARON, Willian Mac-Cormick. O líder na lógica das identidades coletivas. In: MARON, Willian Mac-Cormick. *Por que nos identificamos?* Curitiba: CRV, 2018. p. 109-124
- MARTINS, Yago. *A religião do bolsonarismo: um ensaio teológico*. 2. ed. Campo Grande, MS: Episteme, 2021.
- MELLO NETO, Gustavo Adolfo Ramos. A psicologia social nos tempos de S. Freud. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 16, n. 2, p. 145-152, ago. 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722000000200007> Acesso em: 27 jul. 2021.
- MEZAN, Renato. *Interfaces da psicanálise*. 2. ed. São Paulo: Blucher, 2020.
- MEZAN, Renato. *Tempo de muda: ensaios de psicanálise*. 2. ed. São Paulo: Blucher, 2021.
- MISKOLCI, Richard; BALIEIRO, Fernando de Figueiredo. Sociologia digital: balanço provisório e desafios. *Revista Contemporânea*, v. 6, n. 12, janeiro-abril, 2018. Disponível em: <https://rbs.sbsociologia.com.br/index.php/rbs/article/view/352> Acesso em: 3 fev. 2024.
- MLODINOW, L. *Subliminar: como o inconsciente influencia nossas vidas*. Tradução: Claudio Carina. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- MUDDE, Cas; KALTWASSER, Cristóbal Rovira. *Populism: a very short introduction*. New York: Oxford University Press, 2017.
- NAGUMO, Estevon. *YouTube, estudos e desinformação: dilemas dos estudantes universitários*. 2022. 174 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2022.
- NICOLELIS, Miguel. IA não é inteligência e sim marketing para explorar trabalho humano. *Folha de S.Paulo*, 8 jul. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/tec/2023/07/ia-nao-e-inteligencia-e-sim-marketing-para-explorar-trabalho-humano-diz-nicolelis.shtml> Acesso em: 1 fev. 2024.

NOBRE, M. R.; MOREIRA, J. O. A fantasia no ciberespaço: a disponibilização de múltiplos roteiros virtuais para a subjetividade. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, v. 16, n. 2, p. 283-298, 2013.

O'NEIL, Cathy. *Algoritmos de destruição em massa: como o big data aumenta a desigualdade e ameaça a democracia*. Tradução: Rafael Abraham. Santo André, SP: Rua do Sabão, 2020.

OLAVISMO vai sobreviver à morte de Olavo de Carvalho. Entrevistador: Leandro Prazeres. Entrevistado: Jorge Chaloub. *BBC News Brasil*, Brasília, 26 jan. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-60135220>
Acesso em: 27 abr. 2024.

OPPENHEIMER. Direção de Christopher Nolan. Produção de Universal Pictures. Estados Unidos, 2023.

PABLO Marçal representa o fenômeno Javier Milei, a destruição de qualquer possibilidade política. [S. l.: s. n.], *ICL Notícias*, 20 ago. 2024. 1 vídeo (6min12s) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=adb8BhEbRfU&t=274s>
Acesso em: 22 ago. 2024.

PARISER, E. *O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

PASSOS, Carina Freitas; NEVES, Ana Maria Silva; MENEZES, Luciana Sant'Anna. Prolegômenos do desamparo na psicanálise. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. 21, n. 3, jul./sep., 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/KkbNGcx4VqJkrRDRP7wdBbD/abstract/?lang=pt#>
Acesso em: 16 ago. 2022.

PENNA, Carla. *Inconsciente social*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2014.

PENNA, Carla. O centenário da psicologia das massas freudiana. *Cadernos de Psicanálise*, Rio de Janeiro, v. 43, n. 45, p. 11-32, dez. 2021. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952021000200001&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 7 set. 2023.

PEREZ, Daniel Omar. Identificação individual e coletiva. In: PEREZ, Daniel Omar; STARNINO, Alexandre. *Por que nos identificamos?* Curitiba: CRV, 2018. p. 11 -52.

PFEIFFER, E. (ed.) *Letters: Sigmund Freud and Lou Andreas-Salomé*. New York; London: W. W. Norton, 1985.

QUEIROGA, Cíntia Silva; BARONE, Leda Maria Codeço; COSTA, Beethoven Hortencio Rodrigues da. Uma breve reflexão sobre a formação das massas nas redes sociais e a busca por um novo ideal do eu. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, v. 49, n. 91, p. 111-126, dez. 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352016000200011&lng=pt&nrm=iso Acesso em: 29 set. 2023.

QUINET, Antonio. *A política do psicanalista: do divã para a pólis*. Rio de Janeiro: Atos e Divãs Edições, 2021.

REICH, Wilhelm. *Psicologia de massas do fascismo*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

RENÉE DiResta on Disinformation and COVID-19. Entrevistadora: Oumou Ly. Entrevistada: Renée DiResta. *Medium*. May 7, 2020. Disponível em: <https://medium.com/berkman-klein-center/q-a-renee-diresta-on-disinformation-and-covid-19-7e285232d6e5> Acesso em: 4 fev. 2024. (Berkman Klein Center Collection)

RIBEIRO, Ana Lúcia Lira. *Discriminação em algoritmos de inteligência artificial: uma análise acerca da LGPD como instrumento normativo mitigador de vieses discriminatórios*. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Direito) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Direito, Fortaleza, 2021. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/57947> Acesso em: 12 out. 2024.

RIBEIRO, Paulo de Carvalho. *O problema da identificação em Freud*. Recalcamento da identificação feminina primária. São Paulo: Escuta, 2000.

RINALDI, Doris. Psicologia das massas, mais ainda: fraternidade, ódio e segregação. *Trivium*, Rio de Janeiro, v. 13, n. spe, p. 56-62, mar. 2021. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-48912021000100009&lng=pt&nrm=iso Acesso em: 7 set. 2023.

ROCHA, João Cezar de Castro. *Bolsonarismo: da guerra cultural ao terrorismo doméstico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

ROCHA, Z. O papel da ilusão na psicanálise Freudiana. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, v. 15, n. 2, p. 259-271, 2012.

ROUDINESCO, Elisabeth. *História da psicanálise na França*. A batalha dos cem anos. v. I: 1885-1939. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

ROUSSILLON, R. Research and exploration in psychoanalysis. In: ROUSSILLON, R. *Primitive agony and symbolization*. London: Routledge, 2011.

RUEDIGER, M. A. (coord.). *Robôs, redes sociais e política no Brasil: casos de interferências ilegítimas no debate público por automação de perfis* [Caderno de referência]. v. 2. Rio de Janeiro: FGV DAPP, 2018.

RUSSELL, Stuart; NORVIG, Peter. *Inteligência artificial*. Tradução: Regina Célia Simille. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

SALLES, Lucio Massafferri. *Arquitetura do caos: guerra híbrida, operações psicológicas e manipulação digital*. São Paulo: Filoczar, 2023.

SANTOS, A. R. Formação das massas e as redes sociais: análises das manifestações pela redução da tarifa na cidade de São Paulo. In: *III Seminário de Pesquisa da FESPSP*. São Paulo: FESPSP, 2013.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SICHMAN, Jaime Simão. Inteligência artificial e sociedade: avanços e riscos. *Estudos Avançados*, v. 35, n. 101, p. 37-50, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2021.35101.004> Acesso em: 27 set. 2024.

SILVA, Felipe Cotia Lyra. *Pulsão de morte: um estudo sobre algumas vicissitudes teóricas e clínicas do conceito* Dissertação (Mestrado em Psicologia).

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/58596/58596.PDF> Acesso em: 3 fev. 2024.

SILVA, Magali Milene; ALTOÉ, Sonia. O pai: uma questão sempre atual para a psicanálise. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, v. 21, n. 3, p. 333-342, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-14982018003005> Acesso em: 14 jul. 2022.

SILVEIRA, Felipe Lazzari da; AMARAL, Augusto Jobim do. Bolsonarismo e o fascismo na era digital. *Revista Brasileira de Estudos Políticos*, v. 127, n. 2, jul.-dez., 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.9732/2023.V127.962> Acesso em: 1 fev. 2024.

SLOTERDIJK, Peter. *O desprezo das massas: ensaio sobre lutas culturais na sociedade moderna*. Tradução: Cláudia Cavalcanti. São Paulo: Estação liberdade. 2002.

SOLER, Colette. *O que faz laço?* Tradução: Elisabeth Saporiti. São Paulo: Escuta, 2016.

SORDI, R. O. A constituição da inteligência: uma abordagem psicanalítica. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 18 n. 3, p. 337-342, 2005.

TIBURI, Márcia. *Como derrotar o turbotecnocratonazifascismo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2020.

TURKLE, Sherry. *Alone together: why we expect more from technology and less from each other*. Nova York: Basic Books, 2011.

TWITTER: 64% dos novos seguidores de bolsonaristas são robôs, aponta plataforma de vigilância. *IstoÉ Dinheiro*. Política. 29 abr. 2022. Disponível em: <https://istoedinheiro.com.br/twitter-64-dos-novos-seguidores-de-bolsonaristas-sao-robos-aponta-plataforma-de-vigilancia/#:~:text=Um%20levantamento%20feito%20pela%20plataforma%20Bot%20Sentinel%20mostrou,dono%20da%20Tesla%20e%20do%20SpaceX%2C%20Elon%20Musk> Acesso em: 30 jul. 2024.

VELASCO, Clara; DOMINGUES, Rodney. Ela ignorou o médico [...]. *G1*, Rio de Janeiro, 21 out. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/coronavirus/noticia/2021/10/21/ela-ignorou-o-medico-mentiu-para-a-familia-e-morreu-sem-acreditar-que-estava-com-covid-so-via-fake-news-diz-filha.ghtml> Acesso em: 3 out. 2024.

WEINBERG, Haim. *Groups their cultures & the internet alone in the presence of virtual others*. UK: Karnac Books, 2014.

WILLIAMS, J. *Destaque-se da nossa luz: liberdade e resistência na economia atencional*. Nova York, NY: Cambridge University Press, 2018.

WINOGRAD, Monah. *O ego, o id e o apocalipse zumbi*. Rio de Janeiro: Paisagens Híbridas, 2024.

WINOGRAD, Monah. O homem sem resto e a resistência ambivalente do dejetos: interlocuções, lugares e documentos post mortem. *ResearchGate*, 2020.

Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/344785099_O_homem_sem_resto_e_a_resistencia_ambivalente_do_dejeto. Acesso em: 8 ago. 2024.

ZUBOFF, Shoshana. *A era do capitalismo de vigilância: a disputa por um futuro humano na nova fronteira do poder*. Tradução: Luis Filipe Silva, Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio d'Água, 2020.